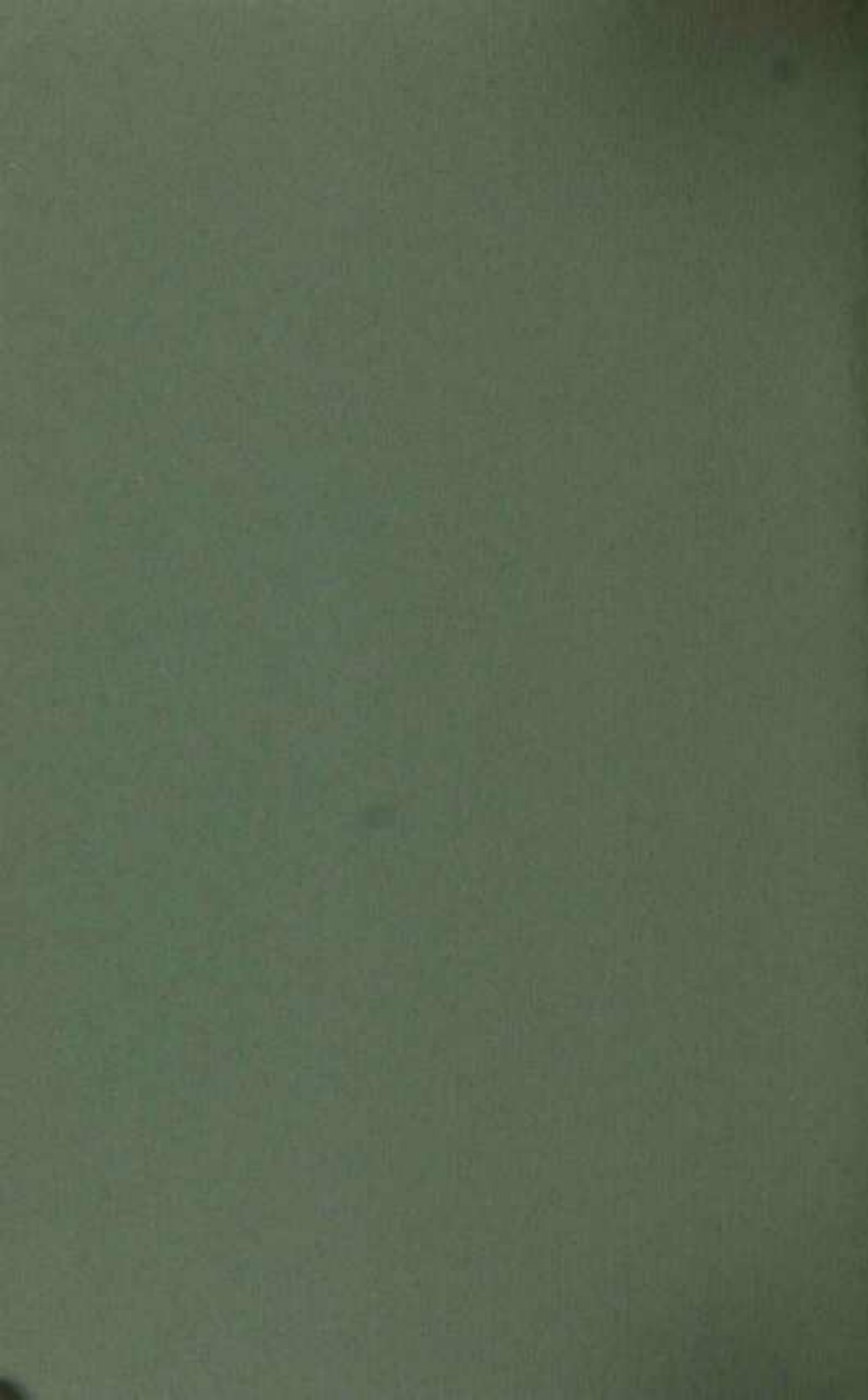




Je ne fay rien
sans
Gayeté

(Montaigne, Des livres)

Ex Libris
José Mindlin



COMPENDIO
DE
HISTORIA UNIVERSAL.

POR
JUSTINIANO JOSÉ DA ROCHA

VOLUME II.

DA IDADE MEDIA.



RIO DE JANEIRO.

TYP. DO—REGENERADOR—DE JUST. J. DA ROCHA
RUA DO CANO N. 140.

1860.

PREFACIO.

Eis ahy o segundo compendio do nosso curso da historia universal. Começamol-o animados pela esperança de que seriv util nossa obra á mocidade estudiosa; os dias que foram correndo nos trouceram mais uma lição de que desejos não são esperanças, e presumpção não é merecimento.

Por isso tanto se demorou a publicação desse segundo volume que deveria ter apparecido em julho; para que em fim deste mez de setembro fosse publicado o terceiro, e no fim do anno o ultimo.

Mas a consciencia do dever nos alentou.

Se o primeiro periodo historico tem o caracter de uma grande epopeia, cuja acção sedesenvolve por meio de personagens recommendadas pela admiração dos séculos, e que se nos mostram com tudo o esplendor da mais bella litteratura, se por isso é facil estudal-a; o periodo exposto nesse segundo volume, a idade media é uma complicação continua de dramas sanguinolentos, representados em theatros diversos por diversas personagens, movidas por paixões e interesses diversos. A difficuldade natural desta parte da historia impunham pois ao escriptor de um compendio o mais rigoroso dever de ser claro.

Ainda mais lembrando-se sempre de que escrevia para moços que, seguindo muitas aulas de materias diferentes e todas arduas, só tinham de consagrar ao estudo da historia da idade media umas sessenta ou settenta lições, devia ter como lei e brevidade.

Esforçamo-nos por cumprir essas duas condições: conseguimol-o?

Em um compendio de historia não se pode procurar cousas novas: aproveitamo-nos dos trabalhos existentes; especialmente do compendio francez admittido no ensino publico, e do que á mocidade brasileira offertou o muito digno ex-professor Calogeras Teriamos respeitado a prioridade desse compendio da idade media na lingua commum, se não nos parecesse em extremo extenso, para nossas aulas.

Ainda uma vez o repetimos: a par da exactidão e de boa escolha dos factos em razão de sua importancia, e da clareza da sua exposição, o que mais deve procurar quem escreve um compendio, é attender á brevidade: cumpre-lhe ter sempre presente a lembrança de que escreva para moços da idade de 12 a 16 annos,

que estudam muitas outras materias, que só tem para cada uma das partes da historia sessenta a settenta licções, e que devem nelles decorar todo o compendio, e decoral-o de modo a conservar de tudo profunda e quasi indelevel recordação do que uma vez houverem apprendido.

E agora resta-nos pedir desculpa pelas muitas incorrecções typographicas, e de redacção, que accusam a insufficiencia do autor tanto como a precipitação da obra.

Previendo-as, tiramos mui limitada essa primeira edição; se conseguirmos que o juizo dos doutos acolha o nosso trabalho; exhausta em breve essa primeira edição, outra com mais vagar prepararemos mais accurada.

COMPENDIO DA HISTORIA UNIVERSAL

IDADE MEDIA

CAPITULO I.

Povos barbaros; mundo romano.

Para bem comprehender o movimento das populações que tomaram conta do imperio romano, cumpre estudar as suas raças, os seus costumes, e as regiões por ellas occupadas.

Extendendo-se por todo o occidente e todo o sul da Europa, o imperio romano findava nas margens do Danubio, e nas do Rheno. Se Trajano, subjugados os Daces, levou-lhe os limites para além do Danubio, vimos Aureliano, obrigado a concentrar as forças militares de que podia dispôr, abandonar essa conquista. Se Druso e depois d'elle Tiberio chegaram vencedores até o Elbo, não fizeram ahi conquistas perduraveis, apenas travaram relações de inconstante alliança, sempre interrompida por constantes odios, com os povos germanicos que ahi viviam.

No vasto espaço comprehendido ao oriente do Rheno, ao norte do Danubio extendia-se o mundo barbaro. Ahi pelo lado do occidente achavam-se os povos germanos, de que era o Godo o mais poderoso. Encostavam-se aos Godos, com elles intermeiavam-se diversos povos da raça slava, sobre os quaes directamente actuavam as povoações que desciam dos tableiros da Asia. Dessas a mais

importante, foi a dos Hunnos (Hiong-nou) que, quando os decretos da Providencia lhe deram por chefe um Attila, formou um imperio tão vasto quanto ephemero.

Dos costumes, do governo dos Slavos avassallados e incorporados com os Hunnos, e dos proprios Hunnos pouco sabemos. Grosseiros e violentos, infundiam o terror, levavam a devastação por toda parte; e os que os temiam, os que os maldiziam não podiam estudal-os, nem ter o sangue-frio necessario para descrevel-os com verdade. Impacientes de toda occupação sedentaria, de todo trabalho effectivo, não podiam ser lavradores; ufanos de sua robustez e da sua ferocidade, olhavam para tudo o mais com insolente desdem; sempre a cavallo, levando suas excursões deste para aquelle ponto, não tinham cidades, acampavam em barracas temporarias; a força era lei unica, e impunha-lhes obediencia passiva á seus chefes, como a impunham elles aos povos que conquistavam. Não conheciam commercio, nem o queriam; extorquiam as mais pesadas contribuições aos vencidos: dahi e das constantes devastações tiravam quanto lhes era necessario; não conheciam letras nem artes, não as queriam; a guerra mesma para elles não era uma arte, era apenas o accommettimento implacavel da coragem a mais affeita, de massas immensas e ferozes, que ainda para mais terror incutir, accrescentavam como ornatos á fealdade natural pinturas hediondas: conseguiram dest' arte ser considerados, não como homens, mas como filhos do diabo.

Comparadas com essas hordas, as populações germanicas estavam já civilizadas. De feito, o diuturno contacto com os Romanos, ainda quando hostile, lhes havia já, senão communicado, ao menos feito apreciar as vantagens da civilização, e tambem os seus vicios enfraquecedores: os Godos especialmente mereciam esse louvor ou essa censura: eram os Romanos dos Barbaros.

Dos costumes germanicos não é tão completa a nossa ignorancia, já porque muitos desses povos conseguiram

perpetuar-se nas provincias romanas que invadiram, e ahi terão de dizer-nos o que eram, já porque Tacito nos transmittiu algumas bellas paginas a respeito delles. E pena que Tacito se houvesse contentado com observações superficiaes, que prestassem ao seu espirito e á sua imaginação o thema por elle procurado para deprimir, oppondo-lhes as virtudes dos Barbaros, os vicios e a degradação dos Romanos seus contemporaneos.

Entretanto devemos-lhe o saber-se que se os Germanos divididos em tribus ou povos, já alliados, o mais das vezes inimigos, em permanente hostilidade, ainda não viviam em cidades de casas contiguas, e o amor da independencia individual levava cada um a ter a sua casa separada da dos outros; se não admittiam a propriedade individual dos campos, todavia não desconheciam a lavoura, e divididas as terras, davam a cada um o uso-fructo temporario de um quinhão, em que logo tinha de ser substituido por outros, igualmente ephemeros, possuidores.

Seu governo era uma especie de democracia: em assembleas a que todos concorriam, decidiam-se os altos negocios da tribu, alianças, guerras: para guial-os nestas tinham chefes ou reis em redor dos quaes se reunia a flôr da mocidade, a quem elles sustentavam, e que lhes adheria a ponto de ser torpe desamparal-os na hora do perigo, não vingal-os, se no combate lhes acontecesse algum desastre.

Sua religião era essencialmente guerreira; a seus deuses sacrificavam os inimigos vencidos, e com essas monstruosas immolações compravam os seus favores. Comprehende-se dahi a influencia dos sacerdotes: eram esses os verdadeiros chefes a quem obedeciam, e obedeciam-lhes salva a independencia da propria dignidade de homens; que não viam nelles homens, sim, interpretes da Divindade.

Se pelas ideias theocraticas assemelhavam-se a quasi todos os povos antigos, se nos habitos permanentes de

guerra não desmentiam a condição de todas as raças, ainda não abrandadas pela civilização, em um ponto se distinguiam: no respeito á mulher. Já não eram simplesmente monogamos, até mesmo á viuva levavam a mal as segundas nupcias.

Não só puniam severamente o adulterio, como faziam-se acompanhar na guerra por suas esposas, e com a presença dellas, com as suas admoestações se animavam na hora dos combates: acreditavam enfim que nellas havia uma como inspiração divina, e nada de importante deliberavam ou faziam sem ouvir-as.

Taes erão os povos com quem iam haver-se as provincias do imperio romano, que por certo já não estava em estado de defendel-as.

A velha Roma só existia pelo prestigio do seu nome. Todos os vicios a tinham enervado, todas as miserias despovoado: uma administração que só se fazia sentir pelos males que a acompanhavam, pelas extorsões dos seus impostos, alhejava da ordem de cousas então existente e toda oppressora, esse amor profundo, essa identificação do homem com a patria, indispensavel á defesa della. Que viessem da Illyria, da Africa, da Syria os seus dominadores, que lhes fossem impostos pelas legiões, ou que viessem da Germania, impostos pelos barbaros, o que importava a essas populações miseraveis e rarefeitas da Italia, da Hispania, da Gallia, em todo caso victimas sem recurso de um despotismo atroz?

Já de ha muito no exercito que se dizia romano, havia Barbaros de todas as hordas, só não havia Romanos.

A conquistadora do mundo, desaprendidos todos os habitos, todas as virtudes da guerra, accitava como soldados de suas legiões, como soldados que a defendessem, todos os Barbaros que á formiga se introduziam nas suas provincias, ou que formavam os residuos dos primeiros bandos invasores que a fortuna de Roma ainda havia conseguido destroçar.

A em disso, por mal aconselhada tactica da fraqueza, os imperadores a principio haviam pactuado com as hordas que succediam aos grandes bandos invasores; davam-lhes terras, pagavam-lhes contribuições, e com o titulo de *federados*, incumbiam-os de defender a parte dos limites do imperio em que os estabeleciam; ás vezes accitavam nos seus proprios exercitos mais ou menos avultados corpos auxiliares dessas hordas....

A derrota era pois infallivel.

CAPITULO II.

Invasão dos Barbaros: Visigodos.

Tudo estava disposto, os tempos eram chegados. A pressão dos Hunnos sobre os povos da Europa oriental determinou a sua erupção mais ou menos simultanea por todos os limites do imperio.

Os primeiros que sentiram essa pressão foram os Godos. Dividiam-se estes em Godos do Oriente (Ostrogodos) e Godos do occidente (Visigodos). Os primeiros foram lidos pelos Hunnos, e mais ou menos voluntaria e temporariamente os acompanharam. Os Visigodos porém approximarão-se do Danubio, procuraram cobrir-se com esse rio; vimol-os supplicar ao imperador Valente licença de transpor-o, de entrar no territorio do imperio: vimos como e com que condição lhes foi isso concedido, como a avidez cumpriu as promessas imperiaes, e como os Barbaros se vingaram na batalha de Andrinopla. Vimos igualmente como Theodosio-magno estreiara seu governo vencendo-os, applicando-os, e estabelecendo-os na provincia da Mesia. Ahi viviam na qualidade de federados, e haviam prestado a Theodosio o serviço de suas armas, quando as suggestões de Rufino, ministro do imperador do Oriente Arcadio, com vistas de se tornar necessario, os

vieram excitar á guerra. Devastavam elles as regiões proximas da sua residencia, a Thracia, a Macedonia e a Grecia, quando de um lado apresentou-se contra elles Stilicon, ministro do imperador do occidente, Honorio, e do outro Arcadio sollicitou paz offerecendo ao seu chefe o governo da Illyria. Era esse chefe Alarico.

Accetando o favor extorquido á fraqueza do imperador do Oriente, Alarico tracta de vingar-se de Stilicon e vae atacar o imperio do Occidente e a Italia (403). Stilicon o aguarda, em duas batalhas o destroça, e obriga a voltar á Illyria.

Evitado para a Italia esse perigo, outro se apresenta: Radagasio, á frente da liga dos Allemanos, apresenta-se na Italia septentrional, e chega até a Etruria sem encontrar obstaculo: ahi porém Stilicon o envolve, e o desbarata.

Os serviços do general provocam o odio dos cortezãos, a seus enredos cede o fraco e pueril (*) Honorio. Stilicon, suspeito por ser Herulo, é morto, e sua morte dá em toda a Italia o signal de iniqua matança dos soldados *federados*.

Alarico comprehende a opportunidade de um novo ataque, apresenta-se vingador de Stilicon, e dos soldados que a ingratição romana havia suppliciado, toma Aquilea e Cremona, e marcha para Roma.

Honorio não residia nessa cidade: elle e os seus successores como que se intimidavam vendo-se tão pequenos nessa Roma de tantas recordações: para sua residencia havia escolhido Ravenna. Sem com elle occupar-se nem com a sua misera capital, Alarico apresenta-se juncto aos muros de Roma. Os Romanos assustados pactuam o res-

(*) O epitheto é justo: o imperador era apaixonado de aves, vieram-lhe um dia dizer que *Roma* havia sido tomada; afflige-se elle, desata em pranto, por suppor que se falava de uma gallinha sua predilecta, a quem havia dado esse nome; explicam-lhe porém que não se tracta da gallinha, mas sim da cidade, e o imperador se consola.

gate da cidade : dar-lhe-ão 5,000 libras de ouro, 50,000 de prata, 4,000 tunicas de seda.

Honorio não ratifica o pacto, e o Visigodo vem de novo sobre Roma, obriga os Romanos a entregar-lhe immensas riquezas, e a subjeitarem-se a um Attila, a quem escolhe para imperador. Mas logo d'elle descontente, o Visigodo volta a Roma (410), toma-a, entrega-a durante seis dias ao saque. Dahi dirige-se para a Italia meridional. Então porém morre deixando o poder a seu irmão Athaulpho, que tractando com o imperador, recebe d'elle com a mão de Placidia, sua irmã, ordem de combater os Barbaros, que estavam senhores da Gallia meridional e da Hespanha.

Athaulpho desempenhou sem difficuldade essa missão; dos bandos barbaros que teve de repellir, uns subjeitaram-se e incorporaram-se no seu povo; outros, em vez de disputar-lhe o terreno que possuíam, levaram a outras regiões os seus furores. Foram estes os Vandalos.

Athaulpho não completou a sua obra : depois de se haver apoderado de Barcelona, morreu assassinado, e a Wallia, seu successor, coube a gloria de fundar a monarchia visigoda (415).

CAPITULO III.

Invasão dos Vandalos.

Os destroços do grande exercito de Radagasio espalharam-se pela Gallia e pela Hispania ficaram na Gallia os Burgundiões, que por fim se estabeleceram, com o assentimento do governador da provincia, na região que do nome delles se chamou Borgonha, Os Suevos, Alanos e Vandalos dirigiram-se para Oeste, uns assentaram-se na Aquitania, outros transpuzeram os Pyreneus, onde os foram acoessar os Visigodos de Athaulpho e de Wallia.

A esse tempo já por morte de Honorio tinha sido chamado ao throno seu sobrinho Valentiano III, ainda menor, e governado por sua mãe Placidia. A fraqueza desse governo poderia ter sido compensada pelo talento militar de dous generaes, dos quaes um, Aecio governava a Gallia, outro, Bonifacio, governava a Africa. Aconteceu porém o que sempre acontece, quando a fatalidade persegue os imperios; os dous generaes, em vez de unirem-se a bem da causa commum, enredaram-se. Bonifacio accusado por Aecio, manda convidar os Vandalos, que venham conquistar a sua provincia. Os Vandalos acceitam o convite, abandonam a Hispania pela Africa. Em dez annos conquistam-a, devastam-a. Essa provincia, uma das mais florentes e opulentas do imperio, ficou reduzida á maior miseria. A destruição só pelo prazer da destruição, que não poupava nem os monumentos dos homens nem as ricas producções da natureza, que ao ferro juntava o fogo, que impunha os mais atrozes tormentos aos prisioneiros, sem respeitar idade, sexo, nem condição social, nem o character sagrado do sacerdocio, eis o que distinguio os Vandalos entre todos os invasores do imperio romano, e fez do seu nome, nas linguas modernas, o justo synonymo da mais implacavel ferocidade, da mais horrivel devastação.

Era seu chefe Genserico. Não contente com a conquista da Africa septentrional, subjeitou elle ao seu dominio as ilhas do Mediterraneo. appareceu na Italia e tomou Roma (455).

A esse tempo Valentiniano tinha sido assassinado por Maximo, que usurpára o throno, e obrigara Eudoxia, sua viuva, a entrar no seu thalamo. Para vingar-se, a imperatriz chamou os Vandalos, e ao mesmo tempo procurou agitar o povo. Foi bem succedida em ambos os seus projectos: o povo insurgiu-se, e matou o usurpador no mesmo dia em que Genserico desembarcava em Ostia. Os Vandalos entram em Roma sem encontrar resistencia:

durante quatorze dias e quatorze noites entregam-a ao saque, inundam-a de sangue, cobrem-a de ruínas, até que fartos de atrocidades, reúnem em seus navios os despojos dessa cidade que saqueára o mundo, e com milhares de prisioneiros, os levam para a Africa.

De volta aos seus Estados, Genserico continuou as suas devastações na Sicilia, nas ilhas jônicas, no littoral da Italia.

Depois d'elle porém os Vandalos, limitando os seus domínios á Africa septentrional, foram-se civilisando, e ao mesmo tempo que despiam a sua ferocidade, enfraqueciam no luxo e na sumptuosidade a sua robustez e as suas virtudes guerreiras. Em breve os veremos desaparecer diante da espada de Belisario.

CAPITULO IV.

Invasão dos Hunnos.

— Enquanto Genserico devastava os littoraes do Mediterraneo, os Hunnos, que haviam occupado a Europa oriental, passam a obedecer ás leis de Attila. Esse homem que si próprio se denominava o *flagello de Deus*, e que dizia que *nem a herva nascia no lugar em que seu cavallo havia pisado*, justificou de sobejo o titulo que assumira; e deu ás suas devastações theatro mais amplo do que o em que Genserico tinha exercido os seus vandalismos. Já senhor de uma parte da Asia, da Sarmacia, e da Germania, invade o Imperio do Oriente, onde então reina Theodosio II, filho e successor de Arcadio. As Mesias, a Thracia, a Illyria são devastadas, as cidades desapparecem; por onde passam os Hunnos, faz-se o deserto. Theodosio, não podendo vencel-o, submettou-se a comprar a sua amizade pagando-lhe um tributo, e procurou assassinal-o, corrompendo para isso os seus cortezaos. Attila

que descobre e frustra esse plano, responde-lhe com o desprezo, e ia castigal-o, quando a morte leva esse príncipe, neto do grande Theodosio, que deslustra o seu sangue e o seu nome.

Sua irmã Pulcheria chama ao throno um valente guerreiro, Marciano. Sollicitado por Attila a pagar o tributo, responde-lhe o imperador com nobre energia:—Tenho ouro para meus amigos; mas para meus inimigos só tenho ferro!—

Entretanto Honoria, irmã de Valentiano III, mandára seu anel ao rei dos Hunnos: esse convite, ainda mais sem duvida do que a altivez da resposta de Marciano, determina Barbaro a dirigir-se para o Occidente (450).

Passa o Rheno, devasta as cidades septentrionaes da Gallia; só a religião embota suas armas: São Lopo salva de seu furor a cidade de Troyes; Santo Aniano defende Orleans, e uma pobre pastora de Nanterra, Genoveva, afasta para longe de Pariz o implacavel devastador.

Aproveitando o tempo que lhe deixam essas excursões inuteis de Hunno, Aecio, governador romano, reúne todas as forças de que dispõe, convoca todos os *federados* que se acham na Gallia; Burgondiões, Francos, Visigodos, todos os Barbaros são alliados contra esse Barbaro que a todos assusta e excede em ferocidade. Com essas forças trava combate nas planicies-catalaunicas, proximo a Chalons sobre o Marne. A peleja dura um dia inteiro, Attila vencido, mas não derrotado, recolhe-se ao seu acampamento. No dia seguinte os vencedores não se atrevem a *accommettel-o*; deixam-lhe franca a retirada.

O Hunno vae vingar-se na Italia septentrional; a cidade de Aquilêa é tão completamente arrasada, que, na phrase de um historiador, não ficou pedra sobre pedra para dizer ao viajante:—Aqui foi Aquilêa.

Emfim a sua marcha vencedora vem parar ás portas de Roma: o papa São Leão sahe-lhe ao encontro, e tanta ma-

gestade o rodcia que o Barbaro relira-se : a Italia está salva (*).

Recolhendo-se aos seus Estados (**), Attila morre depois de uma orgia (453) : com elle cessa o poder dos Hunnos : as nações que lhes haviam sido sujeitas, Herulos, Slavos, Ostrogodos, reassumem a sua independencia ; e os destroços dessa horda formidavel são por um dos filhos do Flagello de Deus, levados para a Asia, sua patria primitiva.

(*) O prestigio da cidade de Roma era extraordinario, ainda mesmo sobre os seus mais ferozes vencedores. A morte de Alarico, pouco depois de havel-a tomado e saqueado, foi pela superstição dos Barbaros attribuida a celestial castigo. Essa crença talvez contribuisse para facilitar o triumpho a São Leão, e intimidar o Hunno.

(**) Não é sem interesse a discrição que fazem os historiadores da cõrte de Attila, onde a par do luxo o mais sumptuoso, reinava uma rusticidade não destituida de nobreza. E' notavel especialmente o que nos dizem da affeição que votavam os Hunnos ao seu chefe, das honras funebres que lhes prestaram.— Cortaram os cabellôs, feriram-se nos rostos, pois semelhante herõe não devia ser chorado com lagrimas de mulher, sim com sangue de homens. Em vasta planicie, entre barracas de seda collocaram o corpo do rei. Habels cavalleiros celebraram em torno d'elle jogos analogos aos do circo romano; cantos funebres commemoravam a gloria do guerreiro.—Attila, filho de Mundzuck, senhor das mais valentes nações, reuniste sob tuas ordens os povos poderosos da Scythia e da Germania; encheste de terror os imperios do Oriente e do Occidente arrasando-lhes innumeradas cidades; consentiste em poupar algumas cedendo ás supplicas e acceitando tributos. Depois de sempre feliz reinado, succumbiste, não aos golpes do inimigo, não á trahição dos teus, mas no meio das festas, da alegria, do poder, sem que sentisses a minima dôr!—

Como para Alarico haviam feito os Visigodos, para Attila fizeram os Hunnos: querendo que nunca fosse sabido o logar em que o enterravam, desviaram as aguas de um rio; no alveo abandonado abriram uma vasta cova, nella depositaram o seu corpo com os mais ricos despojos das suas conquistas. Depois foram as aguas do rio restituídas ao seu curso natural, e os prisioneiros por quem haviam sido feitos esses trabalhos, foram todos degolados.

CAPITULO V.

Invasão dos Ostrogodos.—Theodorico.

Dos povos que acompanhavam Attila, o mais importante foi o Ostrogodo: vamos vel-o conquistar a Italia, e dar ao mundo barbaro um desses genios em quem o merecimento guerreiro se associa a grandes vistas de civilisação.

Reassumida a independencia, os Ostrogodos tinham-se unido por tractado aos imperadores do Oriente, e o joven Theodorico havia sido mandado como refem a Constantinopla: ahi residira longos annos, e aprendêra a apreciar os esplendores litterarios e artisticos que engrandeciam essa capital. Tornando-se rei dos Ostrogodos (475) quiz elle trocar as florestas da Pannonia, em que residia o seu povo, pelas provincias civilisadas do imperio; atacou pois a Illyria, e obrigou o imperador Zenon a ceder-lhe a Mesia, a nomeial-o commandante da guarda imperial; e por fim a ceder-lhe os direitos que podia ter a Italia (489).

O imperio do Occidente já a esse tempo havia succumbido. A Honorio havia succedido Valentiniano III, que morreu assassinado por Maximo; o usurpador morre pouco tempo depois ás mãos do povo. De então em diante o imperio, que não tinha podido defender-se do Visigodo Alarico, do Vandalo Genserico, está entregue ao alvedrio dos Barbaros que compoem o seu exercito: o Suevo Ricimero, general delles, consente em deixar a apparencia do poder a uma serie de principes ephemos, comtanto que o governo real esteja em suas mãos. Por fim morre (472) e a anarchia dá o throno a alguns principes, que o favor deste ou daquellê bando de federados levanta, para logo succumbir: por fim o patricio Orestes fez acfamar imperador um menino seu filho, que, como por irrisão do destino, chama-se Romulo-Augustulo. Odoacro,

chefe dos Herulos, pede que lhes dêem terras, como têm sido dadas aos outros Barbaros ; não sendo attendido marcha contra o imperador e o destitue (476).

Os Herulos de Odoacro estão de posse da Italia, quando Theodorico a accomette. Trez victorias, das quaes a ultima nas margens do Adda, estabelecem o poder dos Ostrogodos que é confirmado pela tomada de Ravenna. Odoacro, que por tractado conservára o titulo e as honras de rei, morre assassinado em um festim com os principaes dos Herulos. Theodorico é rei unico.

Então procura elle cicatrizar as chagas do Estado, restaurando as authoridades, restabelecendo a administração e as leis, procurando repovoar os campos desertos da Italia : Boecio e Cassiodoro, illustres litteratos, foram seus ministros ; o papa Symmacho deveu-lhe a sua sustentação contra as pretensões de um indigno competidor á cadeira de S. Pedro. Embora ariano, protegeu elle o catholicismo ; tractou com veneração os bispos orthodoxos, restabeleceu a pompa das solemnidades religiosas, e não menos zeloso pelas artes, consagrou annualmente duzentas libras de ouro á conservação dos monumentos de Roma.

O povo da Italia era composto de elementos heterogeneos : eram já os descendentes dos velhos Italianos, fraco residuo da antiga população, distinguindo-se por costumes, educação, leis, e certo polimento hereditario ; já os Barbaros de todas as nações que, embora da commun origem germanica, distinguiam-se uns dos outros, tanto pelo resentimento dos odios e rivalidades antigas, quanto por algumas especialidades de costumes. A essas divisões accresciam ainda antagonismos religiosos : nas aldeias, (*pagus*) ainda viviam alguns sectarios da antiga religião (*pagani*), e mesmo entre os christãos, os Italianos eram orthodoxos, dos Barbaros um grande numero, especialmente os dominadores, os Ostrogodos, haviam, em contacto com o imperio do Oriente, recebido com beneficio do christianismo os erros de Ario.

Dar a um imperio assim dividido um character de unidade, neutralisar todos esses antagonismos, acalmar esses odios, era tarefa superior á capacidade humana, só o tempo a poderia consummar. Theodorico fez duas legislações diversas para dous povos diversos; aos Italianos conservou a legislação romana, as instituições administrativas imperiaes, os cargos meramente civis: a propriedade dos campos, o direito aos cargos militares, o serviço das armas ficou exclusivamente pertencendo aos Barbaros, que se governavam com as suas authoridades e conforme os seus costumes. Assim o antagonismo, em vez de ser neutralizado, era mantido, e se debaixo de um rei forte e energico podiam ser comprimidos os seus funestos effeitos, continuava elle a fermentar em damno do Estado.

Em breve as questões religiosas deram expansão a esses odios. Em Constantinopla houve uma reacção a favor dos orthodoxos; Theodorico interveio sollicitando para os arianos, seus co-religionarios, a mesma tolerancia que na Italia concedia elle ariano aos orthodoxos; não foi attendido e reagiu violento; a perseguição foi posta na ordem do dia, Boecio e Symmacho suppliciados; Cassiodoro havia opportunamente deixado a côrte, para gozar do socego em estudioso e pio retiro.

Mas Theodorico que fazia violencia a sua indole nessas perseguições, não podia subtrahir-se aos remorsos, por elles dilacerado, vendo a cada instante as cabeças de Boecio e de Symmacho, expirou (526), deixando sem estabilidade o imperio que fundára.

A' gloria de guerreiro, de legislador, de administrador, cumpre junctar mais um titulo. Theodorico comprehendêra o pensamento de organizar uma vasta confederação de todos os Barbaros que se haviam assenhoreado de provincias romanas. Dando começo á execução desse plano, uniu-se pelos vinculos de alianças e de casamentos aos Francos, aos Burgundiões, aos Vandalos, aos Thuringios, protegeu seu sobrinho Amalarico, rei dos Visigodos, con-

tra Clovis, e conservou-lhe a Septimania, ingeriu-se como mediador nas questões de Clovis e de Gondobaldo. Se taes projectos tivessem ido por diante, os dias da idade media teriam sido mais breves, a civilisação teria logo renascido. Mas assim não estava escripto nos decretos da Providencia.

A Theodorico succedeu seu neto Athalarico; na minoridade devia governar Amalasantha: a digna filha de Theodorico quiz dar ao joven rei uma educação conveniente, viu-o porém entregar-se a todos os vicios, e victima delles perecer prematuramente. Então escolhe Theodato para seu marido e para rei, e logo morre por elle assassinada.

Desse crime se aproveita o imperador do Oriente para apparecer na Italia. Era esse Justiniano, e tinha a seu serviço Belisario: Belisario acabáva de restaurar o poder do imperio na Africa septentrional; foi encarregado de igual missão na Italia. Não lhe coube porém a gloria de conseguir contra os Ostrogados o que contra os Vandalos havia conseguido.

Theodato subjeita-se-lhe, e obriga-se a pagar tributo: mas os Godos indignados matam-o e dão o poder a Vitigés, Belisario, senhor de Roma, é nella sitiado; abandonado pelo imperador, não é abandonado pelo seu genio. consegue defender a cidade, obrigar os Godos a retirarem-se, e vae elle proprio cercal-os em Ravenna, sua capital. Então, victima dos enredos da côrte, é chamado a Constantinopla; os inimigos aproveitam a sua ausencia, para reassumir o que haviam perdido, e dão o poder a Totila.

Belisario volta á Italia, mas logo que consegue reconquistar a cidade de Roma, é substituido por Narsés. Este vence Tolila, desbarata o seu successor, Teias, e restitue a provincia da Italia ao imperio. Mas a côrte, ingrata para com Belisario, foi igualmente ingrata com

Narsés (*) e este, não tendo a virtude daquelle, chama para vingar-se os Longobardos.

CAPITULO VI.

Imperio do Oriente.

Mais feliz do que o do Occidente, o imperio do Oriente prolonga por muitos seculos a sua existencia; perde provincias, avilta-se com derrotas, e tractados ainda mais ignominiosos do que derrotas, mas conserva sua capital, suas instituições, e tambem o seu genio faccioso o seu espirito de argucia, que o envolve de continuo em heresias e em perseguições religiosas: no seu throno sentam-se por vezes alguns principes que mereceriam dominar em melhores condições.

A Arcadio (**) succede Theodosio II, principe indigno

(*) Narsés era eunucho, e pelos enredos da côrte tinha subido á posição em que se achava, e de que aliás o tornava digno a sua capacidade militar. Mas as mesmas artes que contra Belisario lhe haviam dado o favor de Theodora, deram contra elle, no reinado de Justino I, a irritação da imperatriz Sophia. Uma carta insultuosa que lhe lembrava a sua condição, e lhe dizia que trocasse as armas proprias dos homens pela roca e pelo fuso, que tinham sido os instrumentos do seu trabalho no meio das criadas do palacio, o determinou á vingança.

(**) Do miseravel reinado de Arcadio pouco ha que dizer. Dominado por infames validos, Rufino, Eutropio, Gainas, apenas é celebre pelas perseguições dirigidas contra São João Chrysostomo, patriarcha de Constantinopla. Esse tão insigne orador, quão grande bispo, victima de Eutropio, não duvidou protegê-lo um dia em que o povo furioso o perseguia: o Sancto acolheu-o na Igreja, não o quiz entregar aos que com grande alarido e ameaças o reclamavam, e inspirando-se com as circumstancias, fez um admiravel sermão sobre a vaidade das cousas humanas. O patriarcha foi punido das suas virtudes, e morreu no desterro.

desse nome, sophista coroado que procura primar pela belleza de sua letra, e merecer o titulo de *calligrapho*. Já vimos o seu procedimento para com os Hunnos. Succedeu-lhe Marciano, que procurando restaurar a disciplina no exercito, e a ordem na administração, alheiou de si as sympathias de um povo corrompido. Succede-lhe, por favor dos soldados barbaros, os Isaurios da guarda, Leão o Thrace, e apoz elle seu neto, que é morto por Zenon. Este consegue acalmar uma revolta dos Isaurios, desviar para a Italia os Ostrogodos; não consegue porém acalmar as questões religiosas que agitam os espiritos e trazem em Alexandria, como em Constantinopla, as maiores violencias; deixa por fim o throno inglorio a um velho official do palacio, Anastacio, que o compra aos soldados. Atacado pelos Persas, paga-lhes tributo; atacado pelos Slavos, manda levantar uma muralha desde a Propontide até o Ponto Euxino para cobrir Constantinopla. Apoz elle sobe ao throno Justino, pastor da Thracia, que começou uma guerra terrivel contra os Persas, e deixou-a com o throno a seu sobrinho Justiniano (527).

Justiniano viu uma ephemera reacção como que recompôr o imperio romano. Dotado de grandes qualidades, era infelizmente casado com uma mulher indigna que, antes de ser imperatriz, tinha sido actriz e cavalleira do circo, a famosa Theodora.

O espirito faccioso do povo de Constantinopla, não satisfeito com as questões religiosas e politicas, o levou a involver-se em questões que só seriam ridiculas de puerilidade, se não fossem atrozes pelo sangue que nellas se derramou. Os cocheiros do circo tinham fachas de côres diversas, uns eram azues, outros verdes: o povo dividiu-se para sustentar a superioridade de uns, ou de outros: nem ficou em simples pateadas e applausos. Logo ás outras divisões dos partidos, politicas, religiosas, associou-se a questão

da primasia dos cocheiros; a imperatriz Theodora era *verde*; os que lhe faziam opposição foram *azues*: o imperador quiz sustentar o partido de sua mulher. Uma sedição horrivel custou a vida a mais de 30,000 pessôas, e teria custado o throno a Justiniano, se não fôra a energia do commandante da guarda, Belisario.

Acalmada essa luta, o imperador melhor aproveitou a capacidade de Belisario.

Na Africa reinava sobre os Vandalos Gelimero (532) que havia desthronisado Hilderico, neto de Genseric. Justiniano toma dahi pretexto; Belisario á frente de 15,000 homens apparece na Africa; vem libertal-a; vem vingar Hilderico. O triumpho lhe é facil, todos os opprimidos vêm nelle um alliado, e entre esses estão os christãos orthodoxos. Gelimero vencido foge para as montanhas. Belisario não querendo atacal-o, procura tomal-o pela fome, e o consegue: Gelimero entrega-se pedindo apenas — pão, de que ha muitos mezes não come; uma esponja, com que estanque o sangue de suas chagas, e uma lyra, com que suavise as amarguras da sua existencia.

A Africa é de novo provincia do imperio: mas não tem este forças para mantel-a; deixa-a pois entregue a todas as revoltas das populações indigenas. Se o reinado dos Vandalos extingue-se na Africa, na Italia extingue-se tambem o reinado dos Ostrogodos. O imperio porém mal conserva por algum tempo Ravenna e algumas cidades visinhas, a que dá o nome de *exarchado*, e o dominio contestado e incerto das regiões meridionaes que nem o commercio, nem a industria, nem a força da authoridade vivificam e defendem.

Tambem na Hispania appareceram as armas de Justiniano: aproveitando dissensões intestinas, mandou elle alguns auxilios a um dos principes, Athanagildo, e assenhoreou-se de Valença, de Cordova e da Betica.

mas essa restauração não foi completa, nem diuturna.

Na Asia foi mais importante a luta do imperio. A guerra que nascêra por haverem os Lazos da Colchide implorado a protecção de Justino 1º contra a tyrannia dos Persas, teve diversas phases; na 1ª comprou Justiniano a paz pagando tributo, na 2ª sendo rei dos Persas Chosroes Nuschirwan, a Syria é devastada, incendiada Antiochia; porém Belisario apparece, e contém o vencedor. Seus triumphos restauram a causa imperial; todavia para conseguir a paz, foi necessario ao imperador pagar tributo.

Igualmente ameaçado no norte pelos Avaros; que já iam restaurando o antigo poder dos Hunnos, o imperio foi defendido por Belisario, que repelliu esses formidaveis inimigos. Por tantos serviços teve em recompensa o desterro (*).

Se houve sobeja gloria militar para o reinado de Justiniano, ainda mais brilha elle com a gloria de legislador. Aquella em pouco tempo se deslustrou, esta ainda hoje permanece esplendida. Com um conselho de dezeseite jurisconsultos, presididos por Triboniano, fez elle apparecer —o *codigo justiniano*, o *Digesto* ou as *Pandectas*, as *Institutas*, as *Novellas*, monumentos mais duradouros, mais admiraveis do que quantos de marmore e de ouro se podem erguer, e onde a sciencia do direito em todos os seculos ~~vae~~ achar as suas bases (565).

(*) E' falsidade que tem curso de verdade historica, e que a poesia tem acolhido e vulgarizado, a que nos apresenta Belisario reduzido á cegueira, mendigando um bocado de pão, e recebendo o obolo da caridade no seu capacete de guerreiro tantas vezes vencedor.

Para infamar com o ferrête de ingratidão o reinado de Justiniano tanto não é necessario; basta deixar reduzido ás proporções da verdade o soffrimento dessa victima dos enredos da côrtic de Theodora.

A Justiniano succedeu seu sobrinho Justino II que, depois de breve e infeliz reinado, deixou o poder a Tiberio. Começava este a reprimir os Avaros na Mesia, e os Persas na Armenia, quando morreu deixando por seu successor Mauricio.

Felizmente para este, Chosroes morrendo deixara o throno a seu filho Hormisdas que se tornou odioso aos Persas pelas suas crueldades, e suscitou diversas revoltas. Mauricio apresentou-se-lhe como alliado ; agradecido a essa protecção, Hormisdas lhe restituiu as fortalezas e a parte da Armenia que os Persas haviam conquistado no territorio do imperio.

Dirigindo-se contra os Avaros, Mauricio succumbe em uma revolta do seu exercito ; Phocas que lhe succede deixa os Persas reassumirem o que haviam cedido a Mauricio, devastarem as provincias orientaes ; deixa os Lombardos assenhorear-se da Italia ; por fim o povo de Constantinopla insurge-se, e chama ao poder Heraclio, governador de Carthago (610).

O reinado de Heraclio apresenta phases notaveis. A principio persegue-o a desgraça : os Persas invadem vencedores até a Asia menor e o Egypto, chegam até as proximidades de Constantinopla. Ao mesmo tempo os Barbaros do norte devastam a Mesia, a Thracia, e igualmente se approximam da capital. O imperador esmorece, quer fugir para Carthago, quer recorrer ao suicidio : mas logo se reanima ; cavalleiro da Virgem, jura nas mãos do patriarcha defender a cidade, recebe os thesouros da igreja, e com esse auxilio consegue os mais gloriosos triumphos. Por meio de presentes desvia primeiro os Barbaros, e vae atacar os Persas ; repelle-os de toda a parte, até além das montanhas da Armenia. Os Avaros porém, alliados da Persia, vem salvar-a atacando Constantinopla ; o imperador acode para defendel-a, expelle-os, liga-se com as tribus tartaras do Don e do Volga, toma a seu soldo quarenta mil cavalleiros desses povos, e vae de novo atacar

os Persas. Atravessa o Tigre, ganha uma victoria decisiva, e emquanto Chosroes vencido, perdido, foge, apresenta-se vencedor nas visinhanças de Ctesiphon. A indignação dos povos substitue a Chosroes seu filho Siroes, que faz pazes com Heraclio, abandonando-lhe quanto os Persas haviam conquistado, e entregando-lhe o Santo Lenho, por elles arrancado de Jerusalém, e que o imperador foi restituir a essa cidade em piedoso triumpho (629).

Depois desse periodo de gloria tão deslumbrante quão ephemero, o reinado de Heraclio acabou, como havia começado, no meio dos desastres que lhe preparavam na Arabia os discipulos de Mahomet.

CAPITULO VII.

Saxonios, Anglos, Francos e Longobardos.

A Britania, essa provincia que tão remota da Italia, fôra tão tarde e tão incompletamente dominada, e que o imperio tão mal defendeu com as muralhas de Adriano e de Severo contra os Pictos, seus terriveis visinhos, foi tambem a primeira desamparada.

Stilicon já a havia desguarnecido dos presidios romanos pela necessidade de concentrar todas as forças do imperio em defesa da Italia. Enervados pelo dominio romano os Bretões, já incapazes de defender-se contra os inimigos que do norte continuamente desciam, dirigiam as mais tristes supplicas aos dominadores que os haviam abandonado:—não sabemos, diziam, para onde nos voltemos, os Caledonios nos precipitam para o mar, o mar nos atira aos Caledonios: só nos resta a escolha da morte!—

Se os Romanos não puderam ouvir-os, ouviram-os os piratas da Saxonia, que em ligeiras barcas percorriam os mares do norte: Hengist e Horsa, a quem promettem uma ilha

a foz do Tamisa, desembarcam e repellem os Caledonios ; mas não se contentaram com a recompensa ajustada, e reclamam toda a provincia de Kent. Segue-se uma guerra entre os protectores e os protegidos ; nella morre Horsa ; porém seu irmão, vencedor, mantém-se na conquista, e funda o primeiro reino saxonio (455).

O exemplo de Hengist abre caminho a outros piratas da mesma origem. No sul da Britania vem ella fundar o reino de Sussex (491). Cerdic em (516) vem estabelecer o reino de Wessex. Então porém encontram-se os invasores com um afamado guerreiro, Arthur, rei dos Cambrios (Kymrys no payz de Galles) e são vencidos. Arthur porém succumbe, (*) e o terceiro reino saxonio se acha fundado. Por fim Erkenwin funda (520) o reino de Essex.

Visinhos dos Saxonios, na parte septentrional da Germania, estavam os Anglos, entregues em tudo aos mesmos habitos de guerra e de piratagem. Um dos seus chefes desembarca no norte da Britania entre os rios Forth e Humbert, e funda o reino da Northumberland (547). Outro bando, debaixo das ordens de Offa, funda o reino de Est-Anglia (571). Outra colonia emfim (584), nos limites do payz dos Cambrios, assenta o reino de Mercia. Algum tempo divididos e entregues a guerras intestinas, esses reiniculos por fim reúnem-se em uma especie de confederação, para resistir ás invasões com que de continuo os ameaçam já os indomitos povos do norte da ilha, já os da Chersoneso Cimbrica, (que já vae tomando o seu nome de Dinamarca) e formam a heptarchia anglo-saxonia; uma assemblea com o nome de *Wittenagemot* decide os negocios da

(*) Arthur ficou na tradição do payz elevado a proporções gigantescas de força e de heroismo: do lado da immortalidade, foi para os Cambrios, como para os Portuguezes D. Sebastião o *encoberto*: acreditaram muito tempo que esse heroe voltaria, para libertar a patria da oppressão saxonica, e a poesia aproveitou esse thema popular.

heptarchia, e nos dias de perigo pôde nomear um generalissimo a quem todos os reinos obedecam.

Os Bretões que não puderam sujeitar-se a esse dominio, emigraram para a provincia gauleza da Armorica, com cujos habitantes tinham uma communhão de origem e de costumes: dessa emigração resultou o nome moderno de Bretanha para essa provincia da Gallia.

Emquanto Anglos e Saxonios tomavam assim a provincia mais occidental do imperio, a provincia visinha, a Gallia, era entregue a outros barbaros da mesma origem.

Já os Burgondios estavam assentados na parte oriental della, já os Alanos, os Suevos, e apoz elles os Visigodos lhe occupavam o sul; a politica do imperio deixara igualmente estabelecerem-se no norte os Francos; quando a um dos chefes das tribus francas salianas occorreu o pensamento de formar um grande imperio, reunindo em torno de si todos os Francos, impondo seu poder a todos os povos barbaros de outra origem, e excluindo os Romanos: o chefe ousado que concebeu esse projecto, e que o realisou, foi Clodowig ou Clovis, neto de Meroveu, chefe dos Francos-Salianos (481).

Para esse triumpho muito concorreu a influencia religiosa. A Gallia tinha sido uma das provincias em que mais se havia propagado o christianismo, e em que bispos illustrados e sanctos mais se haviam multiplicado. Nesses dias de desastres e de ruinas tanto para os homens, como para os principios de moralidade, um chefe que apparecesse tão forte que pudesse dar uma esperanza, senão uma garantia, de ordem, acharia de certo a poderosa coadjuvação desse episcopado, logo que a soubesse merecer pela sua orthodoxia.

Não faltou ella a Clovis.

Embora ainda idolatra, mostrou-se reverente para com S. Remigio, arcebispo de Reims, a ponto de violentar a lei franca, excluindo dos despojos ganhos no combate em que vencera os Romanos, e que deviam ser divididos e

sorteados entre os guerreiros, um vaso de ouro que o arcebispo lhe pedira para sua igreja. Ao depois casou-se com Clotilde, filha de Chilperico, rei dos Burgondios, que fôra assassinado por seu irmão Gondebaldo, e assim, ao passo que preparava para sua ambição titulos á Borgonha, attrahiu a affeição dos catholicos, pois Clotilde era catholica, e suas virtudes a fizeram sancta, emquanto Gondebaldo, tio della, era ariano.

Começou as suas conquistas atacando Siagrio, governador do que na Gallia ainda pertencia aos Romanos; venceu-o, e ficou senhor da Gallia central.

Logo são os Francos Ripuarios atacados pelos *Allemanos*; Clovis lhes acode: no combate de Tolbiaco (proximo a Colonia), estando a ponto de ser derrotado, invoca o Deus dos christãos, faz voto de abraçar o christianismo. Vencedor, curva a cabeça aos pés de S. Remigio, que sobre ella derrama a agua do baptismo. Dahi em diante tudo se lhe facilitou. « Quando tu combates, somos nós que vencemos, » diz-lhe um dos arcebispos.

Defendendo contra os *Allemanos* os Francos-Ripuarios, obtem da gratidão destes o que da victoria teria conseguido; atacando Gondebaldo, rei dos Burgondios, com o auxilio e a cooperação de Theodorico, obriga-o a renunciar ao arianismo, a reconhecer-se seu tributario, e a ceder a Theodorico a provincia de Marselha. Igualmente pela victoria reduz os Visigodos, embora protegidos por Theodorico, a contentarem-se com a Septimania na fralda dos Pyreneus. Uma vasta monarchia se acha assim fundada; a historia porém não reconhece nesse chefe de Barbaros as virtudes de um Theodorico: muitas vezes, para subjugar os chefes independentes das tribus francas, recorreu á perfidia e á crueldade: tanto como a victoria, o assassinio entrou nos seus planos, foi-lhe meio de triumpho.

Por sua morte (511) o seu imperio foi dilacerado. Clovis que tanto se occupára com estabelecer a unidade, deixava

quatro filhos, que entre si repartiram os dominios paternos.

Clodomiro um delles, tendo atacado Sigismundo, filho de Gondobaldo, rei dos Burgonlios, tractou-o com tanta crueldade que excitou represalias: Gondomar, irmão de Sigismundo, ataca-o, vence-o e mata-o. Deixava elle tres fillos em menor idade: seus irmãos, que queriam repartir o quinhão da herança de Clovis que lhe havia pertencido, assassinam monstruosamente dous dos tres meninos, e ac terceiro, Clodoaldo, só conservam a vida, sob condição de entrar para um convento; o principe assim ganhou; pois é hoje na igreja catholica o sancto a que os Francezes chamam *Saint-Clou*.

Sob a direcção de Clotario e Childeberto, o imperio franco absorve enfim a Borgonha; sob a de Thierry, irmão delles, estende-se á Thuringia, e impõe tributo á Saxonia; os Francos apparecem na Hispania e na Italia; ali porém são mal succedidos, Thierry tinha morrido, Theodeberto, seu filho, lhe succedera, e havia deixado o throno a seu filho Theodebaldo. Morrendo este, Clotario e Childeberto querem entrar na successão dessa parte do reino franco, e ateiam a guerra civil. Esses dous irmãos, tão iguaes em crimes e perversidades, são excedidos por Chramno, filho bastardo de Clotario, que se arma contra seu pae.

Clotario é vencedor, e a morte de Childeberto deixa-o enfim senhor unico da monarchia franca, que se extendia dos Alpes e das montanhas da Bohemia ao Oceano, do mar do Norte e do Rheno aos Pyreneus. Logo porém novas divisões embaraçam o desenvolvimento do poder, e a firmeza da dynastia merovingia. Clotario (561) deixa quatro fillos que entre si dividiram o imperio. Para tornar ainda mais atroz o reinado desses principes, vieram as monstruosas rivalidades de Brunegilda e de Fredegunda ensanguental-o.

Brunegilda, filha do rei dos Visigodos, casára com Sigeberto, o mais velho dos fillos de Clotario, que havia fi-

cado com as provincias orientaes, compoendo com ellas o reino de Austrasia. Chilperico, a quem coubera o reino da Neustria, ou das provincias occidentaes, casára com Galswintha, irmã de Brunegilda, e apaixonando-se por Fredegunda, criada della, mandára matar a esposa para se unir á criada. Entre as duas rainhas nasceu assim odio implacavel, que de todas as rivalidades, de poder, de formosura, de perversidade, se aggravou. Sigeberto attaca a Chilperico e o vence, mas é assassinado por emissarios de Fredegunda; o exercito vencedor se dispersa; Brunegilda é presa. No carcere em que jaz, inspira paixão a Meroveu, filho de Chilperico, e com elle casa. Fredegunda persegue o principe a ponto de obrigar-o a matar-se; e manda assassinar o arcebispo Pretextato que abençoára esse casamento. Brunegilda porém havia fugido, e reinava na Austrasia em nome de seu filho. Chilperico tambem é uma criança; Fredegunda reina em nome delle.

Dos filhos de Clotario só então ainda vivia Gontran, que, interpondo-se entre suas cunhadas, mantinha a paz nos reinos de seus dous sobrinhos; mas tendo este morrido, depois de haver adoptado o filho de Brunegilda, ficou este tão poderoso, que logo lhe veio vontade de ir vingar sobre seu primo rei da Neustria, filho de Fredegunda, a morte de seu pae Sigeberto. Foi porém vencido, e morreu pouco depois. Deixou dous filhinhos menores, para tutora delles sua avó Brunegilda. A guerra continúa, os Neustrios são vencedores em diversas batalhas; porém Fredegunda morre, e Brunegilda, livre dessa competidora, entrega-se a toda crueldade de seu genio, a ponto de provocar uma sublevação dos chefes da Austrasia que a obrigam a fugir para a Borgonha, que, herança de Gontran, havia passado para o poder de Thierry, filho de Childeberto. Os perfidos manejos dessa mulher infame armam a Borgonha contra a Austrasia, e os dous reis irmãos, seus dous netos, um contra o outro. Depois de uma serie de assas-

sinios e de combates sangrentos, Brunegilda é entregue a Clotario II, rei da Neustria, filho de Fredegunda, que a castiga horrivelmente, e fica senhor de todo o imperio franco.

Com a cooperação de seu filho Dagoberto, Clotario restabelece a força da monarchia, e vence os Saxonios; procura restaurar as artes; Santo Eloy foi ministro de Dagoberto, e ganhou a sua confiança pela lealdade com que se houve restituindo-lhe quantidade immensa de ouro que sobrara de um throno, que como ourives havia feito por encomenda do rei.

Em Dagoberto começou a serie de reis conhecidos na historia franceza com o nome de reis *faineants*, (*facientes nihil*) principes indolentes a cuja sombra foi crescendo o poder dos *maires du palais* (majores palatii; mordomos)

Depois de Dagoberto, o reino franco se divide outra vez em Austrasia e Neustria. Ega é *maire du palais* da Neustria, Pepino de Landen, da Austrasia. Essa divisão de monarchia franca nada tinha de arbitrario; nas provincias occidentaes dominava ainda a influencia da civilisação romana, emquanto as orientaes eram puramente germanicas; regeneravam-se pelo contacto com os povos barbaros, que ainda occupavam a região que fôra berço primitivo de sua raça, emquanto os da Neustria iam-se de dia em dia abastardando.

Na Austrasia o poder dos *maires* era hereditario; representavam elles as *leudas* e *anthustiões*, chefes da conquista, emquanto na Neustria, os *maires* eram ás vezes hostis aos leudas, perseguiram-os, e, quando não tinham decidida superioridade de genio militar, eram necessariamente vencidos.

Perdurando esses elementos de rivalidade, emquanto na Neustria foi Ebroim *maire du palais*, a preponderancia foi muito disputada; mas logo que o punhal de um assassino libertou os *maires* da Austrasia desse inimigo, o

triumpho lhes foi rapido, e a batalha de Textry, ganha por Pepino de Heristal, acabou com o poder da Neustria.

Pepino de Heristal não quiz o titulo de rei, deixou-o ainda a um Merovingio.

Por morte de Pepino conheceu-se a fraqueza desse governo ; a guerra civil uniu-se á guerra estrangeira ; a anarchia estava por toda parte ; principes afastados do poder, obrigados a recolherem-se a claustros, eram depois tirados delles, para darem seus nomes como pretexto ás ambições que os queriam para instrumentos. Emfim os Austrasianos entregam-se ao poder de Carlos, filho de Pepino.

Era necessario um grande guerreiro e um habil politico : Carlos, a quem a historia dá o nome de Martello, reuniu essas qualidades, e salvou a França. Repelle os Saxonios e os Frisios, subjuga a Neustria e a Aquitania. Mais subido triumpho vem dar prestigio extraordinario a seu nome, e maior realce á sua gloria.

Os exercitos arábes inflammados pelo fanatismo da religião mahometana, haviam-se apoderado da Hespanha, e transpondo os Pyreneus inundavam a França ; o terror ia adiante delles : chegaram ás vizinhanças de Tours. Ahi veio enconral-os Carlos-Martello (732). A batalha foi renhida. Abd-el-Rhaman, chefe dos Arabes, morreu : e os destroços do seu exercito fugiram até os Pyreneus. Com essa victoria Carlos ganhou uma grande parte do ducado de Aquitania, o valle do Rhodano e as suas importantes cidades ; distribuiu grandes porções de terras, ricos despojos aos leudas que o acompanhavam, e se entre os bens de que se apoderou, muitos pertenciam á Igreja, e não os respeitando chamou contra si a indignação do clero, em compensação abriu relações directas com a Sancta Sé, acolheu o pedido que lhe havia feito o papa Gregorio III de o vir defender contra os Longobardos, e preparou para seus successores essa util alliança.

Como senhor do imperio franco, Carlos o dividiu entre seus trez filhos. A divisão porém não subsistiu muito tempo. Pepino e Carlomano logo se uniram contra seu irmão Grippo, e prenderam-o; depois Carlomano renunciando ao mundo, retirou-se para o mosteiro do Monte Cassino, e deixou Pepino senhor de toda a monarchia. Embora tenha de consumir cinco annos em lutar com os inimigos internos que de toda parte lhe suscita seu irmão Grippo, que conseguira fugir da prisão, Pepino, de accordo com o papa Zacharias, assume enfim o titulo de rei, e manda para o claustro o derradeiro dos Merovingios (752).

Os Longobardos, esse povo germanico que Narsés chamára para vingar-se dos insultos da côrte de Constantinopla, primitivamente estabelecido na Germania septentrional, tinha descido até ao Danubio, ahi havia vencido os Gepidas, e Alboino, seu rei, obrigára Rosamunda, filha do rei vencido, a entrar no seu thalamo, e a beber á gloria do esposo tendo por taça o craneo de seu pae. Essa ferocidade do rei, que Rosamunda não perdoou, diz o que era esse povo. Ao chamado de Narsés invade elle a Italia septentrional, que pouca resistencia lhe oppoem, e reduz o imperio do Oriente a contentar-se com o exarchado de Ravenna (572).

A conquista é dividida em 30 ducados, que commecam a estabelecer a hierarchia militar e politica que ao depois veremos apparecer com o nome de feudalismo. Mas logo a anarchia enfraquece os conquistadores. Rosamunda vinga-se de seu marido mandando-o matar; Cleph, que lhe succede, é igualmente assassinado; por fim os duques, ameaçados pelos Francos, escolhem para rei Autharis o filho de Cleph, que expelle os Francos e os Gregos, e leva as armas dos Lombardos á Italia meridional, onde funda os ducados de Benevento e de Capua. Succede-lhe no throno Angilulfo que faz com que os Lombardos deixem o

arianismo, e abracem o catholicismo. Os successores desse principe querem proseguir na conquista da Italia, apoderam-se de Ravenna, ameaçam Roma. Porém o papa ali estava para defendel-a: Pepino e Carlos Magno vem salvar a cidade eterna do dominio lombardo.

CAPITULO VIII.

Arabia Mahomet.

O occidente parecia entrar em uma era de consolidação; se ainda a guerra persistia em toda parte, tomava o character de lutas intestinas, era como a fermentação de paixões ferozes que ainda se não haviam acalmado: nem uma nova invasão de povos barbaros ameaçava: na Hespanha os Visigodos, na Gallia os Francos, na Britania os Anglo-Saxonios, na Italia, no meio dos elementos tão heterogeneos das velhas populações e dos residuos das raças barbaras que a haviam occupado, os Longobardos, já apresentavam phase diversissima da que abriu a historia da idade media; e se ainda ficavam na Germania os Saxonios, além da Germania os Hungaros e mais povos slavos, na Scandinavia os Northmanos, conservando suas barbaras religiões, seus costumes ferozes, e preparando novas invasões, havia já elementos de resistencia e de defesa nos primitivos conquistadores, para assegurar que o resultado não poderia ser igual ao das irrupções germánicas.

Entretanto no Oriente realisavam-se acontecimentos de ordem maior, que tem de vir perturbar o trabalho da consolição e da civilisação christãa do mundo.

A península da Arabia sempre havia escapado ás conquistas estrangeiras; nem o imperio da Cyro, nem o de Alexandre e dos seus successores, nem mesmo o dos

Romanos tinha conseguido estender-se a essas regiões habitadas pelos descendentes de Ismael.

As condições geográficas da Arabia para isso muito concorriam. Divide-se ella em regiões distinctissimas ; ao sul as terras fecundas do Yemen, ricas de produções preciosissimas, embora ainda então occultassem nos seus mysterios essa planta que faz hoje a riqueza de nossa patria, o café. Nas proximidades da India, e tendo no lado occidental esse littoral africano onde se suppõe ter existido a antiga Ophir, podiam ellas enriquecer-se, civilisar-se pelas relações do commercio, ficando ao demais preservadas do contacto com as nações poderosas e conquistadoras por extensas regiões arenosas e quasi desertas, onde só podem viver os soffredores Arabes. Entretanto o serviço desses era indispensavel ao commercio para atravessar o deserto, e abrir communicações entre a Asia meridional e o Egypto, onde Alexandria esperava os seus tributos.

Essas condições felizes deixavam que o Arabe do deserto, o Beduino, conservasse todas as suas virtudes primitivas, todo o seu character nacional, e todavia colhesse do contacto com tantos viajantes algumas noções, alguns elementos civilisadores. Os Judeus especialmente atravessavam diversas vezes o deserto para irem ao Egypto ; delles muito aprendiam os Arabes ; as verdades religiosas de que eram depositarios, e que ao depois se completaram com o christianismo, tinham-lhes sido assim communicadas, adulteradas embora pela tradição, enfeitadas pela romanesca imaginação desses povos.

Os Arabes viviam em tribus, governadas patriarchalmente ; nomadas, residiam em barracas, que collocavam nas visinhanças de alguns poços ou de alguma fonte, onde houvesse pastagem para seus magros rebanhos de ovelhas, seus camellos, e seus cavallos. Sua industria unica consistia em acompanhar os mercadores, transportar as mercadorias atravez do deserto, protegendo-as contra

as depredações das outras tribus (*); de tudo privados, acostumavam-se a tudo dispensar; incerto e insufficiente alimento lhes bastava; suas riquezas eram seus camellos e seus cavallos; o camello esse animal soffredor e resignado, que a natureza creou para o deserto e para suas privações; o cavallo esse companheiro inseparavel do Arabe, esse seu amigo de todas as horas.

Para esse viver de constante soffrimento, o Arabe achava uma compensação no enthusiasmo o mais capaz de sacrificios, na imaginação a mais ardente e encantada; adquiria igualmente um vigor pouco commum, uma coragem invencivel, todas as aptidões para a guerra, no dia em que algum chefe apparecesse, concentrasse, unisse as tribus, e lhes dêsse algum poderoso estimulo.

No meio do deserto algumas cidades havia onde residiam, não as authoridades politicas da Arabia, mas as authoridades religiosas; pois a religião e a raça eram os unicos vinculos de união entre essas hordas independentes; dessas cidades as mais importantes eram Mecka e Medina, que serviam como que da ligação entre a terra dos Beduinos e o Yemen, ou Arabia feliz, com suas cidades opulentas.

A religião primitiva dos Arabes era um culto pagão, inçado todavia de algumas ideias e practicas judaicas. Na Mecka existia o templo, a *Caaba*, ou casa quadrada, onde se adorava a Divindade, e em que os poetas da terra, em uma terra em que todos os espiritos são poeticos, escreviam os seus versos, e os offereciam á admiração, que os decorava, espalhava, e perpetuava pela tradição.

(*) As tropas de camellos carregados, que atravessam o deserto debaixo da protecção de alguns Arabes Beduinos, tinham e têm o nome de caravanas.

Assim vivia a Arabia, quando da familia mais venerada, a dos Haschemitas, nasceu Mahomet. A infancia desse grande reformador foi laboriosa; pobre, teve elle de servir a uma opulenta viuva, chamada Cadisha, e de conduzir as suas caravanas. Logo porém casou-se com ella, e então pôde fecundar pela meditação, pelas inspirações de um espirito valente o que havia aprendido no contacto com os viajantes da Syria e da Judéa, que havia acompanhado durante tantos annos. Nesse periodo como que da gestação de um grande genio, os livros judaicos lhe vieram as mãos, e senão os escriptos, ao menos as crêncas, as practicas, os preceitos moraes dos christãos lhe foram conhecidos.

Então começaram a apparecer na *Caaba* versos e inscripções que causavam admiração ainda aos mais illustrados; prendiam-se porém a um systema religioso e politico que assustou os sacerdotes dos idolos; pois lhe comprehendiam o alcance, e viam nelle o fim do seu poder. Quando descobriram quem era o author desses versos, decretaram contra elle implacavel perseguição.

Para subtrahir-se aos seus golpes, Mahomet teve de esconder-se, de fugir: da sua fuga (a *hegira*) datou o seu triumpho: é ella o ponto de partida da era musulmana (622).

Exaltado pela perseguição, obrigado a asylar-se em cavernas, quasi que isolado, pois ainda não tinha discipulos, e sós Abubeker e Ali, seus parentes, tinham fé nelle, Mahomet resolveu o grande problema de seu destino, da gloria do seu povo, e da religião da Asia.

Medina acolhe o proscripto da Mecca; numerosos partidistas lhe adherem, a gloria militar une-se ao prestigio religioso: o homem que se proclama propheta de Deus, do Deus unico cuja existencia apregôa, consegue, sete annos depois de ter fugido da Mecca, entrar nella vencedor, no meio do enthusiasmo da população; dahi a trez annos

acham-se sujeitas á sua lei e á sua influencia todas as tribus, todas as cidades da peninsula.

Morrendo em 632 deixou formada uma grande nação, animada pelo ardente fanatismo de uma nova religião: menos de um seculo depois da sua morte devia essa religião, devia esse novo poder estender-se desde o Indo e o Oxó até os Pyreneus. O propheta havia dicto: — uma felicidade eterna está reservada ao martyr que succumbe na guerra sancta contra os infieis; o paraiso está á sombra das espadas, e a espada do crente deve de continuo ferir o infiel até que se converta ou se sujeite a tributo.—Os Arabes acceitaram com enthusiasmo essa licção.

Antes de acompanhal-os nas suas conquistas, vejamos um pouco o que era essa nova religião.

Mahomet proclamava a existencia e a unidade de Deus.—Admittia como patriarchas, como prophetas todos os de que fazem menção os livros sanctos: Abrahão, Moysés foram prophetas, Jesus-Christo o foi; sómente Mahomet era o propheta predilecto.

Allah (Deus) devia ser continuamente lembrado, adorado, mas não representado por imagem alguma; toda a imagem material para representar a Divindade era uma profanação.

Com a crença em um só Deus, nos anjos, nos prophetas, a religião mahometana impunha a crença no juizo final e na predestinação ou fatalismo.

A subjeição á vontade de Deus, a crença de que o que tem de acontecer ha de necessariamente acontecer, qualquer que seja a obra do homem, dêram a essa religião o nome de *islamismo* (*islam*-subjeição), e junctas ao enthusiasmo provocado pelas remunerações da outra vida explicam esse fanatismo ardente que em pouco tempo avassallou o oriente, e ameaçou a Europa, como tambem explicam esse torpor moral, essa decadencia assombrosa em que tem, nos nossos dias, cahido as potencias mahometanas.

Embora com o fatalismo destruisse a moralidade das acções humanas, o islamismo consagra penas eternas para o mau, o cobarde, o infiel; e promete um paraíso de delicias para remunerar com eternos gozos a coragem, a fidelidade á lei religiosa, a virtude.

Esse paraíso Mahomet não o pôde conceber na sua ideia espiritualista; fel-o todo sensual, para falar ás paixões ardentes dos povos a quem se dirigia.

Cinco deveres são impostos ao fiel: a ablução, a oração repelida cinco vezes ao dia, o jejum, a esmola, e uma peregrinação á cidade sancta, á Mecca. Nesses preceitos, bem como na maxima parte de sua doutrina moral, Mahomet não foi senão um mau copista dos livros hebraicos; assim na proscricção do vinho e das bebidas fermentadas, que tirou da practica dos Nazarenos, assim na proscricção de certas carnes, dadas como imundas, assim finalmente no seu Ramadan, ou jejum de quarenta dias, arremedo da nossa quaresma.

No mais Mahomet conservou as velhas practicas de seu povo; a polygamia com toda a desordem que ella introduz na familia, com todo o captivo da mulher, foi por elle consagrada.

O livro em que sua doutrina era contida chamou-se o corão (alcorão) palavra que tem a mesma etymologia, o mesmo significado que a de Biblia; querem dizer — o livro — Mahomet declarava que os diversos capitulos desse livro (em geral desconnexos, e sem ordem alguma) eram-lhe trazidos do céu por um Anjo: que pois nada tinham de humanos.

Com o character, com as aptidões guerreiras dos Arabes, bastavam todas essas excitações. Que importava que houvesse logo entre os herdeiros e successores de Mahomet divisões e principios de heresia ?

O impulso estava dado. O Arabe ia dominar o Oriente, e amedrontar o Occidente.

Os successores de Mahomet tomaram o nome de Kalifas, que tanto vale como vigario, ou logar-tenente.

O primeiro kalifa foi Abubeker, sogro do propheta ; Ali, seu genro e seu mais devotado discipulo, resen- tiu-se da preterição, que não foi reparada por morte de Abubeker ; pois foi então kalifa Omar, e este teve por successor Othman. Morrendo porém este assassinado pelos partidistas de Ali, foi este igualmente assassinado pelos partidistas de Mohawiah, filho de Othman.

O kalifado tornou-se então hereditario na dynastia dos *Ommiadas* ; mas já a divisão politica e religiosa estava em pleno desenvolvimento. A Mecca cessou de ser a capital, os *Ommiadas* preferiram-lhe Damasco.

Entretanto essas dissensões não demoram os trium- phos do islamismo. Poucos annos depois da morte do propheta, já a Assyria e a Persia estavam conquista- das. Caled, guerreiro destemido, que mereceu o nome de *Espada de Deus*, levou o dominio arabe a todas as regiões do oriente, em quanto Amrou fazia tremular o estandarte do *islam* no littoral asiatico do Ponto- Euxino, e afrontava as muralhas de Constantinopla; Então subjugada a Asia, esse guerreiro penetra no Egypto, apodera-se de Alexandria (*). Akbar, sahindo de Damasco com dez mil Arabes, subjuga todas as cidades africa- nas, atravessa o deserto, pára nas margens do Atlan- tico, e levando pela agua dentro o seu cavallo: — Eu

(*) Sobre Amrou e Omar pesa uma grande calumnia historica. Dizem que por ordem do kalifa o general mandou incendiar a famosa livraria dos Ptolemeus, dizendo : — Ou esses livros contém o que está no coração, e então são inúteis ; ou contém o contrario do que diz o coração, e então são perniciosos ; em ambos os casos queimem-se! — E dizem para dar ideia do nu- mero extraordinario dos livros de que se compunha essa bi- bliotheca que com elles pôde-se por grande numero de dias alimentar o fogo necessario aos banhos publicos. A critica tem refutado essa calumnia, e explicado melhor a dispersão dos thesouros dessa livraria.

vos atesto, ó Deus de Mahomet, exclama, que os crentes não param senão onde lhes falta a terra !

Nem ahi deviam parar.

Ao demais, cumpre não dar muita importancia a essas conquistas ; todas essas provincias estavam devastadas pelas assiduas guerras do imperio do Oriente e da Persia, enfraquecidas por esse governo bastardo dos imperadores de Constantinopla : não podiam pois oppôr resistencia efficaz ao fanatismo arabe.

O norte da Africa estava no mesmo caso : depois do abastardamento dos Vandalos, da reconquista dessas regiões por Belisario, a Africa septentrional ficou tão arruinada que quem quer que nella apparecesse, a dominaria. Poderia vir alguma resistencia da parte dos representantes dos povos primitivos dessas regiões, dos Numidas, dos Mauritanos ; mas esses, da mesma raça que os Arabes, dos mesmos costumes, deviam mais consideral-os como irmãos e alliados que os vinham regenerar, do que como conquistadores que os vinham opprimir.

O grande merecimento da conquista arabe está na sua rapidez, e na sua extensão ; inimigos reaes, valentes, dignos de lutar com a sua coragem, só os iam achar na Europa.

CAPITULO IX.

Hespanha : conquista dos Arabes.

Deixamos os Visigodos debaixo do governo de Wallia tomarem conta da Hispania, que os Vandalos haviam abandonado, e extenderem o seu poder pela Gallia nas provincias de Aquitania e da Septimania. Entretanto nem em toda a Hispania dominavam elles ; os *Suevos* igualmente nella se haviam estabelecido. . Essa extensão do seu

poder além dos Pyreneus, em vez de ser-lhes útil foi-lhes fatal; pois os envolveu em questões e guerras com os Francos, a cujo imperio queria Clovis dar unidade, subjugando toda a Gallia antiga. Igualmente a presença dos Suevos mantinha lutas constantes, no meio das quaes pôde o imperador Justiniano, quando, bafejado pela fortuna, procurava restaurar o antigo imperio romano, apoderar-se de uma provincia, onde por muito tempo se conservou o poder dos Gregos. A essas causas já bastante poderosas para embaraçarem a consolidação do reino visigodo, duas ainda accresceram. Os Hispano-romanos eram orthodoxos, os principes visigodos eram arianos: dali perseguições e odios religiosos fatalissimos. A dynastia de Alarico, depois de ter tido alguns princepes notaveis, extingue-se; o poder torna-se então electivo, e crea eternas rivalidades entre as familias cujos membros são a elle successivamente chamados.

Todavia nos dous seculos em que os Visigodos dominam na Hespanha, muitos passos se dão nas vias da restauração da ordem e do progresso civilizador: é isso especialmente devido á acção do alto clero e aos concilios de Toledo.

Sigamos pela ordem chronologica os acontecimentos.

A dynastia de Alarico, familia dos Amalos, deu alguns principes dignos de menção. Aponta-se primeiro Theodorico II, que, embora subisse ao throno por meio de um fratrecidio, embora seguisse com devoção a heresia de Ario, mostrou-se humano, tolerante para com os orthodoxos, a ponto de merecer os mais emphaticos elogios do poeta Sidonio Apollinario, a quem reintegrara no seu bispado. Não menos habil guerreiro, atacou os Suevos em sua capital, a cidade de Braga, venceu-os, e clemente para com os povos, só mostrou severidade contra Rechiar, seu chefe. Fratrecida, succumbiu igualmente ao fratrecidio (466). Eurico seu irmão lhe succede, e é o mais poderoso dos principes

visigodos, pois aproveita a ruina do imperio do Occidente para herdar-lhe as provincias da Gallia até o Loire e o Rhodano, e firmar o seu poder em toda a península, com excepção unica da Galliza. O espirito porém de perseguição contra os orthodoxos baldava o que com as suas victorias podia ter conseguido.

Seu filho Alarico II pôz termo ás perseguições, e procurou restaurar o imperio das leis. Uma commissão de jurisconsultos foi por elle encarregada de escolher entre as leis romanas as que podiam adaptar-se aos costumes visigodos, e de formar com ellas um codigo. A obra dessa commissão foi consagrada pelos votos de uma assembléa dos principaes senhores de terras (*proceres*) e dos membros do clero.

Extincta a dynastia real dos Amalos, os nobres assumiram o direito de elegerem o rei. Dos reis assim nomeados, um dos mais importantes, Leovigildo, restabeceu a disciplina no exercito, excluiu os Gregos das principaes posições que occupavam, obrigou-os a encerrar-se no Algarve, e conseguiu domar os Cantabrios e os outros montanhezes.

Infelizmente o arianismo o arrastou a perseguições religiosas, e sendo seu filho Hermenegildo orthodoxo devotado, tomou essa perseguição as proporções de guerra civil. Hermenegildo soube defender a sua fé, morrer martyr della; a Igreja o considera como um de seus sanctos.

As questões religiosas dividem a população da Hespanha por espaço de longos annos, até que o rei Cariatrico, determinado por um milagre feito em favor de seu filho pelo sepulchro do bispo São Martinho, abraça a orthodoxia. A maior vantagem dessa conversão é a fusão completa dos Suevos com os Visigodos; pois é perante um concilio reunido em Braga, capital dos Suevos, que o successor de Cariatrico, abjura seus erros, e faz profissão publica de orthodoxia.

Emfim Rekaredo I (566) convoca em Tolosa um concilio a que assistem setenta bispos, e por elle é decretada a unidade orthodoxa dos Visigodos; queimam-se os livros arianos, mandam-se delegados ao papa Gregorio Magno prestar-lhe homenagem, e reclamar os seus conselhos, e delle se recebem algumas sanctas reliquias.

No reinado de Sisebuto (612), principe illustre como guerreiro e como litterato, apenas ha de notavel a perseguição feita aos Judeus.

Os Judeus que, segundo uma tradição, tinham vindo estabelecer-se na Hespanha no tempo do captivo de Babylonia, porém que mais provavelmente para lá tinham sido desterrados pelo imperador Adriano, depois da insurreição de Barchocebas, tanto se haviam multiplicado, tão separados se conservavam do resto da população, que inspiraram suspeitas ao rei. E pois decretou elle que fossem baptizados ou morressem. De balde o clero representou contra essa violencia; a politica venceu a religião. Muitos Judeus expatriaram-se, noventa mil foram baptizados, e confundiram-se com a população.

Não é porém em todas essas lutas e guerras que podemos ver o character da civilização visigoda; vejamol-o onde elle está na sua importantissima constituição.

Na dissolução de todos os elementos legitimos do poder, no dominio sanguinolento da guerra, a Igreja deu as primeiras bases da unidade á peninsula. Já em 411 dez bispos se haviam reunido na igreja de Sancta Maria de Braga, e Pancraciano, um delles, havia-se exprimido nestes termos:—Vêdes, irmãos, como os Barbaros devastam toda a Hespanha; arrasam os templos, degolam os servos de Jesus Christo, profanam a memoria dos sanctos, os ossos dos mortos, as sepulturas em que jazem; quebrantam as forças do imperio, e de tudo fazem o que da palha faz o vento. Quando esse flagello está sobre nossas cabeças, quiz reunir-vos, irmãos, para que todos e cada um de nós procurassemos, remedio á calamidade

commun da Igreja, ministrassemos consolações ás almas, para que o excesso dos malos as não arraste ás vias do peccado, ás fileiras dos apostatas. Offereçamos aos nossos rebanhos o exemplo de nossa constancia em soffrer pelo Christo uma parte dos males que por nós soffreu elle. —

Essa allocução energica foi acompanhada da recitação do symbolo da fé, e reergueu os animos em frente do martyrio emimente.

Assim esperando os inimigos como irmãos, conseguiram os bispos chamal-os á civilisação. O catholicismo tornou-se a fórma e o meio da liberdade. O clero respeitavel, porque a si proprio se respeitava, alcançou grande influencia e directa intervenção nos negocios do Estado. Os arcebispos de Toledo, de Sevilha, de Merida, de Bragança, de Tarragona, reunidos em concilio com todos os bispos e abbades, não só se occupavam dos negocios do dogma e da disciplina, mas até, admittindo em seu seio os officiaes mórés do palacio, os duques e condes das provincias, os juizes, e os proprietarios nobres, decidiam tudo quanto importava ao governo do Estado.

— Estabelecei, dizia um dos reis ao terceiro desses concilios, o que se deve fazer ou evitar, e com isso me conformarei. —

Assim pois já tinha a Hespanha o governo representativo com a monarchia electiva ! Infelizmente o povo não intervinha nesses concilios ; apenas era representado ou defendido pelo clero : os reis electivos só sahiam da classe aristocratica ; comprehende-se que não havia justa ponderação de influencias para manter unidos os elementos nacionaes.

O reino era dividido em ducados e condados : os ducados porém, em vez de constituirem, como na Europa germanica, feudos e beneficios hereditarios, eram sempre revogaveis a arbitrio dos reis ; os condados não eram

senão titulos annexos ás grandes dignidades do Estado. Eram os ducados tantos quantas as provincias; Carthagena, Betica, Lusitania, Galliza, Tarragoneza.

O progresso da Hespanha ainda melhor se percebe nos trabalhos de sua legislação civil: se desde principio haviam os principes visigodos mandado colligir a legislação romana, que se pudesse harmonisar com os costumes visigodos, outros principes tinham mandado coordenar as leis visigodas e romanas, e traduzil-as no dialecto vulgar; assim formou-se um codigo em 12 livros, que foi sancionado pela assembléa dos *proceres*.

Entretanto o governo electivo dava seus fructos; cada eleição trazia verdadeira revolta (*).

Emfim Vamba é eleito rei, e põe-se em luta com o clero; um pretendente, que se dá por] filho de sancto Hermenegildo, consegue organisar um partido poderoso, e tramar uma conspiração. Propinam a Vamba um narcotico, e quando está elle adormecido, despem-lhe as insignias da realeza, cortam-lhe os cabellos, vestem-o de monge, e o mandam para um convento. O concilio de Toledo confirma o poder usurpado pelo conspirador feliz, e decide que o principe que, ainda involuntariamente, houvesse tomado as vestes monasticas, não pudesse mais reinar.

Entretanto Vamba deixava um partido e parentes. Para os não incitar, o novo rei adopta uma politica de moderação e transacção dando sua filha em casamento a Egiza, sobrinho de Vamba, e designando-o para seu successor, debaixo da promessa, por elle jurada, de não vingar a injuria feita a seu tio.

(*) « Os Godos têm esse *deleitavel* costume (*delectabilem consuetudinem*) diz Gregorio de Tours, se algum rei lhes não eonvém, matam-o, e outro elegem á sua vontade.» Diz-nos isso o estado de anarchia em que a eleição arrojava o payz; a menos que haja no texto um erro, e em vez de *delectabilem* devamos ler *detestabilem*, o que nos parece mais razoavel.

Emfim são chamados ao throno Vitiza, principe violento e cruel, que provoca a guerra civil, e Rodrigo que vê contiuar-se essa guerra; o throno é disputado por diversos pretendentes, de um lado os descendentes de Leovigildo e de Rekaredo, de outro os de Vamba e de Ervigés, unidos aos filhos de Vitiza.

Além disso, alguns arcebispos, preponderantes no concilio de Toledo, esquecem-se dos seus deveres, entram em rivalidade, e até procuram subtrahir-se á unidade catholica e á subjeição de Roma.

Nesse estado de cousas, Julião, governador de Andalusia, parente de Vitiza, de mãos dadas com Requil, governador da Mauritania Tingitana, onde os Visigodos de Hespanha possuíam Ceuta, não duvidam abrir as portas da patria aos Arabes.

A esse tempo Musa firmava o islamismo na Africa septentrional; os perfidos Visigodos (*) invocam o seu auxilio, abandonam-lhe o presidio de Ceuta, e determinam-o a mandar que Tarik, seu logar-tenente, atravessasse o estreito, e pise conquistador na terra da Europa (711). Tarik desembarca no logar onde hoje é Gibraltar (*Gibel-al Tarik*, montanha de Tarik). Uma batalha reñhidissima e que dura trez dias, juncto as planicies de Xeres, derrota as forças dos Visigodos. Os Arabes

(*) Os historiadores, que têm uma grande paixão pela poesia e pelo romance, não aeharam que a ambição politica fosse sufficiente para carregar com a responsabilidade da perfidia do conde Julião. Inventaram pois que o rei Roderico ou Rodrigo tinha offendido a pudicicia de uma filha do conde, e que este, para vingar sua honra, tinha invocado as armas terriveis dos conquistadores.

Assim a affronta feita á pudicicia de Lucrecia deu a Roma a republica, os desejos brutaes de Appio Claudio contra a misera Virginia acabaram com a tyrannia dos decemviros, e restauraram a liberdade romana; o insulto feito á pudicicia da filha do conde Julião fez deste um trahidor, e escravizou a Hespanha!

alagam a Hespanha inteira, e vão atacar transpondo os Pyreneus, a Septimania e Aquitania.

A monarchia hespanhola porém não acaba. Pelaio e outros valentes guerreiros se refugiam nas montanhas das Asturias, e lá preparam essa luta admiravel de oito seculos, que ha de acabar pela expulsão dos conquistadores.

CAPITULO X.

Conquistas dos Arabes. Divisão do Kalifado.

Vencedores da Hespanha, os Arabes transpõem os Pyreneus; assenhoream-se da provincia visigoda da Septimania, dominam em todas as suas cidades, já levam os seus alfanges vencedores ao coração da Gallia. Ahi porém, nas visinhanças de Poitiers e de Tours, acham á frente dos guerreiros francos esse filho natural de Pepino de Heristal, que contra elles ganhou o appellido de *Martello*, unido gloriosamente a seu nome.

Vencidos nessa formidavel batalha, os Arabes retrocedem até além dos Pyreneus; não abandonam porém de todo a Septimania, e se as armas de Carlos Martello nella continuamente os perseguem, e conseguem della excluil-os, só esperam que a monarchia franca se debilite para continuarem suas excursões nessa parte importante da Gallia.

Firmados na Hespanha, recebendo continúos reforços da Mauritania, extendem seus dominios ou suas excursões pelo littoral europeu do Mediterraneo; a Sicilia, a Italia do sul cahem em seu poder: em breve nessas regiões os acompanharemos.

Entretanto o imperio arabico que tanto se havia extendido ia-se já desmoronando.

Entregue a desintelligencias intestinas, o kalifado passa da dynastia dos Ommiadas para a dos Abassiadas (750). Esta toma por capital Bagdad, e dá ao islamismo um dos principes mais gloriosos de que fala a historia : Arum-al-Raschid (Arum o justo), habil guerreiro, fez tremer os restos do imperio do Oriente; protector das letras, das sciencias e das artes, desenvolveu a phase mais brilhante da civilisação arabica; grande politico, procurou relacionar-se com Carlos Magno, e mandou-lhe, entre outros presentes, um relógio que pela sua novidade maravilhava os Barbaros.

Mas o entusiasmo fanatico dos Arabes havia de necessariamente declinar, levando em sua decadencia o poder que delle nascera; os kalifas cercaram-se de uma guarda estrangeira, especialmente composta de Turcos, e os chefes dessa guarda, com o titulo de Emirs-al-omza (commandantes dos crentes), foram logo os verdadeiros soberanos.

O kalifado dividiu-se: logo em 766, a Hespanha se separara do kalifado de Bagdad, e formara o kalifado de Cordova; Abdheraman fôra seu primeiro kalifa.

A Mauritania sacode igualmente o jugo. Acompanham-a mais ou menos lentamente todas as provincias da Africa; por fim os descendentes de Fatima, filha de Mahomet, reúnem-as debaixo de um novo kalifado, e fundam Cairo (El-Cahira a cidade álegre) para sua capital (969).

Entretanto as provincias asiaticas são continuamente devastadas por barbaras incursões; destas a mais importante é a dos Turcos Seldjuçidas que se apoderam da Asia-menor, da Syria, da Armenia, e só deixam ao kalifado de Bagdad a authoridade religiosa.

Emquanto porém assim se vae dividindo, enfraquecendo esse poder que brilhou como um meteoro, até chegar o dia em que de todo volte o Arabe ao que era antes de Mahomet, e sejam outros povos asiaticos os adeptos, os sustentadores do islamismo, cumpre-nos reconhecer que

o contacto da civilisação arabe exerceu grande influencia sobre a Europa. Nas artes uma architectura elegante e caprichosa ergueu mesquitas e palacios, que serviram de modelo. Nas lettras excitaram a imaginação poetica, puzeram em moda os contos e as canções, de onde nasceu a poesia dos trovadores. Nas sciencias basta attender á palavra — algebra,— e aos caracteres com que se escrevem os numeros, para ver quanto lhes devem as mathematicas; traduziram as obras de Aristoteles, e especialmente cultivaram a medicina, embora a involvessem com muitas superstições de magias. No polimento dos costumes emfim, o cavalheirismo, essa dedicação do valor á defesa da fraqueza, com as suas practicas, e os seus preconceitos tão proprios para ennobrecer o character do homem, e que tanto concorreu para a civilisação moderna, se foi filha directa do Christianismo, tambem muito deveu a esse povo.

Posteriormente os acharemos nas suas lutas com os Hespanhoes, e teremos occasião de ver o que na agricultura, nas artes practicas da vida lhes deveu a peninsula, o que delles aprendeu a Europa. Por ora baste-nos dizer que deram-lhe o conhecimento do assucar, ensinaram-lhe a distillar a aguardente, a compôr licores e xaropes de tanto uso na pharmacia; (*) descobriram o poder medicinal do mercurio, do rhuibarbo, do maná, do alcanfor, o emprego das especiarias, da noz-moscada, do cravo, etc.

Porém de todos os seus inventos ou de todas essas importações a mais digna de gratidão da posteridade foi de certo o do papel em que hoje se escreve, e que foi por elles substituido ao pergaminho... Compare-se o preço e a raridade deste, com a abundancia daquelle, e ter-se-á

(*) Os que sabem que a chimica nasceu dos sonhos dos alchimistas que, entre forjas e retortas, pela composição e decomposição dos corpos, andaram em busca da pedra philosophal, e do elixir de longa vida, comprehendem, só pela palavra precedida do *al* característico, que muito deveu aos Arabes essa bella sciencia.

ideia do serviço que só nessa substituição prestaram á civilisação.

CAPITULO XI.

Pepino-Breve: Carlos-Magno.

Os últimos tempos da dynastia merovingia viram no throno phantasmas de reis, sem acção nem vontade; a luta dos mordomos da Neustria e da Austrasia, o augmento de importancia da familia de Heristal; viram Carlos Martello salvar da conquista arabe a civilisação christãa que ia nascendo, preparar-se a liga do Pontifice Romano com essa familia, e assim surgirem elementos que tendem a transformar a face da Europa.

Ameaçados, continuamente inquietados pelos Lombardos, os papas, protectores natos de Roma, debalde se haviam dirigido aos imperadores do Oriente, senhores mais ou menos nominaes do exarchado. Perdidas as esperanças por esse lado, os papas com profunda sagacidade viram qual a potencia de origem barbara que lhes poderia dar appoio, e comprehenderam que essa familia que se ia substituir á de Clovis no governo dos guerreiros francos, era o unico auxiliar possivel, já a seu poder em Roma e na Italia, já ao desenvolvimento da prégação catholica entre os povos barbaros que deviam ser chamados á fé e á civilisação.

Gregorio III implorou pois o appoio de Carlos Martello; este não menor necessidade tinha do papa, do que poderia o papa ter delle; porquanto nas urgencias da sua guerra contra os Arabes, não tinha respeitado os bens da Igreja, delles se havia apoderado, distribuindo-os com os seus leudas, e assim havia indisposto contra si e contra sua familia a classe ecclesiastica que tanta influencia tinha nos povos da Gallia, e tão fatal podia ser á sua ambição; cumpria-lhe pois neutralisar essa mal-querença: a liga com o papa era para isso o melhor meio. Carlos annuiu pres-

suroso ao pedido do papa ; a morte porém o surpreendeu antes que pudesse cumprir o empenho contrahido.

Carlos deixara trez filhos, um delles Carlomano, depois de haver ajudado seu segundo irmão, Pepino, a excluir da herança paterna seu outro irmão Griffó, renunciou ao mundo, e foi encerrar-se em um mosteiro. Ficando só Pepino, a quem a historia dá o appellido de *Breve*, por ter sido de baixa estatura, entrou em relações com o papa Zacharias, e de accordo com elle se fez acclamar rei dos Francos, e ungir pelo arcebispo S. Bonifacio (752).

Assim foi consummada a substituição da familia de Heristal á familia de Clovis.

Entretanto no pontificado Estevam II tinha succedido a Zacharias. Procurara este desarmar Astolpho então rei dos Lombardos, e não o conseguindo veiu á Gallia entender-se com Pepino. Em consequencia dessa visita, o Franco dirige embaixadores ao Lombardo, e como por esse meio nada obtivesse, entra na Lombardia, e com uma importante victoria arranca a Astolpho a obrigação de restituir o que havia usurpado na Italia central, e de respeitar o papa e Roma.

Retirado o Franco, a perfidia lombarda, em vez de cumprir o ajuste, accõmette Roma : Pepino acõde outra vez, e então faz doação aos successores de S. Pedro das terras que acabava de defender : o exarchado e o ducado de Roma.

Más Desiderio, que succede a Astolpho, não se resigna a perder essas provincias ; é necessaria uma nova intervenção de Pepino (760), e essa ainda não põe termo á luta.

No entanto no interior, embora a usurpação carlovingia não excite difficuldades, continuam as guerras intestinas. A Aquitania, onde se havia refugiado Griffó, e onde o duque Waifre mostra talento militar e heroica tenacidade, o obriga a longos esforços, que só acabam quando o ferro do assassinio põe termo á luta pela morte desse duque.

Pepino pouco lhe sobrevive (768). Deixa o throno a seus dous filhos, Carlos e Carlomano.

Carlomano pouco tempo é rei: a principio de accordo com seu irmão, ia ajudal-o na guerra contra a Aquitania, que de novo se havia insurgido; logo desgosta-se, abandona-o; morre porém sem dar occasião a novas guerras fratrecidas. Fica senhor unico da monarchia já então unida, pois a Aquitania havia sido facilmente reduzida, Carlos a quem a posteridade tem conservado o nome de grande, e a quem a Igreja conta no numero dos seus sanctos.

Carlos-Magno é com effeito um dos vultos de politico, de guerreiro, de administrador, que mais ennobrecem a humanidade. Custa a comprehender toda a actividade que pôde desenvolver fazendo cincoenta e trez expedições, organisando um Estado cuja vastidão justificava a sua pretensão de restaurar o imperio do Occidente, procurando civilisar pelas letras, pelas sciencias os povos já christãos, e pela fé os povos ainda barbaros, reunindo *campos de maio* ou parlamentos, cujas luzes o esclarecessem, cuja adhesão o sustentasse nas vastas empresas a que se consagrou, nas grandes reformas que procurou introduzir, emfim fundando universidades, abrindo e protegendo escolas, para as quaes escreveu elle proprio, ao que dizem, uma grammatica teutonica, e a cujos exercicios não se dedignava de assistir. Se como teve grandes predecessores, tivesse tido Carlos successores dignos de sua familia, a civilisação do mundo teria sido apressada de muitos seculos; mas a obra de Carlos-Magno não tinha elementos de duracão, era prematura; elle proprio o sentiu quando em Bayonna, nos ultimos tempos do seu reinado, ao ver alguns piratas normandos atacarem affeitos os navios francos na proximidade do littoral, arrasaram-se-lhe de lagrimas os olhos, tendo uma como intuição do futuro.

O facto caracteristico de todo esse reinado é a liga de Carlos com o papa: podemos dizer que o rei franco era a

espada da Igreja, que não sahia da bainha senão para protegê-la, e auxiliar a sua acção.

A primeira de suas guerras exteriores foi contra a Lombardia. Embora se houvesse casado com Desiderata, filha do rei lombardo, via a côrte de Desiderio ser o ponto de reunião de todos os seus inimigos, via constantemente ameaçado pela ambição lombarda o patrimonio de S. Pedro. Carlos vae pois atacar seu sogro, vence-o, toma Pavia para onde se havia elle refugiado, obriga o vencido a entrar para um convento, e conquistado é coroado em Milão rei dos Lombardos.

A guerra porém mais gloriosa e encarniçada que teve de sustentar foi a dos Saxonios; não menos de 18 expedições lhe foram necessarias para vencer a tenaz resistencia desses povos, que, aferrados á religião da patria, ao barbaro culto de Irminsul, não cediam ás prêgações dos mais dedicados apóstolos, incendiavam as igrejas, martyrisavam os seus ministros, enquanto, animados por Witikind, nunca se davam por derrotados, e toda vez que Carlos, suppondo-os reduzidos pela victoria, se ausentava, aproveitavam a sua ausencia para se insurgirem.

Por fim a Saxonia cobre-se de bispados: Carlos decreta uma matança horrivel de Saxonios que se haviam fementidamente rendido; Witikind, reconhecendo a impossibilidade de continuar a luta, apresenta-se a Carlos em Paderborn, uma de suas capitaes, converte-se á fé christãa, recebe o titulo e poder de duque de Saxonia, e vae acabar os seus dias na penitencia em um claustro (*).

(*) Uma das medidas mais importantes de Carlos-Magno para trazer a pacificação da Saxonia foi a transplantação de grande numero de familias saxonias para outras provincias, e o estabelecimento de familias de povos mais submissos na terra por elles deixada. Rompendo assim as tradições que inspiravam o entusiasmo, fracturando por assim dizer a *patria*, acabam com esses nobres sustentadores da sua independencia. Essa lieção de Carlos não tem sido desaprendida, e é de certo a mais proficua aos conquistadores.

Entre as diversas expedições que trouceram esse resultado, muito tempo decorreu, e neste tempo outras guerras, outros grandes acontecimentos tiveram de occupar a actividade de Carlos.

Com effeito reduziu elle á sua obediencia os Thuringios, os Bavaros, todos os povos da Allemanha, venceu os conspiradores e rebeldes, intimidou e repelliu as hordas slavas que ficavam ao oriente da Saxonia, atacou os Avaros, esses representantes dos Hunnos que já compunham um imperio poderoso e rico, e os fez recuar para além do Danubio.

De suas expedições a que forneceu melhor thema ás poeticas inspirações dos trovadores, foi a da Hespanha contra os Arabes. Na discordia entre os *émires* dessa região, um dos mais poderosos pediu o seu auxilio; concedendo-lh'o, Carlos leva suas armas á peninsula occidental, e della conquista toda a parte que fica entre o Ebro e os Pyreneus, e retira-se deixando organizado militarmente esse payz que se pudesse defender contra os inimigos dominadores da Hespanha.

Na volta porém para seus Estados, a retaguarda do seu exercito, commandada pelo famigerado Rolando, é accommettida; o valente cavalleiro morre, e sua morte, enfeitada por exagerações romanescas, conserva eterna a memoria de Roncesvalles.

Senhor de tão vastos Estados, cuja administração complicada o obrigava a residir em diversas cidades, Carlos não tinha capital certa; mas a cidade de sua predilecção era Aquisgrão, onde foi o seu tumulo, e onde se conservam as reliquias desse grande homem.

Faltava para consagração de seu poder o titulo de imperador; deu-lh'o o papa Leão III. Uma insurreição, promovida pela familia de Adriano, havia repellido esse papa: Carlos indignado desce á Italia com uma força escolhida, entra em Roma, condemna os perturbadores, restaura Leão III que agradecido, quando, na missa do Natal, (800)

o guerreiro está humilhado na oração, põe-lhena cabeça a corôa imperial, e o aclama—Carlos Augusto, Imperador dos Romanos, coroado por Deus!—

Era então imperatriz do Oriente Irene, e houve tenção de unir por meio do casamento dos príncipes os dous imperios; mas essas grandes vistas da diplomacia pontificia não puderam realizar-se; Irene fôra desthronisada.

Em quanto assim procurava a diplomacia consolidar a obra da restauração do imperio romano, a alliança de Carlos era igualmente sollicitada pelo kalifa de Bagdad, Arum al-Raschid, inimigo natural dos Arabes do kalifado de Cordova. Mais os acontecimentos deviam seguir outra carreira.

A morte do grande imperador em 814, depois de um reinado de quarenta e sete annos, veiu frustrar todos esses planos.

Considerar Carlos Magno só como guerreiro, não falar se não nas suas expedições é injustiça ao grande homem, e até insulto á humanidade. Carlos foi mais do que isso.

Comprehende-se a confusão que devia reinar em tão vastos Estados, compostos de tantos diversissimos elementos, em epocha em que a ignorancia era tão commum, e o poder do rei tão forte quando estava presente, quão fraco e desrespeitado na sua ausencia pelas pretensões dos chefes militares.

Para lutar com efficacia, Carlos fundou uma gerarchia administrativa regular: abaixo do imperador dous reis; foram esses reis seus filhos, Pepino e Luiz; abaixo destes um numero consideravel de duques. Nas provincias, para administrar justiça, e executar as ordens imperiaes, os condes; emfim nas fronteiras ou *marcas*, para repellir os Barbaros, e defender o territorio, os marqueses. Para representar o imperador nas occasiões em que quizesse verificar a execução das leis e regulamentos que decretava, Carlos creara os *missi dominici*, authoridades excep-

cionaes, que da confiança imperial recebiam o mandato, e ao imperador sómente deviam conta do que faziam.

Sahiam esses funcionarios da classe ecclesiastica, cuja instrucção, cuja fidelidade eram titulos geralmente respeitadas.

Embora seu poder fosse absoluto, Carlos reunia frequentes vezes os ecclesiasticos e os principaes dos seus leudas em parlamentos ou campos de maio, sujeitava ás suas deliberações os mais importantes negocios, não só da guerra, como da administração. Do que se decidia mandava escrever capitulares, de cuja execução se encarregava.

Nessas capitulares vê-se o cuidado que tinha o principe dos pormenores, ainda os mais miudos, da administração, o seu zelo para regular a despeza e o rendimento dos seus bens, e para cohibir as sumptuosidades dos funcionarios superiores, que tanto pesavam sobre o publico.

Um dos maiores cuidados do principe é restaurar os estudos; os homens mais distinctos são por elle convidados, reunidos em redor do seu throno; Alcuino de York, Leidrade da Norica, Theodulpho de Italia, Angilberto, Eginhardo e outros da Gallia. Com elles forma-se uma academia; cada um dos membros della toma um pseudonymo glorioso e emphatico; um é Homero, outro Horacio; Carlos intitula-se David.

A grammatica, a litteratura latina, grega, hebraica, a philosophia, a rhetorica, especialmente a theologia são os estudos que dessa reunião recebem mais poderoso impulso. Cumpre não esquecer a musica que então se associava ás practicas do culto, e em cujos exercicios o imperador se comprazia em involver-se. Escolas importantes foram então fundadas; a uma dellas, a de S. Gallo, e a Eginhardo, secretario de Carlos, deve-se o haver sido conservada a historia verdadeira desse grande reinado. Dizemos verdadeira, porque Carlos é uma dessas perso-

nagens que mais dominando a imaginação, mais se prestam ás exagerações poeticas. De sua vida, já um verdadeiro poema epico, assenhoreou-se a tradição, nos seculos de ignorancia que se lhe seguiram, para eleva-la a proporções das fabulas mais incriveis. Deram até ao seu corpo proporções gigantestas!.. E tanto fizeram que, a não serem as memorias do monge de São Gallo, e os escriptos de Eginhardo, hoje poder-se-ia crer que Carlos nunca tinha existido, que era um mytho fabuloso da idade media, como Hercules o havia sido dos tempos heroicos da Grecia.

CAPITULO XII.

Historia da Igreja até a fundação do Imperio.

A Igreja é a grande instituição da idade média: todo o movimento de civilisação se faz em torno della e por sua influencia. A perseverança dos seus apóstolos, a sanctidade do seu dogma e de sua moral, a unidade de seus esforços salvaram a civilisação antiga, dizemos mal, regeneraram a humanidade creando uma civilisação nova. Para comprehender toda a sanctidade de sua obra, todo o milagre do seu triumpho, cumpre ver os obstaculos que lhe oppunha o mundo. De um lado o Barbaro vencedor, afferado aos deuses ferozes do seu culto grosseiro, não admittindo como regra se não a força, como unico merecimento a coragem do batalhador, como juiz supremo a espada; faminto de prazeres sensuaes, phrenetico na orgia, e repellindo com desdem quem quer que lhe quizesse pôr freio. Do outro lado um clero que só tinha por ponto de appoio o seu character de sanctidade, que só dava, em galardão dos sacrificios que impunha, a promessa de uma bem-aventurança espirital, que mal podia ser concebida por esses homens todo-materia: e esse clero, sahido em

geral de entre os vencidos, forte pela energia, mas fraco em todas as considerações humanas, só então começou a ter essa organização poderosa, essa força hierarchica que são condições necessarias de triumpho. Embora reconhecida e já consagrada pelo concilio, a authoridade do successor de S. Pedro, se era obedecida, não era geralmente e sempre sabida em toda parte, e o patriarcha de Constantinopla erguia o mais das vezes pretensões rivales, enquanto o espirito argucioso dos Gregos de continuo suscitava questões que abalavam pela heresia a unidade da fé.

Cumpria acabar com esse obstaculo e remover a mania heresiarcha; cumpria dar unidade á Igreja, firmando o poder pontificio, uniformizando a doutrina e as practicas mesmas do culto.

O obstaculo foi vencido: custou elle o scisma da igreja grega; mas ao menos com esse sacrificio a igreja catholica pôde cessar de receiar a heresia, extirpar dos Estados do Occidente o arianismo, que a tantos dos seus conquistadores se havia communicado, e fazer desapparecer a barbara idolatria que ainda se mantinha em grande numero de tribus e povos.

Dando ouvidos a seu secretario, homem não menos instruido, do que ambicioso, o imperador Miguel excluiu do arcebispado de Constantinopla o patriarcha Ignacio que o occupava, e o conferiu a esse mesmo secretario, embora fosse secular. O eleito recebeu todas os ordens em seis dias; era *Photius*. Essa eleição havia sido irregular; pois Ignacio não tinha resignado o arcebispado; nem o resignou cedendo ás suggestões, ás supplicas, ás ameaças e ás perseguições que, para determiná-lo, se multiplicaram.

Antes de confirmar a eleição, o pontífice Nicolau I mandou legados seus verificar os factos que se allegavam, e como estes se deixassem seduzir ou intimidar, instruido da prevaricação, o pontífice intimou a Photio que fizesse cessar a confusão com que perturbava

a Igreja, e negando-se Phocio a obedecer-lhe, o excommungou. Em vez de submeter-se, Phocio anathematisou igualmente o successor de São Pedro, e erguendo o estandarte da revolta, escreveu aos bispos do Oriente uma carta em que apontava os suppostos erros da igreja latina; eram esses —1° a recommendação do celibato clerical — 2° a comunhão simplesmente pela hostia, e não pelo pão e pelo vinho — 3° a não-fixação da festa de Paschoa em epocha canonica, — 4° a crença que o Espirito Sancto procede do Pae e do Filho, e não simplesmente do Pae.

Em quanto esses principios se propagam, uma revolução apeia do throno Miguel; com o protector cahe o protegido. Basilio, o novo imperador, restaura Ignacio no arcebisnado; mas Phocio que elle desterrára, consegue captar as suas boas graças, fica em Constantinopla, e, por morte de Ignacio, é revestido da dignidade patriarchal; é porém segunda vez desterrado pelo successor de Basilio (886), e morre no desterro. Essas rixas continuam por dous seculos a azedar os espiritos até que em 1054 Miguel Cerulario, patriarcha de Constantinopla, publicamente excommungado pelos legados pontificios, consumma a separação das duas igrejas.

Sem embargo do espirito de heresia dominante no Oriente, os principios fundamentaes do scisma claramente mostram que nelle só tem gravidade a questão relativa ao Espirito Sancto; foi pois mais o espirito da rebeldia, fomentado pela ambição, do que verdadeira exigencia da consciencia que separou, e conservou separada a igreja grega.

Em quanto porém essa igreja quasi que se não preocupava senão com questões arguciosas acerca dos pontos da fé, e duvidas a respeito do dogma, vejamos no Occidente a acção salutar exercida pela igreja, e os elementos da força que vae adquirindo.

Já em outros capitulos mostramos a intervenção de

diversos bispos da Gallia salvando do furor dos Hunnos as cidades confiadas á sua protecção, já mostramos os bispos hespanhóes, reunidos em Braga, sanctamente conspirando para reprimir o furor dos invasores, e salvar as populações christãas; já mostramos emfim Roma, desamparada pelo imperador, defender-se de Attila com a magestade de São Leão.

E esses factos não são singulares; por toda a parte em que a palavra sancta, enunciada com energica confiança por homens inermes, só respeitaveis pelo seu character, sua idade, e sua mesma fraqueza, podia refreiar as paixões ferozes e brutaes do vencedor, apparecia um padre, um bispo, e não raras vezes suspendia-se o golpe que já se ia desfeixar. Os perseguidos pois refugiavam-se á sombra do altar.

E quem se alistava nas sanctas fileiras desse clero? Por ventura o Barbaro vencedor, algum filho da raça nobre, algum irmão desses homens de espada? Não. sahiam todos de entre os vencidos. Mas ainda mesmo de entre os vencidos, seriam os opulentos, os de raça patricia? Não: a republica christãa não admittete distincções; em sua grande fraternidade, o filho do plebeu e o do patricio, o rico e o pobre só se distinguiam por vocação mais sancta, por vida mais exemplar.

De todas as instituições a mais util á grande obra da disseminação do christianismo, foi de certo a dos mosteiros. Logo nos primeiros seculos da igreja, houve fieis que, retirando-se do mundo para o ermo, sanctificavam-se em uma vida de privações, de soffrimento, de oração constante. A Thebaide viu muitos desses eremitas: em torno de algum, que primava pelas suas virtudes asceticas, discipulos se reuniam para receberem d'elle o exemplo e a licção; conchegavam os seus pobres alvergues, e logo puzeram em commum a sua vida: então foi necessaria uma regra para reger a communitade.

Tal a origem dos mosteiros: nem sempre eram pa-

dres, eram homens destinados ao estado ecclesiastico os que assim se reuniam; bastava ser christão, e inspirar-se das smblimes virtudes do christianismo, do desejo de arredar-se da sociedade dos homens para entregar-se á penitencia, e comprehende-se que, nos dias abominaveis da idade média, muitos corações affectuosos, muitas almas bem formadas haviam de indignar-se com o espectáculo do mundo, e buscar o retiro do mosteiro.

O mosteiro foi a mais bella instituição do christianismo: nem-uma das religiões do erro dava delle exemplo. Se quem, nelle refugiando-se, renunciava ao mundo e nada podia possuir, a communitade não estava adstricta á mesma condição; podia e devia possuir, já para sustentação dos seus membros, já para as despezas do culto, e não menos para as obras de charidade, então mais do que nunca necessarias e urgentes.

Em breve a devoção reuniu em torno dessas communitades bens consideraveis; esses bens, regidos com espirito mais brando do que os dos seculares, administrados com mais intelligencia, tornaram-se mais productivos; não só eram asylos para os desvalidos, para os perseguidos, como eram modelos e exemplos de trabalho mais perfeito e mais assiduo.

Entretanto ao par de todas as virtudes christãs haviam buscado esses sagrados asylos o estudo, as sciencias, as letras.

Que apreço podiam dar aos livros, aos manuscriptos da lingua dos vencidos esses feros Germanos, que ainda por muito tempo fizeram timbre de sua completa ignorancia? Como ter-nos-iam sido conservados esses thesouros inapreciaveis da antiguidade, se os conventos não tivessem sido verdadeiras arcas que os salvaram no diluvio de sangue e de miserias que cobriu a Europa?

Ao mesmo tempo desenvolviam os filhos dos conventos o mais sancto zelo pela converção dos infieis: esses missionarios que a Igreja ainda hoje manda por toda a parte

em que ha almas a ganhar para o Senhor, e que ao mesmo tempo apparecem, soffrem, morrem no extremo oriente da Asia, nas ilhas do Pacifico, nas mais barbaras e remotas regiões, já então sahem dos claustros. Toda a Europa occidental os recebe, recebem-os a Irlanda, a Inglaterra, recebem-os essas regiões septentrionaes da Europa que começam a nascer para o mundo, onde ainda não eram conhecidas: os Patricios, os Agostinhos, os Bonifacios, os Armandos, os Columbanos e tantos outros não deixam um ponto da Europa habitada em que não ergam uma cruz, não levantem uma igreja. O sangue delles muitas vezes corre; mas, como no tempo das perseguições, o sangue dos martyres é fecundo; em vez de esmorecerem com esses exemplos, novos missionarios se apresentam para continuar a obra deixada em meio...

A Germania toda é christãa, são-o os Frisões; e então esses povos que, em quanto Barbaros, não se prendiam ao chão, e ameaçavam sempre a Europa, tornam-se sedentarios em torno de suas igrejas; com o baptismo vão despindo sua ferocidade, vão pedindo ás artes uteis da paz o que até então só pediam ás armas. Tornam-se christãos, e assim dão o primeiro passo na civilização.

Os mosteiros de onde tinham de sahir tão devotados propagadores da palavra de Deus, haviam recebido uma primeira regra, a regra benedictina.

Nascido logo no principio do quinto seculo, de familia opulenta da Italia, Bento viera estudar em Roma; sua intelligencia, a sanctidade de sua vida o prepararam para a gloriosa missão que devia desempenhar.

Ainda moço foi pelos monges de Vicovaro escolhido para chefe. Depois de muito resistir-lhes, Bento annuira a seus votos, e deixára o seu retiro de Subiaco em que se via 10-deado da geral veneração; quiz porém extirpar os abusos que infestavam aquelle convento, e incorrendo assim no desagrado dos que o tinham ido buscar, abandonou-os, e voltou ao seu retiro.

Ahi o não deixam socegar as supplicas dos fieis; cedendo a seus votos funda elle doze mosteiros; enfim retira-se para o monte Cassino, onde estabelece um novo mosteiro cuja gloria eclipsa a de todos os outros.

Uma regra severa mantem e zela as virtudes dos que entram nessa communitade; o trabalho e o estudo, a oração e as practicas religiosas são nella distribuidas com a mais consummada prudencia; o principio da abnegação absoluta da vontade, da obediencia ao chefe (o abbade) é levado ao ponto a que o Christianismo fez chegar essa virtude tão nova no mundo, tão desconhecida dos antigos, tão repugnante ao orgulho.

Essa immensa e admiravel organisação não podia deixar de fructificar: numero considerabilissimo de fieis adhere á regra de S. Bento. Foi esse o grande exercito da conquista do mundo barbaro.

Quando por toda a parte reinavam confusão e anarchia, só nos conventos, só na igreja havia ordem. A gerarchia estabelecia-se poderosa; de Roma partia todo o movimento e a acção respondia logo ao pensamento.

Em Roma porém qual era a sorte do pontificado? A cadeira de S. Pedro é constantemente honrada por grandes virtudes que se recommendam á veneração geral, e que sabem defender a fé contra as exigencias dos imperadores e aos erros dos heresiarchas. Entre esses pontifices apresenta-se um S. Gregorio Magno. De familia illustre e opulenta, de viva intelligencia, e extraordinaria capacidade, Gregorio, chamado ao throno pontificio, esconde-se, procura subtrahir-se a esse encargo; pois comprehendia quão enormes eram as difficuldades da missão pontificia.

Povos idolatras ou arianos, imperadores theologicando e semeando a perturbação com as suas controversias e suas pretensões; em grande parte do clero a simonia (*),

(*) Um charlatão chamado Simão, quiz comprar aos apóstolos a faculdade de fazer milagres: seu nome ficou consagrado para designar o crime hediondo da venda das cousas sagradas.

às portas de Roma os Lombardos com as suas ameaças, eis as dificuldades com que o pontificado tinha de lutar.

Gregorio por fim aceitou essa cruz, e desenvolvendo todo o vigor de sua indole, toda a mansidão do Evangelho, conseguiu em parte extinguir, em parte minorar os males da Igreja. Seu zelo ardente obtem que os Visigodos, que os Lombardos voltem á orthodoxia, que uma disciplina severa, especialmente na Gallia, reprima a simonia, que os Anglos abandonem a idolatria, que emfim a humildade seja o distinctivo da grandeza na ordem ecclesiastica: foi elle quem introduziu o titulo de Servo dos servos de Deus, que tomaram os pontifices. Escriptor. Gregorio deixou livros que, se lhe não dão hoje fóros de grande litterato, exaltam o seu character, e offerecem completas licções de sanctidade. Cumpre igualmente não esquecer que a reforma e a simplificação da musica religiosa foi por elle introduzida: o canto gregoriano fez dahi em diante parte dos estudos escolares, e das practicas do culto.

A acção benetica do pontificado, a sua importancia continuaram a crescer, embora, para neutralis-a, houvesse as questões intestinas com os Lombardos, e a necessidade de contra elles proteger as populações de Roma e do exarchado; logo porém que o pontificado obteve o apoio de Pepino, e especialmente o de Carlos Magno, o seu desenvolvimento foi rapido e incontrastavel. No pontifice residia o grande pensamento da unidade, não sómente da unidade religiosa, cuja mantença está a seu cargo, mas da unidade politica, garantia efficaz de ordem e de progresso. Em Carlos achava elle o principe que para tão altas vistas podia desejar. Por isso vimos o pontifice restaurar para o guerreiro franco o imperio do Occidente, acclamal-o *Augusto*, coroal-o em nome de Deus, procurar pelo casamento com a Imperatriz Irene, não só unir os dous imperios, como assentar na solida base de legitimidade o que em favor de Carlos havia feito.

Não se podendo realisar tão nobres intenções, ficou o

imperio do Occidente sendo a criação de um duplo elemento—a espada do príncipe—a consagração religiosa, a coroação pelo pontífice.

Essa origem mixta do poder imperial traz em si o germen de profundas discordias que hão de ensanguentar a Allemanha e Italia. Deixemol-as entretanto para o seu tempo : o que ha por ora é o pontífice obedecido, venerado por toda parte, dirigindo a civilisação do mundo pela propagação da fé, e conferindo a um rei o titulo de imperador, de successor dos Cesares de Roma.

CAPITULO XIII.

Carlovingios — Feudalismo.

A obra de Carlos Magno era prematura ; e por de mais vasta, só podia manter-se, em quanto um genio capaz de vencer todas as reluctancias, de concentrar toda a acção, estivesse no throno ; ora dos descendentes de Carlos nem um havia herdado as grandes qualidades da familia de Heristal. Além disso, realisou-se de novo a fatalidade que perseguia o poder politico nesses tempos fataes. Clovis lidára toda a sua vida, não poupando o licito nem o illicito, para estabelecer a unidade nos seus Estados, e por sua morte essa unidade logo desappareceu : Carlos Magno não quiz sómente a unidade na Gallia, quiz ainda a unidade em todas as suas conquistas, a unidade do imperio : para isso nada poupou, nem mesmo os direitos dos seus sobrinhos, filhos de Carlomano, a quem deixou desherdados, e entretanto, pouco depois de sua morte, a obra da unidade desapparecia.

E' que então o pensamento da unidade não estava no commum das intelligencias ; podiam concebel-o os pontífices, presentil-o os Pepinos, e querel-o os Carlos Magnos : tudo porém na sociedade estava talhado para o fracciona-

mento do poder e o antagonismo de suas parcellas. O feudalismo que se desenvolvia, levava até a cupola do poder o seu principio de dissolução e de isolamento.

No meio da confusão do periodo historico em que nos achamos, e em que toda a attenção é pouca para acompanhar as alternativas da sorte dos principes, o vae-vem das suas ambições, das suas ligas, e das suas guerras, assistamos á formação dos Estados que devem nascer do imperio de Carlos Magno.

Sucedeu-lhe no titulo e no poder seu filho Luiz, a quem os historiadores dão a alcunha de *bondadoso* (*), verdadeiro synonymo de fraco. Luiz reconhece elle proprio sua incapacidade para sustentar o fardo do imperio, e logo na dieta de Aquisgrão o reparte com os seus trez filhos: ao mais velho, Lothario, dá com o titulo de imperador o governo da Italia e de parte da França e da Germania, a outro, Pepino, dá a Aquitania, a outro emfim, Luiz de Baviera, o resto da Germania.

A divisão desagrada a Bernardo, seu sobrinho, e filho desse Pepino a quem Carlos Magno, seu pae, tinha dado o reino de Italia. Bernardo insurge-se, Luiz o vence, e manda vasar-lhe os olhos.

Posteriormente, tendo tido um filho de sua segunda mulher Judith, arrepende-se da primeira partilha que fizera, quer retocal-a, para dar um quinhão ao filho de Judith. Os irmãos desse não lh'o toleram, a guerra se trava; mas logo os diversos principes, desunidos de interesses, hostilizam-se reciprocamente até que entre o filho de Judith, Carlos, e Lothario se forme uma liga que a um dê o occidente ao outro o oriente do imperio, e exclúa todos os mais competidores.

A morte porém do *Bondadoso* annulla essa liga; Lothario, seu successor, não podia querer ceder a Carlos parte dos Estados de que então era herdeiro unico. Novas

(*) *Debonnaire*.

désintelligencias, novas ligas, novas guerras, até que enfim o tractado de Verdun constitua trez reinos diversos, o da Italia, o da França, e o da Germania. A Lothario, que conserva o titulo de imperador, coube a Italia com a Borgonha e a Austrasia, a Carlos a França, a Luiz a Germania. A divisão ahi não parou; por morte de Lothario seus trez filhos, Luiz, Carlos e Lothario II, repartem os Estados paternos, cabendo a Austrasia a este ultimo, que lhe deu o nome de Lotharingia, de onde se formou o de Lorrêna.

Porfim a morte desses principes deixa só em campo seus tios, Carlos e Luiz, filhos do *Bondadoso*, e Carlos (*) obtem do papa o titulo de imperador.

Luiz morre pouco depois, e seus Estados tambem se dividem entre seus trez filhos; a um cabe a Saxonia, a outro a Baviera; ao outro a Suabia.

Carlos igualmente morre, e seus Estados passam para seu filho Luiz, a quem dão a alcunha de Gago, e que logo os transmite a seus trez filhos, dos quaes o ultimo, tambem chamado Carlos, tem na historia a triste alcunha de Simple ou Sandeu. Apressou este a ruina dos Carlovingios em França pela sua fraqueza, pelo desconceito em que cahiu, concedendo a provincia da Neustria aos Normandos, deixando consolidar-se na Borgonha, repartida pela serra do Jura, dous ducados, o da Borgonha cisjurana, e o da transjurana, e nada fazendo para vedar que se extendesse e se consolidasse o poder dos duques de França que preparavam a usurpação do throno e o triumpho da dymnastia dos Capetos.

O pobre Carlos, vencido por Hugo Magno, duque de França, morre em um carcere; Hugo porém não quer o titulo de rei, deixa que o dêem a seu cunhado Raul, e por morte deste o confirmam a um filho

(*) Esse Carlos tem na historia a alcunha de Calvo, — esse Luiz o titulo de Germanico.

de Carlos, que se havia refugiado na Inglaterra, e que por isso ficou se chamando Luiz de Ultra-mar. O poder real porém estava nas mãos de Hugo Magno, protector e alliado dos grandes vassallos, e cujo filho, Hugo Capeto, deixou na apparencia reinarem mais alguns carlovingios, até que annuiu aos votos dos grandes vassallos, que lhe conferiram o titulo de rei (987). Foi o primeiro da dynastia dos Capetos.

A sorte dos Carlovingios na Italia e na Germania não foi melhor do que na França. Mesquinhas desavenças, lutas interminaveis entre principes em nada superiores ás circumstancias fataes em que eram chamados ao poder, prepararam a substituição de Conrado de Franconia, Henrique o passarinho, duque de Saxonia, e de seu filho Othão Magno ao poder imperial, sendo o ultimo representante dos carlovingios, um principe que ao nome de Luiz juncta a alcunha de — *menino*.—

Essas divisões, essa continua insurreição de ambições miseraveis, dão-nos ideia do estado da Europa. Dilacerava-se em pleno feudalismo.

Tão longe nos achamos desses tempos e dessa fórma de existencia política, que mal podemos comprehendel-a; entretanto, afastadas todas as confusões com que infelizmente a envolvem, nada mais simples do que essa fórma: é o triumpho da disseminação, opposto á ideia de concentração; o da independencia e do isolamento opposto á unidade.

Nós que vimos a fórma politica da existencia da Grecia, e de todos os povos primitivos até a grande concentração romana, já pudemos habituar o nosso espirito a essas ideias de isolamento, de exclusão, de independencia, que parecem ter sido as primeiras expansões do espirito de liberdade.

Os Germanos, que conquistaram a Europa, não tinham reis senão como chefes da guerra; fóra dahi, a espada e o valor eram a unica distincção; não havia gerarchia nem

subordinação. Quando pela liga de muitas hordas da mesma origem, tomava um povo conta de um territorio, de uma das vastas provincias romanas, não duvidavam os principaes guerreiros elevar sobre o pavez, como seu rei, o chefe principal, e reconhecer nos seus filhos a continuação da sua authoridade e da sua prerogativa; queriam porém um quinhão na terra conquistada, em que fosse cada um tão rei como o chefe dos conquistadores, ou ainda mais rei do que elle, não se reconhecendo em subjeição alguma effectiva para com esses seus reis senão na de acompanhá-los na guerra. No territorio que lhes cabia erguiam castellos, que defendiam já pelo seu isolamento, já por todos os meios que a arte da guerra então ensinava; ao redor desses castellos extendiam-se as terras do seu patrimonio; dos vencidos os que as povoavam eram como captivos dos vencedores, adstrictos á condição de trabalhar nessa terra, de tornal-a productiva para os senhores della.

Quando o rei era um Carlos-Magno, a energia do governo, a admiração natural pelo heroismo, a esperança de grandes quinhões nas depredações da victoria e da conquista comprimiam essa tendencia á separação; mas desde que a um Carlos succedia um *Bondadoso*, ou um *Sandeu*, o principio de independencia se expandia. Então transformavam-se as doações reaes, e até os cargos publicos em *benefícios* irrevogaveis, que se perpetuavam nas familias, e estabeleciam entre o rei e o agraciado as relações de vassallo a suzerano: ora estas se reduziã, além da obrigação de acompanhar o suzerano na guerra, á de prestar-lhe certos e determinados deveres de apparente dependencia, a *homenagem* (*).

(*) Para se ter ideia da extravagancia de muitos destes signaes de dependencia aqui indicaremos alguns:

O barão de Ccissac, vassallo do bispo de Cahors, era obrigado, quando o prelado entrava a primeira vez na cidade, a esperal-o á porta, com a cabeça descoberta, nuas a perna e a coixa direita,

Essa organização, cujo primeiro degráu era do rei ao seu antigo companheiro de armas, do suzerano ao vassallo, continuava em outras escalas, de modo que o grande vassallo era por seu turno suzerano, tinha também vassallos; o vinculo da *homenagem* se extendia, descia, até chegar aos *homens* ligados por seu corpo ao serviço alheio.

A palavra *homenagem* não tem outra origem, nem outro sentido etymologico senão a dependencia do homem.

Estava tão nos costumes germanicos essa organização que os Longobardos, os ultimos desses povos que se estabeleceram nas provincias romanas, mal realisada a sua conquista, dividiram-a em ducados, e estabeleceram esse regimen de descentralisação; foi essa a origem da sua fraqueza, e talvez dessa divisão eterna que tem pesado sobre a Italia, e parece inherente á indole della, sem embargo dos protestos que hoje se levantam.

Compreende-se que semelhante organização politica não dá mais do que a anarchia, e uma oppressão horrivel

calçado de chinella o pé direito; então tomava pela redea a mula do prelado, e assim o levava á eathedral e dahi ao palaeio, onde o servia á mesa.

Alguns feudatarios eram obrigados no acto da investidura a beijar os ferrolhos da casa, e a retirarem-se fingindo-se bebados ou dando pinotes. Outros tinham de levar ao suzerano um ovo, um rábano, um pão, até mesmo alguns uma palha: outros tinham de dar um coelho que tivesse uma orelha branca e outra preta, etc., etc.

O uso mais frequente era segurar no estribo quando o suzerano montava á cavallo, dobrar o joelho em que este puzesse os pés; beijar-lhe o pé em cerimonia publica.

Foi na occasião de prestar essa homenagem a Carlos o Sandeu que Rollon, o duque normando, indignado com o aviltamento que assim lhe era imposto, agarrou no pé do rei e levantou-o a tal altura que perdeu elle o equilibrio, e deu uma queda acollida pelas gargalladas de todos os circumstantes.

para os povos ; comprehende-se igualmente quanta havia de ser a fraqueza da authoridade, assim contestada, disseminada, quanta a sua incapacidade para comprimir as tendencias violentas desses guerreiros ; comprehende-se enfim que immensa missão a da Igreja, não só dando o exemplo da sua organização hierarchica, das vantagens da sua subordinação, mas prégando a paz no meio desses homens de guerra, a fraternidade no meio de tantos oppressores. A luta com o feudalismo não podia deixar de ser um dos mais bellos triumphos da religião, de reunir em torno dos conventos e das abbasdias os ardentes votos dos que se lamentavam de todas essas oppressões, de todos esses infortunios.

Antes de proseguir, devemos explicar a origem da palavra feudalismo : deriva-se da expressão *feod* que alguns pensam ter sido adulteração do latim *fides*, outros com mais razão a compoem de expressões teutonicas que dizem *propriedade dada em salario*. O *feod* ou o feudo era a terra concedida pelo chefe da conquista, e posteriormente pelos reis, em remuneração dos serviços militares. Distinguia-se do *allod*, que era a terra que o guerreiro, na epocha da conquista, tinha tomado para si, de que possuía inteira propriedade, sem dependencia nem condição alguma annexa á concessão. Com o andar dos tempos todas as terras perderam o character de *allodiaes*, todas foram *feodaes*, e trouceram as diversas condições da homenagem.

Em breve todas as concessões, de qualquer natureza que fossem, tomaram o nome de *beneficios*; os beneficios, a principio temporarios e revogaveis, tornaram-se vitalicios, e, continuando a fraqueza dos reis, foram hereditarios. Todas as terras foram beneficiarias, e não sómente a terra, o direito de pescar em algum viveiro, o de caçar em alguma matta tornou-se *beneficio*; toda e qualquer concessão, uma vez feita, transformava-se em *beneficio*, e entrava nas disposições geraes que regulavam essa materia.

Duas eram as condições annexas ao beneficio, 1.º o reconhecimento da dependencia ou da concessão : a homenagem ; 2.ª a lealdade no cumprimento das condições : entre essas a mais rigorosa era a de assistir o suzerano na guerra : o crime de deslealdade (*felonie*) era o mais infamante, e podia trazer a perda do beneficio que então revertia para quem o havia concedido.

Com a concessão do beneficio havia a cerimonia da *investidura* ; era a entrega real ou symbolica da cousa doada, feita pelo suzerano ao vassallo

Demorámo-nos um tanto na exposição dessas practicas e do valor dessas palavras; pois em breve as veremos figurar na mais renhida e importante questão da idade media.

Embora diversissima seja a organização feudal, da que hoje presenciemos, da que pois melhor comprehendemos, por tanto tempo regeu ella o mundo ; suas ideias, suas instituições tantos vestigios deixaram ; tanta parte conservam na civilisação moderna, que nos cumpre mais de espaço estudal-a.

Pelo fraccionamento e disseminação da authoridade, o feudalismo era como que negação de todo o governo ; nas terras de sua dependencia cada senhor exercia os mesmos direitos, gozava das mesmas prerogativas ; cunhava moeda, impunha, sobre o transito de suas terras, das pontes ou vaus dos rios que nellas corriam, as contribuições que entendia, administrava justiça civil e criminal aos que estavam na sua dependencia ; tinha carceres, levantava forcas... Pequeno rei absoluto, vivia elle no seu castello, vadio e ignorante, por tanto aborrecido, carecendo das distrações violentas da caça e da guerra para matar o tempo : a guerra lhe era tanto mais necessaria, quanto havia, na contiguidade em que estavam as terras feudaes, mil occasiões de contestação e de conflicto em que cada qual appellava para o juiz unico admittido entre iguaes — a força.

Por outro lado, eram elles pobres ; e a guerra lhes

impunha grandes despezas; pois cumpria-lhes armar-se, armar os seus, e muitas vezes sustentar os que os acompanhavam; pouco menores lhes eram as despezas da paz; pois entregues a brutal sensualidade, famintos de orgias, apaixonados por um luxo e uma ostentação dispendiosa, quando o commercio tão difficilmente pôdia trocar os productos das diversas provincias e Estados, devia cada um pagar por exagerado preço tudo quanto não era directamente produzido pelas suas terras.

Dahi as mais deploraveis extorções, dahi até a pilhagem e o roubo, tendo por unica coonestação a valentia com que eram feitos, a audacia com que eram alardeados.

Todos esses vexames pezavam mais sobre os que estavam na dependencia dos senhores feudaes; os que se achavam na dependencia de outros beneficiarios, monges, abbades, bispos, gozavam de muito melhor condição, especialmente nas cidades.

O horror que os Germanos tinham a moradas contiguas, levaram-o á terra da conquista. Abandonando as cidades, depois das primeiras devastações, tomavam conta do campo: no campo, isolados, construiam os chefes os seus *burghs*; em redor delles se agglomeravam os guerreiros do seu bando, o *burgo* crescia, e preparava cidades para o futuro. Entretanto qual era a condição das cidades? que assim iam nascendo, e daquellas que mais antigas achavam-se no territorio no dia da conquista?

A protecção ecclesiastica lhes não faltou; em quasi todas ellas havia bispos, e esses, sempre apoiados pela confiança dos povos, impunham incontestavel respeito aos conquistadores. A medida que se iam lentamente dissipando a confusão e a anarchia, as cidades, pagando contribuições pecuniarias aos senhores que sob pretexto de protegel-as eram donos dellas, conseguiram uma quasi independencia. e puderam entregar-se a todos os meste-

res da industria, do commercio, que as foram enriquecendo e civilisando.

Tomavam o nome de *commum* ou de comunidade, escolhiam um magistrado, uma juncta municipal que as governasse, zelasse a sua segurança e as representasse nas suas relações com os suzeranos. Em breve foi vedado ao senhor fundar nellas fortalezas e ter presidios; mas, se os seus moradores foram exemptos da obrigação do serviço militar, tiveram ellas bastantes recursos para assoldadarem uma guarda sua, e bastante coragem para cortarem o transito das ruas, por meio de correntes de ferro, assim embaraçando o serviço da cavallaria e tornando-se inattacaveis.

Para a ordem interior a população da cidade se dividia em corporações de artes e officios, e tomava uma apparencia todo-religiosa; cada uma dessas corporações tinha no Ceu um padroeiro, na terra um altar em que esse sancto padroeiro era invocado; tinham authoridades proprias, um guião que oppuzessem aos pendões dos senhores, contribuições regulares que, devendo servir para as despezas do culto, e para os auxilios reciprocos da charidade, podiam ser opportunamente empregados na segurança da cidade.

Pouco a pouco as communs avultaram: com os recursos que lhes davam o trabalho e o commercio, foram comprando aos senhores, sempre necessitados, os direitos e prerogativas mais necessarias ao seu desenvolvimento. Entre os elementos que para esse desenvolvimento mais concorreram um dos mais importantes foi, em algumas cidades, a fundação de universidades. Cousa notavel: o Barbaro era ignorante, e ufanava-se da sua ignorancia, e entretanto mostrava immensa veneração e respeito pela sciencia. A's universidades que se fundavam eram concedidas immensas exempções, já em favor dos seus mestres e de seus estudantes, já a bem do patrimonio que as devia sustentar; a universidade era governada pelo reitor,

tendo por conselho os lentes, por instrumentos assalariados os guardas, e por instrumentos voluntarios toda essa mocidade ardente das escolas, cuja turbulencia se expandia em continuas rixas.

Não se pense porém que de todo estava obliterado o principio da unidade nacional, resultado de unidade de raça ; já falamos da heptarchia e do seu *withenagemot*, já dos concilios de Toledo, e da intervenção dos principaes chefes para sanção dos seus trabalhos ; já mesmo de passagem mencionamos as dietas de Paderborn e de Aquisgrão no tempo de Carlos Magno e de seu filho.

De feito, os Germanos que na terra da sua origem, sem authoridade superior que na paz os governasse, deliberavam em *commum* sobre os negocios de guerra e alliança que a todos interessavam, não podiam deixar de na terra da conquista conservar algum resquicio desse costume. Achamol-o em toda a parte, embora seus nomes sejam diversos: convocavam os reis os seus leudas ou fieis, os principaes senhores da terra; com elles vinham os chefes da igreja; o logar da reunião era um campo aberto, dahi o seu nome em França — campo de março ou de maio — segundo o mez em que se verificava a reunião. Recebiam igualmente o nome de *parlamento* ou parlamento, nome que se tem perpetuado até os nossos dias.

A principio nessas reuniões sómente se tractava de guerras e de allianças, e do concurso que cada chefe na eventualidade prevista prestaria ao suzerano; logo porém alguns reis os occuparam com negocios de administração.

Essas reuniões não tinham prazo certo, e no meio da confusão que por toda parte se estabeleceu, na indifferença, originada especialmente pelas difficuldades das deslocações e viagens, que se foi insinuando, pouco a pouco deixaram ellas de existir de facto, sendo substituidas por ephemerias ligas a que não adheriam todos, e que até o mais das vezes eram feitas contra alguns.

Quanto á legislação, vigoravam as leis romanas, mas nem sempre, nem para todos; em geral a benevolencia do vencedor deixava que os vencidos conservassem a sua legislação, contentando-se com eximir della os vencedores que ficavam sujeitos aos costumes e usos nacionaes; outras vezes procuravam organizar codigos em que as leis antigas se harmonisassem com os costumes e usos introduzidos pela conquista. Comprehende-se que de incertezas dahi resultariam, quando especialmente o direito de administrar a justiça aos seus era um dos mais zelosamente sustentados por cada um dos senhores.

Entretanto ha duas instituições novas para as quaes chamamos a attenção. Uma dellas é o resgate: todo o crime era remivel, pagando quem o commettera uma multa, cujo quantitativo foi fixado em lei, ao offendido ou aos seus adherentes; a penalidade dest'arte se simplificava. A outra é relativa ás provas judiciaes, igualmente as simplificava.

Partindo talvez de uma ideia exagerada da dignidade humana, que não admittia testemunhas nem provas contra o que um homem havia uma vez affirmado, entendia-se que nesse caso devia-se ao homem oppôr o que era superior ao homem, Deus. Exagerando a intervenção divina nos actos humanos a ponto de querer pautar pelas vistas limitadas do homem a justiça e a clemencia de Deus, estabelecia-se que, quando um ou muitos affirmavam e outro negava, perplexos os juizos humanos, deviam recorrer ao juizo de Deus.

Varias eram as provas admittidas nesses juizos; as mais frequentes eram: —caminhar descalço por cima de barras de ferro em braza; ir com o braço nú buscar um anel no fundo de uma caldeira de agua a ferver; a mais importante era o combate singular entre o que affirmava e o que negava. Entendia-se que Deus acodiria em appôio da innocencia, e muitas vezes a exaltação da consciencia, a confiança em Deus podiam dar ao innocente meios de

sahir vencedor dessas provas ; mais vezes perturbavam-se os que iam sustentar a mentira, e a consciencia os obrigavam a recuar da prova. Cumpre advertir que era azeito que quem devia fornecer essas provas, o pudesse fazer por meio de campeões, de assessores ou testemunhas, e eram estes ligados por juramento.

Compreende-se quanto de atroz e de iniquo tinha semelhante systema de provas judiciaes ; a igreja não cessou de lutar contra ellas, de mostrar os seus defeitos, de esclarecer os povos acerca desse abuso da intervenção divina : todavia, como poder que só actúa pela persuasão, a Igreja não teve remedio senão toleral-a, e então quiz rodeal-a de toda a solemnidade:—a confissão, a penitencia, a oração foram por ella impostas aos campeões.

Cumple emfim advertir que dessa instituição tão viciosa nasceu a cavallaria, um dos primeiros elementos da civilisação, com que posteriormente nos occuparemos. Nasceu igualmente o costume do duello que nem as leis, nem os progressos da razão humana têm conseguido excluir de entre quasi todos os povos de origem teutonica.

CAPITULO XIV.

Novas invasões.

SLAVOS — HUNGAROS — ARABES — NORMANDOS

Em quanto depois de Carlos Magno a Europa occidental cahia na maior dissolução, diversos povos a accommettiam, e preparavam-lhe novos desastres.

Os Slavos attacam as fronteiras orientaes da Germania, e depois de muitas lutas com Luiz-Germanico e

seus filhos, deixam fundado o poderoso reino de Moravia, e começam a civilisar-se.

E' mais violenta e ameaçadora a invasão dos Hungaros ou Madgiares.

Como sempre, o terror precedia os invasores, multiplicava-lhes o numero, a valentia, e deixava entregues vastas provincias a sua ferocidade.

Os Hungaros, povo de raça finlandeza, descendo ás margens do Danubio, tendo subjugado os povos dessas regiões, e os restos das colonias romanas da Dacia, ameaçaram, penetraram na Germania e na Italia, então agitadas e divididas na anarchia que determinou a ruina dos Carolingios.

Na Italia, depois de atacarem e arrazarem grande numero de cidades, levando as suas excursões desde o Piemonte, até a Italia meridional, onde saqueiaram Capua, Salerno e Nola, inculiram tanto horror que foram considerados como os povos de Og e de Magog, annunciados no Apocalypse, e contra elles em todas as igrejas se invocava a protecção divina. Por fim, não confiando mais na protecção e na defeza da authoridade e da força organizada, os povos comprehenderam que deviam defender-se a si proprios, uniram-se pois, e armados, entrincheirados, conseguiram baldar a ferocidade dos aggressores.

Na Allemanha, Henrique o passarinheiro, e Othon venceram-os em diversas batalhas, obrigaram-os a recuar para o oriente: onde por fim tomaram assento nas fertes regiões que são hoje a Hungria. O christianismo veio abrandar os seus costumes; á voz de Santo Adalberto alguns principes (*vaivodés*) receberam o baptismo.

Um delles toma o nome de Estevam; serve-se de sua authoridade para dilatar os dominios da fé, e recebe de Silvestre III, com o titulo de rei, o de apostolo da Hungria, de legado perpetuo, e uma corôa, a que logo se vão ligando os preconceitos mais nobres da nacionalidade.

Os Hungaros christianisados hão de pagar á Europa, defendendo-a contra os Turcos, o damno que lhe haviam causado seus barbaros antepassados.

Contidos na França por Carlos Martello, atacados na mesma Hespanha por Carlos Magno, os Arabes, que já viam crescer no norte da península, por elles tão facilmente occupada, o reino de Oviedo, e a resistencia das populações guerreiras das montanhas, os Arabes tinham todavia um ponto de appoio, que nunca lhes faltou, nas populações da Africa septentrional, e deviam procurar expandir-se no exterior. Com effeito logo que a anarchia que succedeu a Carlos Magno começou a dissolver a Europa, seus piratas cobriram o Mediterraneo, a mesma França os viu na Provença; as ilhas de Corsega e de Sardenha foram por elles occupadas, especialmente na Sicilia estabeleceram o seu dominio, de onde terrivelmente inquietaram a Italia.

Essa ilha que escapára a todos os invasores, que baldára os esforços dos Longobardos, havia-se conservado fiel aos imperadores de Constantinopla. Mas um de seus governadores, insurgindo-se contra a imperatriz Irene, chama em seu appoio os Sarracenos, e estes acodem ao chamado: o patriotismo arma os Sicilianos, e faz que os invasores paguem caro a audacia. Por fim a persistencia dos Arabes vence a coragem; Syracuse, que heroica resiste dez mezes, cahe no poder do inimigo, que entrega-se a toda a furia da vingança: os chefes da resistencia são mortos, a massa do povo deportada para a Africa.

Senhores da ilha, os Arabes continuam a guerra contra as outras ilhas de menor importancia, que pela Sicilia são dominadas.

A Calabria é por elles invadida, toda a Italia ameaçada, Roma mesma vê incendiados os seus arrebaldes. Então porém sóbe á cadeira de S. Pedro o papa Leão IV, e, á frente do povo, consegue repellir até o mar os

ferozes invasores: não contente com esse resultado, o papa manda fortificar a cidade eterna, funda juncto a *Centumcellas* uma colonia de Corsicos que juram viver e morrer debaixo do estandarte de S. Pedro.

Por fim o imperador ouve as supplicas dos Italianos, apparece no sul da Italia, convoca todos os homens livres á defesa da patria e da religião.

Com effeito consegue primeiro repellir os Sarracenos, e excluil-o de todas as cidades, menos de Bari e de Tarento. Pouco depois, a primeira dessas duas praças cahe em seu poder: ia sitiá a segunda, e em uma carta vehemente pedira ao imperador do Oriente, Basilio, o auxilio de sua esquadra para acabar com o poder sarraceno, quando o povo de Benevento, irritado contra as violencias dos Francos, declara-se pelo imperador do Oriente, arrasta consigo as principaes cidades circumvisinhas, e faz prisioneiro o proprio imperador.

Os Sarracenos aproveitam essas divisões para restaurar, embora ephemeramente, o seu poder. Outro inimigo os hade vir excluir.

Os habitantes da Europa septentrional e das visinhanças do Baltico, sem contacto com os povos subjugados pelo império romano, nem com os primeiros invasores, vão por fim apparecer em scena: pois tambem cumpre que se civilisem, e acceitem o christianismo. Se da Finlandia baixaram os Hungaros, cujas excursões já nos occuparam, ainda mais temerosos do que elles, os Northmanos, vão sahir da Scandinavia, e alterar a face da Europa.

A invasão northmana é uma verdadeira epopeia; nada lhe falta, nem os immensos resultados, nem o heroismo quasi prodigioso dos chefes, nem a vastidão do theatro de sua acção.

Se os Hungaros pareciam inseparaveis dos seus cavallos, e assim dobravam o terror que inspiravam, os Northmanos eram piratas; embarcavam em esquifes ligeiros, affrontando os mares mais tempestuosos, desembarcavam nos

pontos mais azados dos littoraes, introduziam-se pelos rios, até chegarem ás visinhanças das cidades mais opulentas. Então tudo devastavam, e fartos de despojos, voltavam a seus barcos, sua patria ambulante, e recolhiam-se a alguma ilha de que se haviam apoderado, e de onde saham para novos accommetimentos.

Sem chefes communs, apresentando-se cada horda em sua esquadilha, estavam simultaneamente no littoral do mar do Norté, no Escalda, no Rheno, no Sena até as proximidades de Paris, no Loire até Nantes, nas praias do golpho de Gasconha. Contra elles não havia defeza : o que faria a cavallaria de fidalgos contra homens que moravam em cima das aguas, e que afrontavam os ventos e as tempestades? O que faria a igreja contra homens cujo culto barbaro era o do Deus do exterminio, Odin, contra um povo em que até mesmo a mulher não tinha merecimento senão quando, tão barbara e tão feroz como o homem, só admittia como titulo de gloria, como recommendação de belleza, o numero de inimigos que podia matar?

Por fim, porém, essas primeiras excursões se regularisaram : o exemplo das vantagens da civilisação, dos commodos e gozos permanentes por ella assegurados, o contacto mesmo com os vencidos, inspiraram o desejo de imital-os... Rollon, chefe dos Northmanos que dominavam o Sena e ameaçavam Paris, obtem de Carlos o Sandeu o ducado da Neustria, e a mão da princeza sua filha. Na cerimonia da investidura do novo vassallo, no acto de prestar homenagem ao suzerano, beijando-lhe o pé; o Northmano, mal agradecido e pouco submisso, ridicularisa o rei, expoem-o ao opprobrio de toda a côrte. Mas os vassallos, já preparando a ruina dos Carlovingios, em vez de resentirem-se do ultrage, folgam com a ignominia que sobre elles tambem revertia. (912)

Entretanto a Neustria, que toma o nome de Normandia, torna-se o asylo e o ponto de concentração dos Normandos; regularisam estes as suas excursões; em vez de

devastações piraticas, querem conquistas permanentes. Rollon dera o exemplo do abandono do culto de Odin: o christianismo, por elle abraçado, depura as suas virtudes, eliminando os vicios atrozes que as abafavam. Rollon faz reinar no seu ducado uma justiça tão constante e tão severa, que seu nome é perpetuado na lingua franceza no brado analogo ao nosso — aqui d'elrei! — com que invocamos o auxilio da justiça.

Civilisados esses primeiros bandos piraticos, veremos delles sair brevemente os conquistadores da Inglaterra, da Italia meridional e da Sicilia.

Entretanto o christianismo se introduzia nas regiões septentrionaes, e assim abrindo caminho á civilisação, punha termo ás ameaças e ás devastações dos Barbaros. Já nos principios do nono seculo Santo Anshario e outros missionarios tinham penetrado nesse mundo desconhecido, e procurado a transformação dos ferozes adoradores de Odin. Os resultados porém não tinham correspondido ao zelo que desenvolviam, até que Kanuto-Magno, que se intitulava rei de toda a Dinamarca, da Inglaterra, da Escossia, da Noruega e de uma parte da Suecia, e Olavo-Magno, que em sua mocidade tinha ido á Saxonia e á Grecia, e lá havia conhecido as verdades salutaes do christianismo, auxiliassem com todo o seu poder a pregação evangelica.

Commemorando as virtudes deste ultimo, a gratidão dos Scandinavos dá-lhe o titulo de grande, e o adora como um sancto.

Dahi em diante, se não houve paz nessas regiões, se dissensões intestinas de continuo as dilaceram, ao menos dispem estas o seu character de atrocidade, e caminham para dias mais felizes.

CAPITULO XV.

Inglaterra. — Conquista dos Normandos.

Deixamos estabelecida na Britania a heptarchia anglo-saxonia. Essa confederação porém, ainda depois da acção benéfica que sobre os costumes exerceu a conversão dos Barbaros ao catholicismo, tão desejada, tão ardentemente promovida por Gregorio magno (*) e que tão efficaz havia de ser que tinha de merecer a essa ilha o titulo de ilha dos Sanctos, longe estava de assegurar a paz interna. A's agitações e turbulencias vieram junctar-se guerras estrangeiras, já contra os Caledonios, já emfim contra os Dinamarquezes.

Os primeiros desses povos, tendo attrahido ao meio de suas montanhas o rei do Northumberland, derrotaram-o completamente, e sobre os destroços do seu exercito marcharam até o Twed, em cujas margens arvoraram a bandeira rubra da sua nação.

Então, admittindo em seu seio os estrangeiros estabelecidos á quem desse rio, formaram o povo da Escossia, que começou a civilisar-se (750).

Entretanto os sete reinos eram constantemente devastados pelas excursões dos piratas septentrionaes que chegaram até a incendiar Londres e Cantuaria (**).

Os primeiros accommetimentos porém não tinham persistencia ; seu fim era mais a depredação do que a con-

(*) Conta-se que São Gregorio vendo, ao passar por uma praça, alguns meninos escravos que estavam á venda, e notando a sua belleza, perguntára de que raça eram: diceram-lhe que eram Anglos.—Não seriam Anglos, respondeu o grande Papa, porém anjos se fossem christãos.—E logo promoveu com efficacia a predica do Christianismo na ilha por elles occupada.

(**) Canterbury.

quista. Por fim Lodbrog (*) Raghénar, um dos mais valentes piratas, é vencido pelo rei de Nothumberland, e horrivelmente suppliciado ; a noticia da sua morte e dos seus tormentos levada á patria inflamma os espiritos, desperta o ardor da vingança e do saque. A ilha é por elles acommettida, York cahe em seu poder, e dá-lhes uma praça de onde preparem a conquista.

Os reinos da heptarchia estavam todos reunidos em um só chefe, quando veio o poder ás mãos de Alfredo (817). Em duas viagens a Roma, Alfredo tinha bebido os principios de uma civilisação muito superior á de seus povos ; era poeta, e tocava primorosamente harpa. De posse do poder, o desejo do bem o arrastou a imprudencias ; quiz multiplicar innovações e reformas, multiplicou descontentamentos, e quando contra os Dinamarquezes quiz o appoio dos seus, viu-se abandonado, e teve de fugir para salvar a vida, e de esconder-se nas montanhas, no misero alvergue de um pastor.

Senhores então da ilha, os Dinamarquezes, embora alguns de seus chefes recebessem o baptismo, fizeram pezar sobre os Anglo-Saxonios tão crueis violencias, que em breve arreponderam-se estes de haver abandonado Alfredo. Esse tambem, na vida de soffrimento que vivia, póde reconhecer os seus erros, e apprender que, ainda querendo o bem, tudo se compromette, e sómente se faz o mal, se falta a prudencia, se não se consulta a oportunidade.

A licção da desgraça foi pois a todos proveitosa.

Alfredo prepara-se para reassumir o poder, entra disfarçado, e com a protecção de sua harpa, como um simples menestrel, no acampamento dinamarquez, inteira-se do estado das forças inimigas, e logo dirigindo-se contra elles com alguns Saxonios que se lhe haviam unido, os desbarata, e restaura o seu poder.

(*) Lodbrog não é nome proprio, é titulo honorifico, ganho pelas façanhas da guerra.

Mas o inimigo tinha permanente quartel-general de onde voltava, com poderosos reforços, a buscar uma desforra e a reconquistar o perdido. Alfredo teve de dar contra elles cincoenta e seis batalhas, e só com tantas victorias pôde defender os seus Estados.

Entretanto procurava introduzir uma administração regular e providente, especialmente na parte relativa á justiça (*), procurava abrandar os costumes pela influencia das letras, das artes, da poesia e da musica, e mereceu com o titulo de grande, a gloria de ser por muitos historiadores comparado a Carlos-magno.

Houve entre elles uma semelhança : os descendentes de Carlos entraram logo em decadencia ; os descendentes de Alfredo tiveram igual sorte ; o deboche levando-os a lutas com o clero que, guarda da moral e da sanctidade do casamento, o queria reprimir, fazia-lhes perder as sympathias nacionaes, e assim lhes suscitava competidores. Ao mesmo tempo a guerra estrangeira trazia-lhes adversarios formidaveis, que aproveitam todas essas difficuldades para assenhorearem-se das provincias. Desses adversarios os mais importantes foram Suenon da Dinamarca e Olavo da Noruega (978). O rei saxonio Ethelredo quiz proteger a sua fraqueza com a perfidia e a crueldade ; não tendo conseguido desviar o inimigo pagando-lhe tributo, aproveitou-se de uma ausencia de Suenon, que tinha ido á Dinamarca, para decretar a matança geral dos Dinamarquezes estabelecidos no reino.

Suenon acode para vingal-los e defendel-os. Ethelredo é obrigado a fugir e a buscar asylo na Normandia.

Seu filho Edmundo, sem embargo da sua coragem e robustez, que lhe mereceu o titulo de—*Costellas de ferro*—

(*) Alguns lhe attribuem a introdução do jury na Inglaterra; porquanto estabeleceu elle em certas circumscripções territoriaes uma authoridade que escolhia doze chefes de familia, e depois de lhes fazer jurar que decidiriam conforme a justiça, lhes entregava o conhecimento dos crimes, e a applicação das penas.

teve de ceder a Kanuto-magno, successor de Suenon, que ficou rei de toda a Inglaterra, e procurou pela clemencia e pelos beneficios da mais justiceira administração congrassar os conquistadores com os conquistados, e fazer perdoar a conquista.

Esses cuidados, e os da propagação da fé, da edificação de igrejas e dotação de mosteiros, occuparam o seu longo reinado, e recommendam o seu nome entre os dos maiores reis do mundo. Deixando trez filhos, entre elles foram repartidos os seus Estados; a Inglaterra coube a Harold (1035); mas seu irmão Hardi-Kanuto, a quem coubera a Dinamarca, disputou-lhe a posse do seu quinhão da herança; a intervenção dos nobres obrigou-os a fazerem paz, e a repartirem entre si a ilha: ficando reduzido ao territorio ao norte do Tamisa, Harold devia entregar a parte meridional a Emma, sua mãe, que, viuva de Ethelredo, se havia casado com Kanuto-magno, e de ambos os maridos tinha tido filhos. Fiada na palavra do filho, apresenta-se esta na Inglaterra com os dous filhos que tinha de Ethelredo. Harold a acolhe mandando matar todos os da sua comitiva, e vasar os olhos a um dos dous principes. Com o outro, Eduardo, a rainha foge para a Normandia.

Harold porém morre: Hardi-Kanuto, seu irmão, que lhe succedeu, não lhe sobreviveu muito tempo; Eduardo, o filho de Emma e de Ethelredo, seu irmão uterino, é pois chama'o ao throno da Inglaterra.

No desterro e na desgraça esse principe apprendêra todas as virtudes christãs; a igreja fez delle um sancto, e na historia lhe é dado o titulo de *confessor*. Todavia o seu reinado não foi feliz; a sua longa residencia entre os Normandos lhe inspirára tanta sympathia para elles, que os seus subditos saxonios tiveram ciumes; para inflamar os seus resentimentos, e levar-os á insurreição, havia então um conde saxonio, chamado Godwin, que nas guerras anteriores, tinha adquirido fama e influencia. Eduardo

quiz chamar a si esse homem, casando-se com sua filha; não o conseguiu: Godwin armou-se contra elle; foi necessario vencel-o.

Livre pela morte desse adversario, Eduardo repartiu o poder com dous filhos d'elle, um, Harold, soube alliciar, ostentando todas as virtudes, a amor dos povos e a confiança do rei; assim preparou o caminho para throno a que subiu por morte de Eduardo, excluindo não só os herdeiros do sangue de Kanuto, como tambem os do sangue de Ethelrodo.

Não excluiu porém a ambição dos Normandos.

Era a esse tempo duque de Normandia Guilherme filho natural do duque Roberto. (*) O seu titulo de bastardo, a tenra idade em que o deixára a morte de seu paé tinham gravemente compromettido o seu poder. Mas o valor precoce, e a habilidade do principe desviaram todos os perigos. Tendo-se asylado nos seus Estados os reis legitimos de Inglaterra, e havendo Eduardo morrido sem posteridade, Guilherme poz por diante um testamento verdadeiro ou falso, em que esse principe agradecido lhe deixava a sua herança, e veio reclamá-la das mãos de Harold, á frente dos bravos Normandos. Uma batalha importante é dada em Hastings (1066); a derrota dos Saxonios é tão completa, tão completo o triumpho de Guilherme, que toda a Inglaterra fica em poder dos Normandos, e o feliz *Bastardo* é coroado em Londres.

Obrigado a voltar para seu ducado, o conquistador deixa o governo entregue a sua mulher Mathilde, cuja inhabilidade provoca uma insurreição. Guilherme volta, restabelece a ordem, e para consolida-la recorre á violencia: em vez de acalmar os vencidos, esta produz o effeito contrario; a insurreição torna-se geral, e apresenta-se

(*) A esse Roberto chamam *Roberto do Diabo*; adquiriu esse titulo com os vicios e extravagancias da sua mocidade, e não o fez esquecer com o seu valor e a capacidade que desenvolveu no governo da Normandia.

appoiada pelo rei da Escossia. Guilherme consegue desbaratal-a.

Malcolm, rei da Escossia, retira-se cedendo ao feliz Normando uma provincia dos seus pobres Estados; os bens dos insurgentes, Anglo-Saxonios e Dinamarquezes sães confiscados, e distribuidos pelos vencedores, premios da victoria e garantias da estabilidade da conquista.

A propriedade territorial é dividida em 62,500 lotes; para si conservou o conquistador a melhor parte delles, e deu um a cada um dos barões que o haviam acompanhado, com tal geito que a superioridade do rei pudesse zombar de quaesquer ligas, e não houvesse, como em França, grandes vassallos capazes de desthronisar as regias dymnastias.

CAPITULO XVI.

Os Normandos na Sicilia e na Italia.

O espirito aventureiro dos Normandos, o poder com que sobre elles actuava o feliz exemplo de Rollon, os levavam de continuo a excursões exteriores, em que muito entravam os habitos de pirataria da sua raça, e em que procuravam aproveitar o seu distinctissimo valor, já para se enriquecêrem, já para ganharem baronias e thronos.

Quarenta cavalleiros normandos que tinham ido em peregrinação á Terra Sancta, aportaram á Sicilia (1006). Tendo sido invocados pelo principe de Salerno, que estava sitiado pelos Sarracenos, derrotaram os sitiadores, e receberam da generosidade do principe ricos galardões, com que voltaram á Normandia.

Seu exemplo, suas narrações abrem o desejo de imital-os, e logo trezentos mancebos resolutos partem para a Italia meridional.

Ahi reinava a maior confusão: quatro potencias, nella

dominantes, de continuo se hostilisavam : 1º o imperio do Oriente que conservára alguns restos das conquistas de Belisario e de Narsês, 2º os Sarracenos. — 3º os imperadores do Occidente como successores de Carlos Magno, vencedor dos Lombardos. — 4º alguns principes lombardos, que conseguiam salvar sua independencia, oppondo a influencia do imperador do Oriente á do imperador do Occidente, dando-se por vassallos alternadamente de um e de outro, e assim neutralisando-os a ambos.

Já aproveitando-se dessas agitações algumas cidades maritimas, como Gaeta e Amalfi, começavam a formar repubblichetas municipaes independentes que, entregues á industria e ao commercio, se preservavam da sinistra fatalidade da guerra civil e da anarchia.

No meio desses elementos tem de avir-se o heroico valor dos Normandos.

Os trezentos aventureiros de que já fizemos menção, não tinham vistas em fundar Estado algum permanente; iam apenas offerecer o seu valor, e colher as recompensas que lhes dessem as que delle se utilisassem.

Depois de alternativas de prosperidades e de revezes, prestaram-se ao serviço do duque de Nápoles, que agradecido, além de consideraveis presentes, deu ao seu chefe Rainolfo o titulo de conde, e o dominio da cidade e do territorio de Aversa.

A noticia dessa prosperidade determinou a vinda de novos aventureiros. Tancredó de Altavilla, fidalgo valente porém pobre, tinha tido doze filhos; cumpria-lhes ganhar pelas armas um patrimonio: a Italia os convidava. Os mais velhos partiram adiante, foram-os acompanhando os outros, á medida que chegavam á idade viril. Dos primeiros o mais importante, Guilherme Braço de ferro, a frente de trezentos Normandos, toma o serviço dos imperadores do Oriente, e vae para elles reconquistar a Sicilia; uma victoria completa deixou esmagados os Sarracenos (1038).

Mas o general do exercito imperial desattendeu-lhes na partilha dos despojos, insultou-os mandando açoitar o seu interprete; para vingar-se, Braço de ferro attaca á frente de 700 cavalleiros e de 300 soldados de infantaria, que consegue reunir com o auxilio de Aversa, as provincias gregas de Italia, e embora estivessem estas defendidas por um exercito de sessenta mil homens, em duas batalhas reduz o poder imperial a só conservar quatro praças.

Os vencedores escolheram doze condes com quem foi repartido o territorio conquistado, e proclamaram duque de Apulia, suzerano desses condes, esse Guilherme de quem diziam ser « um leão na guerra, um cordeiro na paz, um anjo no conselho. » Para refreiar os condes, e consolidar o seu poder, Guilherme quiz dar-lhe uma base de legitimidade pedindo ao imperador da Allemanha que lhe concedesse, como beneficio, o que pelas armas havia conquistado.

Entretanto a côrte de Constantinopla, que a principio procurára fazer desses aventureiros auxiliares seus e occupal-os na fronteira da Persia, suscitou contra os seus chefes a trahição e a perfidia. Drogon, irmão e successor de Guilherme, morre assassinado, com os mais prestantes Normandos.

Onfredo, porém irmão d'elle, assume o titulo de duque, e encarrega-se da vingança. O imperador de Allemanha e o papa ligam-se com o imperador da Oriente para excluir da Italia os Normandos, que *opprimiam os povos, saqueiavam as igrejas, e impediam a cobrança dos dizimos*. Os Normandos tinham affrontado e desbaratado exercitos sarracenos, gregos, lombardos; intimidaram-se porém, quando tiveram que resistir ao papa, e submissos mandaram-lhe mensageiros, promettendo a mais absoluta obediencia: o papa não cedeu; exigiu que evacuassem a Italia.

Então contra o exercito do pontifice Roberto Guiscard,

irmão de Onfredo, alcança uma solemne victoria (1053). O pontifice vencido, repellido da cidade de Civitella, onde buscára asylo, pelos proprios habitantes, possuidos de medo de comprometter-se com os Normandos, vae entregar-se aos inimigos, e vê cahirem a seus pés, submissos e desarmados, esses que a victoria devia ter ensoberbecido.

Os Normandos fazem com elle um tractado de paz, em que até se subjicam a pagar-lhe tributo; mas obtem o reconhecimento das suas conquistas, e a saneção do seu direito á Italia meridional.

Appoiado nesse tractado, Roberto, tutor de seus trez sobrinhos filhos de Onfredo, prosegue na conquista de Calabria, é proclamado duque actual da Apulia e da Calabria, duque futuro da Sicilia, e acaba com os ultimos restos do dominio lombardo e grego nessas regiões.

Emfim chegaram á Italia os outros filhos de Tancredo de Altavilla, e com elles Tancredo o mais moço, tão valente, tão poetico que capitava todas as sympathias, e impunha a mais subida admiração. Foi este encarregado da conquistar a Sicilia (1060). Não bastou heroismo, foi necessaria longa e persistente constancia para levar ao cabo essa empreza: por fim, senhor de Palermo, o Normando expulsou de toda a Sicilia e de Malta os Sarracenos cuja dominação já tinha a sancção de dous seculos.

Animado por essas prosperidades, Roberto ambicionou a conquista do Oriente, mas as contrariedades que soffreu, tanto dos novos adversarios que suscitou, como dos ventos e tempestades, o obrigaram a renunciar a suas esperanças contentando-se com assenhorear-se de Durazzo, e devastar o Epiro.

O immenso poder dos Normandos dava-lhe necessaria interferencia nas profundas desíntelligencias do sacerdocio e do imperio: veremos em outro capitulo a parte que nellas tiveram, concluamos este, deixando estabelecida a

dymnastia de Altavilla nas regiões que ainda hoje formam o reino das duas Sicilias.

CAPITULO XVII.

Imperio até Henrique IV. — Estado da Igreja.

Vimos em um dos capitulos anteriores como se desmembrou a monarchia de Carlos-magno, e como em França se extinguiu a sua familia para entregar o throno a Hugo Capeto; como igualmente na Allemanha o poder, mal sustentado nas mãos de Luiz o menino, ultimo dos Carlovingios, passou por eleição dos grandes vassallos para as mãos de Conrado I duque da Franconia, e deste para Henrique o passarinho, duque da Saxonia, e posteriormente para Othon, que fundou o imperio germanico.

Exponhamos mais miudamente essas occorrencias; que o merece essa grande mudança do imperio, e um vulto historico tão consideravel como o de Othon.

Cumpra primeiro observar que o poder supremo no reino da Germania toma a fórma electiva: Conrado é eleito pelos grandes vassallos, Henrique é por Conrado, que lhe remette as insignias da realéza, designado para seu successor; mas seu poder não é real senão quando consagrado pela Dieta, ou assembléa dos grandes vassallos (919).

Todo o reinado de Henrique foi occupado com a defeza do territorio nacional; consegue elle privar Carlos o Sandeu da provincia de Lorrena, e unil-a a seus Estados, comprimir os Slavos, fundando, na fronteira que os separa da Allemanha, o margraviato de Brandeburgo, e impor-lhes tributo; oppor aos Dinamarquezes o margraviato de Sleswik de que se apodéra; vencer os Hungaros, e fundar contra elles os margraviatos de Austria e de Styria.

Introduz os jogos militares que preparam o estabelecimento dos torneios e juxtas : consente que as cidades, a quem outorga importantes exempções e direitos, cerquem-se de muralhas para defender-se.

Foi um grande principe : seu filho Othon, que lhe succedeu (936), ainda foi maior. Comprehendendo que os Slavos e os Dinamarquezes nunca estariam de todo pacificados, se a religião não modificasse os seus costumes, auxiliou a acção dos missionarios, e levou esses povos a abraçar o christianismo. Invocado (951) por Adelaide, rainha legitima da Italia, que estava preza por Berengero, um dos pretendentes ao throno, livrou-a dos seus inimigos, casou-se com ella, e confundiu assim os direitos dos principes allemães e dos principes italianos.

Uma revolta é suscitada por esse casamento : á frente della se acham o duque de Suabia, e o de Lorrena e Franconia : são vencidos, e destituídos de seus feudos. Os Hungaros, vencidos por elle, são obrigados a fixar-se nas regiões que ainda hoje occupam e a pagar-lhe tributo.

Então, a chamado do papa Julio XII, entra outra vez na Italia, derrota completamente Berengero, recebe em Monza a corôa de ferro da Lombardia, em Roma a corôa de ouro do Imperio, em Aquisgrão a corôa de prata da Germania ; assim acha-se concentrado e restaurado em grande parte das possessões de Carlos-magno o imperio do Occidente. Já preparava a conquista da Italia meridional, para o que procurava allianças, e havia alcançado para seu filho a mão de uma princeza grega, quando foi surpreendido pela morte (973). A historia dá-lhe o titulo de grande, e suas vistas politicas, suas victorias, a protecção que deu ás letras o justificam.

De 973 a 1024 trez imperadores se succedem e continuam, na pacificação da Allemanha e da Italia septentrional, a obra de Othon. Por morte do ultimo delles, Henrique H, os eleitores fazem succeder á casa de Saxo-

nia a de Franconia dando o poder a Conrado o Salico, assim chamado, porque a maxima parte das terras do seu dominio estavam nas margens do rio Sala, confluyente do Elba. A corôa da Germania adquire então o reino de Arles, composto de dous ducados de Borgonha, que comprehendia toda a bacia do Rhodano e uma grande parte da Suissa. Habil politico, Conrado liga a sua causa os grandes vassallos italianos concedendo-lhes a hereditariedade dos seus beneficios, e fortalece o seu poder chamando a si muitos dos principaes feudos allemães, entre esses o da Baviéra e da Suabia.

Sucede-lhe no throno seu filho Henrique III, que firmando-se no immenso poder successivamente alcançado pelos imperadores, procurou pôr debaixo de sua subjeição os papas, e dando o pontificado a Allemães, confirmar a incorporação da Italia ao reino teutonico.

Para isso entrou na Italia á frente de consideraveis forças, e aproveitando a discordia que lavrava nos Estados pontificios, depoz os papas nomeados pelas facções italianas, substituindo-lhes alguns ecclesiasticos allemães, notaveis pelas suas vrtudes. Então procurou levar as suas armas á Italia meridional: ja fallamos da sua alliança com o papa, e com o imperador do Oriente para expulsar os Normandos. Foi porém mal succedido: vencido em Civitella, foi morrer na Allemanha (1056) deixando o poder a seu filho, ainda menor, Henrique IV

A vida desse príncipe e o seu reinado dão-nos o exemplo das mais crueis alternativas da fortuna. Começou elle debaixo da tutella dos grandes vassallos que lhe inocularam, talvez adrede, todos os vicios. Livrando-se dessa tutella, entregou-se a todos os excessos e crueldades com o que provocou grandes odios e a revolta dos Saxonios. Ao mesmo tempo, vendendo com o maior escandalo os beneficios ecclesiasticos, suscitou a formidavel questão das investiduras que abalou a igreja e o imperio.

Antes de com ella nos occuparmos, vejamos o estado em que se achava a igreja nesse tempo.

O poder da igreja extendia-se e consolidava-se; os mosteiros por toda a parte se multiplicavam, as suas riquezas iam em augmento. Approximava-se o anno 1000; era crença geral, fundada em má interpretação da Apocalypse, que breve appareceria o Anti-Christo, e que o fim do mundo estava proximo.

Um terror, uma consternação geral pezavam sobre os espiritos. Os campos foram abandonados, e a fome, que dahi proveio, augmentava o soffrimento, e trazia scenas deploraveis. O desejo de reconciliar-se com Deus, de fazer penitencia em quanto era tempo, pois breve perante Elle teriam de comparecer, multiplicava pias doações, e o padre que consolava com a palavra, que purificava com os sacramentos esses peccadores cheios de terror e de attricção, ganhava infallivelmente um poder muito mais extenso do que nunca teve. Não podia entretanto com a palavra nem com o exemplo inspirar confiança, e fazer voltar ao trabalho: por mais que nas propriedades ecclesiasticas a riqueza das colheitas correspondesse ao esforço do lavrador, os proprietarios seculares não se desilludiam, e forçoso era aos pios estabelecimentos acodir com a esmola de charidade ás miserias filhas de tão pavoroso desanimo.

Infelizmente, em tudo o que entra o homem, entra a sua fraqueza; os mosteiros nem sempre se conservaram dignos dos seus fundadores; em muitos delles o poder, a riqueza e os exemplos foram dando entrada a vicios, que sollicitavam uma reforma. Não faltou ella; a regra benedictina foi revista na fundação do mosteiro de Cluny, e posteriormente na do convento de Citeaux pelo abbade Roberto.

Os esforços dos reformadores foram coroados do mais feliz resultado, os estudos severos começaram a reabilitar-se; a philosophia, a theologia foram cultivadas a ponto de darem á igreja um Sancto Anselmo, que se colloca

na lista dos seus maiores doutores. E não falamos desse Gerberto que foi chamado a occupar a cadeira pontificia com o nome de Sylvestre II, e cujos conhecimentos, adquiridos entre os Arabes da Hespanha, eram tão extraordinarios no seu seculo que foram attribuidos a magia.

Então pôde a igreja prestar um immenso serviço á humanidade. A oppressão e a guerra eram o estado normal da sociedade. Para reprimir a guerra foi apregoada a tregua de Deus; contra a oppressão nasceu a cavallaria.

Cumpr sempre lembrar que o estado de guerra de que falamos, não é esse que hoje presenciamos, de potencia a potencia, por meio de exercitos regulares; era a luta armada surgindo por toda a parte entre os dominadores das parcelas feudaes do territorio, guerras mesquinhas, mas não menos atrozes e encarniçadas (*). Então, não podendo ainda arrancar aos adversarios o direito de se atacarem, a igreja lhes fez sentir a necessidade de se lembrarem da grande fraternidade christãa, e de deporem as armas nos dias da semana que recordam a paixão, a morte, a resurreição do Senhor.

Desde a quarta feira á tarde até a segunda feira de manhã, foi peccado a violencia da guerra. E o receio do peccado era então muito mais poderoso do que o do crime; pois o crime tinha por vingador a authoridade temporal, que nem-um dos orgulhosos chefes então reconhecia, e da qual sempre appellava para a espada; o peccado porém

(*) Os quem sabem do que ainda recentemente occorria no interior das nossas provincias podem comprehender perfeitamente essas guerras particulares dos nobres na idade-media.

Algumas vezes, infelizmente, no interior do Brazil, por amor da disseminação da população e da consequente fraqueza da authoridade, temos visto caudilhos armarem-se, armarem os da sua dependencia, e accometterem-se com encarniçamento. Onde a authoridade não impéra, imperam as paixões, e essas são ferozes, quando a civilisação as não refreia.

era justificado por Deus, authoridade infallivel, a que não é dado illudir nem resistir.

Posteriormente a tregua de Deus transformou-se, abriu caminho á *paz de Deus*, e a guerra particular desapareceu de todo como direito.

A outra instituição memoravel foi a da cavallaria. Para essa instituição as ideias estavam preparadas, já pelos *juílgamentos de Deus*, essa formula judiciaria que já expuzemos, e em que era dado á fraqueza offercer um campeão para sustentar a sua justiça; já pelo contacto com os Arabes que, no seu culto á belleza e á poesia, haviam despedido o combate das violencias e grosserias de outras eras (*) para lhe dar as practicas nobres da cortezia.

Não devemos todavia deixar de memorar que nos velhos costumes dos Germanos estavam tambem os primeiros elementos da cavallaria. Tacito já nos fala dos jovens guerreiros (*comites*) que acompanhavam os chefes a quem se dedicavam; já no tempo de Carlos Magno vemos decantadas as proezas dos seus paladinos. Não menos apparecem cavalleiros admiraveis nas façanhas attribuidas pela ficção ou pela tradição ao rei Arthur, ultimo defensor da liberdade britanica contra os Saxonios.

No caminho dessas ideias vinha achar-se um poderoso elemento: os beneficios, as terras feudaes passavam para os primogenitos; havia pois uma grande massa de fidalgos, filhos segundos, que não tinham por patrimonio senão o cavallo de guerra, a lança e a espada. Muitos recrutavam nas fezes da população soldados que os acompanhassem, e vendiam os seus serviços a quem delles care-

(*) Comparem-se os discursos que na Iliada o grande poeta põe na boca dos seus heroes, quando se accomettem, e o modo porque se avém elles nos seus combattes, com o que se passa entré os cavalheiros, e vem exposto em um sem-numero de narrações dessas epochas: ver-se-á a differença dos seculos e a influencia da intervenção religiosa.

cesse. Outros isolavam-se, e só davam o seu valor á causa que lh'os parecia merecer, á causa do orphão, da donzella, da viuva, á causa dos opprimidos. A religião provocava, abençoava os seus serviços. O cavalleiro era armado depois de practicas religiosas, de vigílias e orações.

E igualmente ninguem, ainda mesmo de nobre estirpe, se improvisava cavalleiro; cumpria começar sendo moço de armas (*page*) na companhia de um cavalleiro; ao depois subia-se a escudeiro, e por fim, depois de feita alguma proeza com que justificasse o seu valor e sua galhardia, o escudeiro era armado cavalleiro, por intervenção da igreja, e do cavalleiro com quem havia militado, e que lhe servia de padrinho.

A essa sublime instituição, que tão poderosa inspirou os poetas e narradores, em quanto não foi expirar no ridiculo com que a matou Cervantes no seu D. Quichote de La Mancha, devem muito os costumes modernos, e esse horror á injustiça e á oppressão, tão entranhado nos nossos corações.

Infelizmente, se a acção da moral e da predica religiosa ia assim ganhando cada vez maior e mais benetica influencia, a barca de São Pedro, agitada no mar tempestuoso das paixões, nem sempre ia rumo direito. A posição de reciproca dependencia dos papas e dos imperadores, e indisposição natural do povo, e especialmente da nobreza romana, contra os Francos e os Germanos, traziam continuos conflictos.

Papas eleitos pelos Romanos eram consagrados sem se esperar pela annuencia do imperador. Este sujeitava-se ás vezes, outras vezes reclamava, protestava, até por vezes descia á Italia, e pela força comprimia a facção que lhe era hostil. (*)

(*) Entretanto no meio da fraqueza em que taes discordias deixam o pontificado, é sublime a energia com que os papas cumprem os seus deveres.

No meio dessas agitações, é chamado á cadeira de S. Pedro Formoso, bispo do Porto, que por Nicolau I fôra mandado em missão apostolica aos Bulgares. Dá isso logar a triste desenvolvimento de ambições e de atrocidades. No meio das lutas então suscitadas Estevam VII

Lothario II, de Lorrena, irmão do imperador, querendo casar-se com Valdrada, accusou de adulterio sua mulher Teutberga, e sem embargo de se mostrar esta innocente pela prova da agua fervendo, obrigou-a com atrozes sevicias a confessar-se culpada, e condemnou-a. Era então papa Nicolau I, que vimos tão energico defender a Igreja contra os enredos de Phocio.

Para manter a sanctidade do matrimonio condemnou elle os arcebispos de Treveres e de Colonha que, parentes de Valdrada, passavam por instigadores do príncipe.

Os dous arcebispos obtiveram que o imperador Luiz, irmão de Lothario, os protegesse. Luiz vae a Roma, ao chegar, acha o papa occupado em uma procissão solemne para impetrar de Deus que inspirasse melhores sentimentos ao imperador. A soldadcsca attacca o povo, quebra as cruzes e pendão da procissão, obriga o papa a fugir. Do seu refugio, sem empregar outras armas que não a da supplica, Nicolau commove os seus inimigos; o imperador abandona a causa dos seus protegidos, e retira-se (864).

O papa não desiste, quer que Lothario abandone a concubina, e aceite no thalamo conjugal a legitima esposa, e declara que, ainda quando reclame esta mesma a annullação de seu casamento, não consentirá que a concubina seja elevada á posição de legitima esposa.

A desavença ainda continúa depois de morto Nicolau. Seu successor Adriano, embora devesse a Lothario o auxilio com que resistiu aos Sarracenos, não desampara a causa da sanctidade do matrimonio, e tendo de dar a eucharistia ao príncipe, diz-lhe estas palavras:—Se renunciaste ao adulterio, seja-te de salvação este sacramento: transforme-se porém em castigo, se o teu coração inda é perverso.—Dahi a poucos dias Lothario morria, e confirmava no publico a opinião de que era victima de um celeste castigo.

Referimos por extenso essa occurrencia, não só para que se veja o zelo do pontificado pela dignidade do casamento, como para que sirva de termo de comparação côm o que nos ha de referir a historia moderna acerca de Henrique VIII de Inglaterra, e de sua separação da igreja romana.

apodéra-se da thiara, e dá á Igreja o escandaló de mandar desenterrar Formoso, de revesti-l-o com as insignias pontificaes, e de o fazer processar e condemnar: cortam ao cadaver a cabeça e os trez dedos com que abençoava, atiram-lhe o resto no Tibre (897).

Essa atrocidade sacrilega irrita os partidarios de Formoso: Estevam é estrangulado, seus actos annullados. Aproveitando essas confusões, Adalberto II, marquez de Toscana, á frente de uma facção de fidalgos, e servindo-se de todos os meios, ainda os mais infames, apodera-se do poder, e entrega successivamente o pontificado aos que merecem sua protecção.

Sobem então de ponto essas as de opprobrio e de infamia: eleva-se ao throno pontificio João XII (954), e este chama á Italia Othon Magno contra Berengerio, e o corôa imperador.

Logo porém, em vez de conservar-se fiel a essa alliança, une-se ao filho de Berengerio, obriga Othon a voltar á Italia, e foge de sua presença levando com sigo o thezouro de São Pedro. Othon reúne um concilio para julgal-o: ahi as mais atrozes accusações se lhe fazem; João não comparece para defender-se; é condemnado, e em seu lugar eleito Leão XII que ainda então não era ecclesiastico (965).

A agitação não acaba: mal se retira Othon, apparece João á frente de um bando de musulmanos: em odio ao estrangeiro, o povo esquece todos os seus crimes, e acolhe-o com vivas aclamações. João entrega-se a terriveis vinganças; morre porém assassinado pela vingança de um marido ultrajado.

Os Romanos apressam-se de eleger Benedicto V Othon porém sustenta o papa Leão, e por morte deste confere, de authoridade propria, o pontificado a João XIII. Por morte de Othon, continuam e ainda se aggravam as complicações; cada facção oppoem ao papa o seu anti-papa, e o mantem no poder pela força.

Para acabar com essa anarchia, Othon III confere o pontificado a um moço de 24 annos, filho do duque de Franconia, que toma o nome de Gregorio V (996). Apenas porém retira-se o principe, surge um anti-papa, e Othon tem de voltar para restabelecer pelas armas Gregorio V.

Essa anarchia, que parecia dever acabar com a influencia exterior do pontificado, a não embarçava; tanto que no pontificado de João XV (985) o rei de França Hugo Capeto quer que o pontifice julgue o arcebispo de Reims, a quem accusa de alta trahição. O papa hesitava, Hugo reúne um concilio, e faz com que este destitua o arcebispo; o papa annulla os actos do concilio, suspende os bispos que o haviam composto, reintrega o arcebispo; e o rei de França reconhece o seu poder, faz observar os seus decretos

Mais firme na cadeira pontificia, Gregorio V intima ao rei de França, Roberto, que repudie Bertha, com quem se havia casado, sem embargo do parentesco que entre elles existia, e suspende os bispos que haviam celebrado esse casamento: e Roberto obedece.

A Gregorio V succedeu na cadeira pontificia, igualmente por nomeação de Othon III, o famoso Gerberto (*). Logo porém voltaram as agitações, sempre trazidas pela mesma causa, a luta dos principes italianos, e das facções, que, de um lado, se disputa-

(*) Gerberto era o homem mais instruido do seu tempo, e um dos mais amigos do estudo: o seu cuidado de procurar e de reunir os manuscriptos dos antigos, especialmente de Cicero, de frequentar as escolas, de ouvir os homens doutos o tornariam já admiravel, ainda quando não houvesse elle estudado nas escolas dos Arabes de Hespanha as sciencias então desconhecidas, e que lhe fizeram uma reputação fatal de feiticeiro.

Gerberto foi arrancado a seu convento para sentar-se interinamente na cadeira archiepiseopal de Reims, dahi com a protecção de Othon III, que fôra seu discipulo, passou para a de Ravenna, e della para a cadeira de Roma que occupou quatro annos eom o nome de Sylvestre II.

vam a influencia, do outro repelliam a preponderancia estrangeira.

Se a Igreja de Deus, se o pontificado não se anniquilou nesses dias fataes, é que realmente, não um poder humano, porém um poder divino o sustenta.

Ainda mais, no meio dessas torpezas e dessa anárchia, o seu poder vae em augmento.

Se por toda a parte a Igreja ganha influencia, se por toda a Europa triumpham os soldados de Christo, se enfim a Tregua de Deus desarma os odios das guerras fratrecidas, se as riquezas dos conventos, das abbasdias, dos capitulos se augmentam, a supremacia, a jurisdicção superior do pontifice se consolida. Já a vimos na Allemanha e na França lutar com poderosos principes para manter a sanctidade do matrimonio, e castigar os membros do alto clero que lhe resistem: na Italia o arcebispo de Ravena quer com elle rivalisar; é excommungado: o arcebispo de Milão mostra iguaes pretensões; mas cede á acção dos legados pontificios, e recebe do papa, em um senado reunido em Roma, o anel que, como signal de investidura, era por elle até então recebido das mãos dos reis de Italia, a quem elle coroava.

Nesse grau de importancia estão o pontificado e a Igreja, quando ao throno da Allemanha é chamado o joven debochado Henrique IV, e ao mesmo tempo á cadeira pontificia Hildebrando, filho de um carpinteiro da Toscana, homem cheio de virtudes, de uma tenacidade e energia nunca desmentida. Entre elles devia travar-se necessariamente a luta: achou-se logo travada.

Houve nella diversas intermittencias, e ás vezes transacções; mas tanto nunca foram definitivas, que ainda hoje vemos suscitarem-se difficuldades entre a authoridade temporal e espirital, embora, graças á civilisação de nossos dias não sejam acompanhadas de violencias.

CAPITULO XVIII.

● sacerdocio e o imperio.

QUESTÃO DAS INVESTIDURAS.

Para bem comprehender-se essa immensa questão que agitou a Europa durante tantos annos, cumpre que primeiro vejamos que vinculos de dependencia, que relações, que antagonismos existiam entre o pontificado e o imperio, entre a Igreja e o Estado, e especialmente que nós refiramos ás ideias feudaes nessa epocha acceitas.

1.º — Todas as corporações ecclesiasticas, conventos, abbasias, capitulos, bispados, possuiam terras devidas a doações de particulares, ou á dos principes: assim estavam para com elles na posição de vassallos para com os suzeranos. O acto que fazia de um ecclesiastico um bispo era o que o *investia* na posse temporal desses patrimonios, ou o acto do suzerano que *investia* no beneficio o beneficiario, era o que lhe dava o seu poder episcopal? Primeira questão renhidissima, especialmente quando os principes suzeranos, por affeição ou simonia, quizessem conferir o beneficio a quem não agradasse ao fieis. Além disso, no bispo beneficiario o que prevalecia o encargo episcopal, de certo independente do suzerano, ou o encargo de vassallo? O vassallo desleal perdia o seu beneficio, que era devolvido ao suzerano; quando o vassallo fosse ecclesiastico, até que ponto iria essa subjeição, como se faria essa devolução?

2.º — O imperio tinha sido creado pelo pontifice: fôra este quem por gratidão, por grandes vistas da mais alta e previdente politica, coroára, acclamára Carlos-magno; era elle quem coroava, quem acclamava de entre os seus successores o que devia ser imperador: o imperio era pois

uma como instituição ecclesiastica, e a expressão, com que posteriormente foi qualificado, de Sancto Imperio Romano não desdiz essa origem. Nessas idéas o imperio era um *beneficio* do pontífice, e constituia para o imperador uma especie de vassallagem.

3.º — Por outro lado, embora immensa fosse a influencia e o poder moral do pontífice em Roma e na Italia central, que elle defendera da avidez lombarda, não tinha elle poder temporal reconhecido senão o que lhe havia resultado das doações de Pepino e de Carlos; essas doações constituiam um como beneficio, e traziam a vassallagem.

Comprehende-se dahi que origem de lutas e de fataes desaccordos, em uma epocha em que só a igreja era a authoridade moral, e em todos os conflictos o direito unico era a força.

4.º — Ainda mais; o pontificado tinha por sêde essa Roma tão sôberba, e com tanta razão, do seu antigo poder, dos seus vestigios de civilisação, essa Roma, centro da Italia, onde tantas raças barbaras haviam mais ou menos ephemeramente dominado, mas deixando nella chefes hostis uns aos outros, sequiosos do dominio e da independencia. O Romano, o Italiano viam com necessaria repugnancia o dominio desses imperadores francos e allemães que pela força os subjugavam; mas contra quem conservavam um fermento eterno de odio e de aversão.

5.º Não estava bem definida a fórma legitima da nomeiação do pontífice: ás vezes as facções o impunham, ás vezes o imperador o escolhia: os principes dominadores na Romania, e exercendo authoridades civis em Roma, os Crescencios, os Adalbertos, até ás vezes princezas de infame immoralidade impunham papas, anti-papas, provocavam guerras civis e crimes.

Facil é ver quanto a luta que deve originar-se de tantos elementos, de tão contrarias influencias terá de prolongar-se, quantas alternativas de prosperidade e de revezes, sempre indecisas, apresentará até por fim transformar a

face da Italia, suscitando guerras de campanario a campanario, de cidade a cidade, de facções odientas no interior mesmo de cada cidade, Guelfos e Gebelinos emfim.

Neste capitulo não abrangeremos o todo dessa luta, apenas a acompanharemos até o dia em que uma transacção parece pôr-lhe termo, e acabar a questão das *Investiduras*.

Quando o estado do pontificado era esse, pôde se ter ideia do estado de afrouxamento em que teriam cahido os costumes do clero. A simonia fazia desrespeitar os sacramentos; a immoralidade o character sacerdotal.

O filho do carpinteiro da Toscana, Hildebrando, comprehende que, antes de acceitar a luta contra o imperio, e de exigir de Henrique que cohiba os escandalos da sua immoralidade e das suas simonias, cumpria-lhe reformar o clero, que, em vez de ser para os fieis exemplo de escandalo, fosse modelo de edificação. Simples frade, tinha elle merecido a attenção, o respeito de todos, e exercido influencia sobre todos os papas que se succederam a Leão IX. Feito cardeal, conseguiu que se determinasse que ao Sagrado Collegio, isto é, á reunião dos cardeaes competisse exclusivamente a eleição dos papas. Eleito pontifice (1073) toma o nome de Gregorio VII, e logo começa a grande obra da reforma.

Até então o celibato clerical, se aconselhado, não era rigorosamente imposto; padres casados, e além disso concubinarios, não eram raros. Gregorio affrontou primeiro essa relaxação dos costumes; impôz ao clero castidade absoluta. Foram-lhe de immenso auxilio, para fazer triumphar esse ponto de disciplina, todos os bons ecclesiasticos, que comprehendiam a necessidade desse gráu de pureza nos ministros do Senhor, que tem por familia toda a christandade, foram-o especialmente os frades, e a frente delles Pedro Damiano.

Para fortificar a acção dos seus conselhos, de suas predicas, Gregorio não duvidou recorrer á indignação publica.

Em breve o povo desertou as igrejas em que funcionavam padres casados, e acompanhou com as vaias do seu desprezo os que não lhe davam o exemplo da castidade.

Com o auxilio desses meios o principio da reforma triumphou, e Gregorio teve um clero unido, puro, respeitado, e por isso tanto mais poderoso no desempenho da sua missão.

Não menos energica foi a sua luta contra a simonia. O trafico dos beneficios ecclesiasticos, conferidos muitas vezes por seculares, era publico escandalo; e quem comprava os beneficios, não estava de certo em grandes disposições de exercer o poder e a influencia delles, provenientes, segundo os sanctos fins que os haviam instituido. Gregorio declarou excommungados os padres simoniacos; e para pôr cobro á occasião mais frequente desse trafico, prohibiu que os ecclesiasticos recebessem a *investidura* das mãos de seculares.

Na investidura dos beneficios seculares, o suzerano, recebido o juramento de fidelidade do vassallo, entregava-lhe a espada, symbolo do poder, e o sceptro, symbolo da justiça: na investidura dos beneficios ecclesiasticos, dava-lhe o anel e o baculo, symbolos do poder espirital.

E' vista a razão com que Gregorio disputou ao poder temporal essa investidura; é visto igualmente que os imperadores não podiam desistir della, em quanto pudessem resistir ao pontifice.

A' prohibição de Gregorio VII responde Henrique IV convocando uma dieta em Worms, e nella fazendo destituir o papa: este responde-lhe com uma bulla de excommunhão, desobrigando os seus subditos do juramento de obediencia. O clero de Allemanha dá a maior publicidade á bulla: Henrique tinha chamado contra si todas as desaffeições; viu-se pois tão abandonado, que teve de ir á Italia lançar-se aos pés de Gregorio, e implorar o seu perdão (1077).

O papa estava então no castello de Canossa, proximo de

Modena, propriedade da grãa—condessa Mathilde. (*) Ahi descalço, no rigor do frio, em um pateo exterior do castello, o principe ficou trez dias inteiros, humilde, aviltado, fazendo assim uma immensa e publica penitencia. Obteve por fim a absolvição, não a reintegração do seu poder. (**)

(*) A condessa Mathilde era filha de Bonifacio, conde de Modena, de Reggio, de Mantua, de Ferrara, duque de Lucca e Marquez de Toscana, tão opulento e generoso que por occasião de seu casamento com Beatriz de Lorrena fez grandes festas e teve meza franca durante trez mezes para quem quizesse comparecer. Os fidalgos eram servidos em baixella de ouro e de prata, e para o povò havia chafarizes enormes a jorrarem continuamente vinho, musicas e divertimentos de pelotiqueiros, e de buffos. Queixando o imperador Henrique III do vinagre de Placencia, Bonifacio mandou-lhe, em um carro de prata, alguns barris igualmente de prata cheios do melhor vinagre.

Bonifacio morreu assassinado; sua filha Mathilde ficou senhora de seus immensos dominios, a que accresciam terras consideraveis na alta Lorrena, herdadas de sua mãi.

(**) Eis como esses factos são expostos por um historiador consciencioso.

Gregorio VII achando na poderosa e dedicada condessa recursos sufficientes para fazer frente ao imperador, e ás sympathias que pudesse elle despertar entre os Lombardos, refugiou-se no castello de Canossa. Henrique porém apresentou-se penitente e abattido, descalço, despido dos ornatos imperiaes. Gregorio a principio o não quiz receber, determinou que se apresentasse á dieta convocada para Augsburgo. Porfim ás instancias e ás supplicas de Henrique o papa cede, querendo porém dar um grande exemplo que intimidasse os orgulhosos, exigiu que Henrique, em trajes de penitente, lhe entregasse a corôa declarando-se indigno della, e descalço, exposto á inclemencia do tempo, aguardasse no pateo do castello a sua decisão. Só ao cabo de trez dias o admittiu á sua presença e lhe deu absolvição, ordenando-lhe que comparecesse perante a assembléa dos principes allemães, sem que entretanto reasumissem a authoridade, e as insignias da realza.

Tendo Henrique prometido fazel-o, o papa o admittiu e tomando uma hostia consagrada, consumiu a metade, e deu a Henrique

Uma parte dos principes allemães, que tinham mais ardentemente applaudido á excommunhão de um chefe que tanto lhe desagradava, aproveitou-se disso, para substituir-lhe Rodolpho de Suabia, e o papa approvando a eleição, mandára a Rodolpho uma coroa de ouro.

Entre Henrique e Rodolpho trava-se combate, este é vencido e morre, e o seu ducado de Suabia é dado ao chefe da casa de Hohenstaufen. Animado pela victoria, Henrique desce á Italia, vence o exercito da condessa Mathilde, e confere o pontificado ao anti-papa Guiberto, que toma o nome de Clemente III. Gregorio VII refugia-se no castello de S. Angelo, de onde o vem livrar Roberto Guiscard que o leva para Salerno; depois de mil vicissitudes, ahí termina o papa uma existencia cheia de lutas, de triumphos, de angustias, repelindo estas palavras: amei a justiça, detestei a iuquidade; por isso morro no desterro. (1083).

Os successores de Gregorio VII continuam a sua obra e contra o imperador, occupado em combatter os seus inimigos na Allemanha, suscitam Conrado seu filho mais velho; o pae porém consegue prendel-o e fazel-o declarar destituido de seus direitos ao throno. Livre desse perigo, vê seu segundo filho armar-se parricida, e por instancias delle destituido na dieta de Mayença (1105), vae morrer miseravelmente em Liege (*).

a outra metade para que igualmente a consumisse; se se julgasse innocente dos crimes de que era accusado. Venceu porém o poder da consciencia; Henrique recuou diante dessa prova.

(*) O fim da vida de Henrique é o quadro mais lamentavel das vicissitudes humanas. O filho rebelde convocára os principes allemães que, reunidos em Dieta, em Mayença, decidissem entre seu pae e elle. Informado de que o pae queria pessoalmente apresentar-se, o filho vae a seu encontro, implora o seu perdão, alcança-o, e o convida a vir á assembléa sem essa escolta de guerreiros de que vem acompanhado. O pae accede ao convite; avisado porém da trahição do filho, lança-se-lhe aos pés dizendo: — filho i filho! se Deus quer castigar meus erros, não manches tu teu nome

O filho perverso não podia ser bom príncipe.

Mal de posse do poder, tornou-se inimigo da igreja, cujos interesses pretextára servir. Desceu á Italia, tomou Roma, obrigou o papa Pascoal II a assignar o tractado de Sutri (1111) pelo qual renunciava em nome do clero a toda propriedade territorial, e assim cortava a questão das investiduras.

O clero porém não accede a esse esbulho, a luta agrava-se, e ganha maior importancia por morte da condessa Mathilde, que constituiu a Sancta Sé herdeira de todos os seus dominios. Henrique V não podia consentir nesse augmento do poder do pontifice, e pois reclamando os bens allodiaes como proximo parente da condessa, e os feudaes como suzerano a quem deviam reverter, apoderou-se de todo o patrimonio da condessa. Uma guerra disputadissima se prolonga até 1122.

Então apoiado pelo duque de Apulia e pelo príncipe de Capua, podendo dispor de todas as forças normandas da Italia meridional, o papa Calixto obrigou o imperador a entrar em negociações, e na dieta de Worms uma concordata entre as duas potestades sancionou os seguintes principios: o imperador, absolvido da excommunhão, renunciou ao direito de investidura com o anel e com o baculo, e deixou ás igrejas a liberdade de suas eleições: o papa consentiu em que os prelados fossem eleitos na presença do imperador, e d'elle recebessem o sceptro, como signal das vantagens temporaes que lhes eram concedidas. Na Allemanha essa investidura devia preceder á sagração, na Italia a sagração lhe precedia.

e tua honra; pois a natureza não consente que um filho se arvore em juiz de seu pae.

Henrique jurou respeitá-lo: mas logo obrigou-o a reconhecer-se culpado dos crimes e torpezas que lhe eram imputados, e a abdicar.

Nem morto aheou Henrique a paz do jazigo, o seu corpo foi desenterrado, e atirado a um monturo.

Assim terminou o primeiro acto da questão das investidas, em honra de Calixto, que assim prevou o seu amor da paz, em vantagem do imperador, que, com sua presença nas eleições, podia dirigir os votos e exercia uma verdadeira supremacia nos negocios ecclesiasticos.

A questão porém ainda tem de continuar e de complicar-se. Antes de acompanhá-la nessas novas phases, occupemo-nos com o facto mais grave da idade media, que nesse tempo se realisou; falemos das cruzadas.

CAPITULO XIX.

Estado da Europa. Romarias.

Uma fidalguia numerosa, guerreira e pobre, vivendo no aborrecimento de suas mansões solitarias, e faminta de movimento, de agitação que, ao mesmo tempo que a occupasse, lhe dêsse occasião de com seu valor ganhar thezouros, e opulentos dominios, inebriando-se de continuo com a narração dos prosperos resultados, conseguidos por algumas centenas de cavalleiros normandos, resultados que a imaginação, ajudada pela distancia, ainda mais exagerava;

Em França uma nova dynastia que, mais astuta do que as que lhe haviam precedido, substituia á gloria das armas a prespicacia da politica, e mais procurava arredar e enfraquecer essa aristocracia inquieta, do que travar luta aberta com ella, e expor-se a sanguinolentos reveses;

Cidades que já aspiravam á liberdade e á independencia, e que já deviam á industria e ao trabalho meios com que a comprassem, desde que os senhores que as dominavam carecessem de recursos para guerras;

Um clero numeroso e influente pelo seu saber, pela sua riqueza, pela sua hyerarchia, pelo character divino de sua

missão, e que unico podia contrastar a vehemencia das paixões, quer prevenindo-as, quer castigando-as pela penitencia;

Eis o que, no meio do conflicto geral de tantos interesses e de tantas ambições, poderia considerar-se como a feição característica da sociedade europea no periodo em que estamos.

O espirito aventureiro e o de penitencia haviam trazido a practica das romarias. Os grandes peccadores desses tempos não tinham ainda chegado ao periodo fatal da indifferença que authorisa compromissos com a consciencia. Se crimes abominaveis, se peccados monstruosos então se multiplicavam, tambem o temor de offender a Deus, o anhelos de obter o perdão da sua misericordia dictavam soffrimentos e sacrificios voluntarios, obras de penitencia que nos dias de afrouxamento que correm, causam verdadeiro assombro.

Assim viam-se grandes peccadores de alta ou de baixa extracção sahirem dos pés dos confessores para se arrastarem descalços, cobertos de cilicio, esmolando de caridade uma pousada incerta, um bocado de pão, por longas leguas, até alguma capellinha, até á sepultura de algum sancto que a fama rodeiava de seus prestigios, para lá irem offerecer a Deus as orações de um coração constricto e humilhado.

De todas as romarias porém, a mais ardua e a mais sancta era a que levava o peregrino da Europa occidental até o interior da Asia, até a cidade sancta de Jerusalem, onde offerecesse, juncto ao tumulo do Senhor, o tributo da mais profunda devoção.

O costume das romarias, os habitos contrahidos pelo assiduo apostolado que os missionarios iam exercer em distantes regiões, entre tantos povos barbaros, trouceram logo a essa sociedade o amor das viagens e das explorações. Já o mais extremo oriente havia sido devassado, já alguns ecclesiasticos tinham penetrado até a China; já

desde o tempo de Justiniano, dous frades haviam dessa remotissima e então quasi fabulosa região trazido a Constantinopla as sementes do bicho de seda, e os primeiros elementos dessa industria sericola que tanto devia posteriormente propagar-se.

Nas longas e fastidiosas noites da mansão, comprehendese com quanta avidéz haviam de ser ouvidas todas as narrações, verdadeiras ou falsas, dos romeiros, com quanta avidéz cobichados os prodigiosos esplendores de que elles davam conta, e tambem, nesses espiritos bellicosos e cavalheirescos, com quanta indignação sabidas as barbaridades e oppressões que ahi se exerciam sobre christãos inermes, sobre miseros ecclesiasticos que iam adorar os Logares que a presença e os soffrimentos de Jesus Christo haviam sanctificado.

Todos os motivos pois humanos e divinos, todas as considerações de religiosa devoção, e de avida cobiça predispunham o mundo europeu a precipitar-se sobre a Asia, o mundo christão sobre o mundo musulmano, desde que um incitamento mais activo o impellisse.

Qual era porém o estado da Asia nesses dias ?

Deixemol-a na hora em que a conquista dos Arabes por toda ella se havia extendido, e dividido o kalifado, transferido da Mecca para Damasco, de Damasco para Bagdad, havia sido reduzido a um titulo meramente honorifico, deixando a realidade do poder nas mãos dos chefes dos Turcos Seldjucidas, a que os kalifas tinham chamado para lhes darem suas guardas e seus exercitos.

Continuemos dahi : mas antes vejamos o que é feito desse imperio grego, que deixamos, depois de fulgor ephemero dos triumphos de Heraclio contra os Persas, logo eclipsados pelas conquistas de Caleb e de Amrú, e de que apenas fizemos menção, quando tivemos de expor a origem de scisma grego, e a que só de passagem nos referimos, quando demos conta das invasões dos Normandos.

Reduzido pela conquista arabe á península formada a

quem do Danubio, embora conserve ao longe um poder incerto e nominal, ou antes uma pretensão do poder; pois em toda a parte inimigos poderosos lhe disputam esses ultimos restos da grandeza romana, o imperio do Oriente parece não cuidar se não de justificar o seu nome historico de Baixo Imperio. Não é que lhe faltem recursos para a guerra, condições naturaes para a prosperidade: pelo contrario poucos Estados dessa epocha têm tantos e tão admiraveis elementos de grandeza e de gloria: faltam-lhe porém povo e imperador.

A governança reduz-se a uma diplomacia meticulosa, prodiga de traheções, de subsidios e de tributos para repellar e desarmar as hordas barbaras que de todos os lados accommettem o imperio. Descançando na força que Constantinopla devia a sua posição e á arte, descansando ainda mais no famoso invento do fogo greguez (*) para defender a capital, o povo entregava-se a mil dissensões religiosas, dividia-se em absurdas facções, e entregava-se á mais depravadora indolencia. Imperadores indignos, entre os quaes raro se apresenta algum cujo nome, por algum bem que fizesse, por alguma virtude que mostrasse, por alguma louvavel intenção que o dirigisse, mereça menção historica, se succedem no meio de fraquezas e de crimes, e muitos conquistam alcunhas deploraveis. Aqui é um *Pogonato* (barbado) que se envolve na questão religiosa para perseguir os monophysistas ou monothelistas (**), já condemnados por um concilio (680); á um *Rhinotmeto* (nariz cortado)

(*) O fogo greguez, invento cuja composição está perdida, era um mixto que ardia ainda debaixo da agua, e arremessado aos navios, agarrava-se-lhe nas partes immersas no mar, e o incendiava. Foi muito tempo o que salvou Constantinopla dos seus multiplicados invasores, e prolongou a miseravel agonia do imperio moribundo.

(**) Os monophysistas ou monothelistas entendiam que em Jesus Christo havia uma só natureza, e por tanto uma só vontade.

cujas atrocidades promovem uma insurreição que o desterra para a Chersoneso de onde volta, restaurado o seu poder, para morrer assassinado (711). Insurreições successivas apeiam do throno principes, por insurreições levantados a essa eminencia; a violencia arranca-lhes abdições, o assassinio arranca-lhes a vida.

Nessa successão de principes sem nome surge a seita dos iconoclastas, provocada por Leão Isaurio, que das religiões judaica e mahometana fôra beber o principio da proscricção das imagens de Deus e dos Sanctos. Ordenou pois esse imperador que fossem por toda parte quebradas as imagens, objectos da profunda veneração dos povos, muitas dellas primores das bellas artes. O decreto encontrou a maior resistencia: as Cycladas, a Grecia se revoltaram, e levaram a audacia a ponto de ir attacar Constantinopla. O ataque porém foi repellido, e o imperador mais se enfureceu com a resistencia. Em Constantinopla mesmas na occasião em que se queimava a imagem do Salvador, o povo se insurge; scenas sanguinolentas se reproduzem em todo o imperio.

No Occidente os decretos do iconoclasta são repellidos pelo povo e pelo papa que por fim, depois de ter feito condemnar por um concilio em Roma (732) a nova heresia, excommunga o imperador.

Com o throno deixa elle a seu filho o fatal legado da protecção aos iconoclastas e das discordias civis, até que por fim um menino de dez annos Constantino V (*porphyrogeneto*) sóbe ao throno sob a tutella de sua mãe Irene. Faz esta cessar a perseguição contra os catholicos, mas não consegue pôr termo ás lutas intestinas. Chegando aos vinte annos, seu filho se emancipa, e a manda prender em um palacio. Mas logo, apaixonando-se por uma camarista de sua mulher, repudia esta para casar com ella, e assim suscita novas discordias, de que se aproveita Irene para sahir da prisão, assumir o throno, e castigar severamente o filho ingrato.

Celebre por haver restaurado o culto das imagens, foi a esposa destinada pelo papa para Carlos Magno (802) mas uma revolução do palacio a desterra para Lesbos, onde vá morrer na miseria, e dá o throno a Nicephoro, seu thezoureiro. Morre este assassinado, depois de ter procurado restaurar os iconoclastas.

As lutas intestinas entre esses hereges e os catholicos, as guerras mal succedidas com os Bulgares e os Arabes, dilaceram o payz até que suba ao throno Miguel III, e tome em mão os interesses de Phocio, que determina, como precedentemente vimos, o scisma grego.

Já igualmente vimos que a esse principe succedeu Basilio I, que procurou acabar com as pretensões de Phocio, e unir de novo as igrejas dissidentes.

Basilio era valido de Miguel e seu escudeiro; suspeitando que o imperador o queria mandar matar, apressou-se de assassinal-o, e de usurpar o poder. Seu filho Leão VI que lhe succedeu (886) conquistou pelo seu amor ás letras o titulo de sabio, mas não soube defender o seu imperio continuamente attacado pelos Bulgares, Hungaros e Sarracenos.

Na successão desses principes indignos de menção vem emfim ao throno Nicephoro II que, com o auxilio de Igor, filho de Rurick, grão duque da Russia, o qual já havia attacado Constantinopla, e obtido do imperador Romão II um tractado vantajoso, venceu os Bulgares, pacificou e defendeu as ilhas do archipelago, recuperou as ilhas de Creta e de Chypre, e por fim levou suas armas victoriosas até o Tigre, reconquistando a Cilicia e a Syria.

Morreu assassinado por João Zimiscés (969) que, concedendo a Othon II a mão de uma princeza, e havendo assim firmado a paz com o imperio do Occidente, occupou-se em lutar gloriosamente contra os Russos e os Sarracenos. Morreu por fim envenenado (976) pelo eunucho Basilio que lhe succedeu.

Não acompanharemos mais tempo essa decadencia, no

meio da qual apparecem os enredos e as torpezas de Zoê e de Theodora, irmãs de Basilio, e do que se aproveitam os Turcos seldjucidas para firmar o seu poder na Asia, e outra tribu turca para estabelecer-se na Servia; até que sóbe ao throno Isaac Comneno (1057) cujo sobrinho Aleixo Comneno teve de defender a Grecia contra Roberto Guiscard, e viu as cruzadas atravessarem o seu imperio, pois reinou de 1081 a 1118).

Entretanto o poder musulmano se extendia, e se transformava: já o kalifado havia sido dividido, já Harum al Raschid havia lançado os ultimos esplendores de gloria sobre o de Bagdad, já no Egypto, destacando-se, com toda a Africa, do kalifado arabe, havia-se firmado a dynastia fatimita, tomando por capital a cidade do Cairo de recente fundação, quando um escravo turco, governador de Khorção, (960) rebellou-se, tornou-se independente, extendeu as suas conquistas desde o mar Caspio até o Ganges, e deu por capital a essa immensa monarchia a cidade de Delhy.

Para defender-se no oriente da Asia contra o poder desse novo imperio, o kalifa Abdallah V chamou o auxilio de outra tribu turca que obedecia a Togul-Bey neto de Seldjuk. O protector, tendo desbaratado os inimigos, impoz o seu dominio ao protegido, e fundou a dymnastia dos Seldjucidas que se assenhoreou da Georgia, da Armenia, e de grande parte da Asia menor.

Estava elle no auge do seu poder em 1093: substituirase ao kalifa, tomando o direito de nomeal-o, só lhe deixando a primazia espiritual, conquistára toda a Asia desde o Mediterraneo até a China, e desde o Caucaso até o Yemen, quando por morte do principe, *Melik—Chah*, dividiram-se os seus immensos estados entre seus trez filhos, formando as sultanias da Syria, de *Kermen* e de Iconio, ou *Rum*, que foi amais importante. Assenhoreou-se esta de Jerusalem, que pertencia ao kalifado do Egypto. Então

começaram as perseguições aos romeiros christãos, que provocaram as cruzadas.

Na Africa igualmente se havia subdividido o poderoso kalifado do Egypto, para dar os principados de Tanger e de Cyrene, de Argel, de Marrocos, e de Kairuan.

Em quanto assim se extinguia a unidade do poder politico, modificava-se tambem a unidade religiosa. As seitas se multiplicavam, e o fanatismo animava sempre os dissidentes: entre esses é notavel Hassan, mais conhecido pelo titulo de *velho da montanha*, cujo nome adquiriu fatal immortalidade na palavra assassino (*).

Nesse estado se achavam a Asia e a Europa quando o maior drama da historia da idade media teve de ser representado.

CAPITULO XX.

Cruzadas.

Na disposição dos espiritos em que se achava a Europa, na ebullicão de interesses que procuramos fazer sobresahir; no estado em que se achava a Asia houvesse um incidente para determinar o movimento, e ver-se-ia precipitarem-se as chusmas de christãos occidentaes nas regiões do Oriente, para defender o caminho dos peregrinos,

(*) A seita abominavel de Hassan isolava-se de todo o contracto. Exaltando os seus adeptos com os prenuncios das sensualidades que o paraizo reservava á sua cega obediência, Hassan os armava do punhal da trahição, e os mandava contra seus inimigos. Foram esses os adversarios mais ferozes de que os cruzados tiveram de defender-se.

O nome *Velho da montanha* é uma erronea traducção do titulo do chefe dessa seita politico-religiosa; chamavam-o *Senior montis*, o senhor da montanha: os traductores vieram e de *senior*, em vez de senhor, fizeram—*velho*:

e libertar do alfange mahometano os Logares em que viveu e morreu o Redemptor.

Foi o que succedeu. Um peregrino que voltava da Palestina, onde soffrera os mais crueis tormentos, Pedro o Eremita espalhava por toda parte patheticas narrações das miserias que passára, das perseguições de que eram victimas os christãos. Era então papa Urbano II.

Convoca elle dous concilios, um em Placencia, outro em Clermont na Alvernia; ahi solta a palavra sancta: —Deus quer!—Decreta-se a liberdade de Jerusalém, e promettem-se indulgencias aos que tomarem parte nessa expedição, que ia ser feita debaixo dos auspicios divinos: os que nella querem ter parte poem sobre o hombro uma cruz vermelha, e dahi lhes fica o nome de Cruzados (1095).

O movimento é extraordinario, o enthusiasmo por toda parte se espalha; povos de mil raças, desconhecidos uns dos outros, de costumes, de trajés, de lingua diversa, só unidos por um vinculo, a adoração da cruz, animados por uma só vontade, acabar com as profanações exercidas pelo Islamismo nos Logares-Sacrosantos, acodem de toda a parte.

Não ha authoridade que lhes presida, que os concentra, que os guie; não ha providencia que prepare as necessarias provisões, que regule ás marchas: cada chefe se ergue com seus soldados, cada fidalgo com as suas lanças.

Os impacientes não querem esperar; Pedro o Eremita está á frente delles. Eil-os que caminham, sob o commando de um pobre cavalleiro chamado Gualtherio sem Haver, pela Allemanha, pela Hungria.

Por onde passam esses bandos indisciplinados levam a devastação e o saque; excitam pois justos clamores; os Hungaros lhes resistem, exterminam-os; mal escapam alguns destroços, que chegam a Constantinopla. Porém o imperador Aleixo Comneno tem horror a esses auxiliares,

e se apressa de fazel-os transpôr o Bosphoro, e de atiral-os aos Turcos, que em Nicêa os desbaratam: só a muito custo conseguiu escapar Pedro o Eremita.

PRIMEIRA CRUSADA.

Esse primeiro, mal dirigido ensaio não desanimou os christãos: no anno seguinte (1096) poem-se a caminho a primeira cruzada. A frente della se acha Godofredo de Bouillon, duque da baixa-Lorrena, guerreiro experimentado, que reune debaixo de suas ordens settenta mil soldados de infantaria e dez mil mil cavalleiros. Unem-se-lhe outros chefes, entre estes Raymundo conde de Tolosa, a frente de cem mil homens; o filho de Roberto Guiscard Bohemundo, e seu primo Tancredo com dez mil cavalleiros, e todo o prestigio de valentia que acompanha os Normandos.

O ponto de reunião é Constantinopla: lá se acharam seiscentos mil homens de infantaria, e cem mil de cavallaria. (*)

Tão consideraveis forças quasi que se extinguiram antes de conseguir o fim a que se dirigiam.

Nas planiccis da Asia menor soffrem tantas privações, especialmente de agua, que os homens succumbem ás centenas. Taes soffrimentos e desastres facilmente se comprehendem, quando se attende ao grande numero de homens, á insubordinação dos diversos fidalgos, especialmente quando a presumpção, que lhes fazia esperar facil e rapida conquista, até os tinha determinado a levar seus cães de caça, seus falcões, e numerosa criadagem.

Vencedores, logo no principio da expedição, em Nicêa que conquistaram e restituiram ao imperador de Constantinopla, pois se haviam obrigado a dar-lhe quanto da

(*) Alguns exagerados dizem—um milhão e trezentos mil guerreiros:—o que reecorda o exercito que Xerxes levou á Grecia.

Asia menor tomassem aos Turcos, ganham nova victoria na Phrygia que lhes abriu o caminho de Tauro e da Cilicia, onde tomaram Tarsos.

As difficuldades da expedição accresceram as discórdias: Balduino, irmão de Godofredo, disputa a Tancredo a posse da nova conquista: os Cruzados vão dirigir suas armas uns contra os outros, quando a lembrança do juramento quo os liga de não combatter senão contra os Infieis, determina Balduino a passar o Euphrates, e a ir conquistar Edessa na Mesopotamia. O resto do exercito vae sitiir Antiochia, uma das metropolis do Oriente, e cidade tão consideravel que tinha 360 igrejas e 450 torres. Bohemundo consegue tomal-a, e recebe o titulo de príncipe de Antiochia.

Os vencedores são logo sitiados por um exercito musulmano, mandado pelo sultão de Mosul: iam succumbir ás privações, ás enfermidades, ao desanimo, quando um milagre os reanima. Um padre, Pedro Bartholomeu, annunciou que uma visão lhe havia mostrado o logar em que estava o ferro da lança com que fôra ferido Jesus: vae-se ao logar indicado, e descobre-se a lança. Arrastados pelo enthusiasmo, os Cruzados fazem uma sortida, e os musulmanos retiram-se derrotados.

O exercito marcha então para Jerusalem: estava já reduzido a vinte cinco mil homens.

Conseguem enfim entrar na cidade sancta uma sexta-feira as 3 horas da tarde, dia e hora da Paixão de Jesus Christo (15 de julho de 1099).

O enthusiasmo dos cruzados era tal que, ajoelhando-se no Sancto Sepulchro, julgaram ver juncto de si todos os seus innumeros companheiros, mortos na expedição.

Godofredo foi proclamado rei: a sancta modestia do guerreiro não lhe consentiu que cingisse a corôa de rei, onde Jesus tinha tido uma corôa de espinhos: contentou-se pois com o titulo de barão do Sancto Sepulchro. Entretanto seus successores foram reis de Jerusalém. e a

Palestina recebeu a organização feudal então admittida na Europa.

Os grandes feudatarios do novo reino foram—o patriarcha de Jerusalém, Bohemundo principe de Antiochia, Balduino conde de Edessa, Tancredo principe de Galiléa, Raymundo conde de Tripoli etc.

Monumento escripto da organização feudal nos deixaram elles nas affamadas *Assentadas de Jerusalém*.

Logo depois do triumpho (1100) fundaram uma ordem religiosa e militar, que muito util foi para a defeza da conquista, posteriormente para protecção dos peregrinos, e até os ultimos tempos para a luta com os mahometanos, de cujo inpeto talvez salvassem a Europa. Essa primeira ordem foi a dos Hospitaleiros ou de S. João de Jerusalém.

Dezoito annos depois foi fundada a ordem dos Templarios, e em 1190 a dos cavalleiros Teutonicos.

Essas ordens semi-monasticas, pois, com a vida em commum, impunham a obediencia e o celibato, não admittiam senão filhos de raças fidalgas, que se elevavam á posição de cavalleiros depois de longo noviciado; de cavalleiros passavam a commendadores, tendo então, na fraternidade conventual a que estavam adstrictos, mais distincções e o commando ou direcção de estabelecimentos filiaes: obedeciam todos a um grão-mestre. Sua profissão era a das armas; seu dever constante combatter os infieis.

Se posteriormente vicios se introduziram nessa instituição, lastimemos a imperfeição humana, mas não deixemos de admirar tão pio, quão util instituto.

A Godofredo succedeu seu irmão Balduino, que aproveitando-se da circumstancia de ter sido a Sultania de Rum, invadida pelos sectarios de Hassan, apoderou-se de Tripoli de Ptolemaide (S. João d'Acre) Beryto (Bairut) e outras praças importantes.

Era porém esse o termo das prosperidades das cruzadas.

No reinado seguinte, o de Balduino II, Nur-Eddin (Noredino) filho de Zenghi, sultão de Mosul, atacou os christãos, e tomou-lhes as suas principaes praças.

SEGUNDA CRUZADA.

A noticia desses desastres abala a Europa: deixaria ella exterminar esses valentes campeões da fé, e perder conquistas ganhas com tanto sacrificio?

O papa Eugenio III encarrega S. Bernardo de pregar uma nova cruzada. As virtudes do sancto monge, sua eloquencia, a consideração que o acompanha, afervoram o zelo. O imperador Conrado III e o rei de França Luiz VII tomam a cruz. (1147). Os dous exercitos se dirigem por caminhos diversos; são porém ambos derrotados; só os seus restos chegam a Jerusalém.

As discordias poré u dos chefes vem mallograr as esperanças que assim mesmo com o seu apoio poder-se-ia ter concebido. Luiz e Conrado voltam para a Europa. Noradino apodera-se de Damasco, e seu general Saladino invade o Egypto, e acaba com a dynastia dos Fatimitas. Esse general é aclamado sultão por morte de Noradino (1173) e logo na batalha de Tiberiade vence e prende Guido de Lusignano, rei de Jerusalém, e apodera-se de sua capital. Os christãos derrotados imploram os soccorros da Europa.

TERCEIRA CRUZADA.

A ruina do reino da Judéa foi uma consternação para toda a christandade; o papa Clemente III provoca uma nova cruzada, e até sobre os bens das igrejas manda cobrar um imposto, applicavel ás necessidades da guerra, que tomou o nome de *dizima Saladina*.

O imperador Frederico Barba-ruiva, o rei de França

Philippe Augusto, e o rei da Inglaterra Ricardo Coração de Leão, os trez mais poderosos principes da christandade, tomam a frente des terceira cruzada.

Barba-ruiva parte primeiro, a frente de 100,000 homens.

Essa primeira expedição tem fim desastrado: Barba-ruiva morre das consequencias de um banho que tomara imprudentemente no Cydno (1190), seu filho, que lhe succede no commando das forças, já mui reduzidas pelos soffrimentos das marchas e pelas privações, morre igualmente no cerco de Ptolemaide.

Entretanto Philippe embarcava em Marselha e Ricardo em Genova, e junctavam-se na Sicilia; ahi porém as rivalidades dos dous principes, as exigencias de Philippe como suzerano de Ricardo, a antipathia que já ia nascendo entre Inglezes e Francezes, separam os dous reis, e impedem todas as combinações necessarias ao bom exito da guerra.

Philippe chega primeiro á Syria, e vae siliar Ptolemaide; Ricardo vae reintregar na ilha de Chypre o rei Guido de Lusignano, que lhe cede os seus direitos ao throno de Jerusalem.

Tomada Ptolemaide, Philippe volta para a França, cioso da gloria militar do seu vassallo.

Ricardo fica na Asia, e justifica com as suas proezas o seu titulo de Coração de Leão: tal é o terror que infunde ao inimigo que delle ficou memoria em muitas locuções populares (*).

E' porém seu adversario Saladino: um é digno do outro, e tanto se estimam que Ricardo confere ao mahometano o titulo de seu irmão de armas. Victorias sem resultado levam enfim o guerreiro christão ás visinhanças de

(*) Quando as mães queriam intimidar seus filhos, diziam-lhe: —socega; olha, ahi vem o rei Ricardo!—Quando algum cavallo se assustava, dizia-lhe o cavalleiro:—O que é? por ventura vistes a sombra de Ricardo?

Jerusalem; póde elle vel-a, mas não entrar nella. Porfim celebra um tractado pelo qual conservam os christãos toda a costa desde Jaffa até Tyro, e garante-se-lhes o direito de visitar os Sanctos Logares, sem ter de pagar tributo.

Cheio de gloria, embora tão fracos resultados houvesse conseguido, Ricardo voltando á Europa naufrága na Dalmacia, e entrando nas terras do duque de Austria seu inimigo, é por elle prezo (1192) e entregue ao imperador Henrique VI que o manda conservar em um castello remoto (*) até extorquir-lhe um enormissimo resgate, que se póde avaliar em cerca de quatro mil contos de réis.

Saladino morrera em 1194 (**) seu irmão Malek Adhel despojou seus filhos da gloriosa herança paterna, e logo violando o tractado feito com Ricardo a bem dos christãos, provoca a quarta cruzada.

QUARTA CRUZADA.

Nem-um rei toma parte nella; dirigem-a Balduino conde de Flandres, e Bonifacio marquez de Montferrat.

Para passarem á Asia, imploram da republica de Veneza os navios necessarios. O doge de Veneza, Dandolo,

(*) Uma legenda lindissima corrê a esse respeito. Ricardo era trovador, e tinha por companheiro e amigo outro trovador, Blondel. Em quanto a Europa não sabia o que era feito do Coração de Leão, Blondel poz-se a percorrer a Allemanha em procura delle; pois suspeitava que a perfidia lá o tinha prezo. Um dia achando-se juncto a uma torre, Blondel começou a cantar um romance que havia composto com o rei: á sua voz outra voz, delle mui conhecida, respondeu com a segunda copla. Então o engenhoso Blondel conseguiu arrancar o rei á prisão, e fazel-o voltar para a Inglaterra.

(**) Saladino sentindo a approximação da morte, mandou levantar á porta do palacio de sua residencia, em vez de bandeira, uma mortallia com a seguinte inscripção:— De todas as suas riquezas, de todos os seus Estados, Saladino, vencedor do Oriente, só conserva isto !

tanto se enthusiasma com o discurso que lhe é dirigido, que logo toma tambem a cruz, e se lhes associa; mas Veneza é antes de tudo mercantil; o seu enthusiasmo calcula; dará navios, com tanto que lhe paguem bom frete, e vão conquistar para ella a cidade de Zara na Dalmacia, que os Hungaros occupavam.

Os cruzados aceitam ambas as condições. Zara abre-lhes as portas. Ali estavam elles, quando Aleixo Comneno vem imploral-os contra seu tio, de igual nome, que derribára do throno, e encarcera seu pae, Isaac Comneno. Os cruzados annuem á supplica. Isaac e seu filho Aleixo são por elles restaurados; mas para pagar-lhes os serviços vêm-se obrigados a decretar taes extorsões, que o povo, não podendo supportal-as, insurge-se, e dá o throno a Ducas *Murzuphlo*: este, imprudente, declara guerra aos cruzados, que a aceitam pressurosos, tomam Constantinopla, e dão o throno a Balduino. Assim se funda o imperio latino (1204).

Os Venezianos tomaram para si os principaes portos do Peloponeso, a ilha de Candia, e os bairros de Pera e Galata em Constantinopla: as provincias organisam-se feudalmente; se Balduino é imperador, o marquez de Montferrat é rei de Thessalonica; ha um duque de Athenas, um conde de Thebas, um marquez de Corintho.

Essa farça apenas dura cincoenta e sete annos: os Gregos tinham-se mantido senhores de Nicea, de Durazzo, de Trebisonda, debaixo das ordens dos Commenos, dos Ducas e dos Lascaris.

Essa quarta cruzada não se occupou de Jerusalém. Então foi convicção geral na Europa que o mau exito das cruzadas devia ser imputado aos crimes e á ambição dos que nellas tomavam parte, e que com o auxilio de Deus, as mãos puras da infancia derrotariam o poder musulmano: assim pois mais de vinte mil crianças embarcaram para a Palestina, e lá foram perecer.

O enthusiasmo ainda não estava arrefecido. O papa

Innocencio III (1217) prega uma nova cruzada, e quer pôr-se á frente della ; morre porém antes de poder realisar o seu intento. São chefes della João de Brienne que toma o título de rei de Jerusalém, André II rei de Hungria, e Lusignano rei de Chypre. André volta logo para os seus estados, para combatter uma revolta: Lusignano morre, João de Brienne fica só. Comprrhende elle que é pelo Egypto, e não pela Syria, que deve dirigir-se a Jerusalém. Attaca pois e toma Damietta e determina Malek-Kamel (ou Meledino) a propor-lhe vantajosas condições de paz : a entrega de Jerusalém, a obrigação de pagar-lhe tributo. O orgulho faz regeitar essas condições ; mas logo vem o arrependimento : as aguas do Nilo crescem consideravelmente ; o campo dos cruzados fica alagado. João de Brienne dá-se por feliz em concluir a paz debaixo de condições onerosas : a restituição de Damietta, e o juramento de todos os cruzados de não pegarem em armas contra os Musulmanos durante oito annos.

Não podendo por amor desse tractado conservar o tributo de rei de Jerusalém, João de Brienne o transmittiu a seu genro Frederico II que se obrigou a partir para a cruzada.

De feito, a instancias do papa Gregorio IX que chegou a arneçal-o com a excommunhão, embarcou (1228) e foi a S. João d'Acre. Ahi, em vez de combatter, negociou : — Malek-Kamel cedeu-lhe Jerusalém, Belém, Nazareth, Tyro e Sidon, debaixo da condição de poderem os mahometanos ir tambem fazer as suas orações em Jerusalém.

Esta clausula excitou tanta indignação, que a excommunhão foi contra elle lançada, o patriarcha de Jerusalem não o quiz coroar, e viu-se obrigado elle proprio a tomar a corôa no altar e a pol-a na cabeça. Voltando apressado á Europa, onde seus Estados estavam agitados por seu sogro João de Brienne, perdeu logo todas as vantagens ganhas na Asia; os christãos apenas conservaram Antiochia,

Tyro, Sidon, e S. João d'Acre, sempre ameaçadas pelos musulmanos.

A esse tempo começavam as populações asiaticas a ser devastadas pelas conquistas dos Mongóes; e o nome de Gengiskan ia ganhando a sua formidavel celebridade.

O entusiasmo das cruzadas estava arrefecido; ainda vemos o rei de França Luiz IX nellas ganhar, senão a gloria do grande general, ao menos os títulos os mais recomendaveis de sanctidade.

Em uma enfermidade, Luiz fizera voto de partir para a cruzada, e logo que se restabeleceu (1248) deixando o governo de seus Estados a sua mãe, Branca de Castella, partiu para o Egypto, e apoderou-se de Damietta. Os musulmanos porém concentraram as suas forças, desbarataram os Francezes no combate de Mansurah; a peste ainda as veio dizimar: o rei cahe prisioneiro nas mãos dos inimigos, tal é porém a força da virtude e o prestigio da sanctidade, que ainda prezo, São Luiz, não só é respeitado, como goza de grande influencia, e vê appellarem para as decisões da sua justiça muitos dos seus vencedores.

Entretanto a milicia dos mamelucos, força de organização especial que era a flor dos exercitos mahometanos, optima cavallaria que se recrutava com escravos comprados nas regiões do Caucaso, insurge-se contra o sultão, mata-o, e apodera-se da soberania. Com elles tracta São Luiz que lhes restitue Damietta, e paga consideravel resgate.

Em vez de voltar aos seus Estados, vae o sancto rei em peregrinação á Palestina, procura congraçar os christãos e os musulmanos, faz alliança com o *Senhor da Montanha*, e com o khan ou chefe dos Mongóes, Hulagu: só então, recebendo noticia da morte de sua mãe, volta para a França (2254).

Na sua ausencia Hulagu acaba com o kalifado de Bagdad, e apodera-se da Syria; os Mamelucos conquistam Damasco, Tyro, Cesaréa, Jaffá e Antiochia.

Já não são sómente os christãos, são todas as populações da Asia que invocam uma nova cruzada contra os mame-lucos; Carlos d'Anjou, irmão de Luiz, incita-o a acodir-lhes, faz-lhe acreditar que achará grande apoio nos proprios musulmanos; Luiz cede : dirige-se para Tunis, cujo rei, dizem-lhe, só o espera para abraçar o christianismo.

Ao chegar porém recouhece o seu engano, e é obrigado a defender-se entrincheirando-se nas ruinas de Carthago.

Ahi a peste vem dizimar o exercito; a ella succumbe o sancto rei (1270). Seu filho Philippe o Affoito, e seu irmão Carlos d'Anjou tractam com Mostanser, rei de Tunis, que se obriga a tolerar em seus Estados o culto christão, a pagar uma indemnisação aos Francezes, e a Carlos d'Anjou os tributos atrasados, que lhe devia como rei da Sicilia.

Foi essa a oitava e ultima cruzada. As poucas possessões christãas no Oriente foram destruidas pelos mame-lucos; os Hospitaleiros, os Templarios, os Teutonios viram se obrigados a refugiar-se a principio para a ilha de Chypre; dahi a espalharem-se. Os Hospitaleiros (1300) vão para a ilha de Rhodes, e dahi para Malta, onde conseguem manter-se em corpo, até que, no tempo da revolução franceza, a ilha passa ao dominio da Inglaterra, e a ordem se conserva sómente como honorifica. Os Templarios espalham-se pelo continente europeu, especialmente em França estabelecem o seu poder: ahi os veremos serem destruidos pela cobiça de Philippe IV Os Teutonios vão estabelecer-se na Curlandia, e no Brandeburgo, onde secularisando-se, terão de dar os primeiros elementos da monarchia prussiana.

Se não teve resultado definitivo em conquistas territoriaes, esse immenso movimento das populações europeas sobre a Asia, offereceu resultados moraes da maior importancia, não sendo de certo o menor esse conchega-

mento de povos de origens tão diversas, de costumes tão oppostos, reunidos pela grande força de unidade religiosa.

Imagine-se nos seculos do feudalismo, em que o principio da disseminação e da independencia é tão forte, essa liga de tantos fidalgos, de tantos guerreiros, vindos de todas as regiões europeas, cedendo a uma concentração mais ou menos efficaz, apprendendo reciprocamente a conhecerem-se, travando entre si essas poderosas relações de sympathy que resultam do soffrimento commum, da gloria commum, e comprehender-se-á que basta essa immensa vantagem para não ficarem de todo perdidas nessas continuas expedições.

Mas a Europa indo visitar Constantinopla, e as grandes cidades da Asia, e seus monumentos, e comparando o que via com seus *burgos* selvagens ; posta em contacto com as delicadezas exageradas de uma civilisação sumptuosa, e comparando-as com o luxo barbaro dos seus dominadores, a Europa começou a sentir a inspiração do bello, as doçuras da civilisação. Para satisfazer ás novas necessidades assim creadas, o commercio desenvolveu-se, a riqueza o acompanhou. Veneza, Pisa, Genova, Gaeta, Amalfi, no caminho de Alexandria e de São João d'Acre, foram as primeiras a participarem do movimento, e a communicar-o a Marselha, a Barcelona, a todos os portos do Mediterraneo, e a introduzil-o até mesmo no coração da Allemanha e das regiões septentrionaes.

A Asia deu á Europa os segredos da sua industria, a arte de fabricar vidros, a de cultivar e preparar a seda, a de dar ao ferro a dura tempera do aço, e de forjar armas admiraveis, ao mesmo tempo que lle dava esses productos, já manufacturados, e que começavam a vulgarisar-se.

No dominio das letras e das sciencias, não foi menor a influencia dessas longas guerras. O exaltamento do espirito cavalleiresco, com as suas nobres ideias de cor-tezia, de protecção ao desvalido, de adoração á mulher,

ao mesmo tempo que abrandava os costumes, inspirava o canto dos trovadores e dos menestres; o amor e a valentia eram as duas musas inspiradoras, como eram os dous incitamentos da gloria que se cobiçava. Com uma poesia, começaram os povos de lingua moderna a ter uma prosa; o latim perdeu o seu dominio absoluto: já não se escrevia só para os sabios que podiam entendel-o, escrevia-se para todos, cumpria escrever na lingua de todos, procurando regularisal-a e enriquecel-a.

Alem disso, da Ásia tinham vindo grande numero de livros de authores até então desconhecidos: e Aristoteles tomou o dominio das escolas e das universidades.

Com as lettras, com as sciências vieram á Europa a esculptura, a pintura a architectura.

Não é porêem em tudo isso que vemos o maior e mais vantajoso resultado das cruzadas. A influencia politica e social que della proveiu é de maior importancia. A fidalguia feudal foi attacada em suas ideias, em seus meios de acção e de dominio.

Nas cruzadas, grandes expedições religiosas, tomavam parte simultaneamente quantos obedeciam ao impulso religioso; guerreiro ou ecclesiastico, plebeu, burguez ou nobre, reis e povos, todos se confundiam: o principio da democracia começava pois a apparecer. Ao mesmo tempo, para ir á guerra, o fidalgo carecia de armas, e de dinheiro; não o tendo, via-se obrigado a tomal-o de emprestimo, a alheiar direitos que os povos, que as communs pressurosas lhes compravam, e de que se fortificavam para darem maior desenvolvimento ao seu bem-estar, á sua industria, de que os fidalgos eram eternos tributarios.

Juncte-se a tudo isso a restauração do direito civil romano, e ver-se-á que gigantesco passo deu a civilisação nessa epocha. Já em Amalfi tinha-se descoberto um exemplar das Pandectas de Justiniano; logo em Bolonha

cria-se uma escola de direito; todas as universidades já existentes abrem lugar, ao lado da theologia, á sciencia que se restaura; novas universidades se multiplicam, e os *legistas* vem com a sua influencia quebrar o ferro das lanças, embotar o gume das espadas de que tanto abusava a violencia.

Completemos o quadro: essas continuas invasões da Europa na Asia desenvolveram, ainda mais poderosa, a paixão das viagens. Plan-Carpino, Rubruquis, e especialmente Marco-Paolo devassam as regiões mais remotas do Oriente, e embora incompletas, e muitas vezes errôneas, as informações que trazem e que espalham, não servem só á geographia, preparam mais gloriosos descobrimentos.

CAPITULO XXI.

Pontificado e Imperio.

BARBA RUIVA E FREDERICO II.

Para acompanharmos esse immenso poema das Cruzadas, e expol-o em todas as suas sinistras peripecias, tivemos de deixar de lado os acontecimentos que se succediam na Europa, e que traziam em continua convulsão os poderes, em quanto os povos se acalmavam, e pela industria se enriqueciam, pelas suas relações frequentes e pelo estudo se civilisavam.

Deixamos o pontificado e o imperio em treguas, senão em paz, pela concordata do Worms entre o papa Calixto e o Imperador Henrique V. Prosigamos.

Tão ambicioso, quão ávido, activo e astuto, Henrique V morreu pouco depois dessa concordata, e com elle se extinguiu a casa de Franconia. A eleição designou para succeder-lhe Lothario, duque de Saxonia, que

governou de accordo com o papa Innocencio III, reeendo delle, a titulo de feudo, a disputada herança da condessa Mathilde.

Por morte de Lothario houve na Allemanha vivissima luta entre as influencias do norte e do sul na escolha de seu successor, e dessa luta nasceram as designações de Guelfos e de Gibelinos que tanto se devem reproduzir na historia dos odios italianos. Conrado de Suabia, que entre as suas possessões tinha o castello de *Waiblingen*, se apresentou contra Henrique de Saxonia da familia de *Welfen*. Os seus partidarios tomaram esses titulos. Conrado venceu a Henrique, recebeu a corôa imperial, e partiu para a segunda cruzada. Por sua morte, a corôa foi dada a seu sobrinho Frederico de *Hohenstaufen*, conhecido pelo appellido de Barba-ruiva. (1152).

Principe ambicioso, politico inquieto, e habil guerreiro Barba-ruiva firmou a sua jurisdicção sobre todos os Estados tributarios, a Dinamarca, a Noruega, a Polonia e a Hungria, acalmou a Allemanha, restituindo uma parte de seus bens aos *Welfs* que os haviam perdido na luta contra Conrado III, e partiu para a Italia que estava agitada e a que o chamavam as cidades lombardas e o papa Adriano IV.

As cidades da Lombardia governavam-se isoladas umas das outras, debaixo de uma organisação especial de que logo nos occu paremos. Rivaes umas das outras, dividiram-se logo em Guelfas e Gibelinas; eram gibelinas as em que preponderava a aristocracia, eram guelfas as que menos acceitavam esse predominio, e queriam mais desenvolvimento ao partido popular e nacional; umas e outras tão fracas, que não se podiam de todo supplantar, tinham entre si bastantes odios para de continuo se accometterem. Os imperadores allemães, cujo appoio era por umas e outras sollicitado, intervinham de conti-

mo, preponderantes decidiam, mas sempre provisoriamente.

Nessa ocasião as cidades guelfas se queixavam da opressão das gibelinas, e especialmente de Milão, de Asti e de Tortona. O imperador, não querendo perder tempo em cercar Milão, tomou as duas outras cidades, e marchou para Roma.

Ahy um tribuno popular, Arnaldo (*) de Brescia, excitara o povo, forjara um arremedo de governo republicano, e procurava exaltar os espiritos com as recordações do antigo esplendor de Roma. Frederico prendeu-o e mandou-o queimar. O povo irritado falou com altivez ao imperador, recordando-lhe as grandezas do passado, e pedindo-lhe o reconhecimento de seus antigos costumes, de suas recentes instituições, e, mais, um tributo de cinco mil libras de prata. A tão arrogantes pretensões Barbaruiva respondeu com a arrogancia da força, lembrando que— não cabia aos vencidos impôr leis ao vencedor.— Os Romanos respondem-lhe feixando as portas da cidade, e obrigando-o a ir fazer-se corôar na cidade Leonina (parte de Roma que ficava á margem esquerda do Tibre).

Entretanto as molestias dizimavam o exercito imperial, e, composto de vassallos que só tinham dever de ser-

(*) Arnaldo estudara em França, tomou o habito de monge, e começou a popularisar-se atacando os vicios dos grandes. Suas declamações, suas maledicencias deram-lhe ouvintes e applaudidores. Como todos os revolucionarios da Italia, tomou por principal empenho combatter o poder ecclesiastico, sustentando que era repugnante que o clero possuísse bens e vivesse na opulencia, quando devia, a exemplo dos apóstolos, viver de esmolas e de offerendas, restituindo as propriedades territoriaes aos principios a quem pertenciam. Mas no seu entusiasmo não procurou elle abalar o catholicismo, nem destruir o governo christão.

A obra da liberdade e de agitação, continuou em Roma durante o governo de diversos pontifices, e só se concluiu quando essa agitação, exagerando-se, obrigou o imperador a intervir para acalmal-a.

vir por prazo certo, foi necessario que Barba-ruiva o dissolvesse, e se retirasse para a Allemanha.

O accordo entre o imperador e seus alliados não durou muito tempo, Adriano IV queixou-se de que não houvesse elle castigado alguns senhores, culpados de violencias contra um bispo, e na carta que lhe escreveu, recordando o haver-lhe conferido a dignidade imperial, servia-se da palavra *beneficium*.

Ora *beneficium* era a expressão que designava o feudo, e constitua o vinculo de dependencia entre os vassallos e suzeranos. O imperador acreditou que o papa queria inculcar que o imperio era feudo de sua suzerania. O cardeal Rolando, portador da carta, confirmou essa crença, perguntando:— Então de quem, se não do papa, recebe o imperador o seu poder? — Assim tornou a nascer a guerra do sacerdocio e do imperio.

Os legados tiveram ordem de deixar immediatamente a cidade, e Frederico entrou logo na Italia (1158).

Em Roncaglia reuniu uma dieta, a qual assistiram muitos juristas da escola de Bolonha. Imbuídos nas theorias do direito romano, considerando o imperador successor dos Cesares antigos, declararam estes que era elle a *lei animada*, e o representante de Deus na terra.

Entrementes, a morte de Adriano fazia com que fosse chamado á cadeira pontificia esse mesmo cardeal Rolando, que proclamára perante o Imperador a superioridade da Igreja. Tomou elle o nome de Alexandre III.

Voltaire, que por certo não é suspeito de parcialidade em favor dos papas, diz desse pontifice:— O homem que, nesses tempos barbaros da idade média, mais mereceu do genero humano, foi o papa Alexandre III. Foi elle quem em um concilio aboliu quanto pôde a escravidão. Em Veneza sua prudencia triumphou de Frederico Barba-ruiva. Obrigou Henrique II de Inglaterra a pedir perdão a Deus e aos homens pelo homicidio de Thomaz Beckett; restaurou os direitos dos povos, reprimiu os

crimes dos reis. Se os homens reassumiram os seus direitos, devem-o essencialmente a Alexandre III, como lhe devem tantas cidades o seu esplendor.

Entretanto no primeiro impeto da aggressão imperial, o papa teve de fugir de Roma e da Italia. Barba-ruiva accomette Milão a frente de 100,000 homens, toma-a, arraza-a, e semeia sal em suas ruinas. O terror desse exterminio ajuda a acção das armas do imperador: todas as cidades lombardas lhe cedem; a poucas consente elle que eleijam seus consules, a outras impõe *podestàs* de sua escolha.

Outro tanto pretendia fazer nos Estados pontificios, não o consegue porém, e contenta-se com oppôr ao papa fugitivo até trez anti-papas.

Mas os elementos da reacção se preparavam.

Os Milanezes desterrados da patria, levavam por toda a Italia os seus odios, as suas queixas, a narração dos seus soffrimentos, e o seu desejo de vingança. Por outro lado, as tyrannias das authoridades impostas pelo imperador ainda mais inflammavam o espirito de nacionalidade. Formou-se uma liga, por instigações do papa entre todas as cidades da Lombardia e da Romanha (1164) Alexandre volta á Italia para presidir-lhe; o entusiasmo dos alliados funda em sua honra a cidade de Alexandria, cujas muralhas, embora improvisadas, conseguiram resistir ás armas imperiaes, e frustrar a irrisão e o gracejo dos Allemães que a chamavam — *Alexandria de palha*.

A liga se fortifica pela adhesão de Veneza. Milão re-surge de suas ruinas. A batalha de Lignano consagra pelo triumpho a causa dos alliados.

Desamparado pela defeccão de Henrique duque de Saxonia, vencido, e rodeiado de inimigos, Frederico Barba-ruiva pede paz, e vê-se obrigado a ir tractar della

com o papa que estava em Veneza, e a reconhecer a independencia das cidades lombardas. (*)

Veneza tinha prestado aos alliados consideraveis serviços. Em quanto a guerra se fazia por terra, as cidades maritimas que haviam adherido á causa imperial armavam esquadras; Veneza teve de combattel-as; armou setenta e cinco galeras, e o doge, a quem o papa cingira a espada, tomou o commando dellas, destroçou os Pisanos e Genovezes, o fez prisioneiro um filho do imperador, o que poderosamente influíu para determiná-lo a pedir paz.

Despeitado contra Henrique de Saxonia que o atrahiçoára, Frederico fel-o proscreever na dieta de Wurtzburgo (1180) despojou-o dos seus feudos, que distribuiu por entre os principes fieis, conservando debaixo de sua immediata dependencia muitas cidades e bispados. Os Welfs ficaram reduzidos a seus dominios allodiaes de Luneburgo e de Brunswich.

O poder e a influencia do imperador, que assim se consolidavam na Allemanha, depois de tão abalados no norte da Italia, achavam compensação no sul. A Italia meridional, que vimos conquistada pelos Normandos, e em que o imperio não tinha até então exercido preponderancia, ia entrar em seu poder.

Era herdeira desses estados a princeza Constança; Barba-ruiva obteve que ella se casasse com seu filho Henrique, a quem conferira o titulo de rei da Italia.

(*) E' tradição que o papa, abusando da victoria para aviltar o imperador, puzera o pé em cima da sua cabeça dizendo: — *piso aos pés o aspíde e o basilisco*. — A verdade da reconciliação do papa com o imperador não dá a esse um papel tão ignominioso. Depois de ter-se confessado e recebido a absolvição, o imperador foi beijar o pé do papa, e fazer a offerenda; então recebeu das mãos d'elle a comunhão: acabada a solemnidade, deu-lhe a mão até a porta da Igreja, segurou-lhe no estribo, e puchando a redea, levou-o até o palacio.

Querendo acabar sanctamente uma vida tão agitada, o imperador partiu para a cruzada, onde o vimos succumbir (1190).

Embora aclamado pelos principes do Imperio para succeder a seu pae, Henrique VI só se occupou com a conquista do seu reino das Duas-Sicilias, onde assignalou-se com horriveis atrocidades. Morreu porém, logo que a concluiu, deixando o throno a seu filho Frederico II, ainda menino (1197).

Essa successão não foi reconhecida pelos principes allemaes. Philippe de Saboia, irmão de Henrique VI, e Othon de Brunswich, filho de Henrique da Saxonia, disputaram o poder.

Em quanto o imperio se debilitava nessas discussões, o pontificado ganhava cada vez mais força; Innocencio III recuperava a posse de todo o patrimonio da condessa Mathilde, quebrava o orgulho de Philippe-Augusto, via a seus pes a corôa da Inglaterra; e sua auctoridade era até reconhecida em Constantinopla onde os cruzados haviam fundado o imperio latino. Chefe da Christandade, condemnava pela palavra, e fazia esmagar pelas armas os sectarios da heresia que se acoutavam nas montanhas da França oriental, e que tinham o nome de Albigenses, e por fim na Allemanha havendo Othon, por quem a principio se declarára, mandado matar a Philippe da Suabia, tomou em mão os direitos do filho de Henrique VI, o joven Frederico II.

Frederico só tinha trez annos quando morreu seu pae. Educado em Napoles por sua mãe Constança, de sangue italiano, esse principe parecia proprio para falar aos instinctos de nacionalidade.

A protecção do papa lhe deu o throno da Allemanha, mas havia-lhe imposto por condição a renuncia á corôa das duas Scilias.

Emquanto viveu Innocencio III, o novo imperador pareceu confirmar-se docil com essa condição, ainda mesmo

depois de ter vencido o seu rival Othon. Mas logo que a Innocencio succedeu Honorio, tractou de consolidar o seu poder nas Duas-Sicilias, já transportando para o continente uma colonia de vinte mil Sarracênos da Sicilia, sobre os quaes o Papa não tinha a menor influencia, já fundando uma universidade em Napoles. Ao mesmo tempo ameaçava a independencia das cidades lombardas, que renovaram o seu pacto de alliança, e assim conseguiram impor-se ao respeito do principe.

Mas Frederico havia de ha muito feito promessa de partir para a cruzada, e se o papa Honorio não insistia pelo cumprimento della, por morte deste, subindo ao pontificado Gregorio IX intimou-lhe que partisse, sob pena de excommunhão. O imperador procurou ganhar tempo, e por fim partiu. Logo porem sabendo que o papa ia pregar uma cruzada contra elle nos seus proprios Estados, voltou apressado, desarmou os rebeldes, e assignou um tractado de paz com o papa (1230) As perturbações excitadas na Allemanha por seu filho Henrique foram igualmente ap-lacadas, e o principe condemnado a prisão perpetua.

O norte da Italia estava então agitadissimo. Ezzelino o feroz, podestá de Verona, opprimia as cidades guelfas que contra elle se defendiam. O imperador intervêm em favor de Ezzelino, e triumpho na *Civita Nuova* (1236). Em vão os Lombardos haviam collocado no meio do seu exercito o carro sagrado, defendido por nove centos guardas escolhidos e que tomavam o nome da — *Companhia da morte* :— a derrota foi completa. Derrotadas, não desanimaram, e o papa as não as abandonou. Por diligencias e intervenção sua, nova liga de forma : Veneza e as cidades lombardas unem-se, e começa de novo a duplicada luta do sacerdocio e do imperio, da liberdade italiana e do dominio germanico.

Antes de combater, Gregorio IX accusou a Frederico de uma impiedade que lhe não poderiam perdoar as crenças ardentes da epocha:— Frederico preferia os mu-

sulmanos aos christãos, e tractava de impostor a Jesus Christo: diz, escrevia o papa, que o mundo foi enganado por trez impostores, Jesus, Moyses e Mahomet, e colloca esses dous ultimos, que morrêram cheios de gloria, muito acima de Christo que morreu na cruz.

O Imperador repelliu indignado a blasphemia que lhe era attribuida, e ajudado pelo seu chanceller Pedro das Vinhas, respondeu que o papa era o grande dragão seductor de todo o universo, o anti-christo, o anjo que se ergue do poço do abismo, e traz um copo cheio de amargura, que será funesto ao mar e á terra.

A essa guerra de palavras outra mais seria succedeu, Frederico invade os Estados pontificios, apodéra-se de Viterbo, e sitia Roma; Gregorio IX convoca um concilio para a cidade sitiada, e intima a todos bispos que nelle compareçam. Os prelados francezes embarcam para a Italia e cahem prizioneiros dos Pisanos, alliados de Frederico. Nesse entrementes morre o papa, (1241) seu successor reina poucos dias; durante dous annos o conclave não pode entender-se quanto á escolha do novo papa, e só ^{no} ^{dia} ¹¹ de maio, em 1243, eloge o Genovez Sinibaldo Fieschi, que toma o nome de Innocencio IV

O novo papa tinha sido amigo de Frederico 2.º Os interesses porém eram tão oppostos, que, logo depois de eleito, Innocencio se declarou inimigo do imperador. Depois de negociações inuteis, fugiu da Italia, retirou-se para Lyão, e la convocou um concilio geral.

Ahi a excommunhão e a destituição de Frederico foram declaradas pelo papa no meio dos padres do concilio que tinham nas mãos tochas accensas e as iam apagar, como é formula da execração.

Recebendo essa noticia em Turim, Frederico indignado exclamou levando os olhos em redor de si:— Então esse papa me destituiu! privou-me de minha corôa! Onde está minha corôa? Tragam-m'a! Não, proseguiu abrindo o cofre em que estava ella guardada e contemplando-a, não,

ainda não está perdida ; nem os ataques do papa, nem os decretos do concílio m'a roubarão; e antes que saia de minhas mãos, muito sangue tem de ser derramado.

A traição porém cercava o Imperador. Seu chancellêr, Pedro das Vinhas, foi accusado de o ter querido envenenar e matou-se na cadeia. Diversos príncipes e arcebispos allemães procederam á eleição de um novo imperador: foi Henrique Raspon, Landgrave de Thuringia. O anti-cesar foi vencido por Conrado, filho de Frederico; mas novo competidor, Guilherme de Hollanda, lhe succedeu.

São Luiz interveiu entre o imperador e o papa, propondo-lhes paz e uma nova cruzada: as propostas foram repellidoas. Frederico, rodeiado de Sarracenos, encarniçou-se no cerco de Parma, e porfiava de atrocidades com seu aliado Ezzelino.

Entretanto o filho querido do imperador, Enzo, cahe nas mãos dos Bolonhezes; o pae multiplica supplicas, ameaças; nada consegue: desanimado, retira-se para a Calabria, e lá morre de angustia (1250). Então terminou a guerra, cujo resultado foi:—a divisão e o enfraquecimento de Allemanha; a independencia das cidades lombardas; a independencia e o augmento do poder temporal do papa, e o triumpho dos christianismo na Europa pela derrota de um imperador aliado dos Sarracenos e protector delles.

CAPITULO XXII.

Cidades italianas.

Temos falado em Veneza, e n Genova, em Pisa, em Milão, nas cidades italianas, que tanta parte tiveram nas lutas do sacerdocio e do imperio; devemos com ellas mais nos occupar para melhor se comprehender a sua organização e as suas lutas. Começemos por Veneza de todas a mais importante.

Se as cidades italianas eram de antiga origem, e podiam ir buscar as tradições de sua liberdade nos tempos da gloria da Italia, Veneza tinha origem especial. Nas invasões dos Barbaros que assolaram o norte da Italia, alguns habitantes da Henecia refugiaram-se nas ilhotas formadas á foz do Pó pelas alluviões e lodos successivamente depositados por esse rio. Pouco a pouco crescendo com a paz e com a liberdade, os Venetos ligaram-se entre si, formaram um povo; seu governo foi democratico e electivo, logo porém transformou-se. O commercio com a Dalmacia, com as ilhas gregas, com as cidades da Asia menor foi-lhes dando relações e influencia, que se estenderam pela guerra e pela conquista, e lhe trouceram a desigualdade das riquezas. Essa matou a democracia, e constituiu uma aristocracia da mais complicada combinação, e dos resultados mais oppressores. Um doge (ou duque) foi o chefe de executivo. Era electivo; sahia porém de uma eleição indirecta de diversissimos graus, em que a sorte tinha grande intervenção.

Assistia ao doge um conselho de *Pregadi*, e igualmente havia um tribunal composto de trez inquisidores do Estado encarregados da alta policia. Todas essas autoridades sahiam de entre os nobres Venezianos, eram porém electivas, embora fossem vitalicios os seus poderes,

As ligas lombardas contra Barba-ruiva e Frederico, a co-participação do doge Dandolo á cruzada ainda mais ampliaram no exterior e no interior a influencia dessa aristocracia, que, sahida de miseraveis lagunas, já extendia seu poder sobre ilhas importantes, e bellas cidades, e até mesmo sobre os bairros commerciaes de Constantinopla.

Então se instituiu a cerimonia do casamento do Doge, em nome da republica, com o mar Adriatico, em cujo seio, no dia de sua eleição, embarcando no Bucentauro. lançava um anel de esponsaes

Ao passo que se desenvolviam a riqueza e o poder,

alterava-se a constituição; e doge Gradenico viu formar-se uma conspiração para substituir ao grande conselho, cujos membros eram electivos, porém vitalícios, funcionarios annuaes. Na vespera do dia marcado para o rompimento, foi descoberta a conspiração, houve combate sanguinolento nas ruas de Veneza; mas os conspiradores foram derrotados.

Para evitar a reproducção desse perigo foi instituido o tribunal dos *Dez*. Esse tribunal secreto, escolhido de entre os membros do grande conselho, exercia uma policia suspeitosa e tyrannica, que ainda mais comprimia pelo terror, pela crença geral de que por toda parte estayam os seus espiões, de que eram infalliveis suas vinganças, do que pela mesma atrocidade destas. Então se determinou que fossem hereditarios os cargos de *Pregadi*, e um certo numero de familias, cujos nomes foram inscriptos no *livro de ouro*, formaram a alta aristocracia da republica. Veneza não fazia parte do reino de Italia, era Estado independente.

Rival de Veneza era Genova. Distinguia-se das mais cidades do reino nominal da Italia pela importancia commercial devida á sua posição, e que mais a fazia figurar nas guerras do mar do que nos combattes de terra. Extendia o seu poder sobre a Sardenha, a Corsega e até o levava ás ilhas Balsares. Se ahi se encontrava com os Pisanos, ia encontrar-se com os Venezianos em Constantino-*pla*, em Smyrna e nas ilhas gregas. A luta que dahi se seguia, não a enfraqueceu tanto quanto as dilacerações intestinas de familias dominadoras e rivaes, guelfas e gibelinas.

Os seus primeiros goverdadores tinham o titulo de consules; mas logo o trocaram pelo de Doges á imitação de Veneza.

Pisa distinguia-se por sua lealdade aos imperadores, seu commercio a enriquecia; Genova mesina tinha soffrido de sua preponderancia e do poder de suas esquadras.

Mas, enfraquecendo-se o poder imperial na Italia, a causa dos Pisanos ficou comprometida. Os Genovezes venceram a sua esquadra, as cidades de Florença, Pistoia, Lucca e Sienne ligaram-se contra a cidade gibelina. O governador desta, o conde Ugolino, foi accusado de ter entregado as praças de armas ao inimigo, e prezo em uma torre com seus quatro filhos, lá teve de morrer de fome.

Do enfraquecimento resultante dessas discordias não se ergueu mais a cidade, teve de feixar seu porto, e de entregar aos Genovezes as suas possessões exteriores.

A organização municipal das cidades italianas era diversissima, embora tivesse pontos de analogia: Estavam debaixo da primazia dos imperadores; mas esta reduzia-se o mais das vezes á exigencia do *fodrum*, direito de ser hospedado e alimentado pela cidade, quando nella tivesse residencia, e que se converteu em um subsidio voluntario, e da *paratica*, contribuição que lhe era paga, quando pela primeira vez vinha á Italia.

Fraca era essa dependencia, e pouco tolhia da liberdade municipal. Mais a embaraçava a influencia dos fidalgos acastellados nas visinhanças das cidades, e que constantemente animavam e capitaneavam facções no seio dellas, e transformavam-se em tyrannos. As rivalidades desses fidalgos, o seu ciume reciproco, as suas allianças e os seus rompimentos com o imperador, conforme o sopro de suas ambições, concorriam poderosamente para as lutas intestinas que dilaceraram a Italia, e a reduziram, quando tanta era a sua influencia no commercio, nas letras, nas sciencias, no todo do desenvolvimento da civilização, a nunca exercer a influencia politica que outros povos, em que o principio da unidade governativa existia, exerceram até sobre ella e contra ella.

Além disso, cidades mui proximas, de quasi igual importancia, eram necessariamente dilaceradas pelos ciu-

mes e rivalidades que o desejo de predomínio sempre suscita. Se pelo miúdo estudássemos a historia das republicas-municipios a da Grecia, veríamos de certo as mesmas lutas em permanencia. Como Milão contra Lodi, Sienna contra Piza, a Grecia nos apresentaria Thebas contra Platêas, Sycione contra Argos; mas no grande drama grego, tão remoto de nós, todos ésses episodios confundem-se na luta de Athenas e Sparta, de Sparta e Thebas, da Macedonia contra Athenas e seus alliados, das ligas etolia e achaica: as discordias das republicas-municipios da Italia, mais proximas dos nossos tempos, mais fecundas nos germens da civilisação que disseminaram, e que até inspiraram o genio immortal da poesia, obrigaram o historiador a occupar-se mais demoradamente com essas lutas, e a tornar eternamente memoraveis as designações de guelfos e de gibelinos.

Na sua organisação interna, esses municipios, arrastados pelo respeito á antiguidade, denominaram *consules* os chefes a quem confiavam o poder na guerra, a administração da justiça na paz. Eram electivos e temporarios; o seu numero variava; em algumas cidades eram dous; em Florença tinham sido quatro, e depois seis.

As rivalidades que nasciam de tantos consules, e os resentimentos dos poderosos que ficavam vencidos nas eleições, fizeram apparecer uma authoridade nova a do *podestà*.

O *podestà* era algum fidalgo importante da visinhança, ás vezes algum estrangeiro cujo merecimento militar era conhecido: propunham-o em uma assembléa publica, a pluralidade de votos devia sustentar a proposta. Sem embargo dessa apparencia eleitoral, o *podestà* era um verdadeiro dictador, appoiado na força e nas adhesões que sabia captar, ou no terror que conseguia infundir. Assim muitas vezes transformaram-se em tyrannos. Entretanto o *podestà* era um chefe para representar por

todos, a todos guiar nas lutas contra a opressão estrangeira, podia assim muito auxiliar a resistencia e fazel-a triumphar.

A forma das eleições de que sahiam essas authoridades era diversissima, todas as combinações tinham sido tentadas, e se davam prova do atilamento politico a que já tinham chegado os espiritos, nem uma dellas satisfazia o *desideratum* do respeito á ordem publica, da exclusão da corrupção, da garantia á liberdade.

Entretanto vendo republicas e eleições, ouvindo que se fala em liberdade, pode-se adquirir uma falsa ideia da direcção em que iam então os espiritos, e pensar que já se estava no caminho hoje seguido pelas nações modernas. Seria um perfeito anachronismo; na idade media tudo era privilegio e prerogativas, concessões firmadas em cartas e alvarás, pactos com a força que se apresentava dominadora.

Uma cidade tinha obtido dos seus oppressores este ou aquelle privilegio, como este barão tinha obtido do suzerano este ou aquelle direito, como, no interior mesmo da cidade, esta ou aquella corporação tinha tal ou tal prerogativa.

O principio unico da unidade, unico da igualdade que então estava nos espiritos, e na practica se reconhecia, era no dominio religioso; dahi teria elle de sahir para estender-se ao mundo politico, e determinar o progresso humanitario.

Antes porém de dominar em todo o corpo de uma nação, antes de entrar no espirito de todos os moradores de uma cidade, esse principio de unidade fez organizar-se corporações, irmandades (*credencias* chamavam-se em Milão)

Os officiaes do mesmo officio, os individuos que exerciam a mesma profissão, uniam-se para se defenderem e socorrerem mutuamente; essas associações com chefes seus, fundos seus, decretos seus a que obedeciam, eram novos elementos de rivalidade e de ciumes; mas tambem

eram elementos de força, e constituíam um admirável progresso. Nesses tempos religiosos, a corporação não se constituiu na terra, sem buscar um ponto de apoio, uma protecção no ceu, sem escolher para patrono um Sancto.

Se desses elementos nasciam continuas facções, e se o governo mesmo era uma facção, se as guerras eram permanentes, e as proscricções tinham um caracter de deploravel violencia, não embarçavam antes activavam a energia nacional a bem do progresso industrial ; só em um anno Milão dispendeu mais de sete-mil contos de reis de nossa moeda em obras publicas, e o canal que abriu na extensão de dezleguas, para trazer as aguas do Tessino ás planicies proximas da cidade, é o primeiro exemplo de canaes navegaveis abertos por mão de homem. A grande cidade, para defender-se dos seus inimigos, levantara muralhas de vinte covados de altura, com seis portas de marmore. Palacios, templos se erguiam, que a arte já começava a regular, que o marmore já decorava. Em Florença já havia cento e dez igrejas, vinte quatro conventos de freiras, mais de trinta hospitaes com mil camas, sessenta medicos, cem boticarios, cento e quarenta mestres de obra (carpinteiros e pedreiros) quinhentos sapateiros. Duzentas fabricas de lanificios produziam cerca de oitenta mil peças de tecidos no valor de milhão e meio de florins, dos quaes a terça parte era distribuida em salarios a trinta mil operarios.

Os tecidos italianos rivalisavam com os da Asia, e em quanto pela industria as cidades se enriqueciam, o campo não definhava : uma lavoura intelligente e activa, ennobrescida pelo exemplo que davam algumas ordens religiosas, cujos membros pessoalmente se lhe consagravam, e livres das pêsas com que o feudalismo a escravizava, começava a pedir á terra esses productos que ella não nega ao trabalho, e que ao mesmo tempo que robustece e moralisa o homem, augmenta a população dos Estados, e todas as suas condições de prosperidade.

O movimento da civilização italiana propagou-se por toda a Europa. As antigas cidades municipaes, que Roma havia espalhado pelos payzes de sua conquista, no meio das adversidades do tempo haviam-se conservado: então porém na França, na Inglaterra, nas margens do Reno e até do Danubio apresentavam-se, sob a protecção já dos bispos, já dos reis, já de principes poderosos, organisando-se em *commum*, obedecendo a authoridade de sua escolha, que tomavam diversos nomes, e podendo assalariar força armada para sua defesa.

O commercio que as enriquecia, punha-as em relação umas com as outras, e assim lhes fazia comprehender as suas forças. Reuniam-se em feiras celebres, favorecidas de privilegios, mercadores de todos os payzes, e logo formavam-se ligas poderosas, e das quaes a mais celebre, a liga hanscatica, composta de cincoenta e duas cidades, levava a sua animação até as regiões septentrionaes da Noruega, e até o interior da Russia, onde estabeleceu-se uma celebre feira em Novogorod a grande, que parecia ser a conquista mais oriental da civilização européa. Entre as cidades da *hanse* primavam Hamburgo e Lubeck; mas apontavam-se já então algumas povoações da Hollanda e dos Payzes Baixos, que começavam o seu grande futuro de desenvolvimento industrial e marítimo.

As guerras continuas dos principes allemães, as questões do imperio em o pontificado e com a Italia ainda mais propagavam o germen da independência municipal, e a preponderancia das cidades commerciaes.

De proximo em proximo esse movimento se communicava á França septentrional, cuja população da mesma origem e costumes que a dos Payzes Baixos, imitava-a no seu desenvolvimento. A *hanse* foi uma potencia politica: encarregou-se de reprimir a pirataria, conseguiu favores de diversos reis, como os da Inglaterra, que comprehendiam os beneficios que ella fazia aos seus Estados. A Inglaterra então não era a potencia industrial que hoje admira-

mos; sua riqueza estava especialmente nas lãas de seus rebanhos, e para utilisal-as cumpria-lhe cedel-as ás cidades manufactureiras do continente.

As corporações industriaes das cidades italianas foram imitadas em todas as cidades, que então começavam a receber o titulo de *communs*; porque as aauthoridades, por essas corporações nomeiadas, tractavam dos negocios *communs*, isto é, dos que a todas importavam.

O quadro não seria completo, se lhe não accrescentassemos a influencia das universidades, e dos legistas. Nesses tempos barbaros havia um respeito extraordinario ao estudo, respeito quasi religioso, e que muito participava do que era tribulado ao clero.

As universidades, protegidas como corporações especiaes, senhoras de patrimonios, cujos rendimentos as sustentavam, mantendo uma força armada para defender os seus privilegios, recebiam, para educal-os, os filhos das classes plebeas, pois os da classe nobre preferiam entregar-se aos exercicios das armas. Junta á riqueza industrial, veio pois a essa classe a instrucção, essa grande riqueza a que com o tempo nem-uma força resiste.

Se a principio os estudos se limitavam á theologia, e debaixo da influencia das obras de Aristoteles, espalhavam o espirito de argumentação e de argucia, a *escholastica*, veio logo a jurisprudencia dar-lhes direcção mais practica. A população estudiosa era inimiga natural dessas lutas anarchicas dos nobres e da sua multimoda oppressão; armou-se pois do direito imperial romano, e foi buscar nas pandectas textos com que desenvolvesse o poder dos reis contra as nobres, pois eram os reis, por consequencia natural de sua posição, os alliados e protectores necessarios das cidades.

A acção dos legistas foi especialmente notavel em França, e muito lhes deveram os Capetos na luta que contra o feudalismo tiveram de sustentar para recompor a monarchia.

CAPITULO XXIII.

França e Inglaterra.

Deixamos a França na época em que os Capetos se substituíram aos Carlovingios, e a Inglaterra quando nella se consolidou o poder de Guilherme o Conquistador. Prosigamos.

Os primeiros reis da dynastia dos Capetos mais primaram pela habilidade de sua politica do que por esses grandes feitos que, embora o mais das vezes nada tenham de solido, abrilhantam as paginas da historia, e ennobrescem o berço das dynastias.

De Hugo (987) até Philippe 1.^o (1108) quatro reis se succedem no thrôno, e occupam-se com pequenas lutas, em que se envolvem complicações religiosas. Assim Roberto, successor de Hugo, é excommungado por se ter casado com uma sua parenta, e teve de repudial-a; Philippe 1.^o casase com a mulher do conde de Anjou; é igualmente excommungado, e a excommunhão não se lhe levanta, senão depois que morre a sua primeira mulher.

Seu filho, Luiz o *Grosso* (*) teve a coragem de infringir os privilegios dos barões, e de sustentar que — era dever dos reis reprimir a audacia dos grandes, que com suas interminaveis guerras assolam o Estado, opprimem os povos e profamam as igrejas; — e se conseguiu confirmar com factos (*) o novo direito, ainda mais o fez concedendo privilegios e exempções a diversas *communs*.

(*) Ha uma difficuldade immensa na traducção dessas alcunhas. Os Francezes dão a Luiz VI o titulo de — *le gros* —: para ser o gordo, melhor seria em francez — *le gras* —

(**) A fraqueza dos reis era tal que não só os principaes feudatarios faziam quanto lhes agradava, mas até no ducado de França alguns se arvoravam em dominadores, e acastellados nas fortalezas em que residiam, interceptavam as communicações: a principal dessas fortalezas, que dominava Paris, e cortava o caminho para Orleans era

O abalo das cruzadas veio auxiliar esse movimento, precipitando para o Oriente o ardor inquieto e a ambição dos nobres, e se na segunda cruzada Luiz VII teve de tomar parte, em penitencia imposta pelo papa Innocencio 2.º por ter mandado queimar grande porção de homens que, em uma das guerras intestinas, se haviam refugiado na cidade de Vitry, voltou logo á França, a que o chamavam questões com a Inglaterra. Era seu ministro Sugerio, abbade de São Diniz, e sua habilidade conseguiu manter em paz a França; mas por morte do prudente conselheiro, a quem nem sempre ouvia, o rei apressou-se em repudiar Leonor de Guyenna, cujo procedimento aliás era escandaloso. A repudiada casou-se logo com Henrique Plantagenet, duque de Anjou e de Normandia, que pouco depois foi chamado ao throno de Inglaterra. Leonor levára-lhe em dote a Guienna, e assim o vassallo de Luiz ficou muito mais poderoso do que seu suzerano.

As perturbações internas da Inglaterra, as agitações da população inquietá da França meridional por algum tempo removêram o perigo dessa posição.

A Luiz succedeu Philippe Augusto, (1180) cujo reinado consolidou o poder da França. Venceu elle os Inglezes, e os Allemães, ganhando a gloriosa batalha de Bouvines, aproveitou-se da guerra contra os Albigenses para extender sua influencia até os Pyreneus, apoderou-se de importantes provincias.

Mas seus progressos foram entorpecidos pelo rei de Inglaterra, Ricardo Coração-de-leão, que tendo conse-

a Torre de Montlhery. Luiz atacou os oppressores do povo, tomou as fortalezas, e organisando um corpo de cavallaria permanente, obteve vantagem sobre os que só se appoiavam na milicia feudal: pois a obrigação do serviço feudal só durava quarenta ou sessenta dias, ao cabo dos quaes, a força se desorganisava. Das lutas que assim travou, a principal foi contra os duques de Normandia (que eram ao mesmo tempo reis de Inglaterra); a influencia do papa trouxe por fim a conciliação entre os dous adversarios.

guido evadir-se da prisão em que a traição o conservava, depois que voltára da cruzada, conseguiu vencer o rei de França. Feria este visto desmorronar-se toda a sua obra, se a morte não houvesse levado o seu terrível adversario.

Mas logo Philippe teve de soffrer mais desastrada luta. Havendo repudiado sua mulher para casar-se com outra, o papa, zelador dos costumes, e da santidade do matrimonio, quiz obrigar-o a renunciar a esse concubinato, e teve de empregar até a excommunhão; Philippe resistiu; mas porfim teve de ceder ás exigencias de seus subditos, no meio de complicações internas resultantes do *interdicto* lançado sobre a França. Pode todavia recupear, na luta contra a Inglaterra a importancia que assim havia perdido.

Na Inglaterra ao feliz Conquistador havia succedido seu filho Guilherme-ruivo. Esse principe de rude tracto, oppressor dos povos, irritou contra si os Normandos que procuraram substituir-lhe seu irmão mais velho Roberto, o qual ficára duque da Normandia. Mas a indolencia deste os desanimou. O rei aproveitou uma tregua nessa guerra intestina para attacar a Escossia, e subjeitar o seu rei a prestar-lhe homenagem.

Por morte de Guilherme, Henrique, seu irmão, terceiro filho do conquistador, usurpou o throno da Inglaterra, aproveitando-se da auzencia do seu irmão mais velho, Roberto, que estava occupado nas cruzadas. Roberto, de volta aos seus Estados, foi vencido, e preso (1106) e morreu na prisão: deixou porêm um filho, Guilherme Cliton, que o rei de França tomou debaixo de sua protecção, e aproveitou como instrumento nas agitações e turbulencias, com que de continuo perturbava os dominios continentaes do seu poderoso vassallo. Henrique havia perdido seus filhos varões em um naufragio, de modo que por sua morte coube o throno a sua filha Mathilde.

Essa princeza, que fôra casada com o imperador Hen-

rique V, tendo enviuvado levára sua mão e seu dote a Godofredo Plantagenet, conde de Anjou, do Maine e da Turenna. Descontentes os Normandos com esse casamento, e incitados pelo rei de França que receiava tão consideravel augmento de poder do seu vassallo, não quizeram reconhecer Mathilde e deram o thrôno a Estevam, neto do Conquistador.

Mathilde e seu marido, o Plantagenet, com o auxilio do rei de Escossia, atacaram o usurpador. A questão porêr terminou por meio de uma transacção. Estevam, que não tinha filhos, adoptou para herdeiro de seus direitos, Henrique filho de Godofredo e de Mathilde, que já vimos haver casado com Leonor, a esposa repudiada de Luiz VII.

Henrique 2.º (1154) começou no throno da Inglaterra a dynastia dos Plantagenets. Tão poderoso quão severo, esse príncipe decretou algumas reformas; logo porêr um crime comprometteu o seu reinado.

Thomaz Becket, de familia Saxonia, e de infima condição, havia sido pelo seu merecimento elevado á dignidade de arcebispo de Cantuaria (Canterbury) e nessa alta posição, as suas virtudes não se tinham desmentido (*)

Havendo um padre deshonorado uma donzella, e assassinado o pae della, Henrique usurpou a jurisdicção ecclesiastica para julgar esse criminoso, appoiando-se para isso em uma resolução que fez adoptar por uma assembléa da nobreza e do clero, e que teve o nome de *Estatuto de Clarendon*. O papa porêr declarou nullo esse *Estatuto*.

Suscitando-se assim contestação entre as duas autho-

(*) Thomaz fôra a principio um prelado da côrte, que o rei nomeára chancellor; então primava elle pelo seu fausto, pela sua opulencia; nomeiado arcebispo de Cantuaria pelo rei que esperava ter nelle um instrumento docil de seus projectos contra a igreja, completamente se transformou; passou a viver na maior humildade, em continua abstinencia; todos os dias lavava os pés a treze pobres, e espalhava abundantes esmolos: pouco depois de sua morte foi canonisado.

ridades, Becket que se havia energicamente opposto á adopção do *estatuto*, querendo subtrahir-se á imminente perseguição, refugiou-se em França, e de lá fulminou excommunhão contra os conselheiros do rei. Logo porém reconciliaram-se, e Becket voltou para á Inglaterra.

Suscitou-se de novo a discordia, e Becket, primaz de Inglaterra, teve de lançar a excommunhão até contra o bispo de York e os arcebispos de Londres e de Salisbury Henrique irritado com essa noticia, bradou: Como! um miseravel, a quem acolhi na minha cõrte, atreve-se á insultar a seu rei, e a todo o reino, e nem um desses cobardes cavalleiros que se cevam á minha meza, castigará o padre que me affronta!— Tanto bastou: quatro cavalleiros que ouviram essas palavras, tomaram o empenho de obedecer-lhes, e foram assassinar o arcebispo até mesmo nos pés do altar onde o surprehenderam.

Esse crime atroz levou o horror a todos: para distrahir attenção, o rei empreendeu e realisou a conquista da Irlanda (1171) favorecido pelas lutas intestinas dos regulos dessa ilha desgraçada, e por um antigo decreto pontificio que a submettia aos reis de Inglaterra.

Entretanto, entregando-se á paixão que lhe inspirava uma Rosamunda, o rei desgostou sua mulher Leonor; e os quatro filhos que della tinha tido, agitaram as provincias continentaes, auxiliados pelos reis de França e da Hespanha. Succumbindo a tantas afflicções, o rei accorveu-se á penitencia que lhe fõra imposta pelo homicidio sacrilego de Thomaz Becket, e teve de ir descalço fazer orações sobre o tumulo de sua victima.

Assim rehabilitado, pôde subjugar a Escossia que ficou vassalla de Inglaterra, e travar guerra com o rei de França.

Ahi porém foi desgraçado; vencido, teve de assignar o tractado de Colombiêre, pelo qual se reconhecia vassallo de França.

Por sua morte (1189) subiu ao thrôno seu filho Ricardo, que partiu logo para a cruzada.

Já acompanhamos esse rei cavalheiro nessa expedição tão brilhante como improficua, já o vimos prezo na Allemanha.

Em sua auzencia, seu irmão João (*) que ficára regendo a Inglaterra, usurpou o thrôno, e cedeu a Normandia ao rei de França, que lhe fôra poderoso auxiliar.

Apparecendo inesperadamente na Inglaterra, Ricardo perdoou ao irmão, reclamou porê m a cessão feita á França, e uma victoria a annullou. A sua morte (**) entregou o reino a João, indigno successor, e indigno irmão do principe mais cavalheiro dessa triste epocha (1199)

Para consolidar-se no thrôno, João começou por mandar matar seu sobrinho. Citado por Philippe Augusto para vir defender-se desse crime atroz, perante o tribunal dos grandes vassallos, seus pares, não compareceu, e foi condemnado á morte.

Seguia-se a esta sentença a perda de todos os seus bens; Philippe tractou de executal-a; João ligou-se com o imperador Othon para defender-se. Houve então o combate de Bouvines, que firmou a primazia da França.

Os crimes e a fraqueza de João irritaram os Inglezes que quizeram entregar a Inglaterra a Philippe; mas o rei, aviltando-se a ponto de proclamar-se vassallo do papa, ob-

(*) O titulo de *Sem terra* dado a esse principe, vem de lhe não ter cabido quinhão algum em terras na herança paterna.

(**) A vida do Coração de leão foi toda assumpto de poeticas lendas. A par da sua anedocta de Blondel, vem esta outra: Ricardo recebeu aviso da existencia de um thezouro occulto no castello de Chalus, para apoderar-se delle: foi sitiar a castello. Ahi uma frecha, adrede dirigida contra elle por um Beltrão de Gordon, o privou da vida. Antes de expirar, o rei não só perdôou, porém até mandou remunerar o assassino; pois devotamente attribuia todas as contrariedades de sua vida romanesca ao castigo providencial pelos desgostos que na sua mocidade havia dado a seu pae.

teve a protecção deste, que lhe bastou para manter-se no throno mas não para desarmar os barões indignados.

Estes reuniram-se em armas e obrigaram a assignar a *Magna carta* que limitava a authoridade real, especialmente quanto á propriedade das familias nobres. A *magna carta* é a origem do governo constitucional inglez; nella porêm, se achamos estabelecida uma garantia contra os sequestros, e o julgamento dos pares ou jurados, nada mais vemos do que constitue a edificio constitucional moderno.

João logo que se viu livre da coacção dos barões armados, revogou a concessão feita. Houve nova insurreição, e Luiz VIII, rei de França, foi pelos barões chamado para castigar o perjuro. Moriendo porêm este, os insurgidos preferiram um rei menino a um rei estrangeiro, e obrigaram Luiz a voltar para o continente (1216).

Na minoridade de Henrique 3.º rodeiou-o a aristocracia ingleza, e a magna-carta pareceu consolidar-se: mas nas affeições do principe insinuaram-se os seus vassallos do continente; com o apoio delles, o rei revogou as concessões anteriores suas e de seu pae. Lavrou pois o descontentamento entre a aristocracia ingleza e carecendo o rei de subsidios para continuar a guerra contra a França, forçoso lhe foi convocar uma assembléa em Oxford. Os barões apresentaram-se armados, ameaçadores, tendo a sua frente Simão de Montfort, filho do guerreiro feroz a quem a victoria contra os Alligenérs da-se immenso prestigio; Simão tinha sido obrigado a optar entre os seus feudos do continente e o condado de Leicester, que por herança lhe pertencia, e por este se decidira.

A magna-carta obteve então seu complemento nos *Estatutos ou provisões de Oxford*. Ahi se estabeleceu: a obrigação da convocação do parlamento trez vezes no anno; a organização permanente de uma commissão de doze barões, para traciár em nome da aristocracia, e decidir com o rei os negocios de Estado; a instituição de uma ca-

camara dos cavalheiros do condado ; a creação de uma commissão de quatro cavalheiros, eleitos pelo povo, para percorrer os condados, informar-se de todos os abusos cometido pelos scheriffs, e outros funcionarios do rei, e dar conta delles ao parlamento.

Henrique tudo accitou para alcançar os subsidios de que carecia ; mas depois tudo revogou, e a guerra civil tornou-se imminente. Para evital-a, os contendores tomaram por arbitro o rei de França Luiz IX ; a equidade da decisão a nem-um agradou, e as dissensões proseguiram. Simão de Montfort, conde de Leicester, chamou em apoio dos barões as *communs*, ficando então creada essa segunda camara, complemento necessario da constituição, que, a principio, subordinada, quasi sem influencia, devia com os progressos da civilisação ganhar a preponderancia que hoje exerce.

Nesse entrementes por, morte de Henrique (1272) foi o throno dado a seu filho Eduardo. Principe habil e activo, destreiu o seu poder vencendo os barões n'uma batalha em que morreu o duque de Leicester, chefe e alma da liga. Logo atacou o payz de Galles, que tinha conservado a sua selvagem independencia. Dahy achou-se envolto em guerras contra a Escossia e a França.

Tendo-se extinto a familia dos antigos reis de Escossia, apresentaram-se diversos pretendentes ao thrôno, entre estes João Baliol e Roberto Bruce. Eduardo, escolhido para arbitro, preferiu Baliol, exigindo porém que lhe entregasse trez fortalezas. Rompeu a guerra ; pela Escossia apresentou-se a França. Eduardo, ao mesmo tempo que atacou a Escossia, atacou a sua alliada, e se no continente perdeu grande parte da Guienna, foi mais feliz na ilha : Baliol vencido ficou prisioneiro. Mas os Escossezes continuaram a resistir, guiados por William Wallace, heroe dos cantos populares dos montanhezes. Vencido este, entregue pela trahição e atrozmente suppliciado, apresentou-se para succeder-lhe Roberto Bruce, que ajudado pela morte de

Eduardo 1. conseguiu pela victoria firmar a independencia da patria.

Eduardo II (1307), indigno successor de seu pae, entregou-se, durante os vinte annos que occupou o throno, aos deboches mais depravados, perdeu quanto seu pae conquistára, e por fim uma insurreição da nobreza, capitaneada pelo conde de Warwick o venceu. Destituído do throno por uma resolução solemne do parlamento, foi prezo e morto (1327) Teve por successor seu filho Eduardo 3.º com quem começou a luta mais séria da França e da Inglaterra, conhecida com o nome de guerra dos *cem annos*.

A guerra contra os Albigenses, (1208 a 1223) a que por vezes nos temos referido, e que tanto contribuiu para o desenvolvimento do poder do rei de França merece que com ella nos occupemos.

Chamavam-se Albigenses os habitantes das serras proximas á cidade de Alby : adoptavam elles em religião os principios hereticos dos manicheus, e em politica mantinham-se em uma independencia cuja propagação era uma ameaça para os senhores feodales. Acreditavam na existencia de dous principios omnipotentes, o do bem que os tinha debaixo de sua protecção, e o mal que dominava a todos os mais homens : firmes nessa crença. eram fatalistas. Nem as predicas de São Bernardo, que não quizeram ouvir, nem as ameaças de Innocencio III os demoveram. Tinham o appoio do conde de Tolosa, um dos fidalgos mais poderosos. O papa mandou intimar-lhe que os abandonasse A linguagem do legado pontificio offendeu a Raymundo conde de Tolosa : foi elle assassinado, e o crime imputado ao conde. O papa o excummungou, e pregou uma cruzada para castigar-o a elle e aos seus protegidos. A rivalidade entre os barões do sul e do norte da França deu executores activos á ordem do papa.

Sem embargo de humilde submissão de Raymundo, seu sobrinho Raymundo-Rogério, conde de Beziers e de Carcassone, continuou a luta com a mesma intensidade.

Vencido porê[m] por Simão de Montfort, ia o conde Raymundo, seu tio, sujeitar-se a condições severíssimas, quando acodiu-lhe o rei de Aragão.

O protector e o protegido foram vencidos. Os vencedores dividiram o condado de Tolosa em quatro centos e trinta feudos, que entre si destruíram.

Entretanto odiosas crueldades tornavam execráveis esses vencedores. O papa, reunindo um concílio em São João de Latrão, attendeu ás supplicas de Raymundo, e animou seu filho de igual nome, que no condado lhe succedeu. A luta pois encarniçou-se e prolongou-se, continuando a enfraquecer as provincias meridionaes, quando a morte de Philippe Augusto (1223) deu o throno de França a Luiz VIII.

Depois de haver tomado algumas praças aos Ingleses, o novo rei occupou-se com a questão dos Albigenses. Filho e successor de Simão de Montfort, Amaury, que não pudéra resistir ao conde de Tolosa, cedeu ao rei de França todos os seus direitos ás conquistas de seu pae, em troca da dignidade de condestavel. Luiz apresentou-se a frente de um exercito, em Avinhão que lhe abriu as portas, apoderou-se de todas as regiões da bacia de Rhodano, e acabou com essa guerra atroz e sanguinolenta.

Morrendo porê[m] pouco depois (1226) deixou o throno a Luiz IX, a quem a igreja proclamou sancto, como a historia proclama grande rei.

Luiz era menor: a aristocracia suppoz opportuno o ensejo para reassumir as prerogativas que havia perdido. Ajudada porê[m] pelo conde Thibaldo de Champagne, a quem conseguira destacar da liga dos grandes vassallos, e rainha regente, Branca de Castella, venceu e annullou a insurreição. Para melhor terminal-a, Luiz IX casou-se com a filha do conde de Provença.

Mal chegando á maioridade, Luiz IX viu formar-s enova liga de vassallos, ajudados pelo rei de Inglaterra, Henrique III. Antes de combattel-os, reúne um parlamento,

faz declarar rebelde Lusignano conde de Marcha, chefe activo da insurreição. Contra elle se dirige, vence-o e o obriga a ceder parte dos seus dominios. Nessas lutas com os vassallos continúa, estabelecendo boas leis de administração, distribuindo justiça imparcial, ganhando as afeições dos seus subditos e os respeitos de todos os potentados de então, quando, em uma enfermidade que teve, fez voto de partir para a cruzada; vimol-o nessá expedição que, a principio tão feliz, acabou tão desastrosamente.

A São Luiz succedeu Philippe o Affeito (1285) Depois de reunir á corôa de França um numero consideravel de provincias, teve de fazer guerra á Hespanha. Duas causas houve para essá guerra, 1. a protecção devida por Philippe aos seus sobrinhos os infantes da Cerda contra Sancho o Valente, 2. a desforra das *Vesperas Sicilianas*.

Carlos d'Anjou, irmão de São Luiz, tinha-se tornado senhor do reino das Duas Sicilias : os Francezes abusavam do poder para opprimir a população, que os via com repugnancia. Uma vasta conspiração se trama na Sicilia; os próscriptos, que se haviam asylado em Aragão, a fomentam. Na noite de 31 de março de 1282, quando os sinos tocavam a vespêras, os conspiradores apresentam-se e começam a mais implacavel e simultanea carnificina dos Francezes. Nada poupam: Palermo dá o signal, Messina acompanha. Carlos d'Anjou, que estava no continente, e preparava forças para dirigir-se á sempre sonhada conquista do Oriente, recebe a noticia da insurreição e acode para reprimil-a e castigal-a. Mas João Procida, alma da conspiração, havia, antes que ella rompesse, conseguido a alliança de Pedro de Aragão que acediu em defeza dos insurgidos com forças consideraveis, e foi em Palermo aclamado rei da Sicilia. O papa Martinho VI, para proteger a Carlos, fulmina excommunhão contra Pedro, e o rei de França encarrega-se de executar a sentença. A guerra porém não teve em resultado se não a occupação do Rossilhão pelos Francezes. Ambos os

reis, de Aragão e de França, morreram pelo mesmo tempo.

A Philippe o affeito succedeu Philippe o Bello (1285) Continuou esta obra de seu pae e do seu avô, já unindo aos dominios da corôa o condado de Champaigne, e os reino de Navarra, já dando a maior importancia aos legistas, inimigos constantes do feudalismo.

Uma rixa entre marinheiros inglezes e normandos, acompanhada de hostilidades entre os navios das duas nações, deu origem a novas guerras entre o rei da França e o de Inglaterra. Philippe intimou a Eduardo que, como vassallo, se viesse defender perante seus pares, e desobedecendo este, confiscou-lhe a provincia de Guienna.

A intervenção porém do papa poz termo á luta; a filha do rei, Isabel, casou-se com o filho de Eduardo, e levou-lhe em dote essa disputada Guienna, debaixo da condição de reconhecer-se este vassallo da corôa de França.

Mas com os Inglezes se achavam unidos os Flamengos, e proseguindo contra estes a guerra, depois de haver sido vencido Guido de Dampierre conde de Flandres, os povos das cidades industriosas continuaram por sua conta a resistencia. Simpleses burguezes, mal armados, e commandados por um tecelão, inspirando-se no patriotismo, conseguiram derrotar completamente a nobreza de França, em que fizeram horrivel carnificina (1032).

Philippe-Bello tirou desforra, tomando a seu soldo uma esquadra genoveza, com que venceu a esquadra flamenga, e atacando-os pessoalmente por terra, e vencendo-os.

O tractado de paz que se seguiu a essa victoria conservou á Flandres sua independencia, debaixo da suzerania de França, que todavia ficou de posse de trez importantes cidades flamengas.

As questões mais graves desse reinado foram com a Sancta Sé.

A arrogancia de Philippe o fez desconhecer as immunidades e exempções do que gozavam os ecclesiasticos; logo se achou em luta com alguns bispos; o papa Bonifacio

VIII os apoiou, e ao mais activo delles nomeiou seu legado. O rei, sem embargo, o mandou prender e julgar por um tribunal de leigos. O papa dirigiu ao rei uma bulla de admoestação; os legistas do conselho do rei a refutaram: o papa oppoz-lhes outra bulla muito mais breve e vehemente. O rei convocou uma reunião do clero, nobreza e povo, e communicou-lhe a bulla.

Nessa reunião dous legistas, Guilherme de Nogaret, e Guilherme de Plasian accusaram o papa, e propuzeram a convocação de um concilio. Bonifacio reunia igualmente um concilio em Roma, e ia fulminar a excommunhão, quando foi accommettido e prezo por um Sciarra Colonna, que Philippe contra elle incitára, e a quem déra o commando de um bando de soldados mercenarios. Colonna e Nogaret, que o acompanhava, quizeram obrigar Bonifacio a abdicar, Colonna chegou a affrontal-o com a sua luva de guerra; o velho porém a nada cedeu:—sou papa, e papa heide morrer;—foi sua unica resposta.

Ao cabo de alguns dias de prisão, o povo reagiu contra os soldados de Colonna, e libertou o papa, que voltou triumphante a Roma; o martyrio porém que soffrêra, havia sido tão cruel, que pouco depois succumbia, deixando a cadeira pontificia em grandes difficuldades (1303).

Depois de dous annos de intervallo, Philippe conseguiu que fosse nomeado papa o ambicioso arcebispo de Bordeaux, que tomou o nome de Clemente V. Antes de o fazer eleger, o rei obteve d'elle, ao que dizem, trez solemnes promessas: 1º a revogação de todas as bullas fulminadas contra elle; 2º a mudança da séde pontificia, e a deserção de Roma. O papa cumpriu essas duas promessas, e foi residir em Avinhão, começando o periodo a que os historiadores chamam—cativeiro da Igreja—: durou este setenta annos como o *cativeiro de Babylonia*.

A terceira promessa foi a de auxiliar a acção do rei contra a ordem dos Templarios. Essa ordem que vimos fundar-se em Jerusalém, e que de lá fôra excluida pelos

triumphos dos musulmanos, se espalhára pela Europa, e especialmente se estabelecera em França, onde tinha junctado immensas riquezas. Com ellas e com a auzencia de perigos introduziu-se grande relaxação nos costumes, e logo a porta foi aberta á calumnia. A arrogancia e a riqueza da ordem excitaram o odio e a cobiça do rei; as calumnias deram-lhe pretexto para saciar-se. Philippe os mandou prender e os sujeitou a um processo infame, e o papa, depois de muitas reluctancias, authorisou a perseguição desamparando os templarios, e decretando em um conciljo que reunira em Vienna (França) a abolição da ordem. Os principaes dignitarios della, e o grão-mestre foram condemnados á morte e atrozmente supplicados. Nesse mesmo anno compareceram perante o juiz eterno o rei e o papa (1314).

Sem embargo desse crime que peza sobre a memoria de Philippe-Bello, a França muito lhe deve; foi elle quem estabeleceu os Estados-geraes, sustentando assim effizamente a influencia dos legistas e as immunidades municipaes.

Deixou trez filhos que foram successivamente reis (de 1314 a 1326): o primeiro Luiz *le Hutin* (o turbulento) viu desenvolver-se violenta reacção contra os ministros de seu pae; o mais odioso delles, o da fazenda, Enguerand de Marigny foi enforcado nas forcas que elle proprio mandara construir em Montfaucon.

Por sua morte Luiz deixava uma filla; mais sua mulher estava gravida, esperou-se pelo nascimento do posthumo, que foi rei, e logo morreu deixando em duvida a successão entre sua irmã e seus tios. Invocando a lei ou o costume dos Francos Italianos que excluia as mulheres da posse das terras salicas, os Estados geraes arredaram do throno a princeza e o deram a Philippe o Longo; morrendo este sem filhos, deixou-o a seu irmão Carlos, e morrendo este na mesma condição, a lei salica chamou ao throno Philippe

de Valois, neto de Philippe o Affoito. Foi essa uma das causas da já mencionada guerra dos cem annos.

CAPITULO XXIV.

Hespanha e Portugal até a dynastia do mestre de Aviz.

Deixamos a Hespanha no dia em que em Xerès de la Frontera, desbaratados os Visigodos, tomaram os Arabes conta da Peninsula.

Vimos os vencedores transpôr os Pyreneus, e só parar diante da espada de Carlos-Martello nos campos de Poitiers; vimos posteriormente Carlos-Magno descer á Hespanha, e levar o seu imperio até o Ebro; vimos por fim um rei de Aragão intervir na guerra dos Albigenes querendo proteger o conde de Tolosa, e outro tomar conta da Sicilia depois da conspiração das Vesperas Sicilianas.

Igualmente vimos os destroços dos Visigodos refugiaram-se, debaixo da direcção e governo de Pelayo, nas montanhas das Asturias, para daby travarem luta, tão aturada quão gloriosa, para remir da oppressão estrangeira a terra da patria e a religião dos avós. Durou ella oito seculos. Infelizmente não apresenta o aspecto de um drama regular, cuja acção capital possa ser seguida pelo historiador, e a que se prendam, como episodios, acções particulares de menor importancia: o character que apresenta é o da divisão constante de interesses e de esforços; guerras intestinas, fraticidas diriamos, no meio da grande guerra nacional. A par desse character, atraz de cada um dos grandes contendores havia, para prolongar a guerra, como que grandes quartéis de reserva, para os Arabes a Mauritania, para os Christãos os cavalleiros europeus, impellidos pela cruzada perpetua contra os inimigos da fé.

Pelayo ficou durante trez annos occulto nas montanhas em que se asilára, occupando-se com organizar os destroços dos Visigodos, e ganhar algumas posições, até que (718) alcançou a victoria de Cavadonga, e foi aclamado rei.

Rodeado de inimigos, tendo de combatter e de vencer a cada momento, não lhe bastou a organização feudal então admittida em toda a Europa germanica, foi mister dar amplas attribuições aos condes ou commandantes militares: foram elles reis, e a Hespanha christãa cobriu-se, não de provincias mas de reinos.

Foi o primeiro desses reinos o das Asturias cuja capital Oviedo ergueu-se em 760; mais de um seculo depois (914), de posse do payz de Leão, os christãos formaram o segundo reino da península, cuja capital foi Leão. A fundação do grande numero de castellos, para defesa da conquista, fez dar a essa região o nome de Castella.

Continuaram os successores de Pelayo a sua obra, e logo, conseguiram estender-se até o Douro; mas o crime e a ambição acompanbaram a prosperidade, e o fratricidio dispoz do throno.

Era rei Affonso II ou o Casto quando Carlos-magno entrou na Hespanha, e assim auxiliou as conquistas visigodas.

Por morte de Carlos-magno a Hespanha-Franca, destacando-se do imperio, formou o reino de Navarra (857) que ficou pertencendo a Garcia Ximenes. As desavenças entre os principes christãos não só entorpeciam os seus progressos, e traziam todos os inconvenientes deploraveis de falta de unidade, como trouxe desgraça ainda maior: haver um rei soccorrido pelos Arabes, por elles sustentado no throno: foi Sancho o Gordo que, expulso por seu irmão, Ordonho o Mau, foi soccorrido por Abd-el-Rahman, com quem fez alliança (961):

Ainda para maior desgraça, em quanto o regio po-

der cahia nas mãos de um príncipe menor, Ramiro II, os Arabes tiveram um general distincto, El-Mansor, que entrou na Gallisa, em Castella, arrazou a cidade de Leão e apoderou-se de Coimbra.

Por fim os christãos uniram-se, e encontraram-se com o inimigo na planicie de Calat-al-Nasor: o combate foi renhidissimo; El-Mansor não foi vencido; mas bastou-lhe não ser vencedor, para que a magoa o acabrunhasse, e puzesse termo aos seus dias.

Se os Christãos pouco utilisaram a victoria, por que logo se introduziu entre elles a divisão, o kalifado de Cordova foi igualmente destruido (1044) e dividido e em muitos reiniculos, que se enfraqueceram pela discordia.

Coubê então o reino de Castella e Leão a Fernando Magno, que junctou a seus Estados Castella Nova, e ligando-se ao emir de Toledo contra o de Valença, contribuiu para o enfraquecimento de ambos.

As desavenças porém tornaram a apparecer, quando, por morte desse príncipe, foram seus estados divididos por entre seus filhos. Felizmente a providencia deu aos Hespanhóes um desses guerreiros heroicos de quem se apoderam as imaginações poeticas para exagerar as suas façanhas, já em si admiraveis: foi Ruy Dias de Bivar, a quem os Musulmanos vencidos e maravilhados deram o titulo de *el Sayd* (o senhor) que se transformou no nome de Cid, a que os Hespanhóes accrescentaram o titulo de Campeador.

O Cid conseguiu com as suas conquistas formar o novo Estado de Valença, e prestar grande auxilio á cousa commum; mas a ingratição dos reis, e os enredos da inveja, que por vezes o haviam entorpecido nas suas proezas, causaram-lhe por fim a morte.

A esse tempo os Arabes haviam recebido por assim dizer sangue novo: os Mouros tinham-lhes vindo trazer o reforço de sua coragem, e do seu fanatismo.

Duas tribus arabes que se haviam estabelecido nos

desertos africanos, foram fanatisadas por um Abdallah que lhes deu o nome de Morabitas ou Almoravides, que quer dizer—eremitas, devotados ao serviço de Deus— e consolidou o seu apostolado pela conquista. Diversas cidades da orla septentrional da Africa, entre estas Ceuta, Tanger, Tunis e Argel, caíram em poder dos Almoravides, que igualmente fundaram Marrocos para sua capital. Treze emires da Hespanha foram invocar a protecção de Yusuf que era então seu chefe, e que logo passou o estreito: na batalha nas visinhanças de Badajoz assignalou o seu valor. Tão completa foi a derrota dos christãos que mal della escaparam alguns cavalleiros. O vencedor invadiu a Castella, e obteve nova victoria perto de Toledo (1106).

Para resistir-lhe, não só uma nova cruzada trouxe á Hespanha grande numero de guerreiros christãos, como fundaram-se as ordens religiosas e militares de Calatrava, de Alcantara, do Sanctiago de Compostella.

Mas a ambição de Yusuf não tinha só por inimigos os christãos, cumpria-lhe subjugar os emires, e formar um novo imperio musulmano. Sua actividade, nunca desmentida na mais longa existencia que é dada ao homem neste mundo, serviu-o nesse empenho; a obra porém que descansava sobre as qualidades extraordinarias de um homem, desorganizou-se depois de sua morte, e a Hespanha christã sahio intacta da luta com os Almoravides.

Ego porém teve pela frente os *Almoades* (*). Tendo subjeitado a seu poder toda a Hespanha musulmana, Yacub, chefe desses fanaticos, entrou em Castella, e derrotou os christãos na batalha de Alarcos (1197). A derrota foi util; pois levou todos os reis christãos a se

(*) Os Almoedes ou *unitarios* eram outra seita africana, de valor e fanatismo igual aos Almoravides: estavam capacitados de que só elles comprehendiam a *unidade* de Deus na sua pureza.

unirem, e a batalha de Navas de Tolosa acabou com o poder dos invasores (1212) que, dizem, perderam nella cerca de duzentos mil homens (*):

Recentemente havia sido fundado o reino de Portugal, com que mais de espaço nos devemos occupar.

D. Affonso VI havia dado o governo da parte occidental das suas conquistas a um fidalgo de Borgonha, Raymundo, que viéra servi-lo nas suas guerras contra os Arabes, e a quem déra igualmente a mão de sua filha, a princeza Urraca. Pouco depois Henrique de Borgonha, primo de Raymundo, recebeu de Affonso a mão de sua filha bastarda, D. Thereza (1095) e todo o territorio comprehendido entre o Tejo e o Minho.

Affonso tinha um filho, Sancho, a quem pretendia deixar a corôa. Raymundo e Henrique ligaram-se para frustrar essa intenção, e assenhorear-se da herança do sogro.

Morrendo porém Raymundo e Sancho, as esperanças de Henrique pareciam ter de realisar-se: Affonso não as acolheu, e deixou o throno a sua filha Urraca, viuva de Raymundo, que logo se casou com Affonso já rei de Aragão e de Castella.

Henrique persistindo no seu plano, aproveitou os odios do clero e do povo de Castella e Leão contra o rei, e as dissensões causadas pelo mau proceder de D. Urraca para usurpar o throno. Não tendo porém meios de manter-se, ligou-se com o rei contra a rainha: tendo estes feito pazes, o principe ambicioso enleou consigo o filho da rainha, e por fim o proprio rei, que não podia supportar as devassidões de sua mulher.

(*) Nessa batalha, em que tomaram parte as forças portuguezas, cada povo invocou o appoio de sua religião. O arcebispo de Toledo, primazia da Hespanha, ia com a cruz á frente do exercito: *moramolim* (*Emir-atmoumenim, emir dos emires*) invoca a protecção de Mahomet tendo na mão o Alcorão.

Se dessas discordias de familia resultou o enfraquecimento de D. Henrique, que foi vencido pelos Almoravides, juncto a Santarem, logo, reunindo suas forças, Henrique e Affonso desbarataram as da rainha, e lhe mataram os principaes validos.

No anno seguinte apresenta-se Henrique unido á rainha e a seu filho, contra o rei. Erguendo-se porém as pretensões de D. Thereza, mulher de Henrique, que queria ser tractada de igual a igual com D. Urraca sua irmã, separou-se esta dos seus alliados, e uniu-se de novo a seu marido. No meio dessas intrigas sanguinolentas, morreu D. Henrique no cerco de Astorga (1112), e em 1126 D. Urraca deixou a seu filho, Affonso Raymundes, os reinos de Galliza, de Leão e de Castella.

A D. Henrique no condado de Portugal succedeu D. Affonso Henriques. Era menor, estava debaixo da tutela de sua mãe, e teve por aio o afamado Egas Muniz. D. Thereza procedeu mal, e preferindo seu amante a seu filho, conservou este até os despo annos excluido de toda participação no governo. Incitado então pelos fidalgos, o principe tomou armas contra sua mãe, e derrotou os partidistas della (1128).

Dahi a dous annos morreu D. Thereza, e Affonso Henriques tomou conta do poder

Logo, por haverem-lhe adherido os fidalgos de Galliza, descontentes do governo de Affonso Raymundes, começou guerra entre este e seu primo. O conde de Portuga venceu em duas batalhas ao rei; foram porém conciliado pelo arcebispo de Braga.

Affonso Henriques, sitiado em Coimbra pelo emir Eujuni, aproveitou a desorganisação do exercito arabe, dizimado pela peste, para adiantar a conquista.

Unem-se contra elle quatrocentos emires do Alentejo, attacam-o a frente de poderoso exercito: Affonso Henrique porém o encontra nos campos do Ourique. é gacha

a mais assignalada victoria, que abre os fastos da monarchia portugueza (*).

O vencedor voltou para Coimbra, e tomou o titulo de rei (1139) que lhe foi confirmado pelos papas Eugenio e Alexandre III,

Logo reuniu em Lamego as cortes da nação, e ahi foi promulgada a constituição do Estado, modelo que cumpre comparar com a Magna Carta da Inglaterra, para ver que distancia immensa separava então no desenvolvimento politico as nações meridionaes das septentrionaes.

Em Lamego se consagrou a hereditariedade do throno de varão em varão na linha recta, succedendo a filha em falta de filho; mas a rainha não podia casar senão com Portuguez, para salvar a independencia da nação, e o marido da rainha nunca teria o poder do rei, e sómente assumiria esse titulo quando tivesse filho varão.

Estabeleceu-se uma nobreza fixa e hereditaria, composta das pessoas de sangue real, dos que haviam assistido á batalha de Ourique, decretaram-se meios de adquirir nobreza, sendo os principaes—libertar o rei do perigo ou do captivo; soffrer morte pela fé christãa:—igualmente determinaram-se os motivos pelos quaes se perdia a nobreza, sendo entre esses dignos de menção os seguintes:—fugir do inimigo, ferir com armas uma mulher, não libertar o rei podendo-o. Tambem perdiam a nobreza os perjuros, os blasphemos, os ladrões, etc.

Se rãs leis penas dos povos germanicos figura sempre em primeira linha o resgate a dinheiro, nas leis de La-

(*) E' tradição acceita como authentica que D. Affonso Henriques na vespera desse combate tivera, de um ermitão que residia nas montanhas de Cintra, aviso de que uma grande victoria o aguardava, e recommendação de que em hora certa olhasse para o eú. Assim fez Affonso, e viu Nosso Senhor Jesus Christo pregado a uma cruz, sustentada por anjos que lhe annunciavam o triumpho.

mego a pena de multa é mais rara, e anda o mais das vezes annexa a pena corporal.

Entre as penas corporaes a de morte, como devia acontecer em epochas ainda tão barbaras, se multiplica, até cahir sobre o ladrão na terceira reincidencia: a mulher adultera e seu cumplice eram queimados.

Organisado o novo reino, D. Affonso Henrique devia cuidar de dilatal-o. Succedeu que um bando de Normandos que seguiam para o oriente, desembarcasse á foz do Tejo: Affonso por elle auxiliado, conquistou Lisboa e Santarem. Se contra os Mouros foi bem succedido, não o foi contra seu sobrinho Fernando II rei de Leão, contra quem teve de defender o titulo que havia assumido e que quebrava a sua vassallagem. No cerco de Badajoz, foi prezo no seu proprio acampamento, e não conseguiu a liberdade senão restituindo a Galliza.

A Affonso Henrique succedeu (1185) seu filho D. Sancho I. Approveitando o terror que seu pae tinha deixado no espirito dos Mouros, este rei tractou de reedificar e fortificar as cidades, de promover a lavoura. Tendo nesses uteis cuidados despendido a primeira parte do seu reinado, aproveitou o ensejo que lhe offerecia a chegada de alguns Normandos, que haviam naufragado á foz do Tejo, para com o reforço destes conquistar o Algarve.

Logo porém foi perdida essa provincia por havel-a invadido o irresistivel *almoade* Yacub.

Mas depois da derrota dos almoades na batalha de Navas de Tolosa (1212), para o que havia poderosamente concorrido, D. Affonso II, filho e successor de D. Sancho, continuou as suas conqnistas sobre os Mouros, com o reforço accidental dos estrangeiros que, na longa viagem para a Asia, arribavam á costa lusitana.

Succedeu-lhe D. Sancho II. Accusado de inerte, esse principe justifica tal accusação pela sua fraqueza para com seus validos que multiplicavam desordens e oppressões. Chegaram estas a ponto que o clero pediu a protecção do

papa Inuocencio IV, e este destituiu a Sancho do throno e deu o governo a D. Affonso seu irmão.

D. Sancho recolheu-se á cidade de Toledo, e ahi viveu multiplicando obras pias. A regencia de seu irmão Affonso não foi reconhecida poralguns dos fidalgos, que se conservaram fieis ao rei; entre estes aponta-se Martinho de Freitas que, commandando o castello de Coimbra, não o entregou sem primeiro ir pessoalmente a Toledo certificar-se da morte de Sancho. Affonso III, em vez de vingar-se, admirando essa lealdade, conservou a Martinho de Freitas o commando do castello.

O reinado de Affonso III (1248) conhecido pelo titulo de Bolonhez, porque sua mulher, D. Mathilde, era condessa de Bolonha, distingue-se pela conquista do Algarve, pela protecção dada ao commercio, pelo estabelecimento de feiras, e pela severidade com que perseguiu os criminosos. Infelizmente repudiando D. Mathilde, sua mulher legitima, para casar com D. Brites; chamou contra si as censuras da Igreja, que só lhe foram levantadas, quando morreu sua primeira mulher.

Foi seu successor D. Diniz (1279). As pretensões de seu irmão D. Affonso perturbaram os primeiros tempos do seu reinado; logo porém os dous irmãos se reconciliaram, e o rei pôde com a mais habil administração promover a prosperidade dos povos. A elle se deve a fundação da universidade de Coimbra (1307), e seu renome de justiceiro deu-lhe as honras de arbitro entre o rei de Castella Fernando IV e um pretendente. Conhecendo a injustiça com que haviam sido perseguidos os Templarios. acolheu-os em seus Estados, e com elles fundou a ordem de Christo.

Foi seu successor D. Affonso IV (1325). Filho ingrato, irmão injusto, pae cruel, são as qualificações dadas a esse rei pelos historiadores. D. Diniz tinha um filho natural, a quem muito amava; D. Affonso por isso mesmo o detestava, e tanto que, logo que subiu ao throno, o teve degradado em Castella. Depois de multiplicar esforços para

applacar-lhe os odios, nada conseguindo, o príncipe recorreu ás armas, e uma guerra fratricida começou. Por fim, depois de successivamente derrotados os dous irmãos, a intervenção da rainha os reconciliou.

Apaixonado pela caça, D. Affonso esquecia-se dos cuidados do reino; em conselho não falava de outro assumpto. Por fim os conselheiros tomaram a deliberação de interpellal-o com energia, declarando que, se não mudasse de proceder, ver-se-iam elles obrigados a escolher outro rei que os governasse. A lição aproveitou, e D. Affonso passou a occupar-se dos publicos negocios.

As mais graves questões desse reinado foram provenientes dos casamentos do filho do rei, o infante D. Pedro. D. Affonso escolheu-lhe por mulher a filha de um opulentissimo fidalgo de Castella, conde de Penhafiel, D. Constança. O rei de Castella, que tinha pretensões sobre essa princeza, se attendeu ao pedido do rei de Portugal, não poupou evasivas para estorvar o casamento, chegando até a mandar prender D. Constança no momento em que iam recebê-la os embaixadores portuguezes. Dahi proveiu entre Castelhanos e Portuguezes guerra tanto mais fatal, quanto os Mouros vieram aproveitá-la. A intervenção do rei de França e do Papa conciliaram os inimigos; o casamento de Pedro e Constança effectuou-se.

Começado debaixo de taes agouros, esse casamento devia ser funesto. Era dama da princeza, e gozava de toda a sua privança D. Ignez de Castro, de distincta familia portugueza. Vendo-a no dia mesmo em que assistia ao baptismo de seu filho D. Fernando, o príncipe D. Pedro por ella perdidamente se apaixonará, e não podendo encobri-lo á ciosa perspicacia da esposa, viu-a succumbir á magoa que dahi ressentia (1345),

O modo por que D. Ignez se havia comportado para com a princeza ainda mais captivara o príncipe, que decidiu-se a casar-se secretamente com ella.

E' mister ignorar de todo, não a historia, mas a lingua

portugueza, para não saber o que a esse casamento se seguiu: foi o assumpto dos mais bellos, dos mais ternos versos de Camões, é o thema nacional e popular da unica tragedia que, mil vezes representada, mil vezes attrahe os espectadores (*). Deixando pois o que todos sabem, diremos apenas, que, depois de ter devastado a ferro e fogo as provincias em que os assassinos de Ignez tinham seus bens, D. Pedro por instancias de sua mãe contentou-se com o sangue derramado, com o desterro dos assassinos, e reconciliou-se com seu pae.

Pouco depois da reconciliação, Affonso morreu (1357). O primeiro cuidado de Pedro, logo que subiu ao throno foi vingar-se, e rehabilitar a memoria de Ignez; cujo corpo, tirado ao tumulo, foi revestido das insignias da realza,

(*) De feito, para que narrar o que todos sabem? E' melhor ler esse episodio em Camões, do que em algumas linhas do descorada prosa.

Sabem todos que D. Ignez, depois de ter casado secretamente em Bragança, com o principe D. Pedro, foi viver em Coimbra, onde teve trez filhos. Os fidalgos inimigos da familia de Ignez, receiando a preponderancia que esta ganharia, se Ignez chegasse a senta-se no throno, suscitaram no espirito do pae todas as considerações da politica acerca do engradecimento dos Estados pelo consorcio dos principes. Affonso deu em cheio nessas suggestões, e intimou ao filho que se preparasse para um casamento que havia elle resolvido. Fogoso, como era, D. Pedro resistiu, e o rei, irado por essa resistencia, ia contra Ignez decretar a vingança, quando esta lhe appareceu, e com suas lagrimas o acalmou. Não desarmou porém a Alvaro Gonsalves, a Lopes Pachêco e a Pedro Coelho, que de novo illaqueando a D. Affonso, e obtendo d'elle ordem ou licença, entraram no aposenta de Ignez, e a apunhalaram.

Quando subio ao throno D. Pedro obteve do rei de Castella, de Igual nome, a entrega dos assassinos que na sua côrte se haviam asilado. Pachêco teve a fortuna de fugir, Gonsalves e Coelho, entregues ao principe offendido, foram atrocissimamente supplicados. Dahi veiu ao rei o titulo de *Crú* que luta na historia com o do *justiceiro* que outors lhe dão.

e exposto a publico beijamão. Depois, foi levado ao mosteiro de Alcobaça, onde descançou em magnifico mausoleu.

Nos dez annos do seu reinado, Pedro só se occupou de fazer triumphar a lei contra a prepotencia, e de reprimir os crimes.

Sucedeu-lhe no throno D. Fernando (1367). Foi tris-tissimo para Portugal o reinado desse principe. Involven-do-se nas questões hespanholas para lutar com Henrique de Transtamara, e excluil-o do reino de Castella, chamou as armas desse principe contra Portugal. A intervenção do papa poz termo á luta, obrigando-se Fernando a casar com a filha de Henrique. Na occasião porém de realisar esse casamento, o rei toma-se de amores por D. Leonor Telles de Menezes, mulher de D. João Lourenço da Cunha, senhor de Pombeiro, manda annullar o casamento desta, e casa-se com ella. D. João desejoso de vingança, foge, para Castella; é accusado de ter querido envenenar o rei, e vê confiscados os seus bens.

Acha-se de novo travada guerra entre Portugal e Castella. D. Fernando liga-se com o duque de Lancaster que, por ter-se casado com D. Constança, filha de Pedro o Cruel, tinha pretensões ao throno de Castella. Henrique invade de novo Portugal, entra em Lisboa, incendeia-a. Debalde o papa de novo os reconcilia, rompem novas hostilidades, e a esquadra portugueza é completamente derrotada. Esses desastres aggravam-se pelas insolencias e abusos dos Inglezes, com quem o rei se havia ligado por intervenção de D. João Fernandes Andeiro, amante escandaloso da rainha, a quem ella havia dado o condado de Ourem. Sem respeito algum á propria dignidade, a rainha fazia garbo da sua paixão por esse fidalgo, e como lh'o censurasse o grão-mestre de Aviz, a rainha o calumniou perante o rei, accusando-o de estar em relações com o rei de Castella. Fernando o manda prender; na prisão ia ser morto, quando o rei, reconhecendo o embuste da mulher, o salvou.

Por fim fez paz com Castella, casando-se D. João I com D. Brites, filha de Fernando, e convencionando-se que, caso este morresse sem filhos, fosse herdeira de Portugal D. Brites com seu marido, e caso morressem estes sem filhos, D. Fernando herdasse o throno de Castella.

Morreu Fernando (1383): a corôa de Portugal coube a D. Brites.

Na ausencia desta, ficou regente a rainha D. Leonor. O descredito desta, a aversão dos Portuguezes, activadas pelas cynicas declarações do conde de Ourem, dificultavam o governo; em quanto o resentimento nacional contra os Castelhanos ainda mais impedia a realisação, reclamada instantemente por João I de Castella, da convenção da paz que lhe assegurava a successão ao throno de seu sogro. Nessas circumstancias D. João grão-mestre de Aviz, filho bastardo de D. Pedro I, reclamou do rei a regencia, em quanto não tivesse elle filhos, e vendo repellido o seu pedido, armou um partido nacional contra a regente D. Leonor, e contra o rei de Castella.

Por ordem daquella foi este aclamado nas ruas de Lisboa, e de algumas outras cidades; a guerra civil estava imminente. Uma conspiração se trama, tendo á sua frente Nuno Alvares Pereira e Ruy Pereira, para matar o conde de Ourem, e nomeiar protector do reino o grão mestre de Aviz.

Entretanto espalha-se noticia de que o rei de Castella se approxima: a rainha procura affastar de Lisboa o grão-mestre incumbindo-o da defesa do Alentejo. O grão-mestre fingê obedecer, sahe de Lisboa, e logo volta com vinte cinco amigos. Entra no aposento da rainha, a quem declara que vem pedir mais forças, por não serem sufficientes as que lhe haviam sido dadas.

Então o conde de Ourem convida-o para jantar; o grão-mestre agradece, e declara que, antes de retirar-se, lhe deseja fazer uma communicação. Chegam ambos á

uma janella, e ahi cahe o conde apunhalado pelo grão-mestre.

Feixam-se as portas do palacio; corre noticia que a vida do grão-mestre está em perigo; o povo insurge-se. A rainha retira-se para Alemquer, e o mestre de Aviz é aclamado regente e protector do reino.

O poder assim dado pela conspiração, procurou-o elle rehabilitar pela prudencia e bom governo. Rodeou-se de homens illustrados, entre outros do afamado jurisconsulto João das Regras, decretou o perdão dos partidistas de D. Leonor e do rei de Castella, e mandou D. Nuno Alvares Pereira percorrer as cidades que haviam adherido ao rei de Castella e chamal-as á grande causa nacional.

Entretanto D. João I de Castella invadiu as terras de Portugal; o sangue foi infructiferamente derramado; a rainha D. Leonor foi acabar seus dias em um convento, perto de Valhadolid; nada conseguindo, D. João voltou para Castella.

Porfim convocam-se as cortes para Coimbra, nellas João das Regras sustenta que o mestre de Aviz é o herdeiro legitimo do throno (1385).

Antes de proseguir, olhemos um pouco para o resto da Hespanha.

Depois da derrota dos Almohades, nessa famosa batalha de Navas de Tolosa (1212), os principes christãos voltaram a suas velhas divisões.

Entretanto Fernando, que occupou o throno de Castella durante trinta e cinco annos (1217 a 1262) apoderou-se de quasi toda a Andalusia; Córdova, capital dos antigos soberanos musulmanos, cahiu em seu poder, a mesma sorte tiveram Sevilha, a mais opulenta cidade dos Arabes, Cadix, Jaen: só ficou desse grande poder o reino de Granada, e esse mesmo reconhecendo-se tributario de Castella. A par do desenvolvimento que assim ganhava este reino, o de Aragão não lhe ficava atraz. Depois da

victoria contra os Almohades, o seu rei Pedro II foi em soccorro do conde de Tolosa na guerra dos Albigenses; vencido, morreu na batalha. Mas seu filho Jaime I (o conquistador) apoderou-se das ilhas Baleares e do reino de Valença, e ajudou o rei de Castella a conquistar o reino de Murcia. Seu successor (1276) foi aclamado rei da Sicilia, e se, em represalia, os Francezes se ligaram a seu irmão Jaime, e invadiram a Catalunha, foram repellidos, e o throno de Aragão passou a seu filho Affonso III, como o da Sicilia a seu filho Jaime.

Então os reinos hespanhoes não nos apresentam mais senão lutas entre pretensões oppostas, e rixas de familia, em muitas das quaes vimos involta a corôa portugueza, até que o throno de Castella coube a Pedro o cruel (1350).

Os crimes desse principe, excitados principalmente pelos seus amores com Maria Padilha, irritaram contra elle tantos resentimentos, que seu irmão Henrique, conde de Transtamara, filho natural de Affonso XI, obteve, para supplantal-o, o appoio do papa e do rei de França. Mandou este o almirante Duguesclin, que conseguiu com facilidade dar o throno a Henrique. Mas Pedro fugiu para Bordeaux, onde residia o principe de Galles, valente guerreiro, conhecido na historia com o nome de Principe Negro. Inimigo natural dos Francezes, adoptou este com satisfacção os interesses de Pedro, transpoz os Pyreneus, venceu Duguesclin na batalha do Navaretta, e restituiu o throno a seu protegido. Não cumprindo porém este as promessas que lhe havia feito, o principe inglez retirou-se descontente, Duguesclin, que recuperára sua liberdade, pôz-se de novo á frente de algumas companhias, e derrotou Pedro que, prisioneiro, foi morto por seu irmão e de Transtamara.

Castella continúa então nas suas inglorias lutas; mas a de Aragão ainda apresenta o Magnanimo que reúne em seus dominios a Sicilia, o Aragão, a Catalunha, Valença, a

Sardenha e as ilhas Baleares e a quem encontraremos quando nos occuparmos outra vez com a Italia meridional.

O poder dos Musulmanos, que não se havia podido restabelecer com o auxilio dos Mouros, depois das duas excursões successivas dos Almoravides e dos Almohades, viu ainda uma invasão do mesmo povo procurar reerguel-o; foi a dos Meirínides. Esta porèm nem ao menos teve o brilho de grandes, embora ephemeras, victorias, e apenas serviu para ainda mais enfraquecer a causa dos sectarios de Mafoma.

O espirito da independencia dos Aragonezes trouxe na constituição desse reino alguma cousa de notavel. Cada povo, cada cidade tinha seus foraes, onde estavam escriptos os seus direitos, os pontos de sua subjeição ao rei; e o juramento de fidelidade que lhe prestavam os fidalgos tem esta formula de admiravel arrogancia:— « Nós, cada um dos quaes é tanto como vós, e junctos somos mais do que vós, juramo-vos obediencia e fidelidade, se observades os nossos fôros; se não, não.

O estado das ideias politicas em Aragão não era isolado: respondia-lhe o de todos os pontos da Peninsula, em que as mesmas causas haviam actuado sobre os mesmos elementos. Assim em Castella multiplicavam-se tambem os foraes ou chartas de privilegios das cidades, o poder dos reis era mui restricto; a cobrança dos impostos se regularisava; a reunião das côrtes, em que não entravam somente prelados e *ricos-homens* ou fidalgos, mas tambem os representantes das cidades, era necessaria para decretar a *alcavala* (imposto sobre todas as transacções de compra e venda).

Um direito mais importante era o que tinha o fidalgo de eximir-se da odediencia a um rei, e de ir com seus vassallos subjeitar-se a outro principe, ou guerrear por sua conta. Ahi uma origem de anarchia fatal á Hespanha; mas tambem um incitamento permanente para reerguer a dignidade do homem.

A instituição mais notavel pela sua importancia foi a da *Sancta Hermandad*, liga de prelados, de fidalgos e de simplices cidadãos, para reciproca defesa de seus direitos, e que logo foi um poderoso instrumento de guerra defensiva e de policia, tão indispensavel em um payz em que raças tão diversas de origem e de crenças se haviam succedido em eternas hostilidades.

Se os reinos irmãos de Castella e Aragão assim se adiantavam, Portugal tinha sorte ainda mais prospera de baixo da dynastia de Aviz.

A importante victoria de Aljubarrota (1385); consolidára o poder de D. João I, grão-mestre de Aviz. Os Portuguezes, muito inferiores em numero aos Castelhanos, tinham a superioridade do valor, e da causa nacional que defendiam. Ao lado do rei, tanto se distinguir D. Nuno, que havia sido nomeado condestavel, que D. João I o galardoou com o titulo de conde de Ourem, e lhe deu meios de ir desbaratar em terra hespanhola um exerciço de trinta mil Castelhanos. Apresentando-se porém o rei de Castella appoiado pelo rei de França, que mandara um poderoso reforço de cavallaria, D. João entrou vencedor na Gallisa e no reino de Leão; uma tregua de trez annos foi então celebrada, e morrendo nesse tempo o rei de Castella D. João, foi por fim feita a paz com seu filho Henrique III.

Muito concorreu para essas victorias o condestavel D. Nuno; o rei o pagou com ingratição. Como D. Nuno não tinha filhos varões, o rei decretou que as terras dadas pela corôa nunca fossem herdadas por mulheres, e revertessem á corôa, quando não houvesse filho varão. D. Nuno assim offendido vingou-se heroicamente: tendo se renovado a guerra com os Castelhanos, tanto mal lhes fez que os obrigou a pedir paz (1404).

Seguiram-se alguns annos de socego; apenas nelles houve uma pequena e breve expedição á Africa, capita-

neada por dous filhos do rei, que foi coroada pela conquista de Ceuta (1415).

Durante esse periodo o reino restabeleceu-se dos estragos da guerra, floreceu a agricultura, e a navegação, essa immensa gloria portugueza, começou a desenvolver-se.

O infante D. Henrique, quarto filho do rei, que se dera ao estudo da mathematica e da astronomia, havia-se retirado para Sagres na visinhança do Cabo de São Vicente, e ahí continuára seus estudos com applicação immediata á navegação. Em 1410 mandou elle duas embarcações que, passando o cabo Nun, limite dos conhecimentos dos antigos na Africa, descobriram o cabo Bojador, e a ilha Canaria; outra expedição em 1418 descobriu a ilha do Porto Sancto, foi commandante della Bartholomeu Perestello que posteriormente foi sogro de Christovam Colombo. A ilha Madeira e a Serra Leôa foram descobertas no anno seguinte; foram-o successivamente as ilhas dos Açores, mais de trezentas leguas da costa occidental da Africa, e as ilhas de Cabo Verde (1440).

Essas descobertas dilatavam o commercio e faziam avultar a riqueza do reino. A costa de Guiné pagava-lhe o tributo do seu ouro e dahi veiu o nome de *guineus* para a moeda ingleza cunhado com o ouro de Guiné. A opulencia e a gloria portugueza estavam estreiadas. Na via das descobertas não tinham elles de parar sem que revelassem ao mundo a Africa, e a Asia meridional e oriental.

D. Duarte succedeu a seu pae (1433): com sabios regulamentos procurou atalhar o luxo que especialmente se introduzira na côrte, e tornava os cortezãos cada vez mais avidos; a par desse regulamento, algumas outras leis inspiradas por João das Regras, honram esse reinado, em que apenas houve, em facto de guerra, o mal succedido ataque de Tanger na Africa, em consequencia do qual ficou prisioneiro dos Mouros o irmão do rei, D. Fernando.

Succedeu no throno D. Affonso V (1438) ainda menor;

durante a minoridade o reino foi agitado pelos enredos entre a rainha-mãe, e D. Pedro, tio do rei, que tinha sido aclamado protector do reino.

Os odios contra esse principe insinuaram-se no espirito do rei, que o degradou para suas terras, e depois lá o foi attacar: D. Pedro morreu no cerco do Alfarrubeira.

Affonso attacou os Mouros da Africa, tomou-lhes as praças de Alcacer-Ceguer, de Tanger e de Arzila (1471) ganhando dahi o titulo de Africano.

Travou guerra com os Castelhanos para sustentar os direitos de sua sobrinha D. Joanna, filha de Henrique IV de Castella, ao throno de seu pae. Os Castelhanos lhe haviam preferido D. Isabel, irmã de Henrique. D. Affonso, que casara com sua sobrinha, foi vencido, e desgostoso de ver falharem as suas esperanças, quiz renunciar ao throno, e ir de romaria a Jerusalem. Abandonou porém esse projecto, e consagrou o resto do seu reinado a proteger as sciencias, e espalhar beneficios, a ponto de seu filho dizer que só tinha ficado rei dos caminhos e das estradas de Portugal.

CAPITULO XXV

Asia: Mongões e Turcos.

A Asia, onde se preparam acontecimentos que tem de influir poderosamente sobre a sorte da civilisação europêa, tem sido por nós deixada de lado depois que narrámos a ruina dos Cruzados.

E'-nos indispensavel voltar atraz, aos fins do seculo XII, para vermos um guerreiro, da familia do famoso Attila, e ainda mais formidavel do que elle, reunir as diversas hordas mongões, fundar com ellas um vasto Estado, imprimir assim nas populações um movimento a que succumbiram os ultimos restos do imperio do Oriente.

Esse guerreiro foi Temudjin que da admiração agradece a das hordas reunidas debaixo do seu mando recebeu o nome de Gengis-kan, ou chefe dos chefes.

Depois de haver subjugado a China, o guerreiro implacavel ataca a parte da Asia que fica entre o Oxo e o mar Caspio, regiões opulentissimas e guerreiras. Então encontrou-se com as possessões do Aladino-Mohamed, chefe turco seldjucida, que gosava de grande poder, e glorioso renome. Gengiskan, que parecia satisfeito com o imperio já fundado pelas suas conquistas, mandou-lhe pedir paz e liberdade de commercio, offerecendo-lhe ricos presentes, entre os quaes bexigas de almiscar e tecidos de lã de camello. Mohamed respondeu-lhe matando os que compunham a embaixada. Gengiskan chorou de raiva com esse ultrage, e logo tractou de vingar-se.

Reunindo numeroso exercito attaca a Persia, e esmaga as forças que se lhe oppoem em numero de mais de 400,000 homens, occupa a Trausoxiana e o Bukhara. O exterminio o acompanha. — Sou o flagello de Deus, bradava aos vencidos; se não estivesseis cobertos de peccados, Deus me não teria trazido contra vós.—E o saque horrivel succedia a essa declaração; e depois de terem presenciado a deshonor de suas mulheres, e soffrido os mais crueis tractos, os habitantes viam incendiada a cidade, e os poucos que escapavam eram reduzidos a captiveiro, e acompanhavam a alluvião de Barbaros (*).

Toda a Asia central cahiu em seu poder, e seus ge-

(*) Para ter uma ideia da ferocidade desse conquistador basta a seguinte anecdota: Perguntando uma vez a um dos seus generaes qual era a maior ventura que um homem pode gosar, foi-lhe respondido: —Ir á caça em dia de primavera, montado em formoso cavallo. — Enganas-te, dice Gengiskan, o maior prazer é vencer seus inimigos tortural-os para que entreguem o que possuem, ver desfeitas em pranto as pessoas que lhes são caras, e abraçar na presença d'elles suas mulheres e suas filhas,

neraes appareceram na Europa oriental, devastando as regiões que hoje são a Russia, e occupando parte da Hungria. Logo porêem foram chamados por Gengiskan para occuparem-se de outras empresas. O flagello devia a principio limitar os seus estragos á Asia.

Depois de haver em seis annos fundado um imperio que comprehendia Balkh, Boukhara, Samarcanda, o Turkestão, o Korassão, o Kharism, o Maravannahar, e uma grande parte da Persia até a India, quando tractava de completar a conquista da China, foi pela morte surprehendido (1227) na idade de sessenta e seis annos, dos quaes havia reinado vinte dous. A seus filhos, a quem reuniu antes de expirar, dice: — Conquistei um imperio tão vasto que em um anno inteiro não se lhe póde ir do centro á extremidade: quereis conserval-o? Ficae unidos, sempre de accordo para esmagar vossos inimigos e exaltar os vossos amigos; um só de vós deve occupar o throno; para isso designo Oktai (*).

Esse homem dotado como ninguem o tem sido do genio da destruição, foi todavia o legislador de seu povo; severo fulminou a pena de morte até contra os que da-

(*) Gengiskan, que pelas seus foi considerado como um Deus, e que deveu seus triumphos, tanto ao terror que inspirava seu nome, e o dos seus povos, como ao valor o mais temerario, juncto á mais sagazastucia, costumava dizer que a regra que havia seguido era a seguinte:—Aquelle que commanda bem uma dezena de homens, merece que eu lhe confie cem. Mas se o chefe de dez me serve mal, castigo-o matando-o com sua mulher e seus filhos, e escolho na dezena quem o substitua. Outro tanto faço com os chefes de cem, de mil e de dezmil. Confio o commando aos que reu-nem talento e valor, as bagagens aos que são sagazes e diligentes; aos pesados entrego um chicote, e mando guardar os rebanhos. Occupando assim cada um segundo sua capacidade, e mantendo implacavel disciplina, vi meu poder crescer de dia em dia como a lua.

vam conto a escravos fugidos, ou escondiam objectos furtados, e eximiu de toda contribuição, não só os sacerdotes de todos os cultos, como os pobres, os medicos e os sabios. Sua religião, como a de seu povo, era uma barbara idolatria, todavia recommendava que fossem com igualdade favorecidos todos os cultos.

O poder dos Mongóes não se anniquilou logo com a morte do seu formidavel Kan (*). No reinado de seu filho proseguiram os seus generaes a conquista da Europa oriental, fundaram na Russia o dominio da *Horda Dourada*, e devastaram a Hungria e a Polonia.

Os christãos entraram em relações com os seus successores; frades missionarios foram levar-lhes a palavra da Verdade, e Marco-Polo viveu bastante tempo no meio delles, para, de volta de suas viagens, maravilhar e horro-risar a Europa com a narração do que tinha visto. O rei São Luiz pôde esperar que com seu appoio sustentarse-iam os Christãos na Palestina.

Na Persia, na Syria, em grande parte da Asia menor dominavam então os Turcos Seldjucidas que haviam suplantado o poder dos Kalifas.

(*) Os historiadores contam factos tão maravilhosos de terror que inspiravam os Mongóes, que é impossivel não acreditar em alguma exaggeração. Um Mongol querendo matar um inimigo, viu que estava sem armas; mandou-lhe pois que se deitasse e esperasse, em quanto ia ver uma espada, e foi obedecido! Um Mongol divertia-se em mandar matarem-se uns pelos outros trinta e tantos prizioneiros que tinha em seu poder, e quando um desses dice aos seus companheiros que era melhor cahirem juntos sobre o oppressor, matarem-o e fugirem, a audacia do conselho horro-risou-os, e foi mister que o conselheiro, só de si tomando deliberação, executasse por si só o seu projecto, para que os outros se aressassem em fugir e salvar-se. Principes poderosos, desde que eram aneçados, consideravam-se derrotados, tremiam debaixo da fascinação exercida pelo nome dessas hordas, e só tentavam fugir. Os Mongoes tinham razão de apregôar-se os instrumentos da colera divina.

Os Mongóes resolveram acabar com esse imperio, e tomaram de assalto a capital. Vencido em novo combate, o sultão obteve paz sujeitando-se a vergonhoso tributo. A paz porém foi precaria; os Mongóes devastaram a Syria, dividiram em dez partes a sultania de *Rum* e assim fizeram desaparecer os Seldjucidas.

Hulagu, irmão do imperador Mangú, foi o encarregado dessa conquista. Por toda parte em que se apresentava, as homenagens as mais submissas lhe eram prestadas pelos principes, até o Senhor da Montanha, sem embargo da força fanática que lhe prestava a organização dos seus assassinos, veio offerecer a sua subjeição, obrigando-se a arrazar parte dos seus castellos. Hulagu repelliu os seus offerecimentos, obrigou-o a defender-se, venceu-o, arrazou todos os seus castellos, e acabou com esse diulurno opprobrio da humanidade.

Hulagu não desmentiu a sua raça na tomada e na ruina da immensa cidade de Bagdad, na de Damasco e de Alepo, onde a carnificina durou trez dias. O curso de suas prosperidades foi por fim atalhado pelos Mamelucos. Havendo Hulagu mandado intimar-lhes que reconhecessem a sua soberania, resistiram estes, e os primeiros de entre os povos attacados pelos Mongóes, conseguiram desbaratá-los. Essa victoria inspirou coragem a todas as populações dominadas pelos Mongóes, que se agitaram em crueis vinganças, e algumas, como Damasco, sacudiram o jugo; o dominio ephemero dos Mamelucos succedeu ao dos Mongóes, cujo poder, na expansão que lhe havia dado Hulagu, foi-se rapidamente desmoronando.

Entretanto crescia na Asia menor o dos Turcos Ottomanos.

Um bando de cerca de 400 cavalleiros, commandados por Solimão, foi a primeira origem desse povo (1228); o filho de Solimão, principiou o seu engrandecimento reebendo do sultão de Rum, a quem havia prestado servi-

cos, o territorio de Ancyra; Ottman, (*) seu filho e seu herdeiro, dilatou os seus dominios a custa da sultania de Iconium, de cuja capital se apoderou. Alguns annos depois já toda a Asia menor estava em poder dos Ottomanos.

Orkhan, um dos seus chefes, não foi só conquistador e guerreiro, foi igualmente organisador e legislador; das suas instituições, a dos *janisaros*, foi a que mais concorreu para a grandeza militar dos Turcos. Os *ieni-tcheri*, (tropa nova) eram um corpo de infantaria composto de moços, que, desde a infancia raptados pelos musulmanos, criados no acampamento, sem pae, sem familia, sem patria, adquiriam entre si uma fraternidade, que unida á lealdade ao sultão, seu unico pae, lhes dava uma força irresistivel. O seu numero subia a quarenta mil, e não tinham por profissão senão combatter e preparar-se para os combattes. Unica tropa regular, quando não havia exercitos, e quando já a polvora e a artilharia começavam a apparecer na guerra, os janisaros foram fatalissimos aos inimigos que com elles se encontravam, pois só com o seu nome e sua reputação os faziam esmorecer.

Em quanto durou essa milicia, foi a força, mas tambem o terror dos sultões; pois affeita a proceder com simultaneidade, se alguma vez se desgostavam do sultão a que obedeciam, nada resistia á sua insurreição. E tanto que, quando recentemente os sultões quizeram tentar modificações civilisadoras na organização da Turquia, a primeira necessidade que sentiram foi a de acabar com esses seus formidaveis tutores.

Mas longe estamos desse tempo. Por ora os Ottomanos só tem que lutar e conquistar; os janisaros ainda não lhes são senão optimos instrumentos.

Foi successor de Orkhan, seu filho Amurat I que continuando os seus ataques contra o imperio do Oriente, conquistou-lhe a Thracia, e deu por capital a seus

(*) Do seu nome vem o nome de Ottomanos dados aos dessa tribu turea.

Estados a cidade de Andrinopla, e em quanto na Europa chegava vencedor até a Servia e a Bulgária, subjeitava na Asia as regiões montanhosas da Cappadocia, e extendia seu poder até a Armenia.

Tendo este glorioso sultão sido assassiuado, succedeu-lhe seu filho Bajazeto, a quem pelo amor da rapidez de suas victorias foi dado o appellido de *Raio* (1389) Senhor da Servia e da Bulgária, Bajazeto transpoz o Danubio, invadiu a Moldavia, ameaçou a Hungria. Já seu orgulho vangloriava-se de que em breve daria razão ao seu cavallo no altar-mór de São Pedro de Roma, quando uma cruzada contra elle pregada levou aos Hungaros consideravel reforço de cavalleiros christãos. Um combate formidavel em que os Turcos, embora não ficassem vencidos, perderam sessenta mil homens, desaffrontou a Europa do terror de que se achava possuida. Bajazeto, renunciando ao projecto de invadil-a, foi devastar os restos do imperio byzantino, que mal se defendiam.

Assolou a Thessalia, a Phocida o Peloponeso, e levou captivos para a Asia trinta mil Gregos, substituindo-os na Grecia por colonias asiaticas.

O imperio do Oriente, assim atacado pelos Turcos, estava reduzido quasi que á cidade de Constantinopla, defendida pela sua posição, pelas suas muralhas, e pelo *fogo greguez*, invento admiravel que, ardendo até dentro da agua, levava o incendio ao longe. Deixámol-o quando os Cruzados, excluindo do throno a dynastia dos Comnenos, haviam fundado o imperio grego-latino, obrigando os principes gregos a refugiar-se em diversos pontos dos seus antigos estados, para aguardarem o ensejo da defesa. Pouco se demorou este.

Attacados de continuo pelos Lascaris, os Latinos não puderam defender-se; porfim até a cidade de Constantinopla, invadida de improviso, por um general do imperador João Lascaris, se lhe entregou, e o imperador Balduino teve de refugiar-se na Italia, onde acabou na miseria.

O imperador João Lascaris, ainda menor, estava debaixo da tutela de Miguel Paleologo. Este mandou furar os olhos ao seu pupillo, e substituiu-se-lhe no throno (1261) O crime não ficou impune; excommungado pelo patriarcha, involto em questões religiosas, pedindo aos christãos do Occidente protecção e appoio, que lhe eram negados por accusarem-o de perfidia, deixou o throno a seu filho Andronico.

Para defender-se tomou Andronico a seu serviço um bando de aventureiros catalães. Exagerando porém estes as suas pretenções, Andronico recorreu á perfidia e mandou assassinar Rogerio de Flor seu chefe. Os Catalães refugiaram-se a bordo de seus navios, e começaram a devastar o littoral. Attacados por Miguel, filho e collega de Andronico, que viéra a frente de treze mil homens de cavallaria e de trinta mil de infantaria, venceram-o. Essa victoria os exaltou; muitos estrangeiros se alistaram nas suas fileiras e até entre estes trez mil musulmanos. Então tomaram o nome de *Almogaraves*, e devastaram as proximidades de Constantinopla. Lavrando porém a discordia nas suas fileiras, os Catalães deixaram salva a cidade, e retiraram-se para a Grecia, que estava dividida entre diversos principes hostís, e della se apoderaram. Por fim reconheceram-se vassallos do rei de Aragão e da Sicilia, a quem levaram suas devastadas conquistas.

O reinado dilatadissimo de Andronico foi em tudo infeliz: tantas foram as perdas successivas de territorio, que seu filho dizia:—A minha sorte é em tudo a contraria á de Alexandre; este lamentava-se de que seu pae nada lhe deixava para conquistar; o meu nada me deixará que perder!—Ao mesmo tempo discussões religiosas, e contendias entre os filhos que tinha tido de diversas mulheres, o affligiam e enfraqueciam.

Foi seu successor Andronico III. Teve a fortuna de ter por general João Cantacuzeno, cujo valor lhe proporcionou alguns triumphos contra os Turcos e lhe facultou

diminuir os impostos e ganhar assim o titulo de *Pae do povo*. Por sua morte deixou no throno seu filho João ainda menor, debaixo da tutela de Cantacuzeno. Mas a inveja que a riqueza e o poder deste haviam excitado, foi tal que o compelliu á revolta, exigindo que seu pupillo o accitasse como collega do throno.

O pupillo chamou em seu apoio os Turcos, e Cantacuzeno teve de ir morrer em um convento. Foi nesse reinado que Amurat estabeleceu em Andrinopla a capital das suas conquistas.

A João Paleologo succedeu Miguel, que teve de defender-se contra Bajazeto. Para prolongar mais algum tempo a agonia do imperio, selhe não valeram os auxilios de Genova e de Veneza, que invocou, valeu-lhe o apparecimento de Tamerlão a frente dos Mongóes.

O vasto imperio de Gengiskan estava em decadencia: ao Oriente a China subtrahira-se ao seu poder, ao occidente o augmento do poder dos Ottomanos na Syriá e na Persia o comprimia, em quanto pelo norte as divisões dos chefes de diversas hordas o enfraqueciam e limitavam. Nessas circumstancias um moço, descendente de Gengiskan, que na idade de treze annos ficára orpham e reduzido por unica fortuna á posse de um cavallo e de um camello, resolveu restaurar o imperio, e o conseguiu, embora ephemeramente: foi Timur, a quem deram a alcunha de *Lengh* (por ser elle coixo) e de onde as nações europeas formaram o nome de Tamerlão, com que é conhecido esse novo *Flagello de Deus*.

Depois de acalmar as discordias intestinas, e de assentar a sua capital em Samarcandá, que fortificou e ornou com jardins e palacios, Tamerlão dirigiu suas armas para a Persia, e a ruina de Bagdad restabeleceu o terror do nome dos Mongóes.

Continuando o rapido curso de suas victorias, Tamerlão veiu encontrar-se com Bajazeto, nas planicies de Ankyra. Havia sido invocado por alguns emires seldjucidas

a quem o ottomano opprimia. Terrivel foi o combate (1402); mais de cem mil homens succumbiram; e entre os prisioneiros ficou o proprio Bajazeto, que foi posto em uma gaiola de ferro, e assim levado atraz do exercito mongol. Não pôde elle resistir ao opprobrio desse supplicio, e morreu dahi a um anno.

Breve tambem tiveram seu termo as prosperidades de Tamerlão. Na idade de sessenta e nove annos, marchando com 200,000 guerreiros para reconquistar a China, foi obrigado pelo rigor do frio a demorar-se em Otrar, e lá succumbiu (1405). (*)

Pela ruina de Bajazeto o imperio ottomano achou-se dividido entre seus tres filhos, Solimão, Musa e Mahomet; entregue á guerra civil, esteve a ponto de anniquillar-se.

Mahomet conseguiu por fim reunir as providcias turcas, e levou suas armas contra Constantinopla; repellido pelas esquadras genoveza e veneziana que acodiam ao imperador, retirou-se comprehendendo a necessidade de uma esquadra, que appoiasse as operações do exercito, para tomar essa cidade.

Seu filho e seu successor, Amurat II (1421) voltou a sitiár a capital, aproveitando-se do descontentamento da esquadra genoveza.

A's suas ordens tinha o Ottomano 200,000 soldados: Mas a revolta dos povos slavos o obrigou a levantar o as-

(*) O caracter de Tamerlão muito se distingue do de Gengiskan. Se na guerra apresentava as mesmas feições caracteristicas de implacavel exterminio, proprias de sua raça, procurava elle proteger as artes, as sciencias e as letras.— Graças a Deus, dizia, desde a idade de nove annos até a de sessenta e um, nunca comi só, nunca me vi sem a companhia de um amigo, nunca vesti roupa nova, que a não tirasse para dar aos meus camaradas; nunca lhes neguei o que me pediram, e nunca lhes demorei o serviço pedido, para os obrigar á humilhação das instancias.—

sedio da grande cidade para ir combattel-os. Pouco depois, tendo a morte de Manuel deixado o throno a João Paleologo, este comprou a paz abandonando diversas provincias. Amurat tomou então aos Venezianos a cidade de Thessalonica, que esses haviam comprado ao imperador, e dirigiu suas armas contra a Hungria. Estava porém esta defendida por João Hunyades; a praça de Belgrado, baluarte da Hungria, resistiu invencivel ao sultão que a havia accommettido.

Tendo então concluido um tractado de paz com os christãos, Amurat fez acclamar sultão seu filho Mahomet, e abdicou.

Logo porém constou-lhe que uma liga poderosa de principes christãos se estava formando. A instancias do papa Veneza e Genova tinham reunido suas esquadras; na alliança entrára Wladislau, rei da Bohemia, da Polonia e da Hungria: João Hunyades estava á frente dos alliados. Para defender seu filho e seu povo contra tão fornidaveis inimigos, Amurat reassume o poder, e ganha brilhante e decisiva victoria em Varna (1444).

Vencido esse perigo, outro maior se apresentou. Scanderbeg appareceu.

Jorge Castrioto, conhecido pelo nome de *Scander-beg* (*) era filho de um principe da Albania, por quem fôra entregue como refem a Amurat. Este o educou na religião musulmana, e conhecendo o seu denodo, lhe entregou o commando de um corpo de exercito. Scanderberg quiz reassumir a sua liberdade, e violentando o secretario do Amurat, o obrigou a assignar um *firman* (decreto), mandando entregar-lhe Croia, uma das principaes cidades da Albania. Senhor dessa praça, abraçou de novo o Christianismo, e levantou o estandarte da revolta. Amurat o foi combatter á frente de sessenta mil homens. A morte porém o levou antes de conseguir domar a revolta.

(*) *Scander-ley* que quer dizer Alexandre-Senhor.

Seu filho e successor, Mahomet II (1451) tinha vinte dous annos, quando se achou senhor do poder. Deixando de lado Scanderberg, foi attacar Constantinopla.

O Albanez aproveitou-se de sua ausencia para derrotar os Turcos, extender e firmar o seu poder. Já, temerario, tinha ido á Sicilia proteger as pretensões do duque de Anjou, quando, chamado a toda a pressa para oppor-se a uma invasão de Mahomet, consegue vencel-o. Morre porém pouco depois dessa victoria, deixando o terror do seu nome no espirito dos Turcos, e a memoria do seu heroismo em canções populares.

O nome de Mahomet II, principe instruido, amigo das artes, barbaro porém até no culto que lhes prestava (*) apresenta-se revestido da gloria da conquista de Constantinopla. Para isso preparou-se desde que se achou senhor do poder; mandou construir no Bosphoro uma fortaleza que o dominasse, dirigiu um exercito para o Peloponeso, aonde estavam os dous irmãos do imperador, que lá os contivesse; fez um tractado de neutralidade com os Genovezes, e assim apresentou-se não deixando á cidade de Constantino senão os seus proprios recursos.

Reinava então Constantino Dragases, e os Byzantinos estavam occupados com questões theologicas querendo uns, não querendo outros, a reunião da igreja grega á de Roma.

Mahomet investiu a cidade poa terra e por mar, e como o porto estava feixado por fortes correntes, recorreu a um estratagemma singular: mandou alastrar em meia legua do caminho tabuas de pinho untadas de sebo e de graixa, e por ellas foram arrastadas oitenta

(*) Amante da pintura, que já se ia desenvolvendo na Italia, Mahomet mandou vir de Veneza o pintor Gentile Bellino, e o tractou com a maior consideração. Um dia, para que Bellino pudesse estudar o jogo dos musculos em um pescoço cortado, estudo de que carecia para um dos seus quadros, Mahomet mandou vir um escravo, e impassivel fez o degollar.

galeras e setenta navios. Em uma só noite todo esse trabalho estava concluído, e os sitiados, ao acordarem na manhã seguinte, viram uma esquadra descer de terra e dominar no porto!

Embalde Constantino implorou o socorro da Europa, os dous únicos campeões da christandade eram então Scanderbeg; destes o primeiro mal podia defender a João Hunyades e Hungria, o outro só era formidável no meio das suas montanhas.

Assim desamparado, Constantino não faltou aos seus deveres; reuniu na igreja de Sancta Sophia os últimos defensores da cidade; depois de haverem commungado, exhortou-os a dar a última gota de sangue pela pátria e pela religião. E morreu combattendo nas muravilhas; seu corpo estava tão desfigurado que só pôde ser reconhecido pelas aguias de ouro que trazia bordadas nos bordaguins de purpura.

No dia 29 de maio de 1453 entrou Mahomet na cidade devastada.

CAPITULO XXV.

França e Inglaterra: guerra dos cem annos.

A constante rivalidade da França e da Inglaterra, a dependencia de vassallos tão poderosos para com suzeranos tão necessariamente exigentes, não podiam deixar de apparecer em um gravissimo e prolongadissimo conflicto: é o que tem o nome de *guerra de cem annos*.

Foi occasião dessa guerra uma questão dynastica.

Em virtude da lei salica, Philippe de Valois, neto pelo lado dos varões de Philippe o Affeito, fôra chamado ao throno. Eduardo III, rei de Inglaterra, era por sua mãe Izabel, neta de Philippe Bello, e portanto estaria mais proximo do throno, se o não repellisse a lei salica.

Philippe começou seu reinado indispondo contra si os Flamengos, que se haviam insurgido, e tiuham repellido o seu conde; embora os vencesse, e restaurasse o seu protegido, o Valois deixou nesses valentes e opulentos plebeus resentimentos profundos de que se aproveitou o seu competidor.

Ainda levou por diante a sua imprudencia exigindo que este viesse como vassallo prestar-lhe preito e homenagem. Eduardo obedeceu; mas logo aproveitou a occasião de vingar-se.

Tendo de que queixar-se dos tribunaes de justiça que o haviam condemnado, Roberto de Artois, que muito tinha ajudado a fazer prevalescer os direitos dos Valois, fugiu para Inglaterra, e excitou o rei a reclamar os seus direitos ao throno de França.

Eduardo quiz primeiro subjeitar a Escossia, e em quanto o conseguia vencendo e excluindo do throno a David Bruce, o rei de França, que debalde lhe intimára que entregasse Roberto de Artois, mandou occupar a Guienna e a Gasconha (1337).

Eduardo dirigiu-se para a Flandres, onde se ligou com Jacques de Arteweld, chefe do partido popular, e homem de profissão mechanica (*) Na Allemanha obteve promessa de auxilios de um grande numero de príncipes, e até conferenciou com Luiz de Baviéra que lhe conferiu o titulo de *vigario imperiat* na margem esquerda do do Rheno. O rei de França tinha tambem poderosos alliados. Entretanto esse primeiro accomettimento não

(*) Arteweld, fabricante de eerveja, homem valente e resoluto, tinha todas as qualidades dos demagogos. Por seu conselho, o rei de Inglaterra, vendo duvidosos os fidalgos, presos pelo juramento de vassallagem ao rei de França, assumiu esse titulo, e assim pôde reclamar para si a obediencia do vassallo, e a força de juramento. O fim de Arteweld foi desgraçado; incorrendo nas suspeitas dos seus por amor de sua dedicação a Eduardo, foi morto por esse mesmo povo de quem era idolo.

teve a menor importancia, e terminou por uma tregua, depois de haverem os Francezes perdido parte de sua esquadra.

Renovaram-se as hostilidades por occasião da successão do duque de Bretanha.

Depois de um pequeno combate, tendo havido um tractado de paz entre os pretendentes a esse ducado, celebraram nova tregua os dous reis (1346); mas perseguindo o de França alguns fidalgos affeiçãoados ao de Inglaterra, entrou este na Normandia e marchou contra Paris; retirou-se porém ao receber noticia da approximação de um grande exercito francez, e foi para a Flandres.

Ahi ganhou Eduardo em Crecy uma importante victoria. Em consequencia della os Inglezes tomaram Calais, (1347) de que ficaram senhores até 1559 (*).

Houve então uma nova tregua, e Philippe aproveitou-a para comprar a Jaime de Aragão o condado de Montpellier, e para receber de Humberto a doação do Delphinado.

Por morte de Philippe coube o throno a João a quem os historiadores francezes dão o titulo de *Bom*. Começou de novo a guerra, Eduardo III mandou seu primogenito, o valente Principe Negro (assim chamado em razão da côr das armas que havia adoptado) desembarcar em Bordeaux (1355) emquanto attacava elle a França pelo norte, invadindo a Picardia.

Appoiado pelos Estados gêraes, João levantou um exercito de 150,000 homens, e marchou contra o Principe Negro. Sem embargo porém do seu valor, foi vencido na batalha de Poitiers, e levado prisioneiro para a Inglaterra. Ahi, embora tractado com attentões e respeitos, foi encarcerado na torre de Londres, onde se encontrou com David Bruce, esse alliado da França.

(*) Os historiadores francezes exaltam sobre modo a dedicação de Eustachio de Saint-Pierre que veiu, com cinco companheiros, apresentar-se ao vencedor, supplicando-lhe que nelles fizesse recahir a vigança que da cidade pretendia tirar.

Essa derrota, e ainda mais do que ella a auzencia do rei deixaram a França entregue á anarchia.

Convocados os Estados geraes para auxiliar o delphim(*) com os subsidios necessarios á defeza do reino, já contra os Inglezes, já contra Carlos o Mau, rei de Navarra, que tambem pretendia o thrôno, deram subida importancia a Roberto Lecoq, bispo de Laon, e a Marcello, preboste dos mercadores. As derrotas do Crecy e de Poitiers tinham alluido o prestigio dos fidalgos. Os Estados geraes foram exigentes, e impuzeram ao principe condições severas para restaurar as publicas liberdades. O principe tudo acceitou; pois carecia dos subsidios; mas logo que viu dissolvida a assembléa, revogou a sua acceitação. Marcello indignado uniu-se a Carlos o Mau.

Os marechaes de Champagne e de Normandia, suppondo que poderiam intimidar o povo, mandaram agarrar e suppliciar um partidista de Marcello. Vingou-se este apresentando-se no palacio do delphim á frente de numerosos burguezes, e intimando-lhe que cumprisse os decretos de reforma, adoptados pelos Estados geraes. O delphim deu resposta evasiva. Voltando-se então para os que o haviam acompanhado, Marcello lhes dice: — Façamos aquillo para que viemos.

Logo precipitaram-se estes eobre os dous marechaes que estavam com o delphim, e os mataram.

Intimidado o principe, lançou-se aos pés de Marcello, que, pondo-lhe na cabeça o barrete distinctivo do seu partido, salvou-lhe a vida cobrindo-o de ignominia:

A causa dos burguezes, já comprometida por esses excessos, ainda mais o foi pelo levante da plebe do campo, conhecida com o nome de *Jacquerie*.(**)Victimas de mais

(**) Era esse o título do herdeiro presumptivo da corôa de França depois da reunião do Delphinado.

(**) *Jacques Bonhomme* era o titulo que a irrisão dava ao povo; dahí a palavra *Jacquerie*.

atroz e systematica oppressão, os camponezes aproveitam o ensejo para insurgirem-se ; incendiam castellos, degolam os fidalgos, commettem as maiores atrocidades sobre as suas familias. O horror é tal que tudo quanto ha de honesto e de moderado reune-se ao delphim para tentar um supremo esforço que restaure a ordem. O delphim vem attacar Paris; Marcello morre assassinado, e a cidade alegre entrega-se ao principe.

Entretanto João tinha assignado, para haver a sua liberdade, o infame tractado de Bretigny (1360) pelo qual restituia á Inglaterra quanto no continente tinha ella possuido. O delphim não approvou esse tractado; Eduardo III veio outra vez á França levando a devastação até as visinhanças de Paris, e assim obteve, alem da approvação do tractado, a obrigação do pagamento de trez milhões de escudos para resgate do rei.

Voltando a seus Estados, João augmentou os dominios da corôa com a Normandia, a Champanha, Tolosa e a Borgonha, que cedeu o seu filho, Philippe o Affeito, tronco dos duques de Borgonha.

Não podendo perfazer a quantia do resgate, e havendo seu filho, que como refem ficára na Inglaterra, conseguido evadir-se, João foi de novo constituir-se prisioneiro, para desempenho de sua palavra, e morreu na Torre de Londres (1364).

Carlos V, seu successor, mereceu o tiitulo de *Prudente*.

Empregou na guerra contra Carlos o Mau, que havia accommettido a Bretanha, o famoso Duguesclin, cujas victorias obrigaram o Navarrez a renunciar a suas pretenções ao thrôno da França, e a recolher-se aos seus Estados. Então Carlos V mandou o mesmo general ajudar Henrique de Translamara contra Pedro o Cruel.

Já vimos as alternativas dessa guerra, em que Pedro, depois de vencido e excluido do thrôno, tendo obtido o appoio do Principe Negro, vencera seu irmão, e prendêra

Duguesclin, e tendo perdido esse apoio, foi vencido e morto.

Entretanto, havendo o Príncipe Negro, governador da Guienna em nome do rei de Inglaterra seu pae, dado razões de queixa aos povos pela oppressão dos tributos, Carlos lhe mandou intimar que viesse defender-se. Travou-se pois de novo a guerra. Os Francezes tinham já então Duguesclin para oppor ao Príncipe Negro. a enfermidade e logo depois a morte os livrou desse formidavel adversario: por outro lado tinham a alliança de Henrique de Castella. que lhes prestasse o apoio de sua esquadra, não houve pois derrotas como as de Crecy, e Poitiers. Vencedora a França conseguiu expellir os Inglezes de seu territorio, deixando-lhes apenas algumas cidades maritimas.

Quasi ao mesmo tempo morreram os dous reis. Ao de França succedeu Carlos VI (1380) ao de Inglaterra (1377) Ricardo II. Ambos eram menores: a agitação e a guerra civil dilaceraram os dous reinos. Em França os tios do rei disputaram entre si a regencia, e cabendo esta ao duque de Anjou, principiou elle a malbaratar os dinheiros e os interesses francezes para sustentar as suas pretensões na Italia meridional.

O povo de Paris, irritado com os novos impostos, insurgiu-se, arma-se de malhetes que encontra no arsenal (*) e solta os presos. Iguaes desordens apparecem em outras cidades. Os insurgentes estavam ligados com os Flamengos; o rei lhes cedeu; mas logo vencidos aquelles (1382), o rei subjugou os malhotinos, condemnou os chefes à morte, e dobrou os impostos, causa da insurreição.

Na Inglaterra outro tanto acontecia. A regencia era igualmente disputada pelos trez tios do rei, os regentes decretaram igualmente um pezado imposto; o povo soltou

(**) Dahi veiu o titulo de *Malhotinos* aos que tomaram parte nesta insurreição.

o brado da reforma, e insurgiu-se: o ferreiro Wat-Tyler o capitaneou; os insurgentes dirigiram-se para Londres em numero de mais de 100,000 armados, porém sem commetter violencias, e pelo caminho cantavam coplas cujo estrebilho, altamente democratico, era o seguinte:— Quando Eva fiava, e Adão lavrava a terra, o que faziam os fidalgos?— A trahição porém deu cabo delles. Wat-Tyler foi assassinado, e os seus companheiros, embora se houvessem rendido, foram esmagados:

No meio dessas confusões David Bruce sahio da prisão e poz se de novo á frente dos Escossezes; pouco depois foi corôado rei de Escossia Roberto Stuart, sobrinho de David, e os Inglezes renunciaram á subjeição desses indomaveis montanhezes.

Logo começou de novo a guerra com a França; em que Carlos VI conseguiu de Ricardo a promessa de entregar-lhe os portos de Brest e de Cherburgo.

A desgraça porém o esperava. Carlos enlouqueceu (*) (1392) levado para Paris, maltractado por sua mulher Isabel de Baviera, só achou para consolal-o o amor e o desvello quasi infantil de uma moça plebea chamada Odette de Champ-Fleury.

Entretanto se o rei era desgraçado, se a còrte estava dividida por intrigas e devassidões, houve alguns annos de paz.

Na Inglaterra Ricardo, já detestado pela sua tyrania,

(*) A causa da loucura de Carlos VI, e a historia dos seus infortunios merecem alguma attenção. Atravessando o rei a floresta do Mans debaixo de um sol ardente, appareceu-lhe um homem vestido de branco que, segurando nas redeas do cavallo, lhe bradou;— Senhor, estaes atrahiçoado — ! A imaginação do rei afigurou-se um fantasma, e nos seus terrores sempre o via diante de si com dons enormes cães negros, repetindo-lhe essas cruéis palavras. O fantasma era um Pedro de Craon que, tendo tentado assassinar o condestavel Clisson, e reeeiando o castigo, procurára um modo dramatico de obter a proteecção do rei.

ainda mais o ficou sendo pela promessa feita aos Francezes de restituir-lhes Cherburgo e Brest. Estava pois em luta aberta com o parlamento, tanto que se apresentando-se contra elle Henrique filho do duque de Lancaster, terceiro filho de Eduardo III, o parlamento o destituiu, e mandou o encerrar em uma fortaleza, onde foi morto (1399) Ricardo era o unico filho do principe Negro, esse glorioso primogenito de Eduardo.

O thrôno cabia pois ao segundo filho desse rei, e a seus descendentes. Mas deste, duque de Clarence, só havia uma neta, que se casara com Ricardo, filho do duque de York, quarto filho de Eduardo. A corôa pois devia pertencer a esse Ricardo por cabeça de sua mulher. Mas Henrique de Lancaster se havia antecipado, e o descendente do terceiro filho de Eduardo excluiu o representante do segundo filho.

Essa questão dynastica tem de dar occasião á guerra das Duas-Rosas; foi todavia algum tempo abafada pela habilidade de Henrique IV, e pela influencia do parlamento. Com vigor e vigilancia concentrou aquelle os germens da anarchia, prohibiu as côres e distinctivos dos partidos, e dirigiu a attenção publica para a pacificação do payz de Galles. Só se envolveu nos negocios de França para ajudar os Armagnacs contra os Borguinhões.

Esse episodio terrivel da guerra dos cem annos teve origem em rivalidades de côrte. Appoiado pela rainha Isabel, o duque de Orleans, irmão do rei, exercia um dominio de que se queixava seu tio Philippe de Borgonha. Emquanto viveu, soube este abafar os seus resentimentos; mas tendo lhe succedido João Sem Medo, mandou este logo assassinar o principe.

O duque de Orleans era casado com Valentina Visconti, senhora de tanta illustração quantas virtudes, que fazia perfeito contraste na côrte devassa em que vivia. Deixava elle quatro filhos, trez legitimos e um bastardo; este será o valente Dunois, que tanto ajudará a excluir os Inglezes de França. Carlos de Orleans, o mais velho dos filhos

legítimos, apresentou-se para vingar a morte de seu pae, appoiando-se nas forças de seu sogro, o poderoso conde de Armagnac.

Na luta que então se trava achamos ainda os resaios da velha aversão que reinava entre os fidalgos do sul e o do norte.

Pelos Armagnacs estavam a rainha e a côrte, pelos Borginhões o povo, especialmente o de Paris, e a universidade ; o assassinio, que não o combate, dava saltida aos odios. Os Armagnacs invocaram o appoio de Henrique IV de Inglaterra. O duque de Borgonha logo os accusou de alta traição, e os disturbios e matanças recresceram de intensidade. Enfim os dous partidos, cedendo ao receio da intervenção estrangeira reconciliaram-se. Infelizmente a reconciliação devia ser ephemera.

Nesse mesmo anno (1414) morria Henrique IV, subia ao throno de Inglaterra seu filho Henrique V. Approveitando logo as dissensões da França para exigir a execução do tractado de Bretigny, apresentou-se este na Normandia á frente de um exercito de quinze mil soldados.

Foi a seu encontro um exercito francez de cincoenta mil homens, e os campos de Azincourt viram a terceira e mais vergonhosa derrota dos Francezes nesta guerra (1415) Os odios dos partidos attribuiram-a logo á traição dos seus contrarios. O duque de Borgonha liga-se com a rainha, Isabel de Baviera, e com o rei de Inglaterra para supplantar os Armagnacs, que estavam senhores do poder, e provoca a insurreição de Paris ; nas matanças populares, o conde de Armagnac succumbe.

Felizmente para a França, o delphim consegue fugir da cidade, e refugiar-se em Poitiers, onde toma o titulo de regente. Os Inglezes apoderam-se de Ruão ; João Sem Medo procura reconciliar-se com o delphim; encontram-se, juram-se paz e amisade ; morre porém assassinado] pelos partidarios de delphim, em um a conferencia que com elle havia ajustado.

O filho e successor do assassinado vingá-se entregando a França aos Inglezes; pois determina a rainha Isabel a fazer assignar pelo rei demente um tractado que dava a Henrique V a mão da princeza Catharina de França, e por dote a successão ao throno, ficando-lhe entretanto, em quanto o rei vivesse, a regencia do Estado (1420).

Dahy a dous annos morreram ambos os reis. Ao de Inglaterra succedeu Henrique VI, ao de França esse delphim, Carlos VII, que vimos fugir para Poitiers e assumir a regencia.

Carlos, reduzido á cidade de Bourges, e a poucas cidades, mais só tinha por si o seu direito, e a lealdade de alguns fidalgos, entre os quaes o valente bastardo Dunois. As circumstancias e a protecção divina o ajudam.

Henrique VI de Inglaterra só tinha oito annos. Foram regentes os duques de Belfort, e de Gloucester, tios do rei. Conseguiram estes ainda um triumpho contra a França: mas logo a desintelligencia se introduziu entre os Inglezes e seus alliados. O duque de Borgonha os desamparou por haver Gloucester, entrando na Flandres para reivindicar os direitos que lhe competiam por cabeça de sua mulher, desrespeitado os seus direitos sobre o Hainalto. O duque de Bretanha igualmente os deixou, por haver seu irmão sido nomeiado condestavel de França.

Entretanto appareceu Joanna de Arc. Essa joven camponeza de uma aldeola da França, capacitou-se, no meio das devastações que presenciava, e dos excessos da soldadesca estrangeira que assolavam a patria, capacitou-se de que recebera missão divina de salvar o rei de França: visões repetidas a confirmaram nessa convicção. Seu enthusiasmo religioso e patriotico communicou-se aos fidalgos e aos cortezãos.

Joanna com a bandeira de França na mão, sem nunca servir-se de suas armas, os levou a combate, e duas vezes

derrotou os Inglezes. Essas victorias abriram caminho ao rei até a cidade de Reims, onde foi sagrar-se. Joanna reputou concluída a sua missão, quiz retirar-se para sua aldeia ; não lh'o consentiu o rei.

No anno seguinte estando ella em Compiégne que os Inglezes sitiavam, fez uma sortida vigorosa ; sendo rechaçados, os Francezes com tanta precipitação se recolheram á praça, que deixaram Joanna fora das portas. Os Inglezes a apreziaram, e então commetteram um attentado infame.

A misera camponeza, que os havia desbaratado, os Inglezes a fizeram condemnar por feiticeira, e a cidade de Ruão viu erguer-se uma fogueira em que a gloriosa donzella foi queimada viva ! (1431) (*)

Approveitando o impulso dado a sua causa pela heroína, Carlos VII continuou a reaver os pedaços de seu reino; por morte de sua mãe Isabel e do duque de Bedford (1436) entrou em Paris. O duque de York, successor de Bedford, não tinha o talento militar desse chefe.

Continuando a guerra, embora sem actividade, os Inglezes foram pouco a pouco excluidos de quanto possuíam, e em 1441 apenas estavam senhores de Calais.

Essa guerra teve um duplo resultado. Em França tanto enfraqueceu a fidalguia, que tornou possível a politica de concentração e de engrandecimento da authoridade real, caracter distinctivo do reinado de Luiz XI.

Na Inglaterra pelo contrario, o poder dos reis enfraque-

(*) A historia da missão de Joanna d'Are, a donzella de Orleans, é uma das mais bellas paginas dos annaes de França. Entretanto não se pode decidir quem mais iniquo foi para ella, se os Inglezes queimando-a, se os poetas irreligiosos da França do seculo passado lançando-lhe o sarcasmo e os insultos os mais obseenos. Os estrangeiros, especialmente os Allemães, foram os que reivindicaram a gloria dessa heroína da França, de que alias se ensoberbece e guarda memoria a cidade de Orleans, por elle libertada do jugo inglez.

ceu-se. Todos os revezes foram attribuidos á incapacidade e á frouxidão de Henrique e á influencia de sua mulher Margarida do Anjou. Assim indisposta a opinião nacional, facil foi suscitarem-se de novo as questões dynasticas que deviam trazer a guerra das duas Rosas.

CAPITULO XXVII.

Allemanha. Suissa.

As lutas do sacerdocio e do imperio tiveram terrivel influencia sobre este. Por morte de Frederico II houve um periodo de vinte trez annos (1250 a 1273) conhecido pelo nome de *grande interregno*, periodo de terrivel anarchia, em que o imperio germanico se dissolveu, e cuja unica compensação foi o engrandecimento das cidades commerciaes. No principio desse periodo, Conrado IV, filho de Frederico, foi reconhecido por uma parte dos eleitores; mas por outros lhe foi opposto Guilherme de Hollanda; e nem um delles teve poder effectivo.

Entretanto alguns eleitores procuravam vender os seus votos a principes estrangeiros, uns a Ricardo de Cornualhas, irmão de Henrique III de Inglaterra, outros a Alfonso de Castella. Mas desses principes só o primeiro veiu algum tempo a Allemanha, onde gastou enormes cabedades seus, para só conseguir uma apparencia de poder. Os eleitores, que adrede prolongavam um interregno que tão util lhes era, pois lhes deixava amplo poder, tiveram enfim de ceder ás instancias e ameaças do papa Gregorio X; reuniram pois seus votos em um pequeno fidalgo da Suissa que pela sua fraqueza não lhes parecia ter de ser um imperador mui formidavel: Rodolpho de Hapsburgo foi imperador (1273)

Rodolpho reinou dezoito annos. Energico e habil politico, tractou de firmar e de engrandecer o poder de sua casa. Só um eleitor, o rei de Bohemia, soberano da Aus-

tria, da Styria, da Carinthia e da Carniola, havia-se negado a reconhecê-lo; Rodolpho o venceu, e conquistou a Austria, a Styria, a Carinthia e a Carniola, que ficaram nucleo do patrimonio da casa de Hapsburgo.

O mesmo motivo que fez preferir Rodolpho, levou os eleitores a deixarem de lado seu filho, e a darem o imperio a Adolpho de Nassau (1291); mas este tanto irritou os Allemães, que quatro eleitores o destituíram e oppuzeram Alberto de Austria (1298) Nassau foi por este vencido e morto. Fiel á politica de seu pae, Alberto procurou estender os dominios da sua casa; foi porém mal succedido em todos os seus projectos, e morreu assassinado na Suissa.

Em vez de seu filho os eleitores escolhorem para imperador Henrique de Luxemburgo (1298).

Involvendo-se este nos negocios da Italia, e suscitando o partido gibelino contra Roberto de Napoles, chefe dos guelfos, foi envenenado em Pisa, onde fôra presidir a uma dieta.

Por morte de Henrique (1314) os votos dos eleitores se dividiram entre Luiz de Baviera e o duque de Austria Frederico-Bello (neto de Rodolpho).

Depois de uma batalha em que este foi vencido e preso, Luiz consentiu em repartir com elle o titulo e a dignidade imperial, conservando sómente indiviso o poder effectivo. Então dirigiu-se para a Italia, querendo ser corôado imperador, e reerguer o poder imperial nessa região; foi porém mal succedido em todos os seus projectos, e voltou para a Allemanha debaixo do peso de uma excommunhão.

Tractou de augmentar os seus dominios patrimoniaes; mas excommungado de novo pelos pontifices Benedicto XII e Clemente VII, deposto pelos eleitores, morreu (1347) deixando mais enfraquecida do que nunca a authoridade imperial.

Seu successor, Carlos IV de Luxemburgo teve de renunciar a todas as pretensões do imperio sobre Ferrara,

a Sardenha, a Corsega, a Sicilia, vendeu aos Viscontis a confirmação das dignidades imperiaes que elles exerciam em Milão, e a Veneza a soberania de Padua, de Verona e de Vicencia; sua viagem a Italia foi pois uma verdadeira e ignominiosa abdição. De volta á Allemanha, publicou na dieta de Nuremberg a famosa *Bulla de ouro* que devia firmar a constituição, e que não fazia mais do que anniquilar o imperio a bem dos eleitores da Allemanha.

A bulla fixou em sete o numero desses, eram os arcebispos de Treveres, de Colonia, e da Mayença, o conde palatino do Rheno, o margrave de Brandeburgo, o duque de Saxonia e o rei Bohemia. Os estados dos eleitores não podiam ser desmembrados, nem repartidos, deviam passar inteiros aos seus primogenitos. Com essa poderosa aristocracia, creava a bulla duas camaras, uma da nobreza secundaria, e outra dos representantes das cidades.

Esse imperador que assim se deixava annullar, viveu sempre tão pobre que uma vez os carnicheiros de Worms o prenderam, para obrigar-o a pagar o que lhes devia, e, para haver sua liberdade, teve de mandar empenhar seus cavallos. Em uma segunda viagem á Italia ainda mais se aviltou; confirmou a venda feita por Joanna de Napoles ao papa do condado de Avinhão e a doação do delphinado ao reis de França.

Seu filho e seu successor, Wescslau (1378) continuou com a sua fraqueza a annullar o imperio, a ponto que foi deposto pelos fidalgos, que lhe deram por successor Roberto de Baviera (1400)

Querendo este restaurar o poder imperial na Italia fo derrotado pelos Viscontis. Por sua morte os eleitores dividiram-se; uns quizeram restaurar Wenceslau, outros lhe preferiam seu irmão Sigismundo, eleitor de Brandeburgo e rei de Hungria; outros porém adoptavam Jodoce de Moravia, primo de ambos.

Acabou essa discordia pela morte de Jodoce e pela ab-

dicação de Wenceslau : Sigismundo foi unico imperador (1411).

Sigismundo que já governava a Hungria, tinha merecido a attenção e o applauso geral pela sua firmeza e actividade na defeza dos seus Estados e da Europa Christãa contra os Turcos, embora a victoria não houvesse corôado o seu valor. No thrôno imperial mostrou as mesmas qualidades.

Então estava a christandade entregue ao *grande schisma do Occidente*, em que a havia precipitado a residencia dos papas em Avinhão. O ensejo era favoravel para a heresia.

João Huss, reitor da universidade do Praga, recentemente fundada, e Jeronimo, seu discipulo, começaram a sustentar e a desenvolver as doutrinas que Wicleff, reitor de um collegio de Oxford, havia propagado : negarem pois o dogma da transubstanciação, a necessidade de confissão, do baptismo dos meninos, a primazia de Roma, etc.

Essa heresia, ao tempo que augmentava a inquietação das consciencias, tornava-se ainda mais perigosa para fornecer armas aos ressentimentos e aversões das nacionalidades amalgamadas no imperio Sigismundo procurou acabar com essa fonte de discordia. Por instancias suas um concilio se reuniu em Constança (1414). O imperador deu a João Huss um salvo-conducto para apresentar-se nessa cidade, e defender-se: o salvo-conducto não foi respeitado : condemnadas pelo concilio as doutrinas dos hereges, foram estes queimados.

Logo os sectarios de João Huss insurgiram-se; um partido vehemente e anarchico começou a incendiar e saquear as igrejas, a matar os ecclesiasticos, e reunindo-se debaixo das ordens de João Ziska, travaram a guerra civil. Guerreiro tão habil quão fanatico, Ziska accomette a cidade de Praga e a toma; as authoridades surprehendidas no castello que servia de casa da camara, foram atiradas pela janellas e recebidas nas pontas dos chuços. Se os Hussitas eram crueis, igual crueldade mostravam os seus inimi-

gos. Depois de horriveis carnificinas, Ziska morreu (1424) (*) e levou consigo a união e a força de seu partido.

Logo se formou um grupo de exaltados, que tomavam o nome de *orphãos* em memoria da morte de João Huss, e outro de moderados que limitavam suas pretensões a exigir que a comunhão fosse dada em ambas as especies (dahi lhes veiu o titulo de *Calixtinos*). A necessidade da defeza abafou a principio essas divisões, e os Hussitas, introduzindo-se no coração da Allemanha, ganharam uma esplendida victoria (1426) contra o eleitor da Saxonia. Calcula-se em mais de 200 as cidades e praças que incendiaram, em mais de 1400 as aldeias que arrasaram.

Contra esses fanaticos pregou-se uma cruzada, e Julião Cesarini, cardeal de Sancto Angelo, conseguiu juntar um exercito de 80,000 homens; bastou porém a noticia de que ahi chegavam os Hussitas para que esse exercito se dispersasse.

Então a politica de Sigismundo comprehendeu que só pela divisão venceria: obteve do concilio de Basilia que concedesse a communhão nas duas especies; assim satisfeitos, os *Calixtinos* separaram-se dos *orphãos*, e os derrotaram (1434).

Vencidos, os sectarios cessaram de ser aggressivos, mas recolheram-se á Bohemia, onde conservaram-se na heresia. Os calixtinos igualmente não cederam sem impôr a Sigismundo condições severas entre as quaes a de consentir na côrte sacerdotes hussitas, e de não poder coagir a Bohemia a construir castellos ou a receber frades, e a reedificar as igrejas destruidas.

Pouco depois dessa pacificação morreu Sigismundo (1437) e seu genro Alberto de Austria lhe succedeu,

(*) Constante em seu fanatismo, Ziska determinou que, por sua morte, de sua pelle fizessem um tambor, para levar os seus partidarios á victoria.

mas pouco tempo conservou o poder. Succedeu-lhe (1440) Frederico III que reinou cincoenta e trez annos. Do reinado desse imperador, o ultimo que recebeu em Roma a corôa de ouro, começa a successão não interrompida dos principes austriacos, e a politica permanente dessa dynastia, de engrandescer pelas allianças e casamentos os seus Estados, dando de mão aos cuidados da conservação do imperio germanico(*).

Em quanto na antiga Germania occorriam esse factos, separava-se della, e constituia-se em estado independente a Helvecia.

Tendo a principio feito parte do reino dos Burgondões, e do imperio franco, apresentava-se esta no começo do XIV seculo dividida em cincoenta condados, cento e cincoenta baronatos, quatro cidades imperiaes(**) e trez cantões democraticos(***)).

Para extender os dominios da casa de Hapsburgo, o imperador Alberto quiz obrigar os cantões democraticos a acceitarem a sua suzerania.

Os montanhezes resistiram, e Alberto para domal-os recommendou aos seus *avoyers* que os tyranisassem: de seus conselhos achou um digno iustrumento em Hermann Gessler. Uma das principaes victimas da tyrania desse homem foi o lavrador Arnaldo Melchthal: tendo Gessler mandado sequestar os bois do seu arado, Melch-

(*) Havendo erigido em archiducado a Austria, Frederico deu-lhe por divisa as vogaes — A — E — I — O — U — que foram traduzidas nesta arrogante pretensão; — *Austriæ est imperare orbi universo.*

Um poeta latino caracterizou habilmente a politica dos archiducques no seguinte distico.

Bella gerant alii, tu, felix Austria, nube:
Nam quæ Mars aliis, dat tibi regna Venus.

(**) Eram Zurick, Soleure, Basilia e Schaffouse.

(*) Eram Schwitz, Uri, e Underwalden. De Schwitzvem o nome moderno de Suissa.

thal, irritado ainda mais com os sarcasmos dos agentes do tyrano, quebrou a mão de um delles, e fugiu. Porém deixara seu velho pae, e o cruel Gessler mandou vasar-lheos olhos.

A indignação e a vingança armou o patriota. Era elle do cantão de Underwalden junctam-se-lhe Werner Stauffacher do cantão de Schwitz, e Walter Furst do de Uri; e esses trez heroes, cada um acompanhado de dez amigos, ligam-se por juramento, primeiro acto da liberdade da Suissa (1307).

Entre os conspiradores havia um moço chamado Guilherme Tell. Ou para verificar as suspeitas que tinha, ou para opprimir os Suissos, Gessler mandou collocar sobre um poste o seu chapeu, e determinou que todos os Suissos o cortejassem; Guilherme teve o arrojo de desobedecer. Gessler para o castigar, chasqueando de sua fama de bom archeiro, mandou collocar uma maçã em cima da cabeça de seu filhinho, e determinou-lhe que com uma setta varasse a fructa. Guilherme... comprehende-se a anxiedade de seu coração... teve de obedecer... a fortuna guiou a setta arremessada pelo pae; o filhinho ficou incolume. — Se eu houvesse errado, dice então o archeiro suisso, olhando para o tyrano, e mostrando-lhe outra setta esta te não erraria. — Gessler o mandou prender, e queria-o deportar. Levava-o pois bem amarrado em um bote que atravessava o lago: levantou-se terrivel tempestade; Gessler aterrado manda soltar Guilherme, que, como era reputado optimo arrees, o salvasse. Guilherme toma a direcção da barca, salva-a, mas logo que a vê fóra de perigo, salta em terra, foge, e vae esperar em uma vereda por onde o tyrano devia passar. Mal chegou Gessler á vereda, uma setta livrou delle a Suissa (*).

A morte de Gessler foi o signal da insurreição. Os

(*) Sobre todo esse episodio, tão poetico, da historia da independencia suissa, tem a critica lançado a condemnação de legenda. Ah! por Deus! conservemos esta legenda; quantas, menos bellas do que ella, figuram como verdades!

montanhezes atacam as praças de armas, matam as guardiões, arrasam a maxima parte das fortalezas. Alberto a principio folga com a noticia da revolta, pois vê nella a desejada occasião de assenhorear-se dos cantões. Marcha pois com a fidalguia allemã para castigar esses desprezados camponezes. Levava porém consigo seu sobrinho João de Suabia que, descontente d'elle, aproveitou o ensejo para armar uma conspiração, a cujos golpes succumbiu o Imperador.

Mas a causa da Suissa ainda não estava salva, Leopoldo, filho de Alberto, vem com 20,000 homens attacal-a. Os insurgentes só lhes podem oppor 1,400 patriotas mal armados: sem embargo, o desfiladeiros de Morgarten vem a derrota dos Austriacos (1315).

O triumpho ennobresce a causa dos trez cantões; vão-se-lhes successivamente unindo os outros cantões suissos; e por fim (1358) Berne adhére á liga, e a independencia já não corre perigo. Novas e ainda mais gloriosas victorias a vem sagrar: em Sempach como em Morgarten combattem os Suissos, em igual disproporção de forças e de armas, um exercito allemão, e o vencem (1385). Em Glaris alcançam outra victoria (1388).

No anno seguinte a Austria reconhece em tractado solemne a independencia da confederação helvetica.

Livre de perigos por esse lado, a confederação vê-se perturbada pelas dissensões intestinas: então o papa e o imperador determinaram o delphim de França a attacal-a. Aproveita este o ensejo para atirar contra os montanhezes os numerosos bandos de mercenarios que devastavam o territorio da França. Com um exercito de 30,000 homens attacal os Snissos, que, em numero de 1,600, vendem-lhe tão eara a victoria que o desanimam. Um tractado de paz e de amizade vincula os Suissos aos reis de França, de quem os veremos na historia moderna poderosos e uteis alliados.

CAPITULO XXVIII.

Europa septentrional e oriental.

Para completar o quadro historico da idade media, cumpre indicar rapidamente a formação dos Estados septentrionaes e orientaes da Europa, embora fosse então insignificante o seu papel.

Os Estados scandinavos que tinham de dar os reinos de Dinamarca, de Suecia, e de Noruega, ainda depois que pelo apostolado de Santo Anshario e de seus successores foram abandonando a religião monstruosa de Odin, não conseguiram organizar-se: lutas continuas dos povos e de principes, em que ás vezes tomavam parte os chefes da Allemaeha septentrional, os dilaceraram.

Entre os reis de Dinamarca mais distinctos apresentam-se Waldemar 1. (1157 a 1182) e Waldemar II (1202 a 1219) que fundam diversas cidades, e extendem o seu poder pelo littoral do Baltico. Essas conquistas porêm sempre incertas, sempre duvidoso este dominio, só começaram a consolidar-se, quando a Semiramis do Norte, Margarida Waldemar, foi aclamada soberana dos trez reinos scandinavos, e celebrou-se a *União de Calmar*. (1397) Por esse tractado se decretou que os soberanos fossem electivos, que residissem alternativamente em cada um dos trez reinos, que cada povo conservasse as suas leis.

Com essas condições a União de Calmar, se mostrava um progresso, uma feliz aspiração, não podia dar a paz. Isso logo se verificou, quando Eriko, sobrinho de Margarida, foi chamado ao throno (1412). Os Suecos se revoltaram: um camponez da Dalecarlia os leva á victoria; os Dinamarquezes vem-se obrigados a concentrar-se em Stokolmo. Mas a discordia separa os nobres dos camponezes, e o chefe da resistencia é assassinado.

Pela sua parte os Dinamarquezes, irritados contra

Eriko, o destituem, e entregam o poder a seu sobrinho, Christovam o Bavaro. Consegue este restabelecer por algum tempo a união, mas por sua morte, os Suecos de novo se separam, e proclamam grão-marechal do reino a Carlos Canutson, em quanto os Dinamarquezes tomam para rei Christierno.

Entre os povos slávicos cahe a primazia aos Polacos (*Slavos da planicie.*) Já em 842 estavam unidas em um só povo as diversas tribus, e haviam nomeado duque um camponez chamado Piast, cuja dynastia reinou até 1370.

Viviam esses duques subjeitos á suzerania dos imperadores germanicos, quando um delles Chrobry obteve de Othon III, o titulo de rei, e o confirmou pela conquista da Moravia (1025)

Essa prosperidade foi atalhada pela guerra civil, e pelas incursões dos Prussianos. Contra esses idolatras foram os Polacos soccorridos pelos cavalleiros Teutões que se tinham vindo estabelecer nas margens do Baltico: os Prussianos foram vencidos, convertidos ao christianismo e civilsados.

Livre desse inimigo, a Polonia teve de soffrer a aggressão de outro muito mais cruel, os Mongões, e sendo a coroa electiva, a guerra civil veiu continuar os seus soffrimentos. Depois de sanguinolentas lutas entre cinco pretendentes, Wladislau Lokietek obteve o throno pela victoria, e fez-se coroar em Cracovia. Seu filho Casimiro magno (1333) continuou com gloria a obra de seu pae, vencendo os cavalleiros teutonicos, os Bohemios, os Lithuanios e os Russos, conquistando a Russia Vermelha, a Podolia, e a Wolhynia. Nelle se extinguiu a dynastia de Piast (1370) Succedeu-lhe Luiz de Anjou, já rei de Hungria. Mas por morte deste, a corôa de Hungria se desannexou da de Polonia, passou a pertencer a Maria, que associou ao throno seu marido Sigismundo. Outra filha de Luiz, Hedwiges, casou com o grão-duque de Lithuania, Jagellon, que se converteu ao christianismo, e annexou aquella pro-

vincia á Polonia (1386) Sob a dynastia dos Jagellões, foi esta a principal potencia do norte, e extendeu os seus domínios desde o Oder até o golpho de Finlândia.

Unindo seus Estados á Hungria, Wladislau VI contava defender a Europa dos Turcos que a invadiam, quando vencido morreu em Varna (1444)

Sem embargo dessa derrota, Casimiro IV seu filho obrigou os cavalleiros teutonicos a assignarem um tractado (1466) pelo qual cediam-lhe a Prussia occidental, conservando, mas só como feudo, a Prussia oriental.

As diversas regiões occupadas pelos Boios e Marcomanos, com que se confundiram no septimo seculo os Tcheques, formaram a principio varias republicas, de que foi principal a de Praga.

Uniram-se porém no seculo VIII, e seus duque reconheceram a suzerania do imperio germanico. No seculo X abraçaram o christianismo, e o duque São Wenceslau completou nesse sentido a obra de seu pae Wratislau, tendo de lutar contra sua mãe que, durante a sua minoridade, havia restabelecido a idolatria.

O duque Wratislau II (1061) tendo auxiliado o imperador Henrique IV contra Rodolpho de Suabia, recebeu o titulo de rei, e foi coroado em Praga.

A corôa porém era electiva : a paz não se pôde firmar pela consolidação da authoridade. A Bohemia não veio a ter importancia senão na guerra dos Hussitas. A Sigismundo, que então foi rei de Bohemia, succedeu sua filha Isabel, a que succedeu seu filho Wladislau. Houve contra este, que fôra educado junto a Frederico III, uma revolta que o obrigou a refugiar-se em Praga, e lá morrendo sem descendencia, foi chamado ao throno Jorge Podiebrad (1440). Mas tendo este sido excommungado por proteger os Hussitas e perseguir os catholicos, teve de ceder a Mathias Corvino, seu genro, que contra elle se insurgira. (1468)

Então o throno de Bohemia foi occupado pelos Jagellões.

Já vimos como os Hungaros, depois de horrorisarem a Europa com a sua invasão, tomaram assento na Dacia e na Pannonia, como foram chamados ao christianismo e á civilisação pelo seu rei S. Estevam.

Vassallos dos imperadores, em luta com a ambição de Veneza, os reis de Hungria não tiveram importancia senão pela sua luta com os Turcos.

Já com o appoio delles Sigismundo tinha procurado conter Bajazeto, posteriormente Wladislau, rei de Polonia e da Hungria, deu contra elles a batalha de Varna, e tendo nella succumbido, foi encarregado do governo João Hunyades Corvino, o heroe da christandade. Conseguiu este derrotar os Turcos, e defender Belgrado. Seu filho e successor, Mathias Corvino proseguiu em sua obra. A historia moderna dirá suas proezas.

Dos Estados que rapidamente devemos perpassar, só nos resta a Russia.

Contiguas á Asia, as regiões que os antigos chamavam Sarmacia e Scythia eram occupadas por hordas slavas, o pelos residuos de todas as invasões asiaticas, sem centro nem unidade.

Ainda assim fundaram-se algumas cidades, e entre essas Novogorod a grande, e Kiew.

Nesse tempo os piratas dessa raça normanda cujas correrias no Allantico e no Mediterraneo já acompanhamos, devastavam igualmente a littoral do Baltico ; foram estes convidados pelos habitantes de Novogorod para vir defendel-os Rurich, chefe delles, accitou o convite, apoderou-se da cidade que vinha proteger, fundou outras, e começou o imperio da Russia. (864)

Sua tendencia desde logo foi atacar Constantinopla. De feito, Igor I, filho e successor de Rurik, tanto intimidou o imperador Romão, que delle obteve consideraveis tributos, em troco de sua alliança. Por fim subiu ao thrôno Wladamiro, a quem a historia dá o titulo de grande, como a

igreja o de sancto (973). Casou este com a irmã do imperador Basilio, abraçou o christianismo, fundou escolas; por meio de sabias leis procurou estabelecer a justiça e a ordem, em quanto suas armas venciam os Polacos, conquistavam a Gallicia e subjugavam os Bulgares. Deixando doze filhos, dividiram-se entre estes os seus domínios. Dahi resultaram lutas que enfraqueceram o recente Estado, e o entregaram ás devastações dos Mongóes.

Batu, neto de Gengiskan, ahí fundou o imperio da *Horda Dourada* que avassallou todos os príncipes e cidades vizinhas, e de cujo dominio só se preservou Novogorod pagando um tributo. Nesse tempo o grão-duque, que tinha por capital Kiew, passou para Moscow, e tomou o nome, muito tempo conservado pelos soberanos dessa região, de grão-duque de Moscovia. Um destes, Dimitri IV, travou luta com a Horda dourada, que, depois de diversas alternativas, foi completamente destruida por Ivan III. Os destroços della confundiram-se na massa desse povo composto de tantos elementos, e a severidade de Ivan, levada ás vezes ao excesso, procurou contel-os e civilisal-os. Ivan foi tão implacavel que, contrariado em seus projectos por seu segundo filho, mandou matal-o, em quanto Dimitri, seu primogenito, jazia preso. Ivan reinou de 1462 a 1505.

CAPITULO XXIX.

Pontificado. Italia.

ESTADO DA EUROPA NO FIM DA IDADE MEDIA

Já vimos como a exigencia de Philippe Bello obrigou o papa a vir residir em Avinhão. Foi um tempo fatal para Roma e para a Igreja.

Em Roma as tentativas de Crescencio, de Arnaldo de Brescia acharam um continuador, foi Nicolau Gabrino, mais conhecido com o nome de Rienzi. Dominando o povo

pelo arrastamento de suas declamações, fez-se elle nomear tribuno (1347), e constituiu a republica. Petrarca, em sua alma candida de poeta e de patriota, julgou ver nelle o restaurador da liberdade e da grandeza da Italia, e como tal o celebrou. Mas o perigo se avizinava do descuidado demagogo. Os fidalgos romanos reuniram seus vassallos, e vieram attacar a cidade; Rienzi fugiu. O imperador Carlos IV, junto a quem foi buscar asilo, entregou-o preso ao papa Clemente VI, e este, depois de o ter conservado algum tempo nas cadeias de Avinhão, mandou-o para Roma a fim de restaurar a authoridade pontificia. Seus partidarios o desampararam, seus inimigos lhe não perdoaram: o demagogo foi assassinado (1354) Roma foi en'tão governada por legados pontificios até a volta dos papas.

A existencia dos pontifices em Avinhão trouxe o enfraquecimento de sua authoridade. Na dependencia immediata da França, ameaçados de serem tractados ainda mais indignamente do que por Philippe Bello o havia sido Bonifacio VIII, força lhes foi resignar-se. Por fim as exhortações de Santa Brigida, de Santa Catharina de Sienna, as queixas dos Romanos de que era orgam o poeta Petrarca, produziram profunda impressão, e levaram o papa Urbano V e depois d'elle Gregorio XI a irem visitar sua antiga capital. Gregorio lá morreu. O povo cercou o logar em que estavam reunidos os cardiaes, e os obrigou a escolher um papa italiano, que tomou o nome de Urbano VI (1378). Os cardiaes porêm fugiram, deram por nulla e eleição imposta, e proclamaram papa Roberto de Genebra que, com o nome de Clemente VII, foi residir em Avinhão.

Então começou o grande schisma do occidente, que durou settenta annos: houve constantemente dous papas, um em Avinhão, outro em Roma. O de Avinhão só era obedecido em França e em uma pequena parte da Allemanha; todo o resto da christandade estava na obediencia do de

Roma. Immensa era a anxiedade dos espiritos ; todos desejavam ver acabada com essa discordia. Reuniu-se para conseguil-o um concilio em Pisa ; este porém ainda mais complicou os negocios nomeiando terceiro papa, antes de destituir os dous outros.

Comprehende-se quanto essas circumstancias deviam facilitar a propagação das herezias de inglez Wicleff, de João Huss e de Jeronimo de Praga. Mas os discipulos de Wicleff foram vencidos e castigados por Henrique V, o os Bohemios condemnados e punidos pelo concilio de Constança.

Esse concilio occupou-se com a grande necessidade, então por todos sentida, de reformar a Igreja no *seu chefe e nos seus membros*. Destituiu os trez papas, nomeiou em logar delles um Italiano que tomou o nome de Martinho V. Ao concilio assistiu João Chaslier Gerson, homem respeitado pela sua vasta sciencia e pelas suas virtudes, a quem é attribuido o admiravel livro — *Imitação de Jesus Christo* — Não se adiantando a obra do concilio, foi este adiado por cinco annos, promettendo Martinho convocar outro. As circumstancias porém demoraram o cumprimento da promessa, e só em 1431 se reuniu o concilio de Basiléa.

Entrando este na obra da reformação, achou-se em luta com o papa Eugenio IV que decretou a dissolução do concilio, e não sendo obedecido, oppoz-lhe outro que reuniu em Ferrara. Felizmente Nicolau V, successor de Eugenio, adoptou os principaes decretos do concilio de Basiléa ; este separou-se (1448) A paz se achou restabelecida na igreja ; mas o pontificado ficou destituido daquella força moral, daquella prestígio de que vimos o revestido nos seculos XI e XII.

Entretanto as cidades italianas passavam por diversas alternativas, e transformavam os seus governos.

Veneza, esta republica aristocratica cujo nascimento,

cujos primeiros crescimentos já vimos, e que chegara a ponto de authorisar os seus doges a proclamarem-se senhores do *quarto e meio do imperio grego*, sendo excluída do commercio e da navegação do Mar Negro, travou guerra com os Genovezes. A principio Genova foi vencedora, e o seu almirante Luciano Doria, foi bloquear Veneza, que, reduzida ao ultimo apuro, já se humilhava e pedia paz. O orgulho genovez não lh'a concedeu; obrigados aos recursos extremos da desesperação, os Venezianos foram salvos por uma de suas esquadras que, voltando opportunamente do Levante, cercou e destrôçou as naus genovezas.

Então aberta de novo a navegação do Mar-Negro, Veneza apoderou-se de boas posições commerciaes na Grecia, e de Padua, Trevisa, Udina, Brescia e Aquiléa na Italia, firmando seu dominio desde o Adriatico até o Adda (1445).

Milão subiu igualmente de importancia. Matteo Visconti comprou ao imperador a soberania dessa cidade, sempre turbulenta e inquieta (1311) e obteve o titulo de *Vigario do imperio*. Conseguiu este, já pela força, já pela dextreza, apoderar-se de Bergamo, de Pavia, de Placencia, e de outras cidades. Seu successor, João Galeas, continuou a conquista, levando-a desde o Piemonte até o Adriatico, e assim compondo o territorio desse ducado de Milão, esse famoso Milanez que teria de custar tanto sangue á França nas suas lutas com a Allemanha. A importancia dos Visconti foi tal que João Galeas pôde dar sua filha em casamento ao irmão do rei de França (Luiz de Orleans), e sua irmã a Leonel, duque de Clarence, filho de Eduardo III de Inglaterra. Com suas immensas riquezas, tendo comprado ao imperador o titulo de duque, assalariou grande numero de *condottieri* (*) dos mais affamados, e ameaçou

(*) Chamavam-se na Italia *condottieri* homens que, com a reputação de valentes, querendo viver de sua espada, reuniam em

toda a Italia. Para prevenil-o, Florença implorou o auxilio de Roberto que acabava ser eleito imperador, e vindo este com quinze mil homens de cavallaria, foi vencido junto ao Adige por João Galeas (1402). Dos filhos deste habil e consumado politico, que lhe succederam, o primeiro, tyrano odioso, foi assassinado (1414); o outro, embora tivesse a seu soldo o condottiere Carmagnola, perdeu parte das conquistas de seu pae. Por morte delle, Milão procurou restaurar o governo republicano, e logo cahiu no poder do condottiere Francisco Sforza (1450).

Os progressos de Veneza, e os de Milão foram atalhados pela politica de Florença que receiava sua primazia. Florença, com razão chamada a Athenas da Italia, deveu mais a sua superioridade ao desenvolvimento artistico e litterario, que lhe deram seus chefes os Medicis, do que a empresas de guerra. Constantemente dilacerada pelas facções, a principio entre os guelfos e os gibelinos e logo, pelo triumpho daquelles, entre os guelfos negros ou exaggerados e os guelfos brancos ou moderados, seu governo era democratico, e a eleição e a sorte se combinavam para dar-lhe chefes.

redor de si um bando mais ou menos numeroso de sequazes, e alugavam os seus serviços aos que lh'os queriam pagar. Raramente tinham ambição por sua conta; mas ás vezes no serviço de ambições alheias, despertava-se-lhes ella e os levava a assenhorear-se daquelles mesmos a quem se haviam alugado.

As companhias dos condottieri não eram somente conhecidos na Italia; os *reitres* e os *lansquenètes* da Allemanha estavam no mesmo caso.

Comprehende-se que, em epochas todo-guerreiras, quando o direito dos filhos mais velhos dos fidalgos deixava aos filhos segundos por unico patrimonio a espada, e quando todas as profissões, a não ser a das armas, eram indignas dos nobres, desde que foram as cruzadas excluidas de entre as constantes necessidades politicas, sobriariam valentes guerreiros que procurassem recursos e tambem protecção, servindo a quem delles carecesse.

O principal desses tomava o nome Gonfaloneiro (*) da justiça. Como sempre nas democracias a authoridade passou do povo para a plebe e desta para um chefe habil. Foi Cosme de Medicis, opulento negociante, cuja popularidade nunca contestada durou até a sua morte (1464), transmittiu-se a seus filhos e lhes entregou o dominio da republica.

Florença havia sujeitado a sua authoridade a maxima parte da Toscana, comprara aos Genovezes o porto de Liorne, podia ter armados mais de 20,000 homens para guarnição da cidade, e mais de 70,000 para defesa do seu territorio.

Resta-nos o reino das Duas Sicilias. Vimos como fundaram os Normandos esse reino, e como o imperador Henrique VI por cabeça de sua mulher delle se apoderou; vimos como nelle se manteve seu filho Frederico II. Transmittiu-o este a seu filho legitimo, Conrado, e a Manfredo seu filho bastardo, que o conservaram, sem embargo da opposição da Sancta Sé, até que (1265) o papa Urbano IV o offereceu a Carlos d'Anjou, irmão de São Luiz. Carlos venceu a Manfredo, e achou-se senhor do reino.

Teve de defendel-o contra Conradino, neto de Frederico II, venceu-o, cruelmente o matou. Mas Pedro de Aragão, seu parente, encarregou-se de vingal-o, e ás Vesperas-Sicilianas excluíram os Francezes da Sicilia que ficou pertencendo aos Aragonezes, em quanto censervavam elles a parte continental do reino.

Entre os successores de Carlos aponta-se Roberto o Sabio, que se apresentou na Italia como defensor dos guelfos, e assim ganhou immensa authoridade. Guerrairo e politico, Roberto era tambem apaixonado amigo das lettras e das sciencias.

(*) Vinha o nome dessa authoridade da palavra *gonfalon*, ou estandarte.

Sua neta Joanna I. lhe succedeu (1343). Casou esta com um seu parente, André, segundo filho do rei da Hungria. Entre os conjuges havia a maior incompatibilidade de genio e de educação: a rainha mandou matar seu marido, atirar o cadaver pela janella, e deixou-o insepulto durante trez dias.

O rei da Hungria apresentou-se em armas na Italia para vingar a morte de seu irmão. Joanna fugiu para a França, e para obter o appoio do papa, cedeu-lhe Avinhão. Tendo-se retirado os Hungaros, mais repellidos pela peste do que pelas armas, Joanna voltou, e não tendo filhos, adoptou para filho e successor um Carlos de Durazzo, descendente de um ramo collateral da casa de Anjou. O ingrato porém insurgiu-se e mandou-a matar (1382).

Dahi em diante uma guerra civil entre as duas familias collateraes devasta o reino, até que Joanna II, da familia de Durazzo, não podendo resistir aos principes angevinos, adoptou Affonso o Magnanimo, rei de Aragão que então dominava na Sicilia (1434).



Aqui termina o periodo historico, chamado idade-media. As nações estão assentadas, a civilisação, armada de poderosos inventos, vae ter o rapido desenvolvimento que constitue o character dos tempos modernos. A conquista de Constantinopla, trazendo a dispersão dos elementos de civilisação antiga, que lá ainda se achavam concentrados, dá um impulso poderoso ás letras e ás artes, e constitue o que se chama o periodo da *Renascença*. Em quanto a razão emancipando-se entra em luta com a authoridade religiosa, modifica a authoridade temporal, e assegura o seu triumpho.

Foi uma época de confusão horrivel essa pela qual passámos, confusão de dramas complicadissimos, representados já successivá, já simultaneamente em uma infi-

nidade de theatros, por uma infinidade de actores, movidos por uma diversidade infinita de interesses: todo o trabalho de decomposição do mundo antigo, e de recomposição dos povos modernos.

Façamos porém o inventario das verdadeiras riquezas de que deixa elle armadas as nações.

Começemos pela lingua. Toda a Europa romana falava latim: não o latim puro e castiço de Virgilio e de Cicero, que talvez nunca fosse o latim falado e popular da época mesma abrilhantada por esses genios, e que de certo já muito se havia adulterado; mas um latim modificado pela conservação de grande numero de vocabulos da lingua originaria dos diversos povos que Roma subjugara. Os conquistadores, especialmente os germanicos, vieram trazer-lhe tambem os elementos de suas linguas; o contracto a principio abastardou-os todos, barbarisou-os em uma diversidade de dialectos de que sahiram por fim as linguas modernas, diversas seguado nellas mais ou menos predominam os elementos gutturaes germanicos, ou os vocabulos e a entoações latinas.

Dessas linguas foram as primeiras a polirem-se a italiana, e a portugueza; foram as primeiras a darem verdadeiros monumentos litterarios. Sabemos que entre nós o *quinhentismo* é o typo de perfeição procurado, ás vezes com reprehensivel affecção, pelos nossos litteratos, e quanto ao italiano, Durante Allighieri, esse patriota gibelino de Florença, geralmente chamado Dante, e Petrarca ahi estão para lestemunho da perfeição a que já haviam attingido a lingua falada em Florença e em Roma.

Ambos esses poetas eram sabios nos diversos ramos de sciencia então vulgarizados, ambos elles tinham a grande alma do patriota, que de continuo se agasta com os crimes que vê, com as desgraças da patria, que tão prospera desejaria.

O patriotismo, que em epochas posteriores tem de dictar ao nosso Camões tão bellos pensamentos, e versos tão de-

licados, teve igual influencia nos dous grandes vates que o precederam.

Entretanto já no seculo XIII a Allemanha tinha o seu poema de *Neebelingen*, já tinha seus *Minnesingers* cantores de amor; a lingua de *hoc* servia aos trovadores provençaes, que levavam aos *tribunaes de amor* as suas inspirações, em quanto no norte da França a lingua de *oyl* ou de *oui* dava os seus *trouverses*, para transformarem em legendas, mais ou menos enfeitadas pela imaginação, os mais grandiosos assumptos historicos. Se a poesia foi a primeira a aperfeiçoar, a depurar da barbaridade as linguas modernas, a prosa não ficou muito atraz, e antes que Boccacio viesse empregal-a no seu *Decameron*, já Joinville se havia constituido o chronista da cruzada de São Luiz, e na ingenuidade do seu estylo, feito admirar as virtudes do seu protogonista.

A fundação de universidades atesta os progressos que na sua vulgarisação faziam as sciencias. No XIII seculo estabeleciam-se ellas por toda parte, e até nas regiões septentrionaes da Scandínaria. Upsel via fundar-se uma.

Os estudos elementares se dividiam em um *trivio* composto da *grammatica*, da *rethorica* e da *dialetiva*, e em um *quadrivio* que comprehendia a *arithmetica*, a *geometria*, a *musica* e a *astronomia*. Essa sciencia porém perdia-se nos sonhos de astrologia, e com a *physica* e a *chimica* ou *alchimia*, que constantemente procurava a *pedra philosophal*, o *eleixir de longa vida* que daria *immortalidade*, e a arte de transformar os *metaes* em *ouro*, compunham as sciencias occultas, *demoniacas*, a que se referia o desafio do famoso *Pico da Mirandola*, quando se propunha a defender theses de *onni re scibili et de quibusdam alies*.

Das sciencias a mais adiantada era necessariamente a *theologia* que, armando-se com os estudos *philosophos*, e com *aescholastica* ou sciencia de argumentação, era a base do ensino de todas as universidades desde as de mais remota fundação, e apresentou admiraveis genios.

Seguia-se-lhe o direito : essa sciencia, protectora dos plebeus contra as arrogancias dos fidalgos, enriqueceu-se com todos os thesouros da legislacão romana, modificou completamente as relações da authoridade e do povo, quebrou a independencia germanica que degenerava em oppressão, e regularisou a condiçãõ da familia. A medicina igualmente, appoioando-se nos conhecimentos que os Arabes possuiam e vulgarisavam, começou a ser uma sciencia professada nas universidades, e em caminho de progresso.

O grande genio da epocha, Rogerio Bacon, monge de condado de Somerset, contribuiu para o adiantamento destas e das outras sciencias preconizando a observacão e a experiencia, e repellindo todas as explicações sobre naturaes dos phenomenos devidos á accção de causa e effeito, que os homens ainda podiam desconhecer, mas que com os seus progressos descobriam. Attribute-se-lhe a descoberta do telescopio e da polvora.

As bellas artes acompanharam esse progresso : a musica, sahindo do canto chão, tão amado de Carlos-magno, já tinha recebido de um frade benedictino a escala diatonica. A pintura já tinha devido a Cimabue de Florença a introducção da pintura a fresco, e havia este sido excedido por seu discipulo Giotto; João de Modena havia introduzido a pintura a oleo. Essa arte tinha de dever immensos progressos ao espirito religioso, pela necessidade de ornar os templos, de commemorar e de pôr presentes á vista as bellas paginas dos livros sagrados e da vida dos Sanctos.

Entretanto a grande arte da idade media foi a architectura, e para ella essencialmente concorreu a religião, impondo a necessidade de construir magnificos edificios que servissem de igrejas e mosteiros. Não foi mais a architectura regular e simples da Grecia, nem ainda as imitações da arte na *Renascença*, foi a architectura gothica,

cujos monumentos ainda hoje espantam a admiração que os contempla em quasi todas as cidades antigas da Europa. A par da architectura gothica, vinha a arabica construir em Grenada o sumptuoso palacio dos Kalifas, a Alhambra.

Trez descobertas porém merecem aos ultimos tempos da idade media a gratidão eterna da posteridade. Descoberta a propriedade do iman em dirigir-se para o norte, Flávio Gioia, de Amalfi, suspendeu uma agulha, fortemente tocada de iman, em um eixo, e formou a bussola, ou agulha de marear. Com ella pode o navegante affoi-tar-se a longas viagens, e descobrir todas as regiões, separadas pela immensidade dos mares.

Talvez que a descoberta da bussola, como a invenção da polvora não fossem se não a transmissão feita, embora vagamente, pelos viajantes e missionarios que tinham penetrado até na China, onde já eram ellas conhecidas.

Dahi talvez provenha esse vago, essa incerteza dos historiadores, quando querem indicar precisamente quem o inventar, qual a epocha da invenção desses poderosos instrumentos civilisadores. Assim ao passo que em 1280 Baconio descobria os elementos da polvora, e revelava o poder desse mixto de carvão, enxofre e salitre, alguns annos antes já se apresentava no combate de Niebla o canhão, já se ia elle lenta porém simultaneamente introduzindo em todas as guerras. Logo inventaram-se arcabuzes, espingardas, e foram-se successivamente aperfeiçãoando. Com as novas armas a sciencia subjogou a força, e o valor e a disciplina venceram a barbara robustez e a indisciplinada ferocidade. O mundo civilisado já não teve que temer as invasões de novos barbaros.

Aos Arabes se havia devido a intruducção do papel commum, feito de algodão, e depois de linho.

Esse invento, substituido ao pergaminho, raro e dispendioso, muito devia concorrer para a vulgarisação dos conhecimentos humanos.

Compreende-se que a raridade e o alto preço das folhas do pergaminho fosse causa da perda de muitos dos monumentos litterarios de Roma e da Grecia, quando os frades, depositarios e conservadores desses monumentos, carecendo de pergaminho, viam-se obrigados a raspar e a delir o que em algumas folhas estava escripto, para aproveitá-las em escriptos que lhes pareciam mais necessarios.

Para coroar todas essas invenções e especialmente a ultima, veiu a da imprensa: embora mais geralmente a attribuam ao primeiro seculo da historia moderna, a incerteza de sua data, nos authorisa a aqui mencional-a. Por meio della a sciencia não foi mais monopolio; e a humanidade, que já podia defender-se pela polvora, pôde vencer um inimigo de todos o mais poderoso, a ignorancia, pôde caminhar desimpedida na via do aperçoamento que é sua condição e seu destino.

FIM DO SEGUNDO VOLUME.

CATALOGO
DA LIVRARIA
DE B. L. GARNIER

RIO DE JANEIRO
69, RUA DO OUVIDOR, 69

PARIS, MESMA CASA, RUE DES SAINTS-PÈRES, 6, E PALAIS NATIONAL, 214-216

Nº 20

**LIVROS DE EDUCAÇÃO
CLASSICOS, DE INSTRUÇÃO
RECREIO DA MOCIDADE, ETC., ETC.**

- ACCIDENTES da Infancia (Os), ou Histórias instructivas.** 1 vol. in-12, com estampas..... 1\$600
- ALGUNS Fructos da Leitura e da experiencia, offerecidos á mocidade portugueza, por J. SILVESTRE RIBEIRO.** 1 vol. in-8. 3\$000
- ALPHABETO Encyclopedico,** ou Noções sobre as Artes, Sciencias e Historia Natural, ao alcance da mocidade; augmentado com varias maximas, sentenças, pensamentos moraes; algumas regras de civilidade, e os Elementos de Grammatica portugueza. 1 vol. in-8 com estampas..... 1\$500
- ALPHABETO de Historia Natural** para ensinar a ler aos meninos. 1 vol. composto de estampas coloridas..... 1\$000
- AMIGO dos Meninos (O),** contando-lhes historias moraes proprias para despertar nelles o desejo da instrucção e o gosto da leitura. 1 vol. in-8..... 2\$000
- ANTONIO Pereira (Padre).— Novo Methodo da Grammatica**

- Latina**, dividido em duas partes. Nova edição revista e corrigida por J. I. ROQUETTE. 1 vol. in-8 2\$000
- ANTONIO Pereira, Novo Methodo da Grammatica Latina** reduzido a compendio, usualmente chamado *Artinha*. 1 vol. in-8. 1\$000
- ARMAZEM de Meninos (O)**, contendo uma collecção de Novellas proprias para a instrucção e divertimento da mocidade. 2 vol. in-12 com estampas 3\$200
- ARTE de aprender a ler a letra manuscripta**, em 10 lições progressivas. por DUARTE VENTURA, 1 vol. in-3, com est., br. 1\$000
- A mesma obra, b.m encadernada 1\$600
- ARTE de Correspondencia Commercial**, ou Escolha de cartas sobre o commercio, para uso dos jovens que se destinão ao negocio, por MONLON pai, em francez e portuguez. 1 vol. in-8. 3\$000
- ARTE de Grammatica da Lingua do Brasil**, composta pelo P. LUIZ FIGUEIRA. 1 vol. in-4. 3\$000
- ARTE Mnemonica de leitura musical**, ou decifração das notas em todas as diferentes claves e posições, ou lida em pouco tempo e sem trabalho, pelo Desembarg. do HENRIQUE VELLOSO DE OLIVEIRA. 1 vol. in-4 br. 1\$000
- AVENTURAS de Robinson Crusoe**, traduzidas do inglez. 6 vol. in-12. 9\$000
- AVILA (José Joaquim d')**.— **Elementos de Algebra**. 1 vol. in-1. 2\$600
- **Elementos de Algebra para uso dos Collegios de Instrucção secundaria**. 1 vol. in-4. 3\$000
- **Elementos de Arithmetica**. Compendio approvedo pelo Conselho de Instrucção Publica e adoptado pelo Imperial Code de Pedro II, pelas escolas publicas e por muitos collegios da corte e do interior. 1 vol. in-4.
- (Major José Joaquim d'). — **Elementos de Arithmetica (R s mo)**, Compendio adoptado pelo Conselho de Instrucção Publica, com approvaçã do governo, para uso dos collegios de instrucção primaria. 1 vol. in-4.
- BANDOLEIRO dos Apenninos**, ou Aventuras memoraveis do famoso Diabo Siciliano. 1 vol. in-12. 1\$600
- BARCO do Pescador**, obra approveda pelo Arcebispo de Paris. 1 vol. in-8. 1\$500

- BARKER** (Antonio Maria).—**Alphabeto ou Syllabario Portuguez.** Primeira parte, em que se trata das syllabas mais necessarias. 1 vol. in-12 br..... \$120
- **Alphabeto, ou Syllabario Portuguez.** Segunda parte, em que se trata das lições de palavras expostas em duas columnas na primeira com as syllabas divididas, e na segunda sem divisão alguma. 1 vol. in-12 br..... \$200
- **Bibliotheca Juvenil,** ou fragmentos moraes, historicos litterarios, politicos e dogmaticos, extrahidos de diversos autores, para leitura de prosa. 1 vol. in-8..... 2\$000
- **Breve Direcção para a educação dos meninos.** 1 vol. in-12 br..... \$320
- **Compendio de Civildade Christãa** para se ensinar praticamente aos meninos, augmentado com maximas moraes, e um exercicio quotidiano. 1 vol. in-12. br..... \$200
- **Compendio da Doutrina Christãa,** que, para se salvar, deve cada um saber, crer e entender. 1 vol. in-12 br..... \$200
- **Directorio syntetico analytic,** ou instrucções praticas acerca da adopção dos Compendios de instrucção primaria. 1 vol. in-12 br..... \$500
- **Grammatica da lingua Portugueza em forma de Dialogo,** que para intelligencia das regras da orthographia, contém o que é absolutamente indispensavel e o que apenas se pôde ensinar nas escolas. 1 vol. in-8..... 1\$000
- **Orthographia ou primeira parte da Grammatica da lingua Portugueza em forma de Dialogo,** com reflexões e notas sobre as differentes opiniões dos orthographos. 1 vol. in-8 br. \$ 20
- **Parnaso Juvenil,** ou poesias moraes adaptadas e offerecidas á mocidade, para esta se exercitar na leitura de verso. 1 vol. in-8..... 2\$000
- **Resumo Calligraphico,** ou methodo abreviado de escripta ingleza, dividido em seis lições, com uma estampa demonstrativa. 1 vol. in-12 br..... \$200
- **Rudimentos arithmeticos.** 1 vol. in-12. br..... \$200
- BEZOUT.**— **Elementos de Arithmetica,** ultima edição de Paris, corrigida com o maior esmero e expurgada de numerosos erros de calculo que escaparam nas edições precedentes, enriquecida de novas illustrações sobre as quatro operações fundamentais e regra de tres, acompanhada de varios appendices que simplificão varios calculos difficis, comprehendendo o systema metrico, moedas de varios paizes, cambios entre o Brasil, Portugal, Inglaterra e França.

- etc., etc.. pelo Dr. JOSE DA SILVA TAVARES. 1 vol.
in-8 2\$600
- BEZOUT** — Elementos de Geometria, Trigonometria rectilinea e espherica. 1 vol. in-8 com estampas..... 3\$000
- BORDO** (Antonio). — Diccionario Italiano-Portuguez, e Portuguez-Italiano. 2 grossos vol. in-8 grande bem encadernados 14\$000
- Ficou por muitos annos esquecido entre nós o estudo da lingua italiana, apesar de sua reconhecida utilidade, da sua nomeada belleza e da facilidade com que, em razão de sua analogia com o idioma brasileiro, podia ser adoptado pelos litteratos de nossa terra; não faltarão recommendações de homens illustrados que, compenetrados da necessidade de popularisar no Brasil a litteratura classica italiana, a mais rica talvez entre todas, para desenvolver no paiz o genio litterario e apurar nosso gosto, conseguirão por fim que fosse ensinada em cadeiras publicas; hoje portanto tornou-se a lingua italiana de uso geral, e necessario entre pessoas illustradas, e nenhuma das senhoras brasileiras de delicada educação pôde ignorar um idioma que adquire, fallado por ellas, ainda maior graça e suavidade. O Diccionario do Sr. *Bordo* composto á vista dos mais distinctos escriptores da Italia, e em conformidade com o grande Diccionario *Bella Crusca*, offerece não sómente o mais rico thesouro de vocabulos exactamente traduzidos, como as regras de sua verdadeira pronuncia, e torna-se sufficiente para perfeita intelligencia de qualquer obra italiana, sendo além disso o primeiro e unico auxilio para traducção da lingua italiana em portuguez ou de portuguez em italiano.
- BOUILLY**. — Conselhos a minha Filha. 2 vol. in-8... 4\$000
- BREVES** Noções de Geographia, mui accrescentadas na parte respectiva ao Imperio do Brasil, para uso da mocidade. 1 vol. in-8 br..... 1\$000
- BUFFON** dos Meninos (O), ou Historia dos animaes que merecem mais ser conhecidos. 1 vol. in-12 com estampas..... 1\$600
- BURGAIN** (Luiz Antonio). — O Livro dos Estudantes da lingua Franceza. (Traducção do Francez em Portuguez). 1 vol. in-8. 3\$000
- *Novas Lições de Geographia sem decorar*. 1 vol. in-8. 1\$280
- *Novissimo Guia de Conversação em Francez e em Portuguez com a pronuncia figurada desde o principio até o fim, seguido de uma escolhida collecção de perto de setecentos proverbios, anexins e idiotismos em ambas as linguas*. 1 vol. in-8 br.... 3\$000
- *Novo methodo pratico e theorico da Lingua Franceza*. Terceira edição cuidadosamente revista e augmentada. 2 vol. in-8..... 5\$000
- CABANA** India (A), o Café de Surat e as Viagens de Codro, pelo autor de Paulo e Virginia. 1 vol. in-12 com estampas. 1\$600
- CAMILLA** ou o Subterraneo. 1 vol. in-12..... 1\$600

- CAMÕES** (Luiz de). — **Os Lusíadas**, poema epico. 1 vol. in-18 1\$000
- CARNEIRO** (Bernardino J. da S.).—**Elementos de Moral e Principios de Direito Natural**, para uso das escolas. 1 v. in-4. 2\$000
- **Poetica** para uso das escolas. 1 vol. in-4 3\$000
- CARTAS** de A B C \$080
- CARTAS** sobre a educação do bello sexo, compos'as no idioma hespanhol por uma senhora americana e delle vertidas para o portuguez por **FRANCISCO FREIRE DE CARVALHO**. 1 vol. in-8. 2\$500
- CARTILHA**, ou **Compendio de Doutrina Christãa**, ordenada por perguntas e respostas, por **A. J. DE M. PIMENTEL**, abbade de Salomonde. 1 vol. in-18 com estampas \$400
- CASTILHO** (Antonio Feliciano de).—**Felicidade pela Instrucção**. 1 vol. in-4 2\$000
- **Tratado de Metrificação Portugueza** para em pouco tempo e até sem mestre, se aprendêr a fazer versos de todas as medidas e composições. 1 vol. in-8 2\$000
- CASTRO** Lopes. — **Novo systema para estudar a Lingua Latina** 2ª edição melhorada. *Autorisado pelo Conselho de Instrucção Publica, adoptado no Imperial Collegio de Pedro II e em muitos outros da côrte e do interior*. 1 vol. in-4 5\$000
- CATECISMO** da **Diocese de Montpellier**, impresso por ordem do Bispo Carlos Joaquim Colbert, traduzido na lingua portugueza para por elle se ensinar a Doutrina Christãa aos meninos. 1 vol. in-12 4\$000
- da **Doutrina Christãa**, composto para o ensino dos alumnos do Instituto dos Meninos Cegos, pelo conego **DR. JOAQUIM CAETANO FERNANDES PINHEIRO**. *Este Catecismo foi adoptado pelo Conselho de Instrucção publica para as Escolas primarias da côrte, pelo Imperial Collegio de Pedro II e muitos outros da côrte e do interior, approvado pelo Exm. e Revm. Sr. Bispo do Rio de Janeiro*. 1 vol. in-8 grande. 4\$000
- **Explicado**, ou explicação do Catecismo por **D. SANTIAGO GARCIA MAZO**, obra traduzida por José de Urcullu. 1 vol. in-4. 4\$000
- da **Doutrina Christãa**. 1 vol. in-12 \$500
- de **Noções Geraes** explicados á primeira infancia. Publicado

- para uso das crianças pela Sociedade propagadora dos conhecimentos
ul. is. 1 vol. in-8 br. 1\$000
- CHRESTOMATIA** Ingleza para uso interino dos estudantes do
Lyceó Nacional de Coimbra. 1 vol. in-4. 2\$000
- **Portugueza**. 1 vol. in-4. 2\$000
- CICERO** (Marco Tullio). — Livro chamado **Catam Maior**, ou da
Velhice; traduzido por **DAMIÃO DE GOES**. 1 vol. in-8. 1\$600
- CLAMOPIN** Durand (Francisco). — **Mestre francez** ou **Novo Me-**
thodo para aprender com perfeição e ainda sem mestre, a lingua franceza
por meio da portugueza, confirmado com exemplos escolhidos e li-
rados dos melhores autores. 1 vol. in-4. 4\$000
- CLARA** de Alba, Novella escripta em francez por **Mme COTTIN**.
1 vol. in-12 com estampa. 1\$600
- COLLECCÃO** de Exemplos de Escripta ingleza, por **CASTAIRS**
e **BUTTERWORTH**. 1 vol. in-4 oblongo br. 1\$000
- de **Traslados**, offerecida para uso da Mocidade Brasileira por **Cy-**
RILLO DILERMANDO DA SILVEIRA. 1 vol. in-folio br. 4\$000
- COMPENDIO** da Grammatica Portugueza para instrucção da mo-
cidade. 1 vol. in-8. 1\$000
- CONDECINHA** de Flores (A). Obra approvada pelo Arcebi po de
Paris, e autorisada pela Universidade. 1 vol. in-8. 2\$000
- CONSTANÇA**, ou a **Filha maldita**. 4 vol. in-12. 1\$600
- CONSTANCIO** (F. S.) — Grammatica nova da Lingua Franceza,
para uso dos Portuguezes que apr'ndeem aqu'lla lingua, composta sobre
as melhores Grammaticas existentes. 1 vol. in-8. 3\$000
- **Grammatica da Lingua Portugueza**, offerecida á mocidade
estudiosa de Portugal e do Brasil. 1 vol. in-8. 2\$500
- **Novo Diccionario critico etymologico da Lingua Por-**
tugueza, precedido de uma introduccão grammatical. 1 vol.
in-folio. 14\$000
- **Novo Diccionario portatil das Linguas Portugueza e Fran-**
ceza, recopilado dos melhores Lexicographos das duas Nações, e enri-
quido com os termos das sciencias e arts, de medicina, de chimica,
de commercio, de marinha, dos novos pesos e medidas, etc., em duas
partes: Portuguez-Francez, Francez-Portuguez. 2 vol. in-12 5\$000
- **Novo Mestre Inglez**, ou Grammatica da Lingua Ingleza para

- uso dos Portuguezes, ensinada em vinte cinco lições, extrahido das melhores Grammaticas Inglezas publicadas até hoje. 1 vol. in-8 3\$000
- CONTOS a meus Filhos**, por **KOTZEBUE**, vertidos em portuguez por C. L. de Moura. 2 vol. in-8..... 4\$000
- a meus **Meninos**, para recrea-los, formar-lhes bom coração, e corrigi-los dos defeitinhos de sua idade, por Mine de **RENNEVILLE**. 1 vol. in-12 ornado de 24 estampas..... 1\$600
- das **Fadas**. Historias divertidas e instructivas para a mocidade. 1 vol. in-12 com estampas..... 1\$600
- CONVERSACOES de uma menina com sua boneca**, seguidas da historia da boneca, pela autora dos Contos a meus meninos. 1 vol. in-12 com 12 estampas..... 1\$600
- CORUJA (A. A. P.)**.—Arithmetica para meninos, contendo unicamente o que é indispensavel e se póde ensinar nas escolas de primeiras letras. 1 vol. in-12 br..... \$320
- **Compendio da Grammatica da Lingua Nacional**. 1 vol. in-8 1\$000
- **Compendio de Orthographia da Lingua Nacional**, 1 vol. in-8..... 4\$000
- **Manual dos Estudantes de latim** dedicado á mocidade Brasileira. 1 vol. in-12..... 1\$000
- **Manual de Orthographia da Lingua Nacional**, extrahido do seu Compendio de Orthographia. 1 vol. in-12. br..... \$320
- COSTA e SA' (Joaquim José da)**.—**Diccionario abreviado das Linguas Portugueza e Franceza**, accrescentado e enriquecido com os terminos proprios e technicos de todas as sciencias e artes, extrahidos dos Classicos antigos e modernos de melhor nota, que se achão universalmente recebidos. 1 vol. in-4 de 920 paginas..... 5\$000
- CREAÇÃO do mundo (A)**, ou a Explicação da obra dos seis dias pelos Abbades **DUGUET** e **DASFELD**, traducida do francez pelo desembargador **Henrique Veloso d'Oliveira**. 1 vol. in-8 ornado com 8 estampas..... 3\$000
- CRUZ de páo (A)**, seguido de *o Menino perdido e a Capella da Floresta*, obra approvada pelo Arcebispo de Paris, e traduzida pela Universidade. 1 vol. in-8..... 1\$600
- CURSO Elemental de Perspectiva**, por **L. JAUNEZ**. Terceira edi-

- ção ornada com dezeseis laminas gravadas em aço. Traduzida literalmente em portuguez por J. I. Roquette. 1 vol. in-8... 2\$000
- CYPRIANO**, ou Historia de um menino orphão, por Mme. DE RE-NEVILLE. 1 vol. in-12 1\$500
- CYRILLO** Dilermando da Silveira. — Compendio da Grammatica da Lingua Portugueza. 1 vol. in-8..... 2\$000
- DANTAS** (Antonio Rodrigues).—Explicação das Syntaxe, dividida em duas partes : na primeira se trata do que pertence á Syntaxe de concordancia e regencia, na segunda se dá noticia da Syntaxe geral, e uso particular de varios substantivos, adjectivos, verbos e outras mais partes da oração. 1 vol. in-8..... 2\$000
- DAUX** (Adolpho).—Methodo mnemotechnico da Lingua Fran- ceza. 1 grosso vol. in-8..... 5\$000
- DICCIONARIO** abreviado da Fabula, por CHOMPRE. 1 vol. in-12..... 2\$000
- Portuguez e Brasiliano. 1 vol. in-4..... 3\$000
- DOM** Quichote da Infancia (O). Aventuras de D. Quichote com- pendiadadas para uso dos meninos. 2 vol. com estampas.... 3\$200
- DORIA** (João Antonio de Souza).—Elementos de Philosophia Ra- cional para uso das escolas. 1 vol. in-4..... 4\$000
- Principios e applicações de mnemotechnia (Arte de forta- lecer, cultivar e entreter a memoria) 1 vol. in-4..... 3\$000
- DUARTE** (Pedro Carolino).—Manual da Conversação e do Estylo epistolar Francez-Portuguez, para uso dos viajantes e da mo- cidade das escolas, com um quadro comparativo das moedas de diversos paizes. 1 bonito vol. in-12 nitidamente impresso e elegan- temente cartonado..... 1\$000
- O mesmo bem encadernado. 1\$600
- Este novo Manual tem ventagens incontestaveis sobre todos os outros publi- cados até hoje, os dialogos em lugar de serem infadonhos como nos outros li- vros desse genero, tem uma graça, um chiste que attrahem o leitor, o autor soube juntar o util ao agradavel, em quanto á impressão, nada deixa á desejar.
- DUMARSAIS**, — Logica, ou reflexões sobre as principaes ope- rações do espirito, para uso dos que particularmente nesta ma- teria quizerem instruir-se. 1 vol. in-8..... 2\$000
- ECONOMIA** da vida humana, por DODSLEY. Nova Edição. 1 vol. in-12..... 1\$600

- ELEMENTOS** de *Civilidade*, e da *Decencia*, que se pratica entre gente bem criada, compostos na lingua franceza por **M. PREVOST**, e traduzidos na lingua portugueza. Nova edição, mais correcta que as precedentes. 1 vol. in-8..... 2\$000
- ELOGIO** academico da Senhora **D. Maria Primeira**, recitado por José Bonifacio de Andrada e Silva, em sessão publica da Academia real das Sciencias de Lisboa aos 20 de Março de 1817. 1 vol. in-8 encadernado..... 1\$500
- de **Marco Aurelio**, por **THOMAS**, da Academia franceza; seguido de uma dissertação sobre a politica dos Romanos na religião; por Montesquieu. 1 vol. in-12..... 1\$600
- EMILIA**, ou os *Foragidos dos Pyrenéos*. 1 vol. in-12.. 1\$600
- ENCYCLOPEDIA** da *Infancia*, ou *Primeiros conhecimentos* para uso dos meninos. 1 vol. in-12..... 1\$600
- EPITOME** historiae sacrae, ad usum tironum linguæ latinæ, auctore **C. F. LHOMOND**. Nova edição, enriquecida de notas em portuguez e de um Vocabulario de todas as palavras usadas neste livro. por **J. I. ROQUETTE**. 1 vol. in-8..... 1\$600
- Auctore **C. F. LHOMOND**. Notis selectis illustravit **A. Moltet**. Ad usum scholarum brasiliensium correxit et accomodavit **DR. A. CASTRO LOPES**, com um Dicionario Latino-Portuguez de todas as palavras contidas nesta obra. 1 vol. in-12..... 1\$500
- Compendio da historia sagrada por **LHOMOND**; seguido de um Dicionario Latino-Portuguez. 1 vol. in-12..... 1\$600
- ESCOLA Fundamental**, ou *Methodo facil* para aprender a ler, escrever e contar, com os primeiros elementos da doutrina christãa, util á mocidade que deseja plenamente instruir-se. 1 vol. in-8..... 1\$600
- ESOPO**. — *Fabulas*, para uso da mocidade, arrançadas em quadrinhas por **F. DE PAULA BRITO**. 1 vol. in-8..... 2\$000
- — com applicações moraes a cada fabula. Nova edição revista e emendada. 1 vol. in-12..... 1\$600
- EXPOSITOR** Portuguez, ou *Rudimentos de ensino* da lingua materna, por **LUIS FRANCISCO MIDOSI**. 1 vol. in-8..... 1\$000
- FABULISTA** da *Mocidade*, ou *Fabulas selectas de Esopo*, **Lafontaine**, **Florian**, **Stassart**, **Lemonnier**, **Iriarte**, **Samaniego**, etc., destinadas para a educação e recreio da mocidade. Traduzidas por **Tristão da Cunha Portugal**. Edição elegantissima, ornada de 24 bellas estampas. 1 vol. in-4 oblongo..... 4\$000

- FADA GRACIOSA (A)**, ou a boa amiga dos meninos, pela autora dos Contos a meus meninos. 1 vol. in-12 com estampas. 1\$600
- FALLETTI.**— **Grammatica da Lingua Italiana**, seguida de algumas observações por ordem alphabetica. 1 vol. in-8 br... 2\$000
- FARIA (Eduardo de).**— **Novo Diccionario da Lingua Portugueza.**
O mais exacto e mais completo de todos os Diccionarios até hoje publicados, contendo todas as vozes da Lingua Portugueza, antigas ou modernas, com as suas varias acceções, accentuadas conforme a melhor pronuncia, e com a indicação dos termos antiquados, latinis barbaros ou viciosos. — Os nomes proprios da Geographia antiga e moderna. — Todos os termos proprios das sciencias, artes e officios, etc., e sua definição analytica, seguido de um Diccionario de Synonimos. 2 grossos volumes in-folio.....
- FENELON.** — **Aventuras de Telemaco**, traduzidas pelo capitão Manuel de Souza e Francisco do Nascimento (Filinto Elysis). 1 vol. in-8 com 12 estampas..... 3\$000
- As mesmas com o francez ao lado. 2 vol. in-8..... 5\$000
- As mesmas com a traducção ingleza ao lado. 2 vol. in-8. 5\$000
- **Da Educação das meuias.** 1. vol. in-12..... 1\$600
- **Lições, Historias, Fabulas e Contos.** 1 vol. in-12.. 1\$600
- FIGUEIREDO (Pedro José de).** — **Arte da Grammatica Portugueza em methodo breve, facil e claro.** 1 vol. in-4..... 2\$000
- (A. Cardoso Borges de). — **Bosquejo historico da Litteratura classica, grega, latina e portugueza, para uso das escolas.** 1 vol. in-4..... 3\$000
- **Elementariæ Rhetoricæ Institutiones ad usum scholarum adeomodatae.** 1 vol in-4. 3\$000
- **Instituições elementares de Rhetorica.** 1 vol. in-4. 3\$000
- **E VIEIRA (Carlos Augusto).** — **Compendio elementar da Grammatica portugueza.** 1 vol. in-8..... 1\$000
- FILHA Incognita (A)** Traduzido do allemão do conego SCHMID, por Pedro Carolino Duarte. 1 vol. in-12 com uma estampa colorida. ... 1\$600
- FLEURY.** — **Catecismo historico em Compendio**, traduzido pelo desembargador Henrique Velloso de Oliveira. 1 vol. in-8. 1\$000
- **Pequeno catecismo historico**, ou compendio da historia sagrada e da doutrina christã, para instrucção dos meninos. 1 vol. in-8 com uma estampa..... 1\$600

- FONSECA** (Pedro José da). — **Diccionario Portuguez-Latino**, para uso das escolas de todos os reinos e senhorios de Portugal. 1 vol. in-folio. 12\$000
- **Grammatica da lingua Franceza**. 1 vol. in-8. 2\$000
- **Novo Diccionario de algebeira Francez-Portuguez e Portuguez-Francez**. 2 vol. in-12. 5\$000
- **Novo Guia da conservação em francez e portuguez**. 1 vol. in-12 cartonado. 1\$600
- FORTES** (Padre Ignacio Felizardo). — **Arte da Grammatica Portugueza**. 1 vol. in-8. 1\$000
- FREIRE** (Francisco José). — **Reflexões sobre a Lingua Portugueza**, publicadas com algumas annotações, pela Sociedade propagadora dos conhecimentos uteis. 1 vol. in-4. 4\$000
- GENUENSE**. — **Instituições de Logica e Metaphysica**, traduzidas em portuguez. 2 vol. in-8. 4\$000
- GERUZEZ**. — **Curso de Philosophia**, redigido conforme o programma para o Bacharelado, traduzido pelo Dezembargador Henrique Velloso de Oliveira. 1 vol. in-8. 4\$000
- GIL BRAZ da Infancia** (O) ou Aventuras de Gil Braz compendiadas para uso dos Meninos; por JOSE DA FONSECA. 1 vol. in-12 com uma linda estampa colorida. 1\$600
- GLOSSARIO das Palavras e Phrases da Lingua Franceza**, que por descuido, ignorancia ou necessidade se tem introduzido na locução portugueza moderna; com o Juizo critico das que são adoptaveis nella, por D. FRANCISCO DE S. LUIZ. 1 vol. in-4. 3\$000
- GOLDSMITH**. — **Historia Romana**, desde a fundação de Roma até a decadencia do Imperio Romano no Occidente, dividida em duas partes: a primeira contém a Historia da Republica, a segunda a dos Imperadores. 2 grossos vol. in-8. 6\$000
- GRAMMAIRE portugaise de L. P. SIRET**, augmentée d'une Phraséologie et de plusieurs morceaux en prose et en vers, extraits des écrivains portugais et français les plus estimés, avec le texte en regard; par JOSEPH DA FONSECA. 1 vol. in-8. 2\$000
- GRAMMATICA hespanhola para uso dos Portuguezes**, dada á luz por N. A. PEIXOTO. 1 vol. in-4. 3\$000
- GUIA da Mocidade** (O), obra traduzida do francez e approvada

por S. E. o Cardeal Patriarcha de Lisboa para a educação religiosa da mocidade de ambos os sexos. 1 vol. in-12.. 2\$000

GUILHERME Tell ou a Suissa libertada. 1 vol. in-12 com estampas..... 1\$600

HAMONIERE. — Collecção de Pedacos em Prosa, extrahidos dos melhores autores francezes e portuguezes, como FENELON, LESAGE, FLORIAN, BERQUIN, JOÃO DE BARROS, FREIRE DE ANDRADE, etc.; precedida de uma escolha de anedotas, bons ditos e pensamentos diversos, em Francez e Portuguez. 1 vol. in-8..... 2\$500

— **Grammatica Franceza dividida em quatro partes;** das quaes a primeira trata da pronunciação; a segunda das varias partes da oração; a terceira da Syntaxe, e a quarta da Orthographia, Pontuação e Prosodia: com um Appendix que contem observações diversas; seguido de um Tratado de Versificação; e de muitos extractos em prosa e em verso, escolhidos nos melhores autores francezes. 1 vol. in-8..... 2\$000

— **Novo Guia de Conversação em Italiano e Portuguez,** dividido em duas partes: a primeira contendo um vocabulario de palavras usuaes por ordem alphabetica, a segunda sessenta dialogos sobre diferentes objectos. 1 vol. in-8..... 2\$000

HARMONIAS da Creação, ou Considerações sobre as maravilhas da natureza, especialmente sobre o instincto dos animaes, contemplado como provas evidentes e demonstrativas da existencia, da sabedoria, da bondade e da omnipotencia do Creador; pelo Dr. CAETANO LOPES DE MOURA. 1 vol. in-8 com estampas..... 3\$000

HENRIQUINHO ou o Menino roubado. 1 vol. in-12 com 3 estampas..... 1\$600

HISTORIA de um Piolho, ou o Viajante de nova especie. 1 vol. in-12..... 1\$600

HISTORIAS extrahidas do Antigo Testamento para uso dos meninos. 1 vol. in-12..... 1\$600

— **extrahidas do Novo Testamento.** 1 vol. in-12.. 1\$600

HISTORIETAS e Contosinhos para erianças que começam a ler. 1 vol. in-12 com 48 estampas..... 1\$600

HORACIO. — Arte poetica. Paraphrase da Epistola aos Pisões, traduzida e annotada por D. Gastão Fausto da Camara Coutinho. 1 vol. in-4... 3\$000

- HORACIO.** — **Odes**, traduzidas litteralmente por José Antonio da Matha. 1 vol. in-8..... 2\$500
- **Odes**, traduzidas por Joaquim José da Costa e Sá, com o texto latino ao lado, acompanhadas de observações criticas e de notas philologicas e grammaticaes. 3 vol. in-8... 8\$000
- **Satyras e Epistolas** traduzidas por Antonio Luiz de Seabra. 2 vol. in-4..... 6\$000
- INSTRUCCÃO** sobre o modo de bem estudar, por CARLOS GOBINET. 1 vol. in-8..... 2\$500
- ISABEL**, ou os Desterrados da Siberia; por Mme. COTTIN. 1 vol. in-12 com uma estampa..... 1\$600
- JOAQUINA Rosa**, ou a Menina curiosa. 1 vol. in-12.. 1\$600
- JOB** (Eduardo). — **Instituições de Philosophia pratica**, ou principios de Ethica universal e particular, e direito natural, traduzidas do latim por João Baptista Corrêa de Magalhães. 1 vol. in-8..... 2\$000
- JOVEN Stephania** (A), traduzido do allemão do Conego SCHMID por Pedro Carolino Duarte. 1 vol. in-12 com uma linda estampa colorida..... 1\$600
- LAFONTAINE.** — **Fabulas**, traduzidas em verso portuguez, por Francisco Manoel do Nascimento (Filinto Elysio). 2 vol. in-8..... 4\$000
- LEITURAS Juvenis e Moraes**, traduzidas do francez para uso de uma menina de 6 para 7 annos, e por ella agora dedicada aos meninos daquella idade. 1 vol. in-8..... 2\$000
- LHOMOND.** — **Elementos de Grammatica Franceza**, traduzidos por Miguel Le Bourdieu. 1 vol. in-4..... 3\$000
- **Grammatica Franceza**, traduzida por Henrique Velloso de Oliveira. 1 vol. in-8..... 1\$000
- LIÇÕES d'Arithmetica e Breves Elementos de Algebra** para uso das escolas. 1 vol. in-12..... 1\$600
- de boa moral, de virtude e de urbanidade por. J. DE URCELLU. 1 vol. in-8..... 2\$000
- de um Pai á uma filha sua na primeira idade (Historia Sagrada em verso). 2 vol. in-18..... 3\$000
- **preliminares para uso da mocidade nas aulas de primeiras letras.** 1 vol. in-8. br..... \$200

- LIÇÕESINHAS e Historietas para a primeira idade.** 1 vol. in-12 com estampas..... 1\$600
- LIVRO dos Meninos, ou Idéas geraes, e definições das cousas, que os meninos devem saber.** 1 vol. in-8..... 2\$000
- dos **Meninos**, por D. FRANCISCO MARTINEZ DE LA ROZA ; traduzido do hespanhol, por D. José de Urcullu. 1 vol. in-8 com estampas..... 1\$000
- LOBATO** (Antonio José dos Reis). — **Grammatica da Lingua Portugueza**, Nova edição correcta e reformada na orthographia, e augmentada com a Arte métrica portugueza. 1 vol. in-8. 2\$000
- LUGARES selectos dos Classicos Portuguezes** nos principaes generos de discursos prosaicos, para uso das escolas. 1 vol. in-4..... 4\$000
- selectos dos **Escriptores Latinos**, com a traducção inter-linear, para uso das escolas; por M. S. DIAS CARDOSO. 1 vol. in-8..... 3\$000
- LYDIA** ou a **Menina** bem educada, historia de uma menina de oito annos, para servir de instrucção e recreio á outras meninas da mesma idade. 1 vol. in-12 com estampas.... 1\$600
- MADUREIRA.** — **Orthographia** ou arte de eserever e pronunciar com acerto a lingua portugueza. 1 vol. in-4.. 5\$000
- MAGNUM Lexicon novissimum Latinum et Lusitanum**, ad plenissimam scriptorum latinorum interpretationem accomodatum, opera et studio **EMMANUELIS JOSEPHII FERREIRA.** 1 vol. in-folio..... 7\$000
- MANUAL de Civildade e Etiqueta**, para uso da mocidade portugueza e brasileira. 1 vol. in-8 ornado d'estampas.... 2\$500
- MAXIMAS e Sentenças moraes** pelo Duque DE LA ROCHE-FOUCAULD, traduzidas do francéz pelo Dr. Caetano Lopes de Moura. 1 vol. in-12..... 1\$600
- MAZE** (James). — **Resumo da Grammatica Ingleza**, extractadas das melhores e mais modernas Grammaticas publicadas na Inglaterra, accomodado á lingua portugueza e precedido de um Tratado completo sobre a pronuncia ingleza segundo o systema de Walker. 1 vol. in-4..... 4\$000
- MENDES** (Antonio Felix). — **Grammatica da Lingua Latina**, reformada e accrescentada. 1 vol. in-8..... 1\$500

- MENINO Perdido (O).** Romance instructivo, civil e christão, engenhosamente escripto em estilo familiar, e accomodado a todas as intelligencias, para servir de Compendio de boa educação. 1 vol. in-8..... 2\$000
- MENTOR dos Meninos (O).** 1 vol. in-12..... 1\$600
- MODELOS para as Meninas.** 1 vol. in-12 com estampas. 1\$600
- para os Meninos ou rasgos de humanidade, de piedade filial e de amor paterno, obra divertida e moral, adornada com 5 estampas. 1 vol. in-12..... 1\$600
- MONTEVERDE.** — Manual Encyclopedico para uso das escolas d'instrução primaria, contendo: Principios geraes de moral. — Da religião. — Das linguas e sua derivação. — Da grammatica portugueza. — Da arithmetica. — Elementos de Civildade. — Difiuições Geometricas. — Dezenho. — Pintura. — Gravura. — Architectura. — Esculptura. — Musica. — Geographia. — Chronologia. — Historia. — Resumo da Historia de Portugal. — Ordens militares de Portugal. — Conquistas dos Portuguezes. — Noções geraes de Physica. — Mythologia. — Biographia classica. — 1 grosso vol. in-8 com estampas. 2\$500
- **Arte nova da Grammatica da Lingua Portugueza.** 1 vol. in-8..... 1\$000
- **Grammatica Franceza.** 1 vol. in-4 br..... 3\$000
- **Resumo da Historia de Portugal,** para uso das crianças que frequentão as aulas. 1 vol. in-8..... 1\$500
- MORAES (Antonio de Silva).** — **Diccionario da Lingua Portugueza.** Sexta edição, melhorada e muito accrescentada pelo Desembargador Agostinho de Mendonça Falcão, socio da Academia Real das Sciencias de Lisboa. 2 vol. in-folio com 2,000 paginas..... 40\$000
- (Antonio Ignacio Coelho de). — **Compendio de Grammatica da Lingua Grega.** 1 vol. in-4..... 4\$000
- e **VALLE.** — **Elementos de Philosophia.** Compendio apropriado á nova forma de exames da Escola de Medicina do Rio de Janeiro. 2 vol. in-4..... 6\$000
- MOREIRA de Sá (Antonio Francisco).** — **Novo Compendio da Historia de Portugal,** em forma de dialogo para uso dos meninos que frequentão as aulas. 1 vol. in-12..... 1\$000
- MOURA (Dr. Caetano Lopes de).** — **Novo Guia de Conversações á moderna em francez e em portuguez,** para o

- uso dos que viação e daquelles que se applicão ao estudo
d'ambas estas linguas. 1 vol. in-12 cartonado..... 1\$000
O mesmo bem encadernado..... 1\$600
- MYTHOLOGIA da Mocidade, ou Historia dos Deoses,
Semi-Deoses e Divindades allegoricas da Fabula, seguida da
descripção dos lugares celebres da antiguidade mythologica. 1 vol.
in-4 ornado de 20 bellas gravuras..... 4\$000**
- NOVA Rhetorica de JOÃO VICTOR LE CLERC, traduzida e acco-
modada para o ensino da mocidade brasileira pelo Dr. Francisco de
Paula Menezes. 1 vol. in-4..... 2\$000**
- NOVO Alfabeto portuguez, dividido por syllabas, com os pri-
meiros rudimentos da doutrina christãa, o methodo de ouvir a
missa, e uma preparação para a confissão e a communhão. 1 vol.
in-12. 1\$000**
- **Guia de conservações modernas, ou Dialogos usuaes e fa-
miliares em seis linguas: Francez — Inglez — Allemão — Italiano
— Hespanhol — Portuguez. 1 vol. in-12... .. 3\$000**
- **Secretario Universal Portuguez, ou Methodo de escrever
toda a especie de cartas, seguido de um Formulario de memoriaes,
requerimentos e cartas de commercio. 1 vol. in-8..... 3\$000**
- OTTONI (C. B.) — Elementos de Algebra. 1 vol. in-4. 3\$000**
- **Elementos de Arithmetica. 1 vol. in-4..... 3\$000**
- **Elementos de Geometria e Trigonometria rectilinea. 1 vol.
in-4, com estampas..... 5\$000**
- PACHECO (José Praxedes Pereira). — Geographia do Brasil.
1 vol. in-8. br..... 2\$000**
- PARLEY. — Historia Universal resumida para uso das escolas
communs. 1 vol. in-8..... 3\$000**
- PASSARO Azul (O) e o Anão amarello, contos maravilhosos.
1 vol. in-12 com estampas..... 1\$600**
- PASSOS (Manoel Joaquim Alves). — Estudo sobre alguns Sy-
nonimos da Lingua Portugueza. 1 vol. in-8..... 1\$600**
- PAZ (José Alexandre da Silva). — Grammatica elementar e
methodica da Lingua Portugueza, 1 vol. in-4..... 1\$600**
- PELLICO (Silvio). — Tratado dos Deveres do Homem,
dirigido á um Joven; vertido do italiano, e offerecido á Mo-**

- cidade Portugueza por F. C. DE MENDONÇA E MELLO. 1 vol. in-8 2\$000
- PERFEITO** Pedagogo (O) na arte de educar a mocidade, em que se dão as regras da polícia e da urbanidade christã, conforme os usos e costumes de Portugal, por **JOÃO ROSADO DE VILLA-LOBOS** E **VASCONCELLOS**. 1 vol. in-12..... 2\$000
- PHERI**. — **Fabularum**. Libri quinque, cum **Tabellis novis**, accedit appendix de diis. Nova edição publicada com varias notas em portuguez, por **J. I. ROQUETTE**. 4 vol. in-12..... 4\$600
- PIRES** (Joaquim Romão Lobato). — **Elementos de Arithmetica** para instrucción primaria. 4 vol. in-8..... 4\$500
- PIRILAMPO** (O) e a **Capella da Floresta**, historiasinhas exemplares para uso dos meninos. 4 vol. in-12 com estampas.. 4\$600
- PLUTARCO** da Mocidade, traduzido do francez. 4 vol. in-8 2\$000
- POESIAS** Selectas dos Autores mais illustrados antigos e modernos. 4 vol. in-4..... 2\$500
- Esta obra recommeuda-se aos pais de familia e Directores de Collegios pela boa escolha das Poesias que a compõe; até hoje sentia-se a falta de uma obra neste genero que preenchesse o fim desejado, podemos asseverar que a mãe a mais extremosa pôde dar este livro a sua filha sem temer pela sua innocencia; os homens encarregados da educação da mocidade podem ter a certeza de encontrar nesta collecção as poesias mais proprias para formar o coração, ornar o espirito e apurar o gosto dos seus discipulos.
- POMPEO** (Thomaz de Souza Brasil). — **Compendio de Geographia**. 4 vol. in-8.... 5\$000
- PONELLE** (Edme). — **Manual completo de Philosophia** ou **Theses de Logica, Metaphysica e Moral**. 4 vol. in-4.... 4\$000
- PORTUGAL** (Tristão da Cunha). — **Orthographia da lingua portugueza** ensinada em 15 lições pelo systema de **MADUREIRA**, rectificado pelos principios da grammatica philosophica de **JERONYMO SOARES BARBOZA**. 4 vol. in-8..... 3\$000
- PREFUMO**. — **Diccionario Italiano Portuguez**. 4 vol. in-4 ... 12\$000
- PROSAS** Selectas, ou escolha dos melhores lugares dos autores portuguezes antigos e modernos; ordenada e correcta por **JOSE DA FONSECA**. 4 vol. in-8..... 3\$000
- QUINTILIANO**. — **Instituições Oratorias**, traduzidas e accrescentadas com notas de **JERONYMO SOARES BARBOZA**. 2 vol. in-4..... 10\$000

- RECREAÇÃO Brasileira**, scientifica e moral dedicada á mocidade de ambos os sexos, por **SEBASTIÃO FABREGAS SURIGNE**. 1 vol. in-8 br. \$320
- RECREIOS de Eugenia**, contos proprios para formar o coração a illustrar o entendimento dos meninos. 1 vol. in-12 com estampas. 1\$600
- ROBERTSON**. — **Novo Curso pratico analytic, theorico e synthetico de Lingua Ingleza**, applicado ao uso da mocidade Brasileira e Portugueza, por **J. RUSSEL**. 1 vol. in-4. 5\$000
- **Novo Curso pratico analytic theorico e synthetico de Lingua Ingleza**, traduzido e applicado á Lingua Portugueza por **JOÃO MAXIMIANO MAFRA E GEORGES GIBSON**. 1 vol. in-4. 4\$000
- ROBINSON de doze annos (O)**. 2 vol. in-12 com estampas. 3\$200
- ROQUETTE (J. I.) — Alfabeto Portuguez**, ou novo methodo para aprender a ler com muita facilidade e em pouco tempo, tanto a letra redonda como a letra de mão: seguido da historia de diversos animaes, de fabulas selectas, de maximas moraes, de adagios e proverbios uteis á mocidade, de uma taboa comparativa de algarismos arabicos, da conta romana e da taboada. 1 vol. in-8 br. ornado com 50 estampas 1\$000
- **Cacographia Portugueza**, ou Collecção de *Themas* extrahidos dos melhores autores portuguezes, escriptos errada e incorrectamente, destinados a exercitar a mocidade no estudo e applicação das regras da boa orthographia, seguido a *Correcção da Cacographia Portugueza*, segundo a *Grammatica* publicada pela Junta da *Directoria dos Estudos*, em Coimbra, e o *Diccionario de Moraes*. 2 vol. in-8 4\$000
- **Codigo do Bom Tom**, ou Regras de Civilidade e de bem viver no decimo-nono seculo. 1 vol. in-8 com estampas. 3\$000
- **Grammatica elemental da Lingua Franceza**, e arte de traduzir o idioma francez em portuguez; com um vocabulario mui completo de *Idiotismos e Proverbios*. 1 vol. in-8. 2\$000
- **Grammatica para os Portuguezes e Brazilciros** que desejão aprender a lingua franceza sem esquecerem a propriedade e o gião da sua; acompanhada de *Exercicios progressivos, oraes e por escripto*. 2 vol. in-8 5\$000
- **Guia da Conversação Portuguez-Francez**, para uso dos *Viajantes e dos Estudantes*. 1 vol. in-18 cartonado. 1\$000
- O mesmo bem encadernado 1\$600
- **Guia da Conversação Portuguez-Inglez**, para uso dos Via-

- jantes e dos Estudantes, contendo: um vocabulario das palavras usuaves, das conjugações applicadas, das phrases familiares e elementares; dos dialogos, dos idiotismos, proverbios, modelos de cartas, bilhetes; a concordancia das moedas, pesos e medidas. 1 vol. in-8 cartonado 4\$000
- O mesmo bem encadernado 4\$600
- F OQUETTE.** — **Historia dos Meninos Celebres**, desde a antiguidade até nossos tempos, compilada de MM. Masson e Tréville, posta em linguagem e accrescentada com uma prefacção. 2 vol. in-8 com estampas 4\$000
- **Livro d'Ouro dos Meninos.** 1 vol. in-8 com estamp. 1 vol. 2\$000
- **Manual de Eloquencia Sagrada para uso dos Seminarios e dos Ecclesiasticos** que começõ a exercer o ministerio do pulpito. 1 vol. in-8 3\$000
- **Novo Secretario Portuguez**, ou Codigo Epistolar, contendo regras e advertencias para escrever com elegancia toda a sorte de cartas, acompanhadas de modelos sobre todos os assumptos estrahidos dos melhores escriptores antigos e modernos, nacionaes e estrangeiros. 1 vol. in-8 3\$000
- **Ornamentos da Memoria, e exercicios selectos**, para formar o bom gosto e verdadeiro estylo da lingua portugueza; extrahidos dos melhores classicos, em prosa e verso; complemento necessario da educaçõ da mocidade portugueza e brasileira. 1 vol. in-8 2\$000
- **Selecta Franceza**, ou trechos escolhidos dos melhores autores francezes, em prosa e em verso, para uso dos que aprendem á lingua franceza; enriquecida de noticias biographicas, e notas grammaticas e philologicas. 1 vol. in-8 4\$000
- **Selecta Franceza**, pequena, contendo exemplos de virtude, modelos de estylo, maximas e sentenças moraes, ornamentos de memoria, etc., para uso dos meninos. 1 vol. in-12 4\$600
- **Thesouro de Meninas**, ou Lições de uma mãi á sua filha ácerca dos bons costumes e da religiãõ, autorisadas com admiraveis exemplos de virtude e de piedade. 1 vol. in-8 com lindas estampas coloridas 3\$000
- **Thesouro da Mocidade Portugueza**, ou Moral em Acção. Escolha de factos memoraveis e aneddotas interessantes, proprios para inspirar o amor á virtude, e para formar o coração e o espirito. Obra extrahida dos melhores autores nacionaes e estrangeiros; precedida de um discurso preliminar e ornada de estampas. 1 vol. in-8. 2\$600
- ROQUETTE E FONSECA** — **Diccionario da Lingua Portugueza**, compilado de todos os que até o presente se tem dado á luz, se-

guido do Diccionario de Synonimos, Poetico e de Epithetos da lingua Portugueza. 2 grossos vol. in-12 com perto de 2,000 paginas. 6\$000

- ROQUETTE E FONSECA.** — Novo Diccionario Francez-Portuguez e Portuguez-Francez, composto sobre os melhores e mais modernos Diccionarios das duas Nações, augmentado com mais de 12,000 vocabulos novos e grande variedade de phrases e locuções; assim como muitos termos de Siencias e Artes, de Medicina, de Chymica, Historia Natural e Botanica, Commercio, Marinha, d'um Vocabulario Geographico, e outro de nomes proprios, etc., etc., etc., e enriquecido com a pronuncia figurada da lingua franceza, de maneira a facilita-la ao Leitor sem ajuda de mestre. 2 grossos vol. com mais de 2,200 paginas a duas columnas..... 10\$000
- ROSA e Branca,** ou os Bemfeitos da Educação. 4 vol. in-12, com uma linda estampa colorida..... 4\$600
- SÃO LUIZ** (Frei Francisco de).— Ensaio sobre alguns Synonimos da lingua portugueza. Nova edição. 2 vol. in-8..... 4\$000
- SECRETARIO** Portuguez, ou methodo de escrever cartas, por **FREIRE**, 4 vol. in-4..... 4\$000
- SELECTA** Latina Sermonis exemplaria e Scriptoribus probatissimis ad christiano juventutis usum olim collecta. 6 vol. in-8. 10\$000
Cada volume se vende separadamente por..... 2\$000
- SENHORA de Preto** (A), traduzido do allemão do conego **SCHMID** por **PEDRO CAROLINO DUARTE**. 1 vol. in-12 com uma linda estampa colorida..... 4\$600
- SERÕES do Palacio** (Os) ou Curso de moral para uso dos meninos de ambos os sexos. 3 vol. in-8..... 6\$000
- SEVENE** (Emilio).—Nova grammatica franceza. 2 v. in-8 4\$000
- SIMÃO de Nantua** ou o Mercador de Feiras, seguido das suas Obras Posthumas; por **LOURENÇO DE JUSSIEU**. Obra premiada pela Sociedade d'Instrução Elementar. 1 vol. in-8..... 4\$600
- SOARES** Barboza (Jeronymo).—Grammatica philosophica da lingua portugueza, ou principios de grammatica geral. 4 vol. in-4..... 5\$000
- SYSTEMA** Metrico. Compendio do novo systema legal de medidas redigido por **JOAQUIM HENRIQUES FRADESSO DA SILVEIRA**. 4 vol. in-8..... 2\$000
- TABOADA** exacta..... \$080
- TERENCIO.**—Ordem ou construcção litteral palavra por palavra de suas primeiras quatro comedias, por **LEONEL DA COSTA**. 2 vol. in-8 6\$000

- THESOURO de Meninas** (Livro de Bonna) ou Dialogos entre uma sabia aia e suas discipulas, nas quaes reflectem, fallão e obrão meninas segundo o genio, temperamento e inclinações de cada uma, por **MADAME LE PRINCE DE BEAUMONT**. 2 vol. in-8 com estampas..... 4\$000
- THESOURO de Meninos**. Obra classica dividida em tres partes: Moral, Virtude e Civilidade, por **PEDRO BLANCHARD**, 1 vol. in-8 ornado de 16 estampas..... 1\$000
- TRATADO elementar da Pontuação da lingua Portugueza**, ensinada por meio de exemplos extrahidos dos melhores classicos, 1 vol. in-8..... 1\$000
- TRINOCQ** (Camillo).—**Curso de Estudos elementares**, Collecção de Tratadinhos separados, contendo as mais uteis noções ácerca dos principaes ramos de conhecimentos comprehendendo :
- **Primeiro Livro de Leitura**, contendo, Syllabario — Orações — Historietas — Noções de Arithmetica — Modelos de Letra manuscrita. 1 vol. in-8..... 1\$000
 - **Resumo da Geographia geral**, antiga e moderna. 1 vol. in-8..... 1\$000
 - **Mythologia**. 1 vol. in-8..... 1\$000
 - **Resumo da Historia Santa**, contendo o Antigo e o Novo Testamento, 1 vol. in-8..... 1\$000
 - **Resumo da Historia da Europa Antiga**. 1 vol. in-8. 1\$000
 - **Resumo da Historia da Europa durante a Idade-Media**. 1 vol. in-8..... 1\$000
 - **Resumo da Historia da Europa moderna**. 1 vol. in-8. 1\$000
 - **Resumo da Historia da America**. 1 vol. in-8. 1\$000
 - **Elementos de Arithmetica**. 1 vol. in-8..... 1\$000
 - **Elementos de Algebra**. 1 vol. in-8..... 1\$000
 - **Elementos de Geometria**. 1 vol. in-8 com estampas. 1\$000
 - **Elementos de Astronomia**, seguido d'uma noticia ácerca do Calendario. 1 vol. in-8 com um Planispherio celeste. 1\$000
- URCULLU** (D. José de). — **Grammatica Ingleza para uso dos Portuguezes**, reduzida a 25 lições. 1 vol. in-4..... 4\$000
- VALLE**. — **Arte Poetica**, novamente ordenada para conhecimento dos principios elementares da Versificação e Poesia Portugueza, dividida em duas partes, que tratão : 1ª das regras metricas e dramaticas, a 2ª dos exemplos poeticos. 1 vol. in-8..... 2\$500

- VIAGENS** c **Aventuras d'um joven portuguez.** 1 vol. in-12..... 1\$600
- VIAGENS** de **Gulliver á varios paizes remotos.** 4 vol. in-12 com estampas..... 6\$000
- VIDAS** de **Santas** propostas como modelos para a juventude christãa, 1 vol. in-12 com estampas..... 1\$600
- VIDAS** de **Santos** propostas como modelos para a juventude chritãa. 1 vol. in-12.... 1\$600
- VIEIRA** (padre Antonio).— **Cartas Selectas**, precedida d'um Epitome da sua vida, e seguidas d'um indice analytico dos assumptos e materias; offerecidas á mocidade portugueza e brasileira, cujos paizes illustrou com suas acções, e á quem deixou admiraveis exemplos á imitar; ordenadas e correctas por **J. I. ROQUETTE.** 1 vol. in-8 ornado com o retrato de Vieira. 3\$000
- **Diccionario das linguas Portugueza e Ingleza**, em duas partes: Portuguez - Inglez e Inglez - Portuguez. 2 vol. in-4 26\$000
- **Novo Diccionario portatil das linguas Portugucz e Ingleza**, em duas partes: Portugueza - Ingleza e Ingleza - Portugueza. Nova edição revista e consideravelmente augmentada por **J. P. AILLAUD.** 2 vol. in-12. 5\$000
- VIRGILIO.**— **Encida**, traduzida por **JOSE VICTORINO BARRETO** Feio, com o texto latino ao lado. 3 vol. in-4. 15\$000
- **Georgicas**, novamente vertidas do original latino em verso portuguez, seguindo-se o mais possivel a letra do texto, sem grave offensa da melodia poetica; e acompanhadas de algumas curtas annotações explicativas por **FRANCISCO FREIRE DE CARVALHO.** 1 vol. in-8..... 2\$000
- **Interpretação da Encida** por **CARLOS NORRIS.** 1 vol. in-8 .. 2\$000
- VIRIS Illustribus Urbis Rome** (De) a **Roculo ad Augustum**, auctore **LHOMOND.** Nova edição com notas historicas, mythologicas e geographicas, e seguido de um Diccionario Latino - Portuguez de todas as palavras contidas nesta obra. 1 vol. in-12. 1\$600
- VOCABULARIO** **Brasileiro**, para servir de complemento aos Diccionarios da lingua portugueza, por **BRAZ DA COSTA RUBIM.** 1 vol. in-4 br. .. 1\$000
- WAGENER** (Johann Daniel).—**Diccionario Allemão- Portuguez e Portuguez-Allemão.** 3 vol. in-4.. 15\$000
- WOLHEIM.** — **Diccionario Allemão-Portugucz e Portuguez-Allemão.** 1 grosso vol. in-8. ... 7\$000



BRASILIANA DIGITAL

ORIENTAÇÕES PARA O USO

Esta é uma cópia digital de um documento (ou parte dele) que pertence a um dos acervos que participam do projeto BRASILIANA USP. Trata-se de uma referência, a mais fiel possível, a um documento original. Neste sentido, procuramos manter a integridade e a autenticidade da fonte, não realizando alterações no ambiente digital - com exceção de ajustes de cor, contraste e definição.

1. Você apenas deve utilizar esta obra para fins não comerciais. Os livros, textos e imagens que publicamos na Brasiliiana Digital são todos de domínio público, no entanto, é proibido o uso comercial das nossas imagens.

2. Atribuição. Quando utilizar este documento em outro contexto, você deve dar crédito ao autor (ou autores), à Brasiliiana Digital e ao acervo original, da forma como aparece na ficha catalográfica (metadados) do repositório digital. Pedimos que você não republique este conteúdo na rede mundial de computadores (internet) sem a nossa expressa autorização.

3. Direitos do autor. No Brasil, os direitos do autor são regulados pela Lei n.º 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998. Os direitos do autor estão também respaldados na Convenção de Berna, de 1971. Sabemos das dificuldades existentes para a verificação se um obra realmente encontra-se em domínio público. Neste sentido, se você acreditar que algum documento publicado na Brasiliiana Digital esteja violando direitos autorais de tradução, versão, exibição, reprodução ou quaisquer outros, solicitamos que nos informe imediatamente (brasiliiana@usp.br).